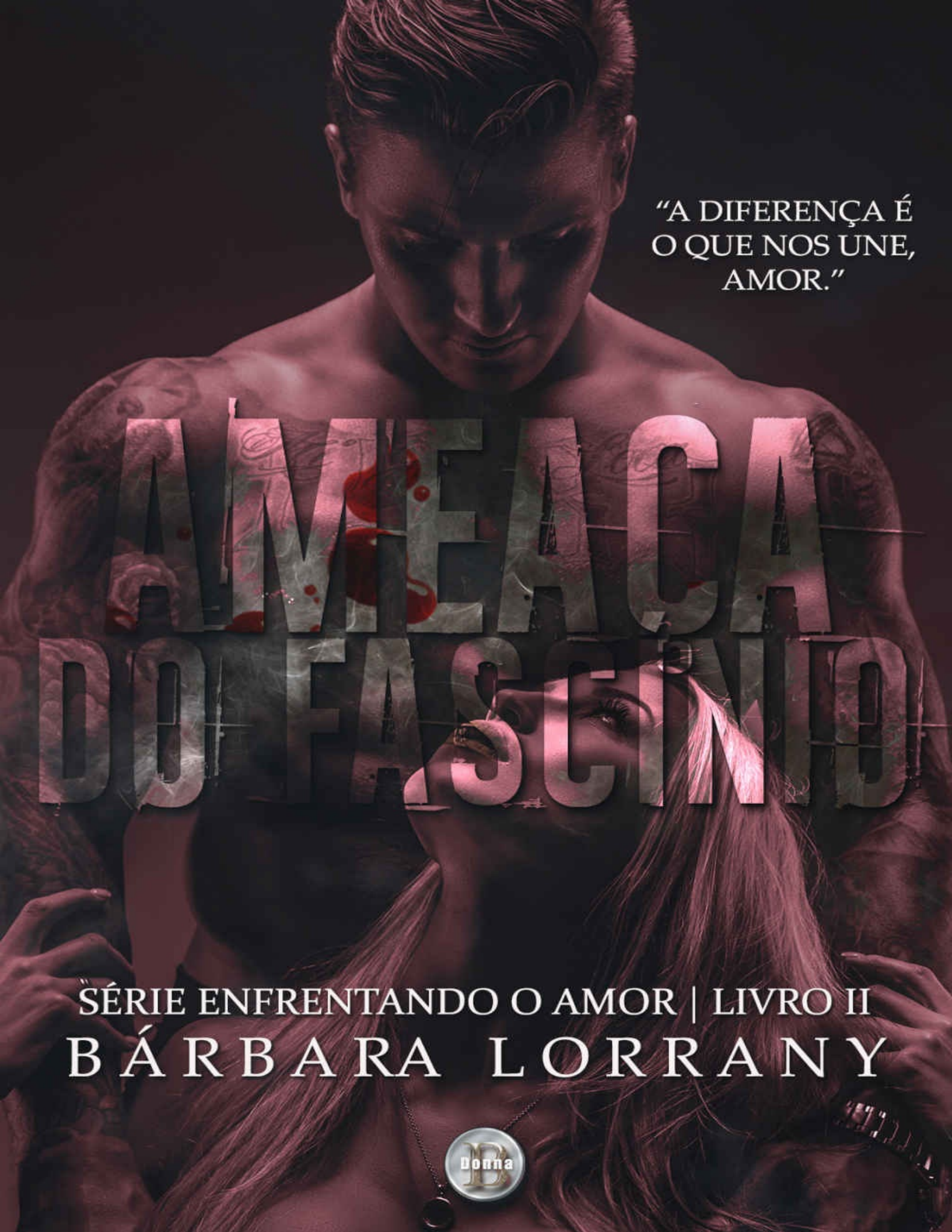




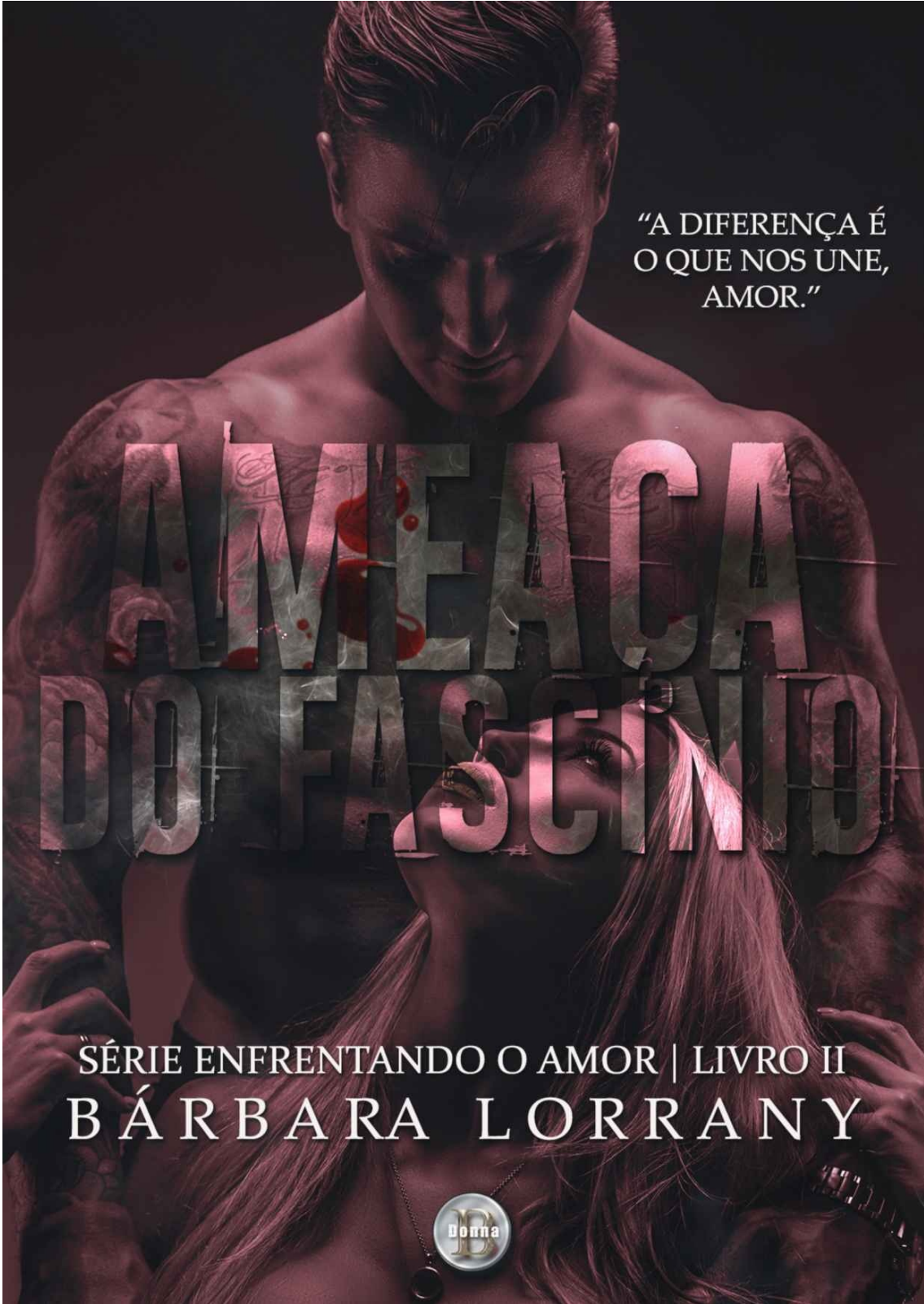
"A DIFERENÇA É
O QUE NOS UNE,
AMOR."

A MEAÇA DO FASCÍNIO

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO II
BÁRBARA LORRANY







"A DIFERENÇA É
O QUE NOS UNE,
AMOR."

AMEAÇA DO FASCÍNIO

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO II
BÁRBARA LORRANY



AMEAÇA DO FASCÍNIO

SÉRIE ENFRENTANDO O AMOR | LIVRO II

BÁRBARA LORRANY

1ª edição

Editora Bella Donna

Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Epílogo](#)

[Próximo livro](#)

[Agradecimentos](#)

Sinopse

PODERIA A MORTE SE APAIXONAR PELA VIDA?
E A VIDA SE APAIXONAR PELA MORTE?

Para essas perguntas não tenho resposta, mas na minha cabeça algo é completamente válido: nada é impossível. E sim, eu acredito que opostos se atraem com uma perfeição tão grande que nunca imaginei que meu coração um dia poderia se apaixonar...

Jamais poderia pensar que poderia me apaixonar por um anjo, enquanto eu sou a desgraça.

Adiel é alegria, eu causo tristeza.

Adiel é esperança, eu causo a desilusão.

Adiel é amor, eu sou desprezo.

Adiel é vida, traz vida, salva vidas...

Eu?

Eu, Íris Sensit, sou a morte, trago a morte, causo a morte.

Arrependimento não está no meu vocabulário, assim como “amor” também não estava, até conhecê-lo...

*Aos amores difíceis, às
mulheres fortes, decididas e que
necessitam lidar com a dificuldade
das suas vidas sozinhas. Ao
“Adeus” que jamais foi dito e ao
“Eu te amo” tão aguardado.*

Prólogo

Íris Sensit

São duas horas da tarde.

O sol queima minha pele morena e esse é o fato que me faz buscar por um pouco de sombra nesta tarde em meio aos postes ou alguma árvore por aqui.

Hoje tenho um alvo diferente de todos os outros que tive a sorte de enfrentar em toda a minha vida, o que pode me dar um pouco mais de prestígio e, é claro, dinheiro no meu bolso.

O ar quente da tarde traz um pouco de vida para os meus pulmões, enquanto as pessoas transitam para lá e para cá. Algumas parecendo bastante atarefadas, outras apenas correm a procura de sombra, outras limpam o suor que escorrem por suas testas e eu fico aqui, parada em um canto qualquer do centro da cidade, à espera do meu homem de confiança trazer algumas informações do meu novo trabalhinho.

Às vezes professora, às vezes juíza, advogada, contabilista, secretária, entre outras, vou me sustentando com os serviços que caem no meu colo, sem que eu precise fazer muito esforço, porque como já tenho uma base fixa de clientes, torna-se tão simples como deitar em um sofá e ficar o dia inteiro comendo churros. Sim, eu amo churros, se você é alguém que almeja me conquistar, consiga isso de maneira fácil, me pagando churros, obrigada.

Às vezes Ana, as vezes Paula, Kathia, Olívia, sigo por entre um mar de pessoas em diversos lugares do país, como também fora dele, levando dor, tristeza e morte. Não sei o significado do arrependimento, porque até hoje não me arrependi de nada que andei fazendo por aí e nem penso em parar de fazer... até porque essa é a única coisa que consigo lidar...

Saio dos meus devaneios, quando vejo Tércio se aproximar de mim com uma blusa de moletom azul e o capuz tampando o rosto, fazendo-me revirar os olhos. Este ser não conhece o significado da palavra sutilidade?

— Contratada. Você começa próxima semana como Zayxa Silva Melo, enfermeira... está tudo aí. Deve observar o diretor do hospital chamado...

— Zayxa? Que nome é esse? – pergunto baixando meu tom de voz, ao mesmo tempo que levo minha mão até sua cabeça para tirar o capuz dali.

Suspiro revirando os olhos, quando ele me entrega o envelope preto, o que acredito ser uma pista do que ele deve achar ser discrição.

— Não estraga o meu disfarce...

Sem dar chance para que ele comece mais uma cena no meio da rua chamando atenção de quem passar por nós no momento, levanto meus dedos até

os seus finos lábios vermelhos e sorrio, batendo meus cílios de maneira agradável.

— Nome de quem devo matar, quantas pessoas devem sofrer... Está tudo aqui, certo? – pergunto vendo-o acenar e, logo, não querendo passar mais tempo aqui nesse sol quente, viro-me e em cima do meu salto tamanho quinze na cor preta, começo a caminhar em direção ao ponto de taxistas que está perto de onde estamos e, assim que estou perto o suficiente de um deles, peço para que me leve até o endereço da minha casa temporária.

Tomando a parte da frente e eu, a parte de trás, ele dá partida no carro, começando a conversar sobre coisas diversas, mas que com um olhar sério pelo retrovisor, dou a entender que realmente não estou afim de conversinhas. O que mais me irrita hoje em dia em taxistas é exatamente isso. Conversa fiada para ganhar cliente. Sempre que isso se inicia sinto vontade de vomitar, mas não é nada que eu não possa lidar, claro.

Arrumando o envelope nas minhas mãos, volto minha atenção para ele, abrindo-o no processo e retiro um papel. Nele contém várias fotos de um homem já de idade, chamado Teófilo Oliveira Feitosa, esse que está causando algumas dores de cabeça para o meu contratante.

Interessante...

O nome do meu contratante aqui não aparece, o que já começa a me dar uma pontada de desconfiança.... não gosto de estar um passo atrás daquele que me contrata. É perigoso e arriscado demais. Julgando que o cliente escolhe quem estará cumprindo o serviço, então isso me deixaria vulnerável para alguma armadilha. Nos papéis não consta nada sobre quem me contratou, apenas e exclusivamente sobre o alvo para ser abatido.

Pois bem, farei o seguinte: Primeiro descobrirei quem me contratou, ao tempo que vigio de perto o futuro defunto e, depois, dependendo do que eu descobrir, cumpro o serviço contratado.

Sem mais delongas, guardo o papel e recosto minha cabeça contra o banco do automóvel, enquanto ele continua a andar.

Quantas armas precisarei providenciar para esse serviço?

Capítulo 1

Íris Sensit

— Zayxa.

Testo o nome nos meus lábios, mas ele ainda não me parece certo, não combina comigo e com o que farei agora. Parece algo a parte, como se eu estivesse perdida e a procura de alguma coisa que não me fizesse afundar devagarinho à medida que caio em um pequeno poço de crise de identidade.

Afinal, como diabos se pronuncia esse maldito nome?

É bem provável que Tércio estivesse com uma grande preguiça impregnada dentro do seu ser, quando criou um nome tão idiota e sem sentido como esse, porque sim, me parece que ele o criou. Isso não deve existir e se existe, acho que chego a sentir um pouco de pena do dono dele, por ter recebido tal nome.

Suspiro, procurando em algum lugar dentro de mim vontade para me levantar desse sofá, para que eu possa me dirigir até a cozinha e degustar de diversas formas do meu delicioso chocolate ao leite que está à minha espera dentro da minha geladeira, ligada apenas para gelar meus chocolates.

Eu, Iris Sensit, sou chocólatra assumida e sem medo algum de ser feliz comendo sem restrições.

Não, a partir de agora eu sou Zayxa Silva, uma enfermeira de hospital, que pelo nome que carrega deve precisar de algum tratamento psicológico. Odeio quando Tércio simplesmente tem preguiça para buscar um nome bonito e diferente na internet para colocar nos malditos documentos.

O teto da minha sala parece tão bom de se observar, com a minha mais nova pintura cheirando por todo o ambiente... Dessa vez, eu tentei fazer diferente das outras. Ele está pintado de preto, com alguns lados salpicados de vermelho. Tentei inicialmente desenhar um homem nu, para que posteriormente eu pudesse pintá-lo devagar, porém desisti, sem ter a mínima ideia de quem eu poderia pintar. Com certeza, eu pintaria um homem ou faria um casal em uma pose completamente erótica, que demonstrasse toda paixão e desejo que ambos sentem um pelo outro, mas, no momento, não foi possível de ser armado e muito bem bolado, o que me faz pensar que posteriormente, devo começar a buscar algumas imagens inspiradoras, que me farão testar e fazer do meu teto algo melhor de se observar, porque está claro que ele não está dos melhores pintados.

Posso apostar dez reais que se Tércio ver essa minha pintura, passaria bons dez minutos rindo como uma hiena e isso me faria rir também. São poucos momentos em que eu posso degustar de tal ato simples, mas que tem um enorme

grau de significância.

Zayxa Silva.

Zayxa.

Nunca conseguirei me acostumar a ser chamada assim.

Pior nome que alguém poderia usar, pelo amor de todos os anjos!

Pendo minha cabeça para o meu lado esquerdo, onde uma mesa de centro está apoiando o envelope que recebi mais cedo de Tércio. A julgar que começo em uma semana, preciso ter em mente que o melhor a fazer é pesquisar mais sobre quem vou ter de lidar e matar.

Palavrinha bonita que muito me agrada, *meu anjinho*.

Matar.

Além de pintar, desenhar, viajar, explorar e imaginar cenários, gosto de matar. É um sentimento impossível de ser explicado, considerando sua grandeza e a adrenalina que pode me cercar a partir do ato da caça até o abate completo, que levará a morte, dependendo da quantidade de trabalho que me deram até encontrar e perseguir minha presa. Isso inclui muitos e muitos fatores que podem variar de acordo com as circunstâncias que podem vir a nos rodear, claro.

Considerando que devo começar a estudar desde já algumas lições sobre enfermagem para que eu não levante suspeitas, sento-me nesse sofá e busco do meu mais profundo ser um pouquinho de coragem. Eu sei que não preciso de tanto para aprender, já que quando começaram a me treinar, tive que aprender diversas formas para sobreviver e me camuflar por entre pessoas disfarçada para que nunca, em hipótese alguma, suspeitas viessem na minha direção.

Nas minhas mãos, o grande envelope parece ter um peso leve, o que me faz sorrir pela segunda vez. Mesmo que eu já o tenha aberto e que já saiba seu conteúdo, tenho uma leve sensação de que essa será uma missão considerada fácil... claro, isso se meu contratante não for tão difícil de ser encontrado.

Teófilo Oliveira Feitosa.

Parece ser um homem tão simpático, com esse sorriso de quem todos ajuda e todos quer bem... uma pena, Teófilo, uma pena... já estou imaginando os rostos nublados de sofrimento, quando o teu corpo for encontrado cheio de formigas e insetos, a devorarem tua carne.

Esse sorrisinho... Não vai durar muito tempo... isso posso garantir.

Mas antes de partir para o ataque, preciso estudar sobre quem vou lidar, certo?

Certo.

Preciso também saber sobre o que terei de enfrentar como enfermeira...

É, coisas ruins estarão se aproximando daquele hospital...

Íris Sensit está chegando.

Capítulo 2

Íris Sensit

— Íris! Íris! – A voz estridente de Tércio está me tirando do sério, enquanto tento estudar sossegada.

Chega a ser impressionante.

Toda vez que estou concentrada com um caso em mãos para estudar, para me aprofundar, ele apenas brota na minha porta e começa a falar asneiras sobre nossa origem. Já não aguento mais e nem posso estar lidando com tanto, em tão pouco tempo.

Por favor, eu sou uma assassina, preciso estudar essas drogas todas para não acabar morrendo com um tiro no meio da minha testa no primeiro erro que eu cometer, enquanto tento eliminar o meu alvo. É simples e ele sabe disso. Se eu mantenho minha cabeça no lugar, enquanto dou procedimento ao meu foco, meu êxito terá tudo para ser o mais breve possível.

Contrariada e com um pouco de tentação dentro de mim para que eu pegue uma das minhas armas e descarregue todo meu pente na sua linda cabecinha de ovo, levanto-me do meu confortável sofá, deixando de lado o notebook e me aproximo rapidamente da minha porta, para que ele não acabe a derrubando.

Ao abri-la, vejo que seus olhos estão arregalados e ele parece estar completamente assustado, como se acabasse de correr o mais rápido que pudesse para fugir de alguma ameaça que o perseguia de perto. Será que ele está vendo algum tipo de assombração? Eu deveria leva-lo até um centro de almas perdidas?

— Por que não abriu antes? – pergunta ao invadir meu apartamento, sem que eu tenha o convidado para isso.

Sua voz está igual a sua postura, completamente vacilante e cheia de ansiedade. Estará usando drogas e sofrendo com alucinações?

Ainda o observando com atenção, acompanho-o com meu olhar, quando se senta no meu sofá, esfregando as pernas com as duas mãos, o olhar amedrontado viajando pelas janelas do meu apartamento. Fecho a minha porta, trancando-a logo em seguida e o encaro com demasiada atenção.

— Acho que alguma coisa está acontecendo.... lá – diz respirando profundamente com certa ritmeza, que me leva a pensar que deve estar sob efeito de drogas, o que é de total espanto, a considerar que ele nem ao menos é de beber líquidos que contém álcool.

Ok, está acontecendo mesmo, mas é com ele.

— Recebi um e-mail.

Arqueio minhas sobancelhas, observando-o tentar acalmar um pouco o seu ritmo. Ele respira e prende, respira e prende, respira e prende. Recosta-se contra o sofá, fecha os olhos e expira, inspira, expira, inspira, expira, inspira...

Viro-me em meus calcanhares e me encaminho até a minha geladeira, com uma enorme quantidade de Nescau e mais chocolates. Resolvo, em posse da minha maior boa ação, pegar uma das minhas garrafinhas e levar até ele, que continua tentando se acalmar.

— O que aconteceu? – pergunto ao colocar a garrafinha gelada na sua mão, vendo que ele a agarra como se sua vida dependesse disso.

— Ele... ele cancelou o serviço, ok? Ok, porém, dois minutos depois, reativou.

Não estou nem conseguindo acreditar que toda essa loucura é por causa disso. Pisco, pensando que uma surra seria uma boa para que ele pensasse antes de me assustar dessa forma.

— E você está tendo um infarto por causa disso?

Ele sacode sua cabeça, ainda parecendo aterrorizado.

— Você não entende. Isso tudo em questão de minutos! Ele pode ter hackeado o meu sistema... não quero voltar para casa! Me deixa ficar aqui com você, deixa? Ninguém terá coragem de tentar matar uma assassina de plantão – pede exibindo um bico muito adorável, mas que não me impede de depositar um tapa em sua cabeça.

— Você largou tudo lá e fugiu? Simplesmente assim?

Ele sacode sua cabeça, agora com lágrimas brotando nos seus olhos.

— Na verdade, no exato momento em que me dei conta do que aconteceu, resetei todos os computadores, mas antes passei tudo para um pen drive – diz fungando e eu reviro meus olhos, estendendo minha mão em sua direção para que ele em entregue o objeto.

Assim que está nas minhas mãos, faço uma busca no meu apartamento a procura de um lugar seguro para deixá-los, mas o que cerca as minhas vistas, é o mais lindo e profundo clarão com dúvidas e mais dúvidas sendo joradas para fora das minhas vistas, enquanto tento não enlouquecer com a quantidade de coisas que nublam a minha mente.

Digamos que esse “resetar” de Tércio, não seja o suficiente para que tudo tenha realmente se apagado e sem deixar rastros, porque sabemos bem que para um bom entendedor de informática, como ele, basta que uma boa exploração seja feita e, então, tudo estará sendo escancarado na frente do inimigo.

Isso é completamente inaceitável, mesmo vindo dele.

— Tércio, você tem...

— Tenho, Íris! Não me ofenda ao insinuar que não posso controlar o que

mais domino – diz, lançando-me algumas farpas por seu olhar.

Reviro meus olhos tentando pensar em um lugar para colocar esse pen drive minúsculo.

Poderia colocar no meu teto, dentro do abajur que protege a lâmpada, porém qualquer ser esperto que o acender, irá perceber que ali possui um objeto inanimadamente suspeito. Então, olho para o meu sofá. *Tão lindo...*

— Levante-se, Tércio.

Semicerrando os olhos, ele o faz e eu me afasto indo até a minha cozinha, onde pego uma fita isolante para que eu possa deixá-lo muito bem protegido e seguro. Objetos soltos não são os melhores para manter no momento. Ao voltar para onde Tércio encara com uma enorme careta no seu rosto, eu me abaixo, colocando minhas mãos na parte de baixo do sofá e, então, juntando uma pouca quantidade de força, o levanto, fazendo com que se vire.

Tiro um pedaço da fita e a coloco no objeto, para logo em seguida, o deixar mais que seguro contra o material interno do meu lindo e digno sofá. A parte interna é preta, logo, que se alguém quiser virá-lo para ver que algo está em seu interior, não se dará conta da fita ali no seu fundo máster.

Assim espero... assim como espero que as aranhas façam seus melhores trabalhos tecendo diversas iguarias de teias para embelezá-lo por dentro.

Sim, isso me agradaria muito.

— Você sabe... esse lugar é meio óbvio – ele diz ao meu lado, fazendo-me arquear minha sobrancelha.

— Quem teria coragem de invadir o apartamento de uma assassina em série? Ou melhor, quem teria coragem de invadir o apartamento de uma enfermeira? E, logo essa se chamando... Zayxa?

Ele sacode sua cabeça com uma careta.

— O “y” é pronunciado como “ei”, logo, você pronuncia Záaixa – diz abrindo e fechando a boca, enquanto continuo a encará-lo com uma careta de puro descontentamento.

— O nome será meu, então, eu o chamarei por Záixa.

Sorrio docemente para, logo em seguida, voltar minha atenção ao meu computador, que me aguarda para que eu possa começar a minha sessão de disfarce.

Amo estudar para interpretar personagens. Amo enganar as pessoas com a minha capacidade nata de mentir. E, mais que isso, adoro ver em seus rostos o choque quando descobrem a verdade sobre quem estava perto demais dos seus corpos. Gosto quando eles percebem que não, eu não vou salvá-los, somente porque tive uma relação próxima com cada um deles.

Confiar... eu só confio em uma pessoa e, somente porque tenho capacidade

o suficiente para perceber quando mente. Pobre Tércio, apesar de tudo que foi forçado a aprender enquanto estávamos no centro infernal de treinamento, não tem coragem de colocar nada em prática. E enquanto isso, sigo eu fazendo por nós dois, todo o trabalho sujo. Trabalhamos em um sistema de assassinos com um único chefe. Ele não me interessa, mas enquanto me manter ocupada nessas diversões e Tércio vivo, então posso servi-lo.

— Você não vai no meu apartamento? Para ver quem possa estar fazendo isso? – pergunta com sua voz baixa quase inaudível, o que me faz suspirar quando desvio meu olhar da tela do computador.

Isso seria uma perda de tempo ou mesmo uma armadilha.

— Esqueça aquele apartamento e tudo que tem dentro dele. Você ficará aqui. Compre o material que precisar, meu cartão está na cômoda – digo, para ser, por conseguinte, agarrada por seus braços ferozes ao redor do meu pescoço e uma explosão de demonstração de afeto exacerbadamente exagerada.

Seus lábios estalam beijos e mais beijos ao longo do meu rosto e eu até sinto vontade de rir, porque é como se eu tivesse dado um presente de natal a quem nunca recebeu um e é o que de fato acontece conosco.

No nosso natal, o que recebemos foram sessões de torturas, essas que por milagre de alguma força que agarrava Tércio, ele acabava sobrevivendo, mesmo que pelo lado negativo, porque ele nunca conseguiu abstraí-las como uma forma de crescimento, pelo contrário. A cada sessão, ficava cada vez mais triste e recluso. Isso me matava, porque ele é e sempre foi aquele que eu mais me importei.

E, por ele, eu faço qualquer coisa.

Capítulo 3

Íris Sensit – Há alguns anos

Aquela era uma noite de quinta-feira e eu sentia muita fome. Minha mãe morreu dois dias após o meu nascimento, as causas nunca me foram reveladas, porém nunca foi um motivo para que eu, com os meus treze anos, fosse uma menina revoltada.

Ah, não.

Fui criada até essa idade em uma casa de prostituição e, nesse local, presenciei muitas coisas, sofri de uma forma completamente inexplicável, mas também aprendi o principal para a minha vida inteira.

Aprendi a sobreviver.

Bem, naquele dia, muitas coisas estavam sendo vistas e ditas por todos os cantos, mas nada parecia fazer sentido na minha triste mente juvenil, porque o que mais me importava era o fato de que eu estava com muita fome, eu precisava comer, mas ninguém ali parecia se importar com isso. Ninguém, nem mesmo aquelas que diziam me amar, como irmã e outras, como mães. Por vezes, cuidavam de mim, por outras, me agrediam e eu não conseguia entender o porquê.

Não existia um porquê.

Não fui uma menina que dava muito trabalho, mas fui aquela que sempre ajudou em tudo o que podia, apesar da minha pouca idade. Com treze anos, eu fazia de tudo. Desde lavar o chão, até a ajudar em serviços que não me cabiam, não cabiam a minha idade e muito menos a minha inocência, mas então, naquela noite de quinta-feira, tudo mudou, minha vida virou de cabeça para baixo.

Em uma hora, eu estava na cozinha procurando por comida, porque desde o dia anterior nada além de água da torneira veio para o meu estômago, e na hora seguinte, eu estava completamente horrorizada com a quantidade de homens armados que entraram naquele lugar e atiraram na maioria das cabeças que eram capazes de encontrar em seus caminhos.

Eu estava horrorizada e não conseguia de forma alguma privar que o medo escorresse pelo meu rosto em forma de lágrimas. Soluços começaram a sair por meus lábios, em sons altos e completamente tortuosos. Mas então, uma delas apareceu correndo. Ela estava nua, a cada vez que ela corria, seus seios balançavam de um lado para o outro. Seu nome era Ulga e ali dentro, ela era a que mais parecia gostar de mim dentre todas.

Eu nunca vou esquecer desse dia, porque, definitivamente, ele estará na

minha mente, até o dia da minha morte.

Ulga agarrou a minha mão e me puxou em direção a porta dos fundos daquela casa. Nós corremos e corremos e corremos, até que ela me deixou em um beco escuro e... o cheiro... Nunca vou esquecer daquele cheiro, da angústia e do medo que foi instalado na minha mente.

Ela me deixou ali, pediu que eu ficasse quietinha, que ela voltaria. E ela voltou duas horas depois, vestida, mas o medo ainda estava nos seus olhos.

Eu via, eu sentia.

Ulga me tirou dali e a gente caminhou por alguns longos minutos, minha barriga doía e eu dizia:

— Sinto fome, Ulga... eu estou com fome.

Mas tudo o que ela me devolvia era:

— Cale a boca e continue a andar.

Mas ao invés de caminhar, então, começamos a correr e correr e correr, até que paramos em frente a uma academia e eu juro que estava começando a sentir vertigens ou até a vontade de vomitar.

Ulga parou, tocou a campainha e depois virou sua cabeça em direção ao meu rosto. Ela estava com os olhos marejados, queria chorar e eu pensei que ela iria, mas não o fez. Nenhuma lágrima desceu pelo seu rosto e naquele momento, até agradei por isso.

Ela disse assim para mim:

— Você ficará sob a proteção de um homem, Nora. Seu nome é Tim e ele está aqui a tua espera. Irá ficar aqui, enquanto descubro o que aconteceu. Amanhã volto para te buscar.

E, ao terminar de dizer essas palavras, ela se virou e se foi. Afastou-se, correu e sumiu em alguma rua. Eu quis correr atrás dela, mas ao contrário disso, resolvi escutá-la, porque sempre escutava que crianças quando não escutavam suas mães, sempre terminavam em situações péssimas. E ali, Ulga era como uma mãe para mim, a única pessoa que me restou. Então, fiquei quietinha na porta, esperando que ela fosse aberta.

Até que isso aconteceu.

Ulga não voltou no dia seguinte, nem na semana que seguiu, muito menos no mês posterior... nem nos anos que se seguiram.

Meu nome, dado por elas, era Nora Pereira Curt. Não me recordo de ter um registro... de saber o nome da minha mãe ou de saber da existência de um pai.

Aquele dia, naquela noite, Nora Pereira morreu e, uma outra pessoa nasceu. Íris Sensit deu o seu primeiro grito de dor, ao nascer.

Aquele foi primeiro de muitos.

Capítulo 4

Íris Sensit

— Escutei alguns grunhidos... você estava tendo pesadelos? – pergunta Tércio encarando-me de perto com seus olhos aguçados explorando cada cantinho dos meus olhos.

Suspiro, fechando novamente os meus olhos em busca de um pouco de calma para que aquilo saia da minha mente, mas parece que só está me deixando ainda mais louca por dentro.

— Sim. Às vezes tenho recordações do passado – digo estendendo minha mão para pegar minha xícara e assim, um gole do meu chocolate preferido.

Sorvo seu conteúdo doce, enquanto ele alaga toda a minha consciência, trazendo para a minha alma um pouquinho que seja de docidão. E como eu amo sentir o doce alagar o meu paladar...

Não existe nada mais que me faça sentir de outra forma.

Amor e paixão sinto somente por chocolate.

Amo cada gotinha sua... eu, definitivamente, amo.

— Eu só queria esquecer – ele sussurra e eu suspiro, sem conseguir acompanhá-lo nisso.

Não quero falar sobre. Não quero lembrar, muito menos me estressar com isso agora, porque é obvio que toda lembrança que tenho é o que me faz matar com mais força e brutalidade. E, como não tenho um alvo ao meu alcance agora, é melhor que me mantenha neutra, enquanto guardo toda as minhas energias para o maldito hospital, que estará à minha espera bem em breve.

Sorvo todo o conteúdo que posso, enquanto preciso continuar a debater com o meu interior o que devo fazer hoje para que eu possa me ocupar com qualquer coisa que não seja a droga do meu passado odioso que resolveu voltar a minha mente. Acho que pensa poder mais que eu, no meu mais alto estado de loucura e controle, o que me faz sentir muito, porque não vou, em hipótese alguma, deixá-lo ter mais força que eu. Passei muito tempo da minha vida aprendendo a mascarar o que sinto, a bater, a atirar, a matar, a esconder um corpo e tudo mais que um dia poderia passar pela cabeça de mais alguém. Não vou deixar que o meu passado destrua tudo o que passei anos sofrendo para aprender e fixar na minha mente.

Não vou deixar mesmo.

Ao acabar de tomar todo o meu chocolate, deixo meu copo de lado e levanto-me olhando para Tércio, que me acompanha com certo cuidado e hesitação, o que me faz sorrir minimamente.

— Vista-se para uma luta – digo observando seus olhos ficarem arregalados. — Você recebeu o mesmo treinamento que eu, Tércio. Eu sei que você sabe, basta que...

— Não! – Sua voz rompe gravemente e eu arqueio uma sobrancelha. — Você sabe muito bem que nunca vou conseguir matar outra pessoa. Não vou matar ninguém. Não vou.

Suspiro e aceno, sem dizer mais nenhuma palavra. Viro-me e me encaminho em direção ao meu quarto, debatendo internamente no que precisarei carregar levar comigo para essa pequena batalha.

Pode ser que Tércio esteja sendo neurótico com essas ideias de perseguição, mas também não podemos desviar a hipótese de que podem estar armando contra nós, já que não sou a mulher que leva muita felicidade e paixão por onde passa, visita e habita.

Abro o meu guarda-roupas. Dele retiro uma calça preta e blusa da mesma cor. Essa é a cor que uso quando estou preparada o suficiente para seguir nos meus melhores planos de destruição. Se tiver alguma coisa que me prejudique para ser destruído naquele prédio, será de uma só vez e com o fogo queimando cada pessoa e objeto que lá dentro estiver.

Posiciono uma pistola na minha cintura e a minha jaqueta de couro por cima para que ninguém possa perceber o que tenho no meu corpo. Procuro por uma bolsa e quando a encontro, coloco-a no meu ombro para que eu possa levar comigo alguns brinquedinhos.

Tércio estava certo. Realmente temos alguns olhos observando o prédio com uma devida atenção que estão me dando certa agonia e devo confessar que isto não é bom. Nada bom.

— A senhora deseja mais alguma coisa? – pergunta uma garçonete ao se colocar ao meu lado. Seu olhar desce para a frente da minha blusa, encarando-a com uma certa atenção que me incomoda.

Isso não é bom, nada bom.

— Whisky. Traga-me Whisky – digo olhando-a nos olhos, vendo que desvia seu olhar da minha blusa para o meu rosto e, então, sorri amigavelmente.

Devolvo o sorriso, quando ela se vira em seus tornozelos para sair logo em seguida.

Está em cima de saltos vermelhos, seu uniforme é diferente dos outros que por aqui estão. É curto e de cor amarela clara. Poderia eu pensar que estou tão louca, quanto meu querido Tércio, porém não é bem assim que está acontecendo por aqui.

Nesses anos em que estou nesse mercado matando, torturando e caçando, pude aprender muitas coisas e entre elas, descobri de uma forma nada amigável que coincidências não existem. Não na vida que levo, não com a carga de mortes que tenho e, muito menos, com o peso da arma que carrego.

Bem, de duas coisas tenho certeza: sabem meu rosto e sabem a localidade da casa de Tércio. Provavelmente não só ela, o que me deixa em um pequeno beco escuro, já que não sei com o que posso estar lidando. Mordo meu lábio inferior, quando a porta de vidro é aberta e dois homens adentram a cafeteria. Usam casacos pretos e longos, o que é completamente fora de questão em uma cidade como essa, levando em consideração o clima nada frio.

Casaco escuro e longo, salto vermelho em uma cafeteria... isso cheira a armadilha internacional e eu só prestei serviços para um britânico perigoso, porém, ele está morto. Depois de paga, depois que meu serviço foi feito, o matei, assim como toda a sua família, então poderia ter restado mais alguém em meio àquela explosão? Poderia, mas não acredito que viriam tão longe para me confrontarem. Ou é isso que querem que eu acredite, certo? Certo.

A mulher volta a se aproximar e desta vez o salto foi descartado, porém o seu uniforme continua o mesmo. Ai que descuido... é impressionante como o ser humano consegue ser burro. Ela se inclina contra a mesa, como aquelas típicas cenas de filmes em que a mocinha quer seduzir o mocinho e isso me faz sorrir, porque ela está exibindo o decote bem generoso, mas que...

Sorrio, quando o entendimento brilha na minha mente.

Ela quer me seduzir?

Não posso impedir a gargalhada que rompe a minha boca, fazendo-a me encarar com o cenho fechado, a boca franzida em uma fina linha.

— Não sou lésbica e muito menos bissexual. Aquele foi um personagem que eu vesti para cumprir um combinado – sussurro quando ela retira o copo da bandeja para colocar em cima da mesa, bem na minha frente.

Seus movimentos são lentos e seu olhar ao voar para o meu rosto é de pura raiva... raiva por ser descoberta ou seria apenas uma encenação? Isso me faz sorrir alto, todavia mantenho a personagem ou a minha fachada natural.

Oh, como isso é confuso!

— Seja mais cuidadosa da próxima vez – sussurro acompanhando o sorriso que parece surgir em seus lábios, sendo seguido de um olhar cuidadoso, como se estivesse avaliando o que estou dizendo, como se quisesse descobrir meus próximos passos. — Ela era uma modelo rica, mas não poderia ganhar aquele concurso. Fui contratada para garantir isso... e deveria saber que eu não tenho limites.

Ela semicerra os olhos, travando sua mandíbula, quando pego o copo com o

líquido. Observo com atenção pelo copo de vidro, pequenos grãos brancos de algum pó escorrendo para o fundo do objeto.

Certamente devem estar pensando que sou alguma farsante ou que eu, realmente, poderia cair em um circo ridículo como esse.

— Onde conseguiu esse whisky? – pergunto voltando meu olhar para ela, que me encara com uma careta e isso me faz rir, sacudindo minha cabeça. — Como vocês planejavam carregar o meu corpo daqui?

Sorrio ainda incrédula que isso pode ser realmente realidade. Estamos, por acaso, em alguma pegadinha do Silvio Santos? Eu deveria sair correndo e gritando? Ou eles esperam que eu simplesmente me levante dessa cadeira, saque minha pistola e descarregue meu pente cheio nas suas cabeças? Me poupe de tal imaginação.

— Chame-os para sentarem à mesa comigo e você nos acompanha.

Pisco um olho para ela, que arregala os olhos voltando seu olhar muito intrigado na minha direção. Percebo que ela fica branca instantaneamente e rapidamente está deixando sua postura reta.

Muita confusão para um só dia...

— Isso não foi um pedido – digo recostando-me contra o acento da cadeira, enquanto recebo em retorno apenas uma puxada profunda de ar.

Vira-se em seus calcanhares e se encaminha até a mesa, onde eles estão sentados olhando descaradamente na minha direção. Não fazem uma pequena questão de fingir e isso me deixa ainda mais intrigada, porque realmente não entendo o que isso pode significar. Olho para todos os lados, buscando alguma câmera escondida, mas acabo por não ver nenhuma e isso me deixa com uma sensação completamente ruim por dentro do meu peito e isso não bom.

Sussurra alguma coisa e posso ver claramente quando arregalam os olhos, para logo em seguida, levarem suas mãos para trás e aposto que estão pegando armas para se manterem protegidos. Aproveito que estão bem focados em estarem surpresos, encarando a mulher e faço o mesmo que eles, estendendo minha mão para pegar minha pequena pistola, colocando-a entre as minhas pernas, com o cano de frente para as cadeiras que estão de frente para mim, onde estarão se sentando em breve.

Desvio minha atenção para a frente, quando os vejo levantar chupando um pouco do ar em suas frentes. Tão perceptível... tão escancarados. Extremo demais.

Lentamente se aproximam de mim, mantendo seus olhares focados no meu rosto, enquanto os acompanho com atenção. Seus passos são lentos, mas não cuidadosos. Pisam contra o chão como se estivessem temendo a algo, alguém. Seus rostos estão sérios, mas a hesitação e o medo estão ali bem claros para

quem quiser ver.

Ao estarem na minha frente, colocam suas mãos nas cadeiras e vejo o quão tremulas estão, fazendo-me sorrir arrogantemente. Sentam-se à mesa, mas seus olhares estão focados no meu rosto, como se esperassem alguma reação minha e então, dou um piscar de olhos lento e contido.

— Acredito que... se eu perguntar quem os mandou até aqui, não irão me responder. Estou certa? – pergunto, mas a resposta não me vem. Encaro cada um, mantendo meu olhar em seus olhos, vendo-os vacilarem e os desviarem na primeira oportunidade. — A quanto tempo estão aqui me esperando?

Um deles abre a boca, mas a resposta não vem.

Tolos.

— Ok, passarinhos, ok. Vejam só onde estamos... em uma cafeteria. Desde quando cafeterias vendem whisky? – Sorrio observando a mulher engolir em seco com os olhos arregalados. — Desde quando uma garçonete serve uma mesa com um salto agulha vermelho e um uniforme completamente diferente dos demais? Claro, não posso deixar de perguntar a vocês isso. Desde quando, em uma cidade quente como essa, homens aparecem em uma cafeteria com roupas tão pesadas e... quentes? Entendo que estavam querendo trazer o cinema americano para esse ambiente. Só que... fracassaram terrivelmente.

Balanço minha cabeça, olhando para o whisky para depois voltar meu olhar para eles.

— Digamos que vocês atirem em mim com as armas que estão me apontando por baixo da mesa... como esperam sair daqui intactos? Iriam matar todos que estão aqui sentados? Iriam destruir as câmeras? Colocariam fogo nesse local? – Balanço minha cabeça estalando a minha língua. — Vocês matariam todo mundo que está transitando nessa rua? Acabariam com todo o sistema de segurança da rua? Pegariam o da prefeitura? Como achariam meu assistente?

Arqueio uma sobrancelha quando um deles abre a boca para falar.

— Vo... você não teria escapatória de qualquer jeito.

Pisco meus olhos, permanecendo séria.

— Aconselho que tirem, agora mesmo, as armas das mãos de vocês... ou... – sorrio, olhando para o copo —, irão conhecer esta que vos fala com total perfeição.

Engolem em seco e seguem o que digo, recolhendo as armas para dentro dos casacos, enquanto a mulher balança sua cabeça.

— Como é ser descoberta sem ter dado um passinho à frente? – pergunto vendo-a suspirar.

— Nós pensamos que...

— Representar o cinema, um filme, seria um plano perfeito? – Rio

sacudindo minha cabeça. — Isso é ruim... muito ruim. Pior tática.

Ela respira fundo e vejo seus olhos marejarem.

— Chantagem emocional... não cola comigo. Guarde o drama para quem realmente vai cair.

Ela bufa, encostando-se contra a cadeira.

— E o que desejam de mim? – pergunto franzindo o cenho, vendo-os suspirar logo em seguida.

— Queremos que nos treine – o cara mais robusto diz e eu vejo que ele tem um dente de ouro.

Ele tem um dente de ouro... que droga!

— A mando de quem? – pergunto arqueando uma sobrancelha e ele sacode sua cabeça.

— De ninguém. Só queremos aprender essas coisas que você...

Suspiro, agarrando a alça da minha mochila no chão, para que eu possa me levantar por completo. Deposito minha arma no seu verdadeiro local de origem, no cóis da minha calça e então o encaro, observando-o com ainda mais atenção.

— Eu poderia acreditar nesse papo furado, se vocês fossem mais novos, mas como esse não é o caso, esse papo e essa pequena encenação aqui na minha frente, não está me convencendo. Da próxima vez armem um circo mais convincente – sussurro, antes de lhes dar as costas e sair daquela cafeteria, me misturando, logo em seguida, em meio aos pedestres que caminham apressadamente em busca dos seus destinos.

Isso aqui... não me desceu. Isso está me parecendo uma armadilha bem pesada, mas que receberei com todo o gosto do mundo inteiro.

Sem dúvidas.

Capítulo 5

Íris Sensit

— Eles olharam nos meus olhos, Tércio. Eu percebi o quão despreparados pareciam, mas aquilo de quererem que eu os treine não me desceu.

Encaro-o e ele acena parecendo pensativo agora. Coça sua cabeça, mas quando volta a me encarar, exhibe o mesmo semblante de quando decifra os nossos enigmas para que possamos avançar nas missões.

— Eles sabiam de você como Karina, porque de lésbica você só atuou uma vez, não foi? – ele pergunta e eu aceno positivamente. — Acho que eles poderiam estar falando a verdade, como também poderiam ter arrumado aquela desculpa por terem sido desmascarados ou aquele foi um circo armado para te convencer a se aproximar deles. E eu acho que eles não vão parar em nenhum dos casos. Eu, se estivesse no lugar deles, não iria parar.

Aceno, concordando.

O caso em que me vesti de Karina para seduzir a modelo, aconteceu no início do ano passado. Fui contratada para matá-la no dia do desfile de um concurso qualquer e sinto, aqui dentro de mim, que não é só isso que querem de mim. Aquela que me contratou, me pagou pessoalmente e eu pude rastrear o seu computador para ter a certeza absoluta de que foi ela a me contratar realmente. A minha relação com aquela mulher foi rápida e escondida, então, tenho certeza que não deixei nenhuma ponta solta. Destruí todas que me incriminavam. O edifício em que armamos para ficarmos juntas foi queimado, os hóspedes que nos viram juntas estão mortos e o dono do lugar foi afogado e morto. Ninguém mais nos viu, ninguém mais sabe do que fiz.

Isso me leva a pensar que... ou fracassei na minha missão ou alguém está me investigando, mas por que agora? Com tanto tempo para aparecerem vão surgir logo agora? Que recebi um novo alvo para matar? Mesmo?

— Deve estar interligado a esse homem que preciso eliminar.

Levanto-me para que eu possa rondar o meu apartamento em busca de algum pensamento que me fará descobrir ou ao menos um caminho, mas ele não vem e isso está me deixando cada vez mais louca por dentro.

Eu sei o que tenho que fazer e provavelmente esse não seja o melhor lugar para ficarmos. Disso tenho total certeza. Já não é mais seguro... eles estão sabendo de todos os meus passos, mas me mudar, agora, não é uma questão de prioridade. Só daria a margem de pensamento de que estou com medo da aproximação deles. E não é isso que eu desejo, certo?

Certo.

— Quando se aproximarem de você novamente, procure conseguir uma foto ou digital ou qualquer coisa. Assim posso conseguir algo deles – diz Tércio, deitando-se contra o sofá.

Infelizmente, nem pude chegar a colocar fim ao prédio, já que estava sendo observada de perto... muito perto e isso não estava me agradando, mas o que me deixa ainda mais irritada é o fato de que eles sabem de alguma ação minha. Era um dever meu tirar toda e qualquer futura ameaça de cima da minha cabeça. E posso até estar enganada, mas isso está vindo de alguém de dentro...

Pode ser? Óbvio que pode.

Mas quem?

Sou uma assassina que recebe muitas encomendas, mas o que isso poderia ter a ver com aqueles malditos? Seria algum dos parceiros do sistema? Já nem posso duvidar disso, já que em assassino não se pode confiar.... nunca. Ainda mais com tantos querendo ser maior que o outro. Um querendo mais encomendas que o outro. Um querendo mais fama que o outro... mais dinheiro. Para estarem me seguindo de perto, então devo vir a acreditar que estão sabendo demais, mas se eles sabem, alguém mais também sabe. Alguém do sistema? Provável...

Viro-me de forma que eu possa encarar Tércio. Na minha cabeça, diversos sinais e cabeças estão rolando como um todo, mas um em especial me deixa arrepiada da cabeça aos pés. Poderia ter sido ele? Quais motivos? Vingança? Por não querer ter um futuro ao seu lado?

Júlio é um assassino perigoso que nunca se deixou enganar por nada nem ninguém e que está em uma missão um tanto perigosa, mas o que não o impede de planejar algo contra mim, a mulher que o negou um beijo, uma noite de sexo selvagem e a chance para ser feliz com alguém como ele. Apesar que ele seja um homem lindo e de fato atraente, não exclui o fato de que é um mau caráter de primeira linha que nunca hesita antes de trair o próximo. E se um dia na minha vida, eu resolver que quero uma família, decerto Júlio não estaria entre a opção de marido perfeito.

— Tércio, você consegue acesso ao banco de dados do sistema, certo? – pergunto, vendo uma careta surgir em seu rosto.

— Você sabe que qualquer ataque dirigido a rede é o mesmo que nos entregar de bandeja para que nos descubram, certo?

Suspiro esfregando minha testa, a procura de alguma resposta, de alguma coisa.

— Ache Júlio Descartes – digo pensando qual nome ele deve estar usando agora.

— Tenho absoluta certeza que Júlio está em alguma ilha descansando – diz

arqueando uma sobrancelha.

Sinto que estou sendo sufocada e isso está me deixando com pouca capacidade de raciocínio nessa droga de negócio. Mal comecei a investigar sobre o meu alvo e já tenho nas minhas mãos a droga de um problema.

— O que está acontecendo, Íris? – ele pergunta encarando-me com estranheza, quase como se estivesse percebendo tudo que estou passando e sentindo.

— Sinto-me... encurralada.

Respiro a procura de calma, mas tudo que recebo de volta é a mais pura certeza de que tudo não dará certo, que alguém está perto demais, que querem me prejudicar... isso tudo para um só motivo e eu não sei qual pode ser. Tento respirar fundo novamente, mas não recebo o que preciso. Não encontro calma, não recebo respostas, como sempre aconteceu e o pior de tudo, agora tenho que lidar com mais alguém, que não sei quem é.

Agora preciso descobrir quem me contratou, depois preciso descobrir quem está no controle daqueles dois, porque tenho certeza que não estão sendo verdadeiros no que dizem. Eu sei, a minha experiência grita isso e eu não poderia estar mais louca.

— Vou... vou sair! – rosno jogando as mãos para o alto, virando-me em meus calcanhares para me dirigir até a porta de saída.

Quando estou fora e consigo puxar uma profunda respiração, nada parece mudar, nada vem a minha mente, continuo no escuro por não saber de nada. Então, caminho para fora daqui, desse corredor, desse prédio e me perco no caminho que traço para fora, enquanto na minha mente não para de rodar onde errei, em que ponto me perdi, mas se for algo vindo dos meus parceiros de profissão, coisas ruins estarão tomando conta das suas malditas vidas e disso já não tenho dúvidas.

Avanço em direção ao nada, passando por pessoas e sentindo o vento quente bater contra o meu rosto, contra a minha pele, queimando os meus neurônios e o fato de que alguém possa estar muito próxima do que faço e do...

Forço-me a parar, quando um pensamento me bate como uma larva quente desgovernada. Não posso me desesperar. Isso não aconteceu nem mesmo quando tinha uma bala cravada na minha pele, o que é de se estranhar ainda mais.

Observo um carro preto atrás de outro, vidros escuros, pneus novos, lataria brilhante. Sorrio, virando-me entre o mar de pessoas que me cercam, enquanto dito os meus caminhos em direção ao meu apartamento. Este carro não é desconhecido, nunca foi e para mim, é ainda mais conhecido em meio a todos. Ele está aqui a minha procura, mas tenho certeza absoluta que não foi ele quem mandou aqueles malditos a cafeteria, tampouco a investigar Tércio e eu, porque

ele não seria capaz, não teria culhões de o fazer.

Ele sabe quem sou, sabe de onde venho, mas de uma forma a sua presença fez com que algo brilhasse aqui na minha mente.

Novidades estão vindo para abrilhantar a minha vida e eu não poderia estar mais apavorada, mas juro que ninguém perceberá.

Jamais.

Capítulo 6

Íris Sensit/Zayxa

Branco do ombro aos pés, impaciência camuflada com um sorriso e ira disfarçada de doçura, é como estou agora no meu mais novo local de trabalho.

O movimento está grande.

Pessoas entram e saem, enquanto aguardo pela chegada da enfermeira chefe, para que só assim eu possa me encaminhar para algum lugar ou fazer um teste qualquer.

De todos os papéis que precisei assumir, esse será o menos complicado, já que não exige muita pesquisa da minha parte. Passei metade da minha vida estudando sobre o corpo humano, tanto físico, quanto psicológico, logo isso não será um problema, além do que já me disfarcei de enfermeira antes. Não passei muito tempo, mas foi o suficiente para que abstrair ensinamentos e lições.

Faço uma careta, quando uma ambulância para na entrada do hospital, com pessoas saltando rapidamente dela quando a porta traseira é aberta. Enfermeiros aparecem da parte de dentro correndo, dirigindo-se para a traseira do automóvel e quando o alcançam, puxam uma maca com um corpo, que pelo que posso perceber está cheio de sangue por sua pele. Esse deve ter se envolvido em algum acidente de trânsito, não tenho dúvidas. Será se é muito difícil de se passar algum baleado ou ferido por aqui? Estaria mais que feliz caso isso acontecesse.

Suspiro ao me virar com meu olhar focado na maca que se afasta por entre as pessoas que por aqui estão transitando.

— Com licença.

Uma mulher alta de cabelos negros, rodeia meu corpo com um pequeno sorriso se mostrando em seus finos e escanifrados lábios pintados com um batom vermelho escuro. Seus olhos sem maquiagem e as olheiras, me fazem pensar que sua noite não foi sido uma das melhores e é por isso que arregaço um sorriso em sua direção.

— Sou Zayxa – digo alternando entre sorrir e ficar séria, para que aos seus olhos, eu seja uma mulher envergonhada ou tímida, talvez? E eu vejo ali, fracos brilhos sendo reluzidos em minha direção, diria até com um misto de simpatia.
— Estou começando hoje como enfermeira.

Muito bem, muito bem...

Ela sorri e se aproxima de mim com seu braço estendido em minha direção, enquanto tenho ao alcance dos meus olhos, uma feliz mulher de pele morena e que muito me agrada.

— Seja bem-vinda, Zayxa. Queira vir comigo, sim?

Aceno e ela sorri, soltando minha mão para seguir entre o mar de pessoas que estão indo e vindo apressadas. Algumas doentes, outras acompanhando doentes e assim, me vejo no meu mais novo ciclo, o lugar em que a morte será espalhada bem devagarinho. De pouquinho a pouquinho. Sou capaz de sentir o cheiro podre que a procede e porra, que delícia é aproveitar isso tudo na minha frente.

— Hoje as coisas estão bem complicadas – diz apressando seus passos e eu a sigo bem de perto, observando todos, rostos por rostos sem deixar escapar um.

Ao dobrar em um corredor, uma enxurrada de macas está preenchendo as beiradas, deixando apenas estreitos espaços para que possamos atravessar.

Idosos com suas pernas engessadas, mulheres com suas cabeças enfaixadas, feridas abertas, gemidos... o centro da morte. Ah, cordeirinhos, a morte está passando e vocês não estão ligando. A morte vai tocá-los e vocês nem ao menos poderão sentir...

Cordeirinhos...

A mulher para em frente a uma porta e a empurra, passando por ela e a segura, para que eu possa fazer o mesmo. Varro meu olhar em meio a quantidade de pessoas que estão ali e acredito que sejam todos da mesma área. Algumas enfermeiras tomam café, sentadas à um sofá e outros homens fazem o mesmo, enquanto outros parecem focados em observar seus celulares.

Esse é um negócio grande, um negócio em que devo seguir manipulando cada cabecinha que está aqui e, vou começar por essa que me encara com a sobancelha arqueada, a boca em uma linha de fina, traçada para deixar bem claro que aqui não sou bem-vinda, não por ela. Conheço tanto esse olhar... já o vi várias vezes. Nada que eu não saiba lidar, claro.

— Pode me chamar de Bell e esses serão os seus parceiros de serviço – diz estendendo sua mão em direção aos outros que ali estão e que agora me observam com atenção.

Isso mesmo, cordeirinhos, observem quem vai matar cada um de vocês e de quebra, os quase mortos desse lugar.

— Obrigada. Vocês podem me chamar de Zayxa – digo com um meio sorriso.

Vejo que alguns arqueiam suas sobancelhas parecendo surpresos, o que me faz revirar os olhos mentalmente, enquanto penso que, cada um deles irão morrer de maneira lenta e completamente sangrenta. Talvez a ideia do fogo seja deixada para depois, como um fechamento de show. Seria maravilhoso, o crime perfeito. Câmeras desativadas, queda de luz repentina, alguns enfermeiros, inclusive a Zayxa de folga e, então, alguém invade o hospital. Armas e mais armas cobrindo o corpo da pessoa encapuzada. Ela some em meio aos corredores, volta a ser

enfermeira, mata a quem tiver de matar e, então, volta a ser a morte. Fogo no hospital, fogo nos quase mortos, fogo nos mortos e mais fogo nos vivos.

Suspiro, sentindo a ansiedade subir por dentro de mim.

Essa será, com toda certeza, o meu melhor dos serviços.

— Zayxa...

— Que nome estranho – diz a mesma que estava me encarando com a sobrancelha arqueada exibindo um sorriso debochado.

Sorrio de lado, lançando-a um olhar que diz muito, se ela me conhecesse realmente, ao mesmo tempo que não diz nada, já que seu saber sobre mim... é nulo.

— Meus pais tinham uma imaginação muito fértil – digo sorrindo e viajando meu olhar por entre todos, que permanecem curiosos com a minha presença aqui.

Percebo, inclusive, que alguns dos enfermeiros estão descendo seus olhares por meu corpo, como se estivessem apreciando uma obra de arte e, ao fazer o mesmo com eles, percebo que talvez em um dia que eu esteja de bom humor, possa até seduzi-los para que nós possamos apreciar bons momentos juntos, de pura troca de prazer.

— Menina, seja bem-vinda. Eliza ficará com você por hoje, já que estou cheia de coisas para cuidar. – Volto meu olhar para ela, vendo que observa o seu relógio de pulso, para logo voltar a me encarar com um sorriso de canto nos lábios. — Preciso voltar.

— Eu cuido dela, pode deixar – diz uma voz feminina, fazendo-me voltar meu olhar para ela, enquanto sorrio e aceno, como uma pessoa simpática e doce, que Zayxa deve ser.

Enfermeira, doce, prestativa e fofa. É assim que Zayxa é. Um amorzinho de pessoa. A melhor de todas, certamente.

— Não fica aí parada, mulher. Quer tomar um cafezinho conosco? – pergunta a mesma mulher e eu balanço minha cabeça negativamente, indicando-a o quanto sou tímida.

Vejo, pelo canto do meu olho, que a mesma *enfermeirinha* que me olhou com desprezo está rindo e, então, mentalizo que a deixarei viva com as imagens de todos sendo mortos na sua frente... coitadinha dela... não conseguirá nem dormir à noite.

— Mal chegou e já estão dando regalias? Não vai se acostumando, ein.

Sinto vontade de rir alto, gargalhar mais alto ainda e, sem conseguir deixar que ela coloque esse salto imaginário em cima de mim, encaro-a com um sorriso e arqueio minha sobrancelha. É, acho que a imagem de doce e fofa não vai ser mantida por muito tempo aqui.

— Você é a...? – pergunto e ela sorri balançando sua perna, que está por cima da outra, o que me leva a pensar que, por um momento, um fio de nervosismo subiu por seu corpo.

Viva... a humanidade iria me agradecer por matá-la, tenho a certeza.

— Milena – diz puxando um sorriso e então, eu aceno.

Acho que para um primeiro dia, seria ótimo começar com uma inimiga, não é mesmo?

— Você se parece muito com uma pessoa... – digo levando meu dedo indicador aos meus lábios, onde o bato, parecendo pensar por um momento, depois volto a encará-la com o cenho franzido. — De um outro emprego. Fisicamente, se parecem bastante e psicologicamente, até onde consegui perceber, se parecem também. Ela era um tanto desagradável mesmo, assim como você.

Sorrio recebendo em troca um par de olhos semicerrados e o rosto vermelho, dando-me um pouco da sua irritação, enquanto apenas continuo no mesmo lugar plena e com um sorriso inocente nos lábios. Essa, você não vence.

Atrás de mim, a porta se abre e eu me viro, tirando minha atenção da coisinha afrontosa, para me deparar, logo em seguida, com um homem.

Um homem.

O cabelo molhado, olhos muito bem acesos, daqueles que só de olhar a gente já percebe que teve uma ótima noite de sono. Ao colocar todo o corpo para dentro do ambiente, exhibe seus músculos definidos e uma ameaça tentadora de uma tatuagem no seu pescoço. Belo demais para ser observado, atraente demais para se ter por perto. O típico modelinho de plantão que deixa as mulheres loucas. O padrãozinho que enlouquece e deixa as mulheres cheias de vontade de caçar, seduzir e conquistar. O mesmo padrão que não me rende interesse, mas que... puta merda. Que olhar intenso e hipnotizador.

— Bom dia... estou atrasado, Eliza? – ele pergunta com sua voz grossa e potente, fazendo-se presente por todo o local, que até agora, depois da minha muito sutil apresentação para com a minha nova inimiga, estava em silêncio.

Posso até sentir o quão tensos devem estar, sem nem ao menos olhar em suas direções, mas o que mais me enlouquece é o fato de que ele sequer olha na minha direção e isso me incomoda, porque quero esse par de olhos sob mim, para que eu possa avaliá-lo, para que eu consiga descobrir o que ele pode estar escondendo por trás deles... se é que esconde algo.

Meu olhar desce por cada cantinho de roupa branca que está perfeitamente vestido, subindo vagarosamente por toda a sua extensão forte e musculosa. Seria ele um daqueles modelos de marca de suplemento? Se for, é perfeito.

— Bem na hora, doutor – a tal Eliza diz e então volto meu olhar para ela,

sem deixar de perceber as expressões assustadas nos rostos desses que estão aqui.

Ela deixa de lado a sua xícara com algo e se levanta, alisando a calça branca que está vestida, para logo em seguida, sorrir meio que nervosamente, meio que tentando demonstrar entusiasmo, o que acaba por fracassar terrivelmente. E eu quase gargalho ao perceber isso. Quase.

— Que bom, mulher. Estava preocupado em deixá-los esperando. Vamos?

Ele suspira, voltando seu olhar para o relógio no pulso e vejo quando a tal Milena se levanta e, com um sorriso de canto nos lábios se aproxima dele, mantendo o olhar afiado e o lábio inferior preso por seus dentes.

— Adiel... que bom te ver por aqui.

Ela sorri, parando na sua frente e o olhar dele sobe para olhar em seu rosto. Ele sorri minimamente e acena.

Adorável.

— Igualmente, Milena... Eliza?

Eliza afasta-se da mesa e se aproxima dos dois, mantendo os olhos arregalados, ao mesmo tempo em que viaja o seu olhar dele para mim. Está dividida? Não sabe o que fazer? Suspiro, tentando permanecer normal e, então, tirando minha atenção da cena na minha frente, viajo meu olhar por entre os que estão aqui sentados, expectando a mesma coisa que eu, mas não deixo de capturar alguns olhares se mantendo em cima de mim.

Uns franzidos com desconfiança, outros com soberba e mais alguns com o que acredito ser diversão.

Bem, agora tenho que trabalhar em cada um deles o que chamo de “apagar a má primeira impressão”. Dizem por aí, que a primeira impressão é a que fica e eu aprendi, por entre andanças, que com um olhar brilhante e um sorriso de lado, que demonstra tanto doçura, quanto ingenuidade, faz com que qualquer que seja a coisa ruim que tenha sido formada, seja rapidamente apagada.

Isso não será difícil, é verdade, mas tenho que ver qual rumo seguirei a partir de agora.

A resposta não demora muito a chegar, porque o belo espécime está se afastando com o olhar ainda presente no seu relógio e Eliza o segue, catando algumas fichas. Sabendo que a minha missão é ficar com ela, apenas faço o que é o melhor para mim, no momento: os sigo.

Capítulo 7

Íris Sensit/Zayxa

— Eu amei a *situada* que você deu em Milena – Eliza diz sorrindo, ainda com seu olhar nos papéis com os nomes dos pacientes que marcaram consulta ainda hoje.

Reprimo a vontade de revirar os olhos, com o tédio batendo contra o meu interior com tanta força, que por um instante, penso que talvez eu vá cair dessa cadeira diretamente para o chão, onde repousaria o resto do dia apenas para olhar o teto com possíveis ideias de pinturas rondando a minha mente, mas ao contrário disso, visto o meu melhor papel de Zayxa, exibindo um pequeno sorriso.

— Não costumo ser assim. Você acha que devo pedir desculpas?

Pisco, tentando não revirar os olhos e bufar bem aqui.

Mantenho um olhar culpado e quase chego a acreditar que estou mesmo sentindo isso. Eliza me encara com seu olhar suave e o pequeno sorriso tranquilizador que se instala nos seus lábios, quase faz com que eu me jogue do diabo dessa cadeira para gargalhar alto dessa sua cara de otária.

— Claro que não – diz suspirando e toca a minha mão. — Você fez muito bem, sabe? Mas eu te aconselharia a ser mais cuidadosa. Milena é uma cobra, sempre tentando derrubar a todas nós.

Suspiro, deixando meu olhar cair para a sua mão e, logo em seguida, subo-o para encarar seus olhos, revelando um sorriso mínimo.

— Não desejo inimizades, mas não sou de fugir quando uma pessoa me provoca assim – digo, minha voz saindo em um sussurro baixo para fazer parecer como uma confissão... eu realmente mereço um troféu.

Mereço o óscar! Porra, sou foda.

— Vejo que teremos muitas alfinetadas, então!

Sorri, afastando sua mão da minha para olhar as fichas em sua frente.

A coitada até que é boa pessoa ao meu ver, mas felizmente é uma inimiga e terá de morrer. Por hoje, ao meu julgamento inicial, poderia dar a ela uma morte rápida, indolor, imediata. Sim, seria um bom preço a se pagar por ser assim, mas já não posso dizer o mesmo do seu superior que irá morrer como um maldito judas. Deve merecer para que alguém tenha me contratado para matá-lo.

Alguém que, certamente, não conheço surge na minha frente, mas quem começa atendendo é Eliza. Então, aproveito esse pequeno espaço de tempo para correr o meu olhar entre as diversas pessoas que estão aqui, não me deixando prender em apenas uma, mas tudo parece normal para um lugar como esse.

Pessoas doentes, médicos atrasados ou preocupados e mais pessoas doentes chegando, enquanto mais enfermeiros transitam em busca de cumprir suas funções.

Logo, esse meu pequeno espaço acaba quando ela pede para que eu faça a triagem dos que por aqui estão chegando e, então, faço com um sorriso nos lábios, esse que surpreenderia até Tércio, que sabe bem o quanto eu poderia dar fim com tanta facilidade a vida de algum desses que estão por aqui.

Em uma saleta pequena e estreita, com espaço o suficiente para um armário relativamente grande, uma pia, duas mesas e duas cadeiras, começo a dar o atendimento aos que por aqui passam.

Sorrisos e mais simpatias são distribuídas a quem passa por aqui.

Reviro os olhos, quando tenho um pequeno espaço de tempo entre a saída de um e a entrada de outro. Eliza, da mesa da frente, distribui os números para darmos continuidade aos atendimentos, mas a cada minuto que passa, mais gente aparece e com a minha simpatia em jogo, continuo a dar bom tratamento aos pacientes.

Há alguns anos, quando Tim estava em sua mais duradoura tortura, fez com que nós, eu e Tércio, aprendêssemos coisas e entre elas estavam, o corpo e a mente humana. Devíamos estudar sobre ambos, dizia que o conhecimento faria com que mais ninguém fosse páreo para nós e eu estudei. Estudei tudo o que tinha para estudar, enquanto as dores do meu corpo permitiam. Suportar um só dia naquela academia, com ele nos infligindo dor de todas as formas que podia estava sendo cada vez mais insuportável, mas o que poderíamos fazer, se era o que tínhamos de fazer para conseguirmos dormir à noite sem sentir nenhum dos abusos que ele nos dirigia?

Mas em um dia, um dia qualquer em que ele deve ter acordado de bom humor ou seja lá porquê, resolveu dizer que precisaríamos sair um pouco dali, para que pudéssemos ver o quão ruim é o mundo, as pessoas e o que iríamos enfrentar quando nosso treinamento chegasse ao fim.

E eu, na minha pouca idade, não entendia o que estava acontecendo ali, não entendia o que fazia ali, não conseguia compreender o motivo ao qual Ulga nunca voltava para me livrar de todo aquele martírio que eu estava vivendo, mas depois de um tempo, a esperança já não jazia no meu corpo, tampouco na minha mente. Na maior parte dos dias iniciais que ali cheguei, eu só sabia chorar e chorar e chorar, aliás, era aquilo que ele tanto procurava, era o que ele queria que eu fizesse.

Chorar.

Ele nos tirou dali e aquela foi a primeira vez, depois de muito tempo, que consegui sentir o vento contra o meu rosto e os raios do sol batendo contra a

minha pele, mas até sentir o sol doía. O meu corpo doía, a minha alma doía e tentei do fundo do meu mais profundo ser não chorar naquele momento, mas não fui capaz de prender tamanha emoção. E ele viu o brilho que meus olhos ainda tinham quando vi aquela luz da vida esquentando a minha pele tão fria.

Ele viu e tratou de fazer com que aquilo sumisse.

Naquele dia, nós não fomos para nenhum lugar e a sua promessa ficou suspensa, porque o que mais predominou durante todo aquele dia e a noite foram gritos de dor. Ele não precisou proferir uma ameaça, ele nunca fazia, mas o seu olhar cheio de ódio e sadismo, já o faziam por si só.

Depois daquele dia, aprendi a camuflar o que eu sentia.

Eu aprendi que, as melhores sensações deviam ser guardadas a sete chaves dentro de mim para preservar o meu corpo da dor. E essa foi a melhor coisa que ele poderia ter me ensinado, porque foi a partir daí que começou a cavar sua própria cova.

— Já posso voltar? – pergunta uma menina, que aparentemente deve ter em média uns dezoito ou dezenove anos, tirando-me da minha nuvem de entorpecimento.

— Sim.

E com um sorriso, ela se levanta da cadeira, virando-se em seus tornozelos e sai da sala, fechando a porta logo atrás de si. Permito que um suspiro saia por meus lábios e é o exato momento em que a porta é aberta e o mesmo médico, aquele poderoso e maravilhoso homem que Eliza foi tão cortês, coloca a sua cabeça para dentro, mostrando-me belamente os seus lábios carnudos, o que faz com que eu me recoste contra a cadeira ao qual estou sentada, somente para observá-lo com um sorriso de lado.

— Eliza? Onde ela está? – pergunta com a sua voz grossa preenchendo todo o ambiente e, de quebra, fazendo-me sorrir.

— Não sei – digo com meu olhar cravado nos seus lábios.

Ele suspira e então, sorri.

— Quando a ver, peça para que ela vá até o meu consultório, sim?

Aceno, prendendo meu lábio inferior entre os meus dentes, com o desejo misturado ao pensamento de que, talvez, os dele deveriam estar ocupando este lugar... deveria.

Ele sai, fechando a porta logo a sua frente e eu suspiro, voltando minha atenção para os papéis que estão na minha frente, enquanto vejo que por mim, passaram mais de vinte pessoas e o mais lindo de tudo é que nem ao menos me dei conta disso. Sorrio, levantando minha cabeça, quando a porta volta a ser aberta e Eliza aparece sorrindo, como uma bela pessoa simpática que é. Uma fofa.

— Vou ao banheiro, ok? Preciso respirar um pouquinho – digo levantando-me e ela franze as sobrancelhas.

— O que está sentindo?

Varro meu olhar por seu rosto, vendo-a até que um pouco preocupada, o que me leva a ter um pouco de simpatia por ela. Se eu tivesse de a eliminar hoje, com certeza o faria bem rápido, para morrer da forma mais rápida e indolor possível, por ser tão simpática e amável da forma que aparenta. Gostei muito dela... por enquanto mostra ser uma pessoa legal e doce.

— Preciso esticar as pernas e respirar um pouco – digo sorrindo minimamente e ela acena, afastando-se da porta, o que acabo tomando como um sinal positivo.

Dou de ombros e me encaminho para fora desta sala, fechando a porta, para deixá-la ali sozinha com qualquer que seja o próximo paciente quase defunto que estará entrando por essa porta. Caminho lentamente pelos corredores, atenta a todos os tipos de movimentos, observando todos que por aqui transitam ou somente gemem de dor.

Reviro os olhos, quando um senhor geme, tentando se virar na cama. Eu poderia parar aqui e o ajudar, como uma boa pessoa e profissional, porém, todavia, entretanto não sou nem uma boa pessoa, tampouco profissional, logo apenas sigo meu caminho em direção a saleta que fui encaminhada mais cedo, onde todos estavam e ao ver a vasta movimentação de entra e sai da mesma, acabo apressando meus passos, vendo a tal Milena empurrar as portas. As forças divinas sabem o quanto detesto uma briga, além de chamar atenção desnecessária, mas tudo no mundo grita na minha direção que ela será uma pedra no meu sapato e que tenho que saber mais algumas coisinhas sobre ela, enquanto prossigo na minha investigação.

Ao entrar na sala, vejo-a se sentar no sofá e pegar uma revista de fofocas com um casal famoso na capa. Dirijo-me diretamente ao recipiente de café e derramo um pouco dele, em uma xícara branca que encontro ali ao lado. Desejando algo doce, muito doce, despejo algumas colheres de açúcar ali dentro, para que assim eu possa o tomar.

— Não está correndo o risco de diabetes? – a tal Milena pergunta, mas eu não me viro para encarar seu rosto, tampouco produzo alguma resposta, porque sinto-me mais confortável tomando o meu líquido doce, que não tem o gosto que desejo, mas que se aproxima do que necessito.

Assim que termino, coloco a xícara em frente ao recipiente alinhadamente, escutando o barulho quando a arrasto naquela mesa branca de madeira. Subo meu olhar para a minha frente, encarando a parede e um ar condicionado chama minha atenção bem ali.

Bem, eu poderia depositar uma arma ali ou quem sabe, uma adaga, para algum evento futuro.

— É educado que me responda, *novatinha*.

Seu tom... oh, seu tom não me agrada em nada, mas não a dou atenção, porque eu sei que tudo que ela mais deseja nesse momento é fazer com que eu a dê brechas para que possa fazer algo ou me constranger. Acho que preciso conhecer um pouquinho desta coisinha aqui... *vamos ver, cordeirinha, o que você me reserva*.

— Oh, sabe me informar onde fica o banheiro? – pergunto ao me virar com meu cenho franzido e um muxoxo nos lábios. Ao encará-la, ela apenas arqueia suas sobancelhas.

— Agora você está falando? Se vira, garota – ela diz fazendo-me sorrir.

Eu deveria me fazer de sonsa, a pisável do momento, só que esse sorriso foi maior que tudo aqui dentro de mim, que poderia gritar contra o bom senso. Não posso controlar a Íris dentro da Zayxa... e bem, acho que Zayxa está sendo reconstruída nesse exato momento.

— Ok, fofa – digo e pisco um olho para ela, afastando-me da mesa, mas sou interrompida por ela, que se levanta com os olhos semicerrados.

— Me respeite. Aqui você é apenas uma novata... estou aqui há muito mais tempo que você e sei como as coisas funcionam.

Sorrio alto, antes de deixá-la ali falando sozinha para que assim, eu possa sair fora desse ambiente. Essa coitada pensa que vai me intimidar... só sinto por ela... só sinto.

Continuo a andar pelos corredores, observando alguns quartos abertos, que para a minha tristeza completa não há nenhum morto, apenas alguns operados sendo tratados por outros enfermeiros...

Só preciso de mais um tempinho aqui para que eu possa fazer o que tenho em mente, mas ao que estou percebendo será um pouco difícil, julgando que não consigo encontrar o diabo do banheiro, acrescentando o pensamento de que preciso conseguir o mapa desse hospital, para que possa ter na minha mente todos os lugares que estarei sendo precisa e totalmente direta.

Saco o meu celular do bolso do meu branco jaleco de enfermeira boazinha e disco o número de Tércio, assim que o tenho completo na minha tela, ligo para ele, levando o celular ao meu ouvido. Escuto que chama, chama, chama e nada deste ser das trevas me atender. Suspiro, pensando nos caminhos que ele deve estar percorrendo com o meu cartão de crédito.

Faço meu caminho de volta ao meu lugar central de trabalho, onde terei de ajudar Eliza com os outros afazeres.

Zayxa, Zayxa... que sorte a sua, hein.

No meu caminho de volta, ainda vejo o rosto da tal Milena passando por mim com ar de superioridade, que sinceramente não me desce de forma alguma. Eu poderia dar meia volta e a seguir para onde quer que ela vá e a eliminar de uma forma que ninguém nunca vá voltar a encontrar, todavia tenho a impressão aqui dentro de mim que ela ainda vai servir de alguma forma, o que não quer dizer que a sua existência deva ser a mais calma e tranquila possível, porque definitivamente, se depender de mim não será. Algo dentro de mim grita para dar uma lição por dia nela, mas o personagem de Zayxa deve ser muito bem interpretado, logo terei de manter um tiquinho só de distância dela, a fim de não suspeitarem de mim quando tudo estiver caindo.

Suspiro, ao alcançar o corredor da sala de onde Eliza me espera e assim que alcanço a sala, entro, empurrando a porta aberta e para o meu total deleite, a primeira pessoa que vejo ao colocar o primeiro pé ali dentro é o médico gostosinho. O que será que ele esconde por trás dessas vastas mangas? Espero que muitas veias saltadas e mais tatuagens... acho um total tesão aquelas veias saltadas, devido ao fluxo de treino.

Acho que temos um médico lindo e vaidoso por aqui... Será que por aqui tem mais dessas belezas?

— Zayxa, o doutor Adiel veio buscar as fichas dos pacientes que fizeram a triagem, para que possa atendê-los – diz encarando-me e eu apenas arqueio meu cenho com um sorriso sem graça nos lábios.

— Oh, eu deveria ter levado até a sua sala? – pergunto voando meu olhar para o dele, que me encara com um olhar que até chego a considerar cansado.

— Sim, você deveria – diz antes de suspirar.

Não sei se me sinto atraída por sua aparência ou se me sinto contrariada por sua forma de se dirigir a mim. Desde o segundo que coloquei meus pezinhos aqui só fui bem tratada por Eliza e pela outra enfermeira. Deixo aqui claro que, estou gravando todos esses rostinhos e na hora do decreto final, a piedade não será entregue a todos.

Sorrio para ele, mostrando uma simpatia que não existe na verdadeira Íris, mas que, para ele, talvez seja até considerado que surja para ser destinado somente a ele.

Não costumo eliminar de uma vez um gatinho como ele é.

Pedacinho da perdição, ein!

— Eliza – chamo-a volto meu olhar para ela e desviando do olhar dele, que parece não se prender em mim por muito tempo —, uma mulher me perguntou sobre um tal de... Teófilo. Você sabe quem é?

Pisco, jogando toda a ingenuidade que posso para ela, que só me devolve surpresa.

Ela nem imagina a nuvem negra que está cercando seu local de trabalho, apenas porque alguém corajoso demais contratou uma assassina profissional para matar o diretor do hospital... e o pior de tudo, o contratante parece estar brincando de gato e rato com a assassina... isso não é bom, nada bom.

Pessoas vão morrer... nunca duvidei disso.

— Oh, ele é o diretor, mas quem era essa mulher? – ela pergunta, mas eu apenas dou de ombros, dando meu melhor olhar de inocente ignorante.

Coitada....

Capítulo 8

Íris Sensit/Zayxa

Já é noite, quando enfim estou voltando para a minha simples e bela residência, essa que encontro fechada e escura. Poderia dizer que estava vazia, sem ninguém em seu interior, mas o barulho da televisão é a primeira coisa que me cerca, quando entro na minha casa. Tranco a porta atrás de mim e ascendo as luzes, encontrando imediatamente Tércio todo enrolado em um cobertor, comendo uma das melhores e mais caras barras de chocolate do mercado, enquanto em sua frente, na televisão está passando algo que eu não sei bem dizer.

Suspirando, caminho até estar ao seu lado e quando tomo um espaço considerável que caiba o meu corpo ao seu lado, então me sento com o meu olhar focado na televisão à minha frente.

— Como foi o seu primeiro dia? – ele pergunta bocejando.

— Pouco proveitosa – digo tendo em mente aprontar alguma coisa para a maldita Milena, que acredita poder fazer o que quiser comigo.

Poderia eu, deixar que acredite que eu sou uma mera enfermeira que não vai fazer nada com ela. Eu até poderia... realmente, mas o fato de ela dizer à enfermeira chefe para que eu limpasse a bunda cheia de bosta de um senhor, fez com que eu ponderasse e, tendo em vista que não sou um alguém muito paciente, tenho que reestruturar a personagem de Zayxa.

Ora, quem ela pensa que é no mundo inteirinho para achar que pode pisar em alguém como eu?

— Arrumei uma inimiga também – digo, escutando sua risada alta ao tempo em que ele se coloca sentado no sofá ficando de frente para mim.

— Já?

Ela levantou a bandeirinha da guerra e não serei eu a pessoa que fará com que ela seja enterrada. Nunca levantei bandeira branca, não seria agora que o faria e é pensando nisso que começo a ponderar o que devo fazer de agora em diante, já que terei o olhar dela em cima de mim direto. Preciso descobrir algo sobre ela... algo bem podre. Não, eu preciso saber tudo sobre ela.

Tudo.

— Pesquise sobre uma tal de Milena. Ela trabalha junto comigo no hospital – digo virando-me para olhar em seu rosto, que adere uma careta que até considero fofa por um instante.

— Existem diversas...

— Acesse a porra do sistema do hospital... sabemos que isso é pura fichinha

para você. Vou tomar um banho e dê o seu jeito. Apresente-me as imagens, quando eu voltar. Preciso de um banho – digo, antes de me levantar e sem querer escutar seus murmúrios apresso os meus passos até o meu quarto.

Com um suspiro contido, trato de tirar toda essa roupa branca e me encaminho até o banheiro, para que a água possa fazer o seu melhor trabalho no meu corpo. Optando por uma temperatura mais quente, deixo que a água escorra por todo o meu corpo, enquanto o relaxamento banha meu corpo. Resolvo lavar meus fios de cabelo loiros, quando o desejo de sentir o meu cheiro nubla a minha mente.

Amo esses shampoos naturais de lavanda.

Amo, amo, amo.

Meu cabelo fica sedoso, limpo e maravilhosamente cheiroso. Não existe nada de mais gostoso na minha vida do que dormir com o cheirinho de cabelo limpo entrando pelas minhas narinas. Sinto-me seduzida pelo meu próprio cabelo e é maravilhosamente gostoso.

Desligo o chuveiro, quando estou completamente satisfeita com o resultado. Preocupo-me em secar o meu cabelo com uma toalha, enquanto minha mente viaja para as coisas que devo me preocupar hoje, sendo uma delas o meu querido futuro morto, que estarei levando para debaixo da terra.

Sorrio, quando desisto de tentar secá-lo e apenas enxugo o meu corpo, para que eu possa voltar ao meu quarto e por uma roupa esculpida para ir à caça, enquanto visualizo formas de eliminar de uma vez seu Teófilo...

Depois de vestida, coloco uma rasteirinha confortável e uma pistola na minha cintura, da mesma forma que coloco uma jaqueta de couro por cima da minha regata preta, já que a noite está fria e não quero que ninguém veja a minha ferramenta de trabalho bem aqui, certo? Certíssimo.

Com um sorriso nos lábios, deixo o meu quarto para me dirigir diretamente à sala, onde Tarcio está sentado em frente ao seu novo laptop branco, com seus dedos ganhando vida própria sob o pobre teclado.

— Poderia terminar de assistir a minha novela, mas estou aqui... – murmura fazendo-me sorrir.

— Você assiste novela? – pergunto, indo em direção à mesa da sala, onde repousa o envelope que me entregou.

Sorri, acenando positivamente.

— Sim, desde sempre. Você nem sabe o quão massa está a novela das nove – ele diz suspirando, sem tirar o olhar da tela do seu computador, enquanto eu apenas o observo. — A Clara está se vingando de todo mundo na novela... você nem viu o final que o delegado teve, nem o juiz e o Renato? Aquele nojento? Muito massa! Melhor que as novelas mexicanas da tarde!

Desse lado dele eu não tinha conhecimento, mas agora que tenho, isso me faz sorrir, porque nunca soube da existência de um homem que fosse assim por novelas.

Tomo o envelope nas minhas mãos para ter na altura dos meus olhos alguma informação, por mais pequena que seja, para que eu consiga ter algum caminho a investigação. Respiro, vasculhando o papel até que encontro o seu endereço.

Pego meu celular e observo as horas... nove e meia... isso me dá a certeza de que, provavelmente, ele esteja em casa, o que pode me dar mais uma linha para investigar. E se ele não tiver... melhor ainda. Preciso ver entre seus familiares, esposa, filhos, sobrinhos, irmãos. Todos, porque antes de o matar, preciso descobrir quem me contratou. Pode parecer besteira ou até mesmo uma paranoia, mas acontece que neste mundinho onde qualquer vacilo é o suficiente para a morte bater na minha porta, então sim, todo cuidado é pouco.

O fato de ele ter descontratado, contratado novamente e eu ter encontrado aqueles três palhaços naquela cafeteria, me dão a margem para o pensamento de que ele está sim querendo brincar com a minha sabedoria, mas se ele ainda se ilude com esse pensamento, tenho que o entregar a mais pura carga de desapontamento, porque ao contrário do que imagina, irei acabar com a sua vida antes que pense que pode me pegar.

Sorrio, selecionando o endereço de Teófilo para que eu possa me deslocar até ele e então, começo a andar em direção a porta, deixando Tércio falando sozinho sobre a sua novela preferida das nove, no canal da Globo.

Meu corredor está gelado, frio e vazio, nada pode ser ouvido dele, diferente de como estava quando cheguei e isso me faz sorrir, enquanto continuo a andar em direção ao elevador do prédio. Cada passo sob o chão desse lugar, faz com que a minha cabeça martele, avisando-me que alguma coisa está errada... algo de muito errado me cerca e eu não faço ideia do que possa ser.

Então, alcanço o elevador.

Pareceu ter passado horas até que eu chegasse em sua frente... minha cabeça martela e a minha pele gela com o pressentimento de que algo vai acontecer. Sinto isso pulsando no meu sangue e eu não poderia estar mais feliz por isso, porque depois de um exaustivo dia em um lugar que clama para ser explodido com todos que agonizam chamando a morte, tudo o que eu mais necessito é realmente uma boa luta ou uma longa corrida. Acho que optarei pela segunda opção, já que não posso me expor.

Pisco tendo em mente que terei de mudar meu registro momentâneo, já que estou conhecida com o meu nome de registro e guerra. Íris Sensit... e isso precisa mudar logo.

Alcanço a portaria e me dirijo diretamente para a rua, ganhando na altura dos meus olhos a avenida e as pessoas que pelas calçadas transitam, sem se importarem uns como os outros.

Respiro fundo, sentindo meu coração bater mais rápido aqui dentro...

Íris Sensit...

Pessoas e mais pessoas apressadas, apenas querendo chegar em suas casas estão passando agora mesmo por mim, sem que eu me importe o suficiente para registrá-la.

Íris Sensit...

Minha cabeça martela, meu sangue pulsa e meus pés batem contra o chão de cimento da calçada, quando começo a correr e as lembranças alcançam novamente a minha mente.

Ele dizia que eu tinha que me concentrar, dizia que eu iria acabar morrendo se não conseguisse ficar atenta. Chamava-me de uma sonhadora de meia tigela e dizia que eu iria morrer antes mesmo de tirar a vida da minha primeira vítima, mas acontece que eu só era uma criança em busca de paz e a encontrava quando a minha mente viajava em possibilidades. Eu não poderia sonhar, não poderia imaginar, eu tinha que me concentrar ou iria morrer.

Ao meu lado, Tércio apanhava. Era açoitado nas costas, nas suas partes íntimas... Tim não tinha piedade. Na verdade, aquilo parecia lhe dar mais prazer que qualquer outro sentimento. Quanto mais ele batia em Tércio, mais raiva por ele eu sentia, mais eu queria o matar o mais lento que eu conseguisse... eu era uma criança, mas desejava que aquilo terminasse... eu não podia demonstrar sentimentos, aquilo era proibido, não gostaria de receber em troca o castigo e não podia chorar por mais que eu quisesse... eu não podia! Não posso.

A avenida está mais movimentada que o de costume e eu não me importo no quanto isso pode ser suspeito, por um momento tudo que desejo é lembrar para que eu tenha mais sede de vingança, mais sede de vontade em acabar de uma vez por todas com todos os malditos que me perseguem, que preciso perseguir, que preciso matar, que preciso destruir... eu poderia fazer isso agora mesmo com Teófilo, mas então eu não teria a resposta de quem é o meu contratante e ele é importante...

Sinto, meu peito bate e bate cada vez mais forte com essa certeza e eu não posso fraquejar. Não posso deixar que as emoções tomem conta de mim, do meu ser inteiro e das minhas ações.

Íris Sensit... Íris...

Posso sentir em cada pisada os cacos de vidros que perfuraram meus pés por dias e noites, enquanto eu tinha que manter em mente quem eu me tornava, quem eu era e o que eu precisava fazer para continuar viva, para não ver Tércio

sofrer com chibatadas vindas daquele que lhe deu a vida.

O amor... onde estava a humanidade? Quem seria minha mãe? Onde estava Ulga? Por que não voltava? Por quê? Por que me deixou nas garras daquele monstro? Onde eu teria de pisar para não afundar? Por que eu teria que adotar outro nome? Quem é Íris? Por que Nora tinha de morrer? Ela só era uma criança... Nora só desejava viver em paz, ter amor e proteção, mas ela morreu.

Ela morreu para dar vida a outra... a Íris Sensit.

— Cuidado, moça! Não olha por onde anda? – alguém gritou, quando topei contra o seu corpo, que andava rápido demais, talvez na mesma velocidade que eu, mas não percebi, porque os meus pensamentos estavam tomando conta de mim, porque as lembranças estavam ficando cada vez mais vivas à medida que as feridas voltavam a nascer em cada cantinho da minha mente, povoando Íris, dando voz a Nora.

Fui obrigada a parar para ajudar aquele que estava caído no chão, por conta do meu destemper. Ajudar... poderia rir, juro que sim, mas me forço a não o fazer, afinal tenho que camuflar, mesmo que meus olhos estejam cheios de lágrimas prontas para serem derramadas.

— Desculpe – eu disse quando na verdade eu só queria que ele fosse ao inferno, sofrer a mesma dor que estou sofrendo agora. Eu poderia até o deixar aí no chão e continuar andando, porém, nenhuma pista sobre como realmente sou, deve ser deixada em evidência, até porque isso poderia ser usado, de alguma forma, contra mim mais tarde.

— Tudo bem – ele falou antes de suspirar e se pôr em pé.

Com um último sorriso, virei-me e continuei a caminhar, indo ao meu destino que ainda estava um pouco distante. Decido que o melhor é tomar um táxi e expulsar a merda que me ronda a cabeça e atormenta o meu peito.

Caminho até o ponto mais próximo, onde encontro bem em frente, uma forte movimentação de pessoas. A frente demonstra algo parecido como um bordel, com as duas luzes piscantes e a ilustração de uma mulher com suas vergonhas destampadas e o olhar intenso em quem quer que passe, uma coisa linda de ser observada, realmente e eu poderia, inclusive, tentar algo assim... não sei se conseguiria, mas não custa nada tentar.

Suspiro, desviando minha atenção dele, para me voltar para um conjunto de homens, esses que sentados, observam os carros que transitam pela avenida.

— Qual está livre para agora? – pergunto olhando cada um deles, que me devolvem olhares simpáticos.

Ai que preguiça de simpatia... poderia estar lutando, matando, mas estou aqui bem plena e simpática para que eu possa tomar algumas provas contra o meu investigado quase morto. Defunto...

— Para onde? – pergunta um deles ao se levantar.

Seu cabelo cacheado e o sorriso brilhante, fazem-me pensar no que poderia ter acontecido para que ele estivesse sorridente e logo a essa hora da noite.

Suspiro e com um sorriso, digo o bairro ao qual preciso ir e ele, esbanjando ainda mais simpatia, sorri sacudindo sua cabeça, enquanto indica o seu carro, para que eu entre e assim o faço. Depois de estar dentro, assim como ele, deixo que minha cabeça fique apoiada na janela do carro, enquanto a paisagem e o trânsito infernal que nos ronda agora, povoa os meus olhos.

Alguém contratou os meus serviços, esse mesmo alguém começou a brincar comigo... isso não é bom, nada bom para ele. Talvez possa estar querendo me ter em suas mãos, para não me pagar o que deve, mas se é isso que pensa, espero que fique ainda mais que decepcionado, porque não vai conseguir.

Tenho vantagens e quanto a isso, ele nem ao menos imagina.

Sorrio levemente, quando o carro para em um sinal e a imagem de um belo rosto, um lindo rosto que eu vi hoje diversas vezes no hospital, volta a clamar ao meu lado, dentro de um carro chiquérrimo, que pagaria com certeza a cabeça de um homem.

Seu nome... lembro-me perfeitamente... Adiel, o médico geral mais lindo que já tive o prazer de encontrar. No lado do seu passageiro, vejo um senhor, o mesmo que vi há poucos instantes nas fotos do envelope que me foi entregue, como encomenda fechada para a morte dele.

Teófilo...

Será um filho dele? Ou parente próximo?

Pisco, quando a imagem dele contratando esse serviço nubla a minha mente.

Oh, mas esses olhos azuis de anjo, poderiam estar mesmo envolvidos em um pedido de morte? Mas como? Não... eu conheceria de longe um olhar vazio de um homem predestinado a morrer. Mas esse... esse não é e eu poderia bater uma forte aposta a favor dele.

Sorrio, piscando e arquitetando para que eu possa descer desse táxi mais à frente e fingir alguma situação para ser socorrida por eles, mas a lembrança da minha arma repousando aqui na minha cintura, me faz desistir, já que não posso correr esse risco.

O táxi começa a andar e o carro ao meu lado, contendo aquele lindo anjo, acelera tomando a nossa frente. E eu suspiro, recostando contra o banco, enquanto continuamos a avançar ao local ao qual o designei. O táxi para em uma rua antes da que desejo e então, eu o pago, para sair dele, logo em seguida.

Tudo ao meu redor está calmo, nenhum movimento e eu não gosto disso. Não gosto, porque é o que denuncia a alma de uma pobre assassina, que só busca

cumprir com o que lhe foi contratado.

Devagar, sigo até uma casa que fica em frente a de Teófilo, com a surpresa de me deparar com a imagem suntuosa do carro de luxo daquele homem que fisgou a minha rara atenção. Eu o encaro pelo vidro baixo do seu carro, tendo bem ao seu lado o velho quase defunto saindo.

Escondo-me por trás de uma árvore, essa que exhibe uma escura sombra noturna e espero que o anjo de olhos azuis, saia do seu carro para ir até a parte de dentro da casa do velho, mas ao contrário do que penso, ele só espera que o velho saia do carro, para que possa acelerar em frente, sem uma despedida final.

O que isso quer dizer, ainda não sei, mas essa é uma informação muito gostosa de ser sorvida. Adiel... o que me esconde?

Capítulo 9

Adiel Gaspar

— Jovem, meu jovem, você deveria dar uma chance para as mulheres... deveria, eu só acho – diz Teófilo, um grande amigo, antes de gargalhar.

Odeio quando ele começa com essas costumeiras conversas sobre como um homem não pode ficar sozinho. Eu gosto de estar sozinho com a minha solidão e foco para cuidar dos meus pacientes. Quando escolhi seguir essa profissão foi exatamente nisso que foquei, nada a mais.

Amores, paixões, estresses já não faziam parte da minha vida assim que comecei a trabalhar.

Estou feliz assim e desta forma que continuo querendo me manter.

— Estou bem sem elas – digo, sem passar muitas emoções, sem dar uma margem para que ele venha a conversar mais sobre, mas como sempre, querendo bancar um homem chato, Teófilo começa com mais dos seus discursos, o que faz com que eu me arrependa amargamente de ter oferecido uma carona a ele.

O coitado estava há um bom tempo sentado nas cadeiras da frente do hospital, ao lado do guarda noturno, à espera de um táxi, mas nenhum ali aparecia, então como um educado homem que sou, decidi oferecer uma carona a ele, para não ficar ali por muito mais tempo. E para a minha total falta de sorte, desde que entrou neste meu carro não para de falar em mulheres e mais mulheres, em como a vida sem elas é um inferno.

Já não sei o que dizer, tampouco que desculpas deveria do mais bom grado lhe oferecer, mas sendo bem sincero já não tenho paciência para continuar a lhe responder e graças aos céus já estamos perto da sua casa.

— Isso porque ainda não encontrou o amor da sua vida... – ele disse, quando paramos em um sinal, o que me forçou a descer o vidro do carro, para que eu pudesse tomar um ar diferente que esse em que ele estava me povoando. — Quando encontrei a mulher para preencher a minha mente e encher o meu coração, tudo voltou a ser colorido. Tenho certeza que com você não será muito diferente.

Suspiro, quando depois de uma eternidade o sinal abre e então, avançamos em frente. Trato de acelerar o máximo possível até que estamos na casa dele e quando ali chegamos, só espero que desça do meu carro e feche a porta, para que eu possa ir embora, diretamente para a tranquilidade da minha casa, tendo em mente que precisarei dormir para que amanhã eu possa cobrir um plantão que promete de todas as formas, por todos os lados ser exaustivo.

Acelero meu carro em direção a minha residência, onde o vazio me espera,

assim como tanto gosto. Poderia ter ao meu lado a companhia de uma mulher que pode levar para longe a minha solidão? Sim, poderia selecionar o contato de qualquer uma daquelas enfermeiras do hospital, que qualquer umas delas estariam aqui, entretanto não é isso que quero. Se eu ficar com alguma mulher, essa não será vinda do hospital, como tanto se jogam em minha direção, como se eu fosse um pedaço de carne, coisa que não sou e sequer serei para alguém.

Por trás da pesada máscara mortífera que carrego no meu rosto, existe um homem que pode amar, que pode cuidar e que acima de tudo, pode ser mais que um objeto sexual que uma mulher só deseja para depois descartar, como se nada valesse.

Não, eu não sou um qualquer para ser visto apenas como um pedaço de carne, como em muitas vezes aconteceu. Não vou sofrer novamente por conta de um alguém que só deseja me usar... não vou.

Aproveitando do som que verbera no meu carro, continuo rumo à minha casa, enquanto *Foy Vance* canta *Make it rain* de uma forma tão maravilhosa, que sinto vontade de fechar os olhos somente para absorvê-lo, deixando sua voz penetrar por meu ouvido.

À medida que me aproximo da minha casa, o trânsito parece ficar cada vez menos congestionado, o que agradeço muito, já que nada de mais maravilhoso pode ser escutado sobre ele e logo a essa hora da noite.

Suspiro, quando os arredores do meu condomínio podem ser vistos.

Um alívio bate perfeitamente com o verberar de cada nota musical no meu sistema nervoso, quando avisto a entrada do meu local de viver.

Conhecido na cidade por ser o mais seguro, HabitationNorth é o local mais espaçoso e belo que pude encontrar para morar, além de ser tranquilo, porém conto com a desvantagem de vez ou outra topar com algumas vizinhas casadas batendo a minha porta, alegando doença, quando na verdade nada possuem. Como eu disse anteriormente... um homem visto como um pedaço de carne. Irrita-me que isso seja real, que um homem possa se resumir a isso, a algo que se pode comer e depois descartar quando satisfeito. Eu sou um homem com muitos defeitos e talvez, pouquíssimas qualidades, mas tenho sentimentos e é a eles que eu prezo quando estou com alguém.

Esperava receber algo parecido de quem eu ficar e me relacionar seriamente.

Suspiro, ao parar meu carro na garagem da enorme e confortável casa. Todinha liberada para um único morador, Adiel Gaspar. O único homem que nela habita e que dela cuida. Ao parar o carro, saio dele e me conduz até a porta de entrada da minha casa, essa que está perfeitamente fechada, assim como a deixei nesta manhã, quando dela saí. Então, para que eu consiga entrar, eu a abro

com a única chave que possuo dela, assim logo em seguida, já consigo suspirar e a adentrar, trancando-a novamente.

Já tive algumas ocorrências de vizinhas que a invadiram no meio da noite para que eu pudesse salvar suas vidas de algo que nem elas sabiam o que era. Isso foi desgastando, até que enfim eu aprendi a ignorar chamados no meio da noite.

Suspiro, tirando o meu sapato branco e o deixando de lado, em algum canto ali na sala e então, vou em direção ao meu banheiro, onde tomo um longo e demorado banho, pensando em quando terei um alguém para me acompanhar.

A manhã se aproxima com o tocar do meu despertador, anunciando que é a hora exata de me exercitar e mais tarde, correr na segurança da manhã e no olhar quente do sol, que não demora muito estará beirando o lugar.

Espreguço-me e me adianto até o meu banheiro, onde tomo meu másculo banho matutino. Lembro como se fosse hoje, quando uma mulher que há muito tempo não vejo, me disse que observar-me enquanto banho era a coisa mais máscula e bonita de se ver. No final, o que reinou no nosso relacionamento foi apenas o status de que estava com um homem, que aos olhos dela, era bonito para se apresentar a sua sociedade, a mesma que estou me fodendo para a existência. E eu só desejava que ela me visse como algo mais que uma simples aparência construída em uma academia, a fim de me manter um cara saudável, assim como bonito ao meu ver.

Quem não gosta de se sentir bem com a sua aparência? Por que eu seria diferente? Gosto de me olhar no espelho e estar satisfeito com aquilo que vejo, porém me irrita que só me vejam como isso. Sou mais que uma casca e me irrita que me vejam apenas como uma.

Ao sair do banho, visto-me com as costumeiras roupas de treino e assim o faço. Duas horas de cansados levantamentos de pesos e mais pesos, agachamentos, corridas nas esteiras, alongamentos... tudo isso na minha academia pessoal, porque sair de casa já não me é um dos melhores bens, logo isso não me importa. Se pude pagar para ter uma academia na minha casa, então que seja. Academia em casa, uma casa própria, completamente minha e comprada com o meu dinheiro, o suor de um árduo trabalho iniciado em horas e mais horas de um simples ferreiro, prosseguidas por intensas horas de estudos e mais centenas cargas de horas trabalhadas em hospitais, salvando vidas.

Uma vida confortável é o que tenho e gosto dela, porém não é a única coisa que me importa no mundo inteiro.

Terminada as horas de malhação, saio da academia diretamente para fora de casa, vendo o sol já se fazendo presente aqui fora, diante as casas das dondocas e mauricinhos que por aqui residem. A grama verde, à medida que meus pés ganham vida, estão cada vez mais visíveis, enquanto a minha vida começa a não ter o mesmo sentido, a mesma felicidade, tampouco a mesma cor que outrora tivera.

Eu era um menino de poucos anos, quando comecei a trabalhar com meu pai na garagem da nossa casa. Ajudava-o a montar e cortar ferros, assim como a soldar, dando formas de portões, esses mesmos que muitos daqui o exibem. Minha vida era simples, mas lembro que era maravilhosa, não tinha do que reclamar. Na minha mesa nunca faltou comida, porque as soldas que meu pai fazia eram o bastante para sustentar a nossa mesa, composta por cinco bocas: a da minha mãe, a do meu pai, a dos meus dois irmãos e a minha.

Nosso mundo era colorido. Simples e colorido. Nossos brinquedos eram pequenos pedaços de ferros, os que sobravam dos cortes que meu pai fazia de algum vizinho, na comunidade em que vivíamos, e eu junto aos meus irmãos, brincávamos por horas e mais horas.

Sorrio, lembrando de como eu era feliz e realmente não sabia.

Lembro-me da minha irmã mais nova, se chamava Cyntia e ela era linda, com seu sorriso fácil e os pequenos cachos loiros, que eu costumava a lembrar do formato de um macarrão, aqueles enroladinhos que usamos para sopas. Meu irmão se chamava Kaique, o xodó da nossa mãe e o que dava mais trabalho a ela... sinto tanta saudade...

Meus lábios tremem, meus olhos nublam com as lágrimas que ameaçam inundar os meus olhos e a minha garganta parece adotar um pedaço de bolo no seu centro. Resolvo voltar para a minha casa, é o melhor para o momento, já que a minha mente está congestionando tudo ao meu redor.

É difícil que eles voltem a minha mente, porém hoje não é um dia qualquer... hoje é o dia em que completa vinte anos que os perdi.

Hoje fazem vinte anos, desde o pior dia da minha vida.

Capítulo 10

Íris Sensit/Zayxa Silva

Milena está forçando a minha paciência com a sua merda de falação e já nem sei se é melhor esperar para matá-la, porque para mim, a essa hora da tarde, no meu segundo dia de trabalho, ela já não é alguém com alguma função digna de misericórdia ou para aguardamentos, porém esse é apenas o meu segundo dia nessa droga, onde sou uma novata. Caso ela apareça morta, é obvio que a atenção de todos virá totalmente para mim, julgando que estão vendo que estou na sua mira irritante de desnecessariedade.

Ela poderia morrer... ficaria linda com uma bala no meio da cabeça ou com essa caneta, que tenho no meio dos meus dedos, pousada bem no meio do seu olho.

Coitadinha dela, morreu tão jovem!

Ela não merecia... tão bonita, com um futuro brilhante nas mãos.

Esse país é bárbaro!

Já posso até escutar os burburinhos que correrão nesse hospital quando isso acontecer, mas então, apenas preciso me contentar com a visão desta maldita sorrindo largamente em minha direção e com um salto quinze enorme e vermelho. Aposto que está fodendo algum poderoso do hospital. Por favor, quem vem trabalhar com um salto deste tamanho? E logo uma enfermeira, que passa o dia inteiro indo e vindo por esses corredores, cuidando de pessoas, ajudando médicos...

— Esse é o lugar de homens bonitos! Eu amo esse lugar! Mas sem dúvida alguma, quem ganha as eleições de homens mais gatos é Adiel... uma pena muito grande que seja assexuado. — Ela bufa, revirando os olhos e eu sinto vontade de rir. — Então, tenho que me focar em homens héteros, como Martin, aquele espécime maravilhoso e que é um amante delicioso... e meu, claro. Escutou, novatinha? Meu!

Desta vez, a minha atenção se volta para ela e já não tenho mais saco para aturar tudo o que ela diz e calada, porque o meu sangue não é de barata e eu não sou obrigada. E é por isso que a encaro de cima a baixo, correndo meu olhar sob seu corpo com os olhos semicerrados e uma boca que expressa todo o meu desprezo por ela.

— Para você, querida, é Zayxa. Z-a-y-x-a. Quer que eu desenhe ou prefere que eu pinte? — Soletrei meu nome pausadamente para que ela pudesse abstrair. — Acho que a sua inteligência não vai tão longe para que compreenda com um breve soletrar, acho que terei de pintar... e a propósito, querida, aqui ninguém

quer saber de homem mais bonito, rico ou feio. Só estamos sentadas e descansando, por isso recolha toda a sua insignificância e cale a boca. Que ódio, que ranço! O que ela ainda faz viva aqui? Alguém poderia me responder?

Juro, eu juro que isso era o que Íris falaria a ela agora mesmo, porém Zayxa é quem está no poder cheia de esmero e delicadeza.

— Meu nome é Zayxa, Milena – digo apoiando minhas pernas contra o chão e logo estou ficando em pé, para que eu não soque, com meu punho, essa caneta no meio do seu olho. — E não me importa os homens daqui ou de onde quer que seja. Faça o favor de me esquecer.

Suspiro novamente, antes de lhe dar a visão das minhas costas e sair dali, alcançando o corredor e caminhando rapidamente, até que estou girando o caminho contrário da enfermaria, essa que eu deveria estar tomando agora, mas com a minha força de vontade, decido que apenas vou cuidar de dar um fim completo a esse serviço maldito, com essa mulher maldita, antes que ela alcance o meu pior lado como a última fez antes do tempo estimado para que isso acontecesse.

— Zayxa! Zayxa!

Fecho meus olhos e puxo uma longa respiração, tendo que parar no meio do meu caminho com alguém a chamar o meu nome. Viro-me dando de cara com Eliza que exhibe uma expressão incômoda no seu rosto, que quase me faz revirar os olhos, mas que apenas decido não ser o melhor momento para tal coisa, julgando o quão boazinha ela foi comigo até agora.

— Sim?

— Ela é idiota, não liga para isso – ela diz ao me alcançar e para na minha frente, com suas bochechas coradas da pequena corrida que deve ter dado.

— Eliza!

Reprimo a vontade de rosnar quando escuto alguém a chamar, já sabendo que estou indo novamente a me desviar do meu caminho.

Preciso me aproximar deste maldito velho! Preciso arrumar uma desculpa, por mais idiota que seja, mas infelizmente ainda é cedo demais para isso e eu aprendi que andar devagar para conseguir sua presa é o melhor a ser feito. Pressa não leva ninguém a lugar algum... preciso lembrar, preciso!

— Sim, doutor?

— Preciso que administre um medicamento em um paciente, o último desta tarde, já que não achei nenhuma enfermeira disponível. Estão em alguma emergência, imagino.

Esse é do anjo, o mesmo que vi na noite passada dentro do seu carro e o mesmo que não consegui tirar da minha cabeça o pensamento da relação que mantém com Teófilo. Seu rosto pode ter um formato rude, assim como os seus

lábios carnudos, mas o seu olhar me passa uma inocência tão grande, que jamais seria capaz de imaginar algo mortífero nascendo em uma cabecinha que não parece planejar fazer mal a ninguém.

Ela acena e se vai, dando-me as costas e apressando os seus passos em direção ao local onde não sei em que canto dará, enquanto permaneço o encarando em busca de instruções, essas que não vem, mas nem preciso esperar muito, porque a voz irritante de Milena está preenchendo os meus ouvidos em questão de segundos.

— Ela é a novata que te falei, amor – ela diz e eu me viro em direção a sua voz irritante. Então, deparo-me com ela ao lado de um homem maduro, alto, cabelos curtos e uma aparência mortalmente arrogante.

Odeio esse tipo.

— E...? – pergunto arqueando minhas sobrancelhas, quando a vejo revirar os olhos, ainda escorada no ombro do homem.

Suspiro, observando-o me encarar dos pés à cabeça e depois a morder o lábio inferior. Ele está mesmo pensando que pode ter algo comigo? Com Íris Sensit? Esse não era um lugar para salvar vidas? Desgraça! Isso está mais parecendo um inferninho pronto para ser destruído, merda.

— Ela pode ficar no meu lugar nesse plantão de hoje... já que precisa de experiencia e mais tempo para se adaptar – ela disse com a boca perto do ouvido dele, que com os olhos semifechados acenou, concordando com o que essa maldita fala.

— E eu posso, é?

Sorrio, sem conseguir controlar o deboche que escorre por cada palavra, misturando-se com os sorrisos.

— Diz para ela, amor, que aqui eu sou rainha e que posso tudo.

Não acredito que estou aqui, me deixando ser humilhada por um projeto de puta como essa. Eu poderia esmurrá-la até a morte e depois poderia pisar o estômago deste maldito em seu calção para que não ficasse mais sob as minhas vistas.

— Isso mesmo... você é...

— Não quero saber. Guardem a informação para vocês, porque eu não sou nem um pouco obrigada a ficar aqui escutando murmúrios idiotas, vindo de pessoas mais idiotas ainda. Profiram tais palavras, enquanto estiverem sozinhos... – Dito isso, me viro e começo a andar, quando sou surpreendida com o chamado da vadia novamente.

— Você vai cobrir o meu plantão sim ou eu...

Paro e lentamente me viro, até que estou de frente para ela, exibindo um sorriso desgraçadamente diabólico, o que sempre dou as minhas vítimas antes de

as caçar e depois matar.

— Acho melhor.... acho bem melhor – digo e me aproximo, passo a passo lentamente até que estou com meu nariz a centímetros de distância do seu — que você não termine o que iria falar. Nunca, em hipótese alguma ouse me ameaçar, queridinha. Você não me conhece... e eu não estou aqui para servir de tapete de vadia mimada. Escutou, ou, quer que eu repita?

Meu olhar sob o seu arregalado está feroz. Minhas mãos tremem para terminar com isso aqui de uma vez por todas, mas ao que parece eu estou com meu autocontrole cada vez mais pulsante.

— Moças, peço que adquiram posturas profissionais. – Essa é a voz do grande e musculoso homem rústico, que mantém a minha atenção um pouquinho mais focada no que ele diz. A sua voz sussurrada, mais parece um canto divino pronto para enfeitiçar o inferno que ronda o meu interior. — Vocês estão no trabalho e eu não quero ter de reclamar a Bell o que as duas senhoritas estão fazendo por aqui.

Sorrio voltando o meu olhar para ele e me surpreendo por encontrar uma bela e deliciosa confusão viril e cheia de rigidez em suas feições, enquanto que em seu corpulento mar azul, uma trovoadas brilhante jaz ali.

— Essa metida vai ser demitida agora mesmo, porque eu vou fazer acontecer – Milena rosna, mantendo o seu olhar furioso em mim. — Amor, a demita. Não gosto dela. Você tem que demitir essa vadia. Veja como ela me trata – ela diz antes que uma gargalhada alta rompa a minha garganta.

— Melhore. Não vou ficar aqui te dando tanta audiência, já que é a única coisa que deseja no momento – pisco, afastando-me dela. — Seja *profissa*, gostosona... seja *profissa*.

Viro-me tomando meu caminho para bem longe desta maldita, antes que os meus instintos falem mais alto que a minha racionalidade.

Ódio! Essa maldita está me fazendo perder o rumo da minha personagem. Minha personagem! Eu sou uma atriz de quinta, agora. E não consigo me perdoar por isso, por ter me feito cair tanto do salto. Aguentei tantas horas essa maldita falando ao pé do meu ouvido coisas desconexas, para explodir assim e logo no meio de um corredor.

O meu atestado de demissão.

A minha sorte é a de que não posso ser demitida, não se eu não quiser.

Enquanto minha respiração volta ao normal, pouco a pouco, deixo que a minha racionalidade tome conta do meu corpo com as perguntas que não param de rondar na minha cabeça.

Por que eu tinha de ser contratada por este hospital? Por que eu teria que trabalhar aqui para matar esse velho? Tércio está sabendo de coisas que não

estou sabendo, é isso?

Bem, vejo que tenho coisas a descobrir ainda hoje, porém não agora, porque tenho uma cama para arrumar, já que acabei de a desarrumar com a vadia da Milena no meu encalço.

Encaminho-me até o lugar onde Bell, a enfermeira chefe, fica e quando estou lá, procuro-a para que fale comigo. Assim que a tenho frente a frente comigo, começo a detalhar o que aconteceu mais cedo e, para a minha surpresa, acabo levando alguns esporros.

O que me faltava em um dia tedioso como esse.

Plantão.

Plantão.

O que me foi designado nesta noite foi plantão.

Eu ficaria de plantão aqui, enquanto aquela maldita se esbaldava em sexo com aquele maricas maldito, mas isso não vai ficar assim, porque ela está mexendo em uma cobra venenosa e ela vai morrer envenenada.

— Com licença – alguém diz, mas não me viro para observar quem seja.

Estou ocupada demais cuidando das feridas de um alguém que não respeita as regras de trânsito e acaba por sofrer impactos em outros veículos. Almas como essa deveriam estar transitando no inferno, não sob uma cama de hospital, dando trabalho a uma assassina como eu, que só precisa alcançar um andar para que possa encontrar provas, absorver coisas e então, tocar fogo nesta merda de lugar.

Ódio, que ódio!

— Você está ocupada?

Uma pergunta com essa nem merece uma resposta e é por isso que não me viro para dar uma a quem quer que seja.

Se diz enfermeira chefe, a outra, e ainda se rende a ordens de um pau mandado como aquele engomadinho de merda, que vai morrer e isso vai acontecer logo, enquanto desfruto de uma longa estadia em Fernando de Noronha, gastando mais e mais dinheiro dessa missão que é mais que um simples contrato. Essa merda está ficando cada vez mais pessoal e eu só desejo pousar uma merda de uma bala na cabeça da pessoa. Esse não é o primeiro hospital em que trabalho, tampouco não é a primeira vez que sirvo de enfermeira para alguém, porém é a primeira vez que penso em mandar meu controle para o inferno, ao tempo em que saco uma submetralhadora e a descarrego na cabeça de cada idiota de merda que por aqui transita. Bando de parasitas!

— Hey, estou falando com você – a pessoa diz e eu puxo uma respiração audível, antes de voltar minha atenção para o mesmo parasita alienado por aquela vadia.

Ele encara o meu corpo com fome e tudo o que quero enviar a ele é o meu punho bem no meio da sua face, o que resultaria na minha demissão instantânea.

— O que você quer? – rosno cada palavra, vendo-o arregalar os olhos, estando espantado com o meu tom de voz combinado com a ira que envio por cada fagulha que solto dos meus olhos.

Hoje estou pronta para lutar... oh, como eu queria matar...

— Conversar sobre o ocorrido de mais cedo e...

Este cara não deveria estar curtindo com aquela maldita?

— Estou ocupada e não me interessa o que tem a me dizer.

Passei horas de um dos meus dias para planejar uma personagem, para ela ser quebrada desta forma com a mais pura e escancarada Íris sendo revelada a todo vapor, enquanto que Zayxa só é mantida com o nome que carrega.

— Eu só queria desfazer o mal-entendido. Não podia deixar Milena irritada, então tive que dar um jeito...

— Ok, agora sai – rosno com a minha voz estando mais aguda e grossa que o normal, até que escuto um suspiro sendo seguido de um bater de porta, que espero que ele tenha saído daqui mesmo, mas o meu sossego não demora muito, porque a porta volta a ser aberta mais uma vez, mas desta vez outra voz verbera no local.

— Venha me ajudar em uma cirurgia de emergência.

Capítulo 11

Íris Sensit/Zayxa

Se antes o meu humor estava uma merda, agora nem se fala, porque foram horas e mais horas na ala cirúrgica, para que no final, a pessoa morresse.

Mais um acidente de trânsito, onde este defunto estava alcoolizado e ainda por cima, tirou a vida de mais duas pessoas inocentes. Bem, já morreu tarde e só sinto porque fiquei horas em um procedimento mais chato que o meu humor para que no final ele simplesmente viesse a óbito, mas esse não é pior. Não... porque nessa minha vida, com a sorte que carrego nos meus ombros de aço, não poderia ser apenas isso, certo? Certíssimo.

O médico lindo, de aparência rústica está aqui no seu consultório parecendo derrotado, com lágrimas borrando seu lindo rosto, enquanto não consigo compreender o que diabos possa estar acontecendo aqui. O cara chora como se nunca tivesse visto alguém morto na sua frente, como se o defunto fosse algo seu.

Suspiro revirando os olhos, quando a cadeira em sua frente parece ser confortável e eu me aproveito dela, enquanto ele continua parecendo derrotado, cheio de dor em seu rosto, cheio de sofrimento sendo escancarado por cada lágrima que escorre dos seus olhos.

Que exagero! As pessoas morrem, é normal. Todo mundo nasceu para viver, crescer e depois morrer. O que diabos esse cara faz chorando ainda?

— Não deveria ter morrido... eu estava perto de...

Suspiro novamente buscando um pouco de paciência dentro de mim para tentar lidar com isso. Como eu poderia dizer a ele que está sendo bobinho e que a morte faz parte da vida das pessoas?

— A culpa é minha... — diz e funga, fazendo-me revirar os olhos internamente, enquanto observo tantas lágrimas escorrerem por seu rosto.

Como ele pode chorar pela morte de alguém que ele nem ao menos conhecia?

— É, a culpa é sua — digo encarando-o com seriedade, vendo que levanta rapidamente a cabeça, para olhar nos meus olhos — se continuar se martirizando. Pelo amor de Deus, todo mundo morre. Complicações existem e são venéreas em todos os âmbitos da vida... a operação foi complicada, você fez o que pôde, não deu certo... ok, vida que segue.

Ele me encara como se eu fosse algo incompreensível, como se cada palavra que saiu da minha boca fosse proposital para causar um redemoinho de coisas no seu interior. Não gosto do olhar que ele está me dirigindo, tampouco

das outras lágrimas que começam a brotar nos seus olhos. De alguma forma, que eu realmente não sei como, isso me deixa curiosa.

— Para um médico, a morte de um paciente significa fracasso – ele diz e se adianta rapidamente em limpar o seu rosto das outras lágrimas que o borram.

Semicerro meus olhos, encarando-o com completa atenção, vendo a realidade que demonstra por cada palavra dita, demonstrando a verdade, a realidade, a dor e o seu sofrimento em perder um paciente.

— É uma maneira meio torcida de se pensar, não acha? Quantas vidas você já perdeu em cirurgias emergenciais? Eu já vi muitas se perderem no vácuo de uma sala de operações. Já acompanhei muitas mortes e para ser bem sincera, nada disso me surpreende – digo vendo-o suspirar com um fino sorriso beirando os seus lábios, enquanto permaneço aqui com a plenitude curiosa tomando conta de mim.

Semicerro meus olhos, observando-o antes de abrir sua boca para me responder.

— Nunca será normal perder vidas, independentemente do tempo que exerço minha profissão – ele diz, sua voz ficando mais grossa agora, porém com uma suave leveza ao final da sua sentença.

Os seus lábios se moviam com uma perfeição raivosa e contrariada, que me rendeu um sorriso, apesar de que está falando uma besteira sem tamanho, mas que sem dúvida alguma é algo a se pensar. Ora, por que um ser humano presaria pela vida e bem-estar de uma outra pessoa que nem ao menos conhece? Por que alguém choraria pela morte de alguém que nunca conversou, que não teve convivência? Por quê?

Intrigante... este homem aqui é intrigante, porque tenho certeza que outros médicos não ficam tão arrasados como esse ficou agora e aposto que ele possui anos de profissão.

— Mas deveria ser compreensível, já que deve ter em mente que a todos não conseguirá salvar.

E eu realmente quero dizer isso.

Quando este hospital estiver em chamas com a cabeça de um certo diretor em jogo, duvido muito que conseguirá salvar uma vida que seja, porque tratarei de depositar uma bela de uma bala bem no meio das suas cabeças.

Oh, morte instantânea... quero ver se vai chorar depois disso.

— Você não entende – ele diz e suspira depois, parecendo derrotado.

É, ele sabe que estou certa, mas nesse momento não deseja que a verdade seja escancarada na sua frente, porque o mais confortável a ser abstraído é a ideia de que é um fracasso, mesmo tendo tentado de tudo para salvar a miserável vida de um homem inconsequente. E para ser bem sincera, se ele não tivesse

morrido naquela mesa, eu o teria matado duas horas mais tarde, quando o estivesse levando para a UTI.

Em posse de um pouco de paciência, que é o que ainda me resta, me levanto e lhe dou as costas, já que a minha companhia aqui dentro não será a mais presada por este ser depressivo, que não consegue lidar com a perda de uma mísera vida.

Bobagem.

— O seu plantão ainda não chegou ao fim – ele diz seguido de um suspiro e eu me viro, pondo um sorriso nos meus lábios para o encarar. — Como pode sorrir depois do que aconteceu?

— Estou acostumada com a morte, fofo. Ela já não mais me afeta.

Pisco um olho para ele, antes de sair da sala, deixando-o sozinho e pensando no seu fracasso como médico, porque um homem idiota morreu. *Me poupe, tenho mais o que fazer da minha vida.*

— Zayxa, não é? – Levanto o meu olhar, quando o mesmo homem que estava na companhia da “Vadilena”, interfere no meio do meu caminho com os olhos arregalados e a respiração acelerada.

— Quer um conselho? Não se meta no meu caminho. – A amargura pinga por minha voz à medida que lanço olhares afiados e cheios de ódio em sua direção. — A propósito, qual o seu nome?

Seu rosto está vermelho e a sua boca se abre e fecha seguidas vezes, sem conseguir compreender o que acabei de fazer. Reviro os olhos. Quem diabos compreende a morte? As pessoas desse lugar estão muito mal-acostumadas, apesar de estarmos em um hospital, um local onde você vive ou morre, simplesmente. Não tenho paciência para as pessoas deste lugar, o que me leva a pensar que devo triplicar o valor desse serviço.

— Martin. Desculpe-me, não quis irritar você.

Se ele soubesse o quanto a existência dele me incomoda, não estaria bem na minha frente, a poucos passos de proximidade, tendo o meu braço a pequenos passos de conseguir acabar com ele... *se ele soubesse.* As palavras estão na pontinha da minha língua, prontas para serem liberadas, mas ao contrário do que tudo em mim pede, apenas me afasto e continuo o meu caminho para bem longe dele, deixando-o sozinho no meio do corredor.

Dádiva daquele que consegue compreender uma mulher irritada, uma mulher que foi contrariada, uma mulher sem nada a perder, uma mulher sem escrúpulos, tampouco remorsos... uma assassina cheia de ódio e ranço para explodir em rostos que só em dois dias me fizeram ter mais raiva que tudo na vida inteira.

Se eu não estivesse sendo paga para matar essas pessoas é com certeza que

eu o faria mesmo assim, degustando da graça de observar as suas existências se esvaindo dos seus corpos, sem que mais nada nesse mundo me impeça.

— Moça, moça!

Sinto vontade de revirar os olhos, de mandar essa coisa ir para o mais profundo inferno, mas ao contrário disso, paro os meus passos, coloco um lindo sorriso simpático nos lábios e me viro, tendo nas minhas vistas uma pequena menina loira. Ela vem até mim e sorri, quando para a poucos centímetros de distância.

— Sim? – eu pergunto e ela suspira sorrindo.

— É que o meu irmão estava em operação e eu pude ver que você entrou junto com o médico e...

— O do acidente de carro?

— Sim, ele estava alcoolizado, mas não teve culpa de nada. Orei muito a Deus para que tudo ocorresse bem, mas um médico me disse que vocês acabaram a cirurgia há poucos minutos e...

— Ele morreu – digo, cortando todos os seus argumentos e falação exacerbada.

Observo seus olhos se arregalarem, depois marejarem e por conseguinte a sua boca se entreabrir. Ela leva as duas mãos até a sua boca, onde a tampa, demonstrando todo o seu choque e surpresa. As lágrimas começam a cair dos seus olhos e eu já começo a dar alguns passos para trás, porque não estou com muito saco para estar aqui observando uma meninazinha como essa, começar a se desmanchar em lágrimas no meio deste corredor.

Pisco, encarando-a, mas nada acontece dentro de mim ao ver que ela chora com o sofrimento claramente estampado na sua face.

— Eu o vi morrer – sussurro e ela arregala mais os olhos.

Sua testa enrugada, quando a consciência do que estou dizendo bate em cheio na sua compreensão. As mãos que antes estavam em sua boca, se separam para ir uma até a sua cabeça e outra para a sua cintura, enquanto que o seu olhar se perde no meu rosto. Lágrimas caem dos seus olhos e escorrem por seu rosto. Não sinto nada de diferente no meu peito.

Eu deveria chorar ou me sentir mal como o bonitão rústico?

— Mas ele não sentiu dor, estava anestesiado, porém o seu coração não suportou – digo, quando ela quebra e cai de joelhos aqui no meio do corredor do hospital.

Zayxa deveria fazer algo, certo?

Seu choro começa a ficar cada vez mais alto, o que chama atenção de alguns que por aqui andam, então para passar a imagem de boa e solidária moça que Zayxa precisa ser, ajoelho-me da mesma forma que ela e a abraço,

acolhendo-a nos meus braços que só queriam estar matando Milena. Passo minha mão por sua cabeça, em um ato que visa levar conforto e ela se entrega ao que estou passando, apertando o meu braço em um aperto feroz.

Não é para tanto, menina, não é para tanto...

— O que está acontecendo aqui? – alguém pergunta e eu, como uma atriz de primeira linha que sou, adquiro uma expressão triste, digna de um óscar e subo meu olhar, encontrando Bell, a enfermeira chefe do meu ódio momentâneo.

— Ela está com dor – eu digo e Bell suspira pesadamente, se agachando para tocar a garota.

— Onde dói? – pergunta, mas nada é dito por ela. — Explique-me.

Reprimo a vontade de revirar os olhos pelo bem da minha missão e a encaro.

— O irmão dela morreu e ela está sofrendo – digo dando de ombros, quando ela me aperta mais e afunda a sua cabeça na curva do meu pescoço.

Posso sentir as lágrimas dela molharem a minha pele e quero afastá-la, mas não agora e aqui, quando todos estão passando e vendo essa pequena cena dramática, porque alguém morreu. Deveria estar dando pulinhos de alegria por ele ter morrido, porque caso contrário, estaria sendo conduzido até a prisão, onde teriam pessoas muito mais perigosas que tudo nessa vida.

Prisão... perigo, perigo, perigo.

— Zayxa, tire-a daqui, por favor – Bell diz com um suspiro cansado e eu, como a compreensível que não sou, mas que preciso ser, o faço, arrastando essa pequena atraso de vida até as cadeiras da frente do hospital, onde fico sentada a consolando.

Mas até que isso serviu para alguma coisa. Visualizo o mesmo velho que tenho de aniquilar passar na frente das cadeiras, com uma maleta de couro em mãos, para se dirigir até a frente do hospital, onde se senta em uma cadeira ao lado do vigia que por ali fica.

Interessante... muito interessante.

Ele fica aguardando, aguardando e aguardando. O sol começa a anunciar e ele continua ali parado sem dizer nada, o que me leva a pensar que ele pode estar dormindo. Essa é uma oportunidade perfeita para lhe dar um fim. Ora, dormindo na frente do hospital, eu poderia me armar no prédio em frente a esse e poderia o matar. Ninguém veria, tampouco suspeitaria que fosse eu. Uma morte perfeita e trágica demais. Eu, por exemplo, poderia ser a primeira a ver o seu corpo morto... e poderia começar a gritar muito até que todos viessem ver aquilo.

Um crime perfeito.

Sem desconfianças, porém com um gancho solto. Meu contratante sabe quem sou e provavelmente estará usando isso contra mim, talvez até para não me

pagar? E eu não posso deixar isso acontecer.

Quando sou finalmente liberta dessa maldita função, encaminho-me até a saída com um bolsa de lado e para a minha total sorte, encontro o mesmo senhor Teófilo, o que está perto de morrer, ainda sentado no mesmo local, só que com o rústico bonitão ao seu lado, cutucando-o. Fico na outra extremidade, observando os dois se moverem até o mesmo carro de luxo que ele estava exibindo ontem.

Ao que parece irão para casa agora... e juntos, não é?

Interessante demais para o meu gosto.

Tomo a frente e começo a andar em frente, antes que acelerem e acabem passando de mim. Ando pelas calçadas da avenida, que fica em frente ao hospital.

Por ainda ser cedo, o local está praticamente vazio com o pouco movimento da manhã. Um sorriso está brilhando interiormente aqui dentro de mim, quando presumo que eles já devem ter entrado no carro e decerto estarão vindo por essa avenida, até porque para que eles possam chegar ao bairro que Teófilo mora, é de obrigatoriedade que passem por aqui, julgando que é a única via que liga esse bairro ao vizinho ao dele.

Sorrio e saco meu celular da minha bolsa ao avistar dois homens de características duvidosas perto de uma mureta, fumando o que eu acredito ser maconha, julgando pelo cachimbo que segura e o forte cheiro que está por onde ando. Seus olhos vêm diretamente para o meu celular e logo, estão se desencostando da mureta para me seguirem. Guardo o meu celular mais uma vez dentro da minha bolsa e a aperto, a fim de passar a eles a imagem de que é algo importante que eles podem até considerar valioso.

Apresso os meus passos e eles andam ainda mais rápido na minha direção.

Passo por um carro parado entre a calçada e a avenida, no seu meio habitual de movimentação e então, olho pelo seu retrovisor, tendo a visão dos dois me seguindo e não me passa despercebido o carro branco que vem devagar logo atrás.

Em uma tacada muito bem calculada, começo a correr rápido e em algum momento de burrice completamente planejada, olho para trás, só para vê-los me seguindo, correndo na mesma velocidade que eu ao mesmo tempo que o carro acelera lá atrás.

Ao que vejo serei salva hoje pelos dois cordeirinhos que me darão êxito em conseguir o que quero: ficar perto de Teófilo e conseguir informações.

Sigam-me, cordeirinhos.... me sigam!

E assim eles o fazem, caindo na minha teia.

Capítulo 12

Íris Sensit/Zayxa

O carro para bruscamente na minha frente, fazendo-me frear a minha corrida, sendo seguida de um puxão brusco da bolsa que eu segurava com uma força considerável para que não chegasse a cair no chão, todavia, necessitada de um pouco de drama, deixo que ele me gire e me derrube no chão, ao lado do carro e talvez eu possa ter exagerado um pouco nessa queda drástica, seguidamente de um praguejo baixinho, quando percebo que realmente feri meu braço ao me chocar com o chão da avenida.

Uma bela atriz, eu sei.

— Ei! Droga!

Uma voz grossa se faz presente perto de mim até que escuto uma porta se abrir e logo, aquele lindo homem rústico está saindo dela, exibindo uma careta preocupada e um bico exageradamente bonito.

Veja só o bonitão caindo na minha armadilha. *Como pode?*

— Você está bem? – pergunta ele ao se ajoelhar rapidamente ao meu lado e eu prendo o sorriso vitorioso que estava prestes a estragar a minha atuação, então no lugar dele revelo uma leve careta de desconforto.

Íris está ótima e certamente teria matado o moleque com apenas um par de golpes, porém Zayxa está mal e ferida, coitada. Vai precisar da ajuda do bonitão rústico e do senhor Teófilo, o futuro defunto.

— Acho que sim – sussurro fazendo uma careta ao levantar um pouco com a ajuda dos meus braços, tendo na minha frente a imagem dele, que vasculha o meu rosto em busca de sinais de algum machucado.

É de fato curioso a maneira como uma pessoa se interessa em observar e cuidar de outra que nada tem a ver com ele. Uma pessoa que pode, inclusive, matá-lo a qualquer momento ou até no intervalo de uma piscada. É bonito demais, encantador, algo muito além do ser humano. Se existir um Deus por aí, este homem aqui pode ser considerado o seu conservante em forma humana, o seu ajudante, um anjo.

Ele suspira e volta o seu olhar para mim, para o meu rosto e consigo ver perfeitamente a preocupação que ali está estampada, o impulso de ajudar, a maneira de observar... tão original, porque não sou capaz de imaginar um outro médico que tenha esse sentimento de ajuda dentro de si.

— Ele levou a sua bolsa – diz o velho futuro defunto aparecendo ao meu lado, exibindo um semblante preocupado. — Onde mora? Podemos te dar uma carona.

Suspiro, fechando meus olhos e tomo mais um impulso para levantar. Abro os olhos e faço uma careta de desconforto, a fim de passar aos dois que posso estar sentindo dores em algum lugar, esse que nunca saberão. O bonito rústico suspira tocando meu braço e o que eu imaginava serem mãos sedosas e lisas, acabam por me surpreender, quando sinto calos em sua palma no instante em que ele a fecha sob a minha pele.

Um médico? Com calos em sua palma? É mesmo? Não consigo acreditar...

Para mim, isso não é normal, nunca é quando estou por perto e com o acréscimo de bons anos de serviço prestados.

— Iremos te deixar em casa – ele fala com sua voz grave e autoritária, o que quase me faz jogar a cabeça para trás e gargalhar alto, mas que com toda a força de vontade que existe dentro de mim, apenas viro minha cabeça em sua direção e o encaro, tomando algumas respirações profundas.

— Posso pegar um táxi – digo e ele me encara estudando a profundidade do meu olhar e das minhas palavras.

Percebo isso por cada respiração dificultosa que traga na minha frente, combinadas com os apertos nada leves que está fazendo ao redor do meu braço. Bem, então acho que necessito de pesquisas mais aguçadas sobre mais pessoas... bem mais pessoas e para que isso aconteça em questão de segundos, necessito fazer contato com meu querido Tércio.

— Não, você virá conosco – ele diz novamente com a sua voz tão grossa e arrastadamente sexy, quanto o seu corpo.

Suas linhas corporais estão tensas e posso notar isso claramente. Ele está alterado e eu estou muito bem interessada em saber mais sobre isso, sobre ele e sobre essa alteração toda aqui, porque ainda não consigo compreender.

— Não aceito ordens de ninguém, mesmo que a minha situação momentânea não seja a melhor – digo revelando um pequeno sorriso logo em seguida. — Agradeço por ter parado, mas posso ir até o ponto de táxi mais próximo para que...

— Não será incômodo algum te deixar em casa, enfermeira novata. Ao contrário, ficaria aliviado se assim o permitisse – ele diz soltando devagar a respiração que estava presa no meio da sua garganta.

Arqueio uma sobrancelha, mas nada digo, preferindo ficar de boca fechada. Zayxa jamais teria dado essa resposta, esse é o lado de Íris e esse não deve ser posto em evidência. Diabo de personagem que não se impõe e eu estou começando a odiá-la.

Zayxa, a fofa carismática... onde está você?

Não dá para encarnar uma pessoa assim... não, Íris. Não, na verdade Íris pode encarnar o que ela quiser, não será diferente com uma maldita personagem

carismática e fofa. Pelo amor de todos os Deuses, é obvio que isso vai acontecer.

— Deus! – Escuto o quase defunto sussurrar, mas não me viro para o encarar, porque estou intrigada neste ser à minha frente. — Seu braço está todo ralado... vamos, vamos, vamos, vamos! Eu, como seu superior, estou lhe ordenando a nos seguir e sem teimosias, pelo amor de Deus.

Travo minha mandíbula travando minha respiração no meio da minha garganta, quando a vontade de o mandar ao inferno aqui e agora me vem à mente. Isso seria fabuloso, porém não aconselhável quando tenho tanto para descobrir e tanto para fazer. Por este motivo, me conduzo até a porta de trás do carro do doutor rústico bonito e quando ele se apressa em a abrir para mim, eu entro e sento no banco traseiro. Ele fecha a porta e escuto um suspiro pesado ali do lado de fora.

Eu os dobrei, eu os fiz se render e parar o maldito carro. Eu e somente eu. Eles estão aqui, porque eu assim quis.

Odeio, do fundo da minha vendida alma, ser ordenada, mas como Zayxa não é assim, apenas suspiro ao acompanhar os passos rápidos dos dois em entrar no carro e fechar a porta logo atrás deles.

— Que mulher teimosa – o defunto sussurra desviando seu olhar para o anjo rústico, que o devolve um olhar de pura compreensão.

Zayxa, assuma essa merda aqui, porque a Íris está se tornando cada vez mais viva aqui dentro de mim... diga-me que está aí!

— E grossa.

Um pequeno e baixo rosnado sai por meus lábios ao mesmo tempo que meu maxilar é travado com toda a força do meu corpo. Eu quero matar esse velho... e quero que isso aconteça agora, mas preciso manter na minha mente que tudo feito devagar e com cuidado é de bom êxito.

Só preciso manter isso na minha cabeça até o fim das minhas investigações.

— Roubaram a minha bolsa com as minhas coisas, não a minha audição, logo meçam suas palavras, porque estou aqui e sou capaz de ouvir tudo – murmuro olhando pelo retrovisor, tendo o olhar de Adiel diretamente no meu campo de visão.

Ele sorri parecendo surpreso e eu continuo com o meu olhar duro em cima dele, atitude típica de Íris Sensit, o meu dominante eu. Não sei o que acontece que não consigo manter Zayxa intacta, sem que Íris venha a frente. Zayxa está permanecendo como uma pura figurante dentro de mim, enquanto Íris está no comando como sempre esteve. Desta vez, ao que posso notar, não será possível que um outro personagem assuma a minha frente, a não ser a própria Íris.

Recosto minha cabeça no banco do carro e deixo que ele se afaste, enquanto permaneço quieta e calada, acompanhando cada movimento de Adiel, à medida

que precisa mudar de marcha ou até mesmo buscar a visão pelo retrovisor do carro. Ele não me parece um combatente, tampouco um assassino disfarçado, porém se fosse é uma obrigação que não o fizesse transparecer a julgar que está ativo e em missão, como estou agora, só que com uma demonstração de falta de profissionalismo não consigo dominar o diabo de uma personagem.

Doce, pisável, calma e plena, é como Zayxa deveria ser, não como uma amarga e grossa mulher, mas para ser bem sincera não me importo, mesmo que em uma morte em massa nesse hospital fosse pouco provável que uma simples e recatada enfermeira viesse a ser um alvo próximo.

Adiel pergunta qual caminho deveria seguir para ir em direção ao local onde moro e eu o digo, com a minha voz permanecendo dura e rude. Íris no comando, Adiel no volante e a minha atenção é dele, tanto que quase deixei passar o momento que Teófilo desceu o vidro do seu lado e algumas figuras atípicas paradas perto de uma árvore, foram perfeitamente visualizadas. Um está em pé, seus braços cercados por tatuagens, assim como o seu pescoço e, pela regata que usa percebo que no seu peito também há muitas delas. Bem, ao lado dele estão mais dois homens e uma mulher. Um dos homens é gordo, rechonchudo, porém possui um olhar duro de quem muito deseja levar a maldade e o outro, com a sua aparência de um homem mais vivido, me passa a visão de algum homem importante que poderia estar perdido e à espera de alguma carona, mas ao contrário disso as suas inquietas mãos e o olhar mais focado na frente, em cada carro que por ele passa, demonstram o completo oposto.

Quando meu olhar buscou o corpo de cada um, foi como se o tempo tivesse parado consideravelmente, porque os reconheci no mesmo instante que meus olhos bateram em cima deles. São os mesmos homens que estavam na cafeteria aquele dia e posso apostar que estão aguardando que eu passe por aí, porque esse foi o mesmo caminho que percorri ontem.

O carro em que estou acelera, passando por eles e quando vou me dar conta, já estamos parando em um semáforo, esse com muitos carros. São muitos os que estão aqui parados, mas o que me prende é que eles, logo ali atrás estão caminhando pela fileira de carros, aproximando-se de cada um, com uma boa olhada nos seus interiores. O retrovisor me garante isso e como os vidros deste carro aqui são negros, suponho que não consigam ver quem está aqui dentro, a não ser que tomem a frente e nos olhem pelo vidro que permite a visão de Adiel.

Ah, se eu estivesse sozinha... só precisaria de uma boa luta para dar cabo deles, mas preciso descobrir o que querem, além do que preciso ter a certeza do quanto sabem sobre mim.

A mulher negra toma a frente e é o exato momento em que Adiel coloca o

carro em movimento, seguindo o fluxo à sua frente, que está muito rápido, o que nos permite avançar rapidamente para fora dali. Afastando-nos dos que estavam se aproximando de nós.

Tenho alguns palpites e um deles está ligado a três pessoas: Malaquias, Júlio e o contratante.

E em todas as três, juro que os matarei, caso sejam qualquer um deles.

Eu os matarei por estarem me ameaçando desta forma e os torturarei antes, por me causarem tal preocupação. E suas mortes não serão nada rápidas, isso posso garantir.

— Te assaltaram? — Tércio me encara com um misto de divertimento e choque, mas no final, sua gargalhada ressalta por todo o ambiente do apartamento, enquanto reviro meus olhos e adentro o meu apartamento, tendo logo atrás mim o futuro defunto e o anjo rústico. — Espera... eles te assaltaram?

Bufo audivelmente tomando o caminho da minha cozinha, quando um arquejo se faz presente na minha intacta audição.

— Tenho cara de bandido? — o velho pergunta e eu reviro os olhos ao abrir a geladeira e tiro de lá uma garrafinha de Nescau.

— Bandido não tem cara, meu senhor — Tércio diz com um sorriso mascarado em seu rosto, fazendo-me mais uma vez revirar os olhos.

De fininho, saio da cozinha e entro no meu quarto, onde abro o celular de Teófilo e tiro a sua bateria, deixando-o desligado e depois, o coloco embaixo da minha cama, onde não será capaz de ser visto.

Quando estava me ajudando a sair do carro, porque gemi pedindo ajuda, bem dramática, aproveitei a oportunidade para retirar o aparelho do bolso da sua calça, sem que ele o sentisse, o que foi muito fácil já que estava mais focado em me segurar do que no celular que estava bem afastado da sua pele e seguro pela minha mão.

— Vocês são namorados? — Essa é a voz de Adiel, a rouquidão mais que sexy e encantadora.

— Oh, não! Somos irmãos — ele diz e eu escuto perfeitamente a sua risada contida. — Sou o mais calmo e centrado, como podem bem ver, enquanto ela... Deus, tenha piedade da minha alma.

Suspiro, levantando-me da cama para que possa ir até a sala acabar com a estadia dos dois no meu campo de abate e planejamento. Espero que as câmeras tenham pego perfeitamente o rosto de Adiel, ao estar parado na minha porta. Espero mesmo...

— Bem, agradeço que tenham vindo me deixar até a minha porta. Agora, acredito que...

— Irmã! Pelo amor de Deus! Mamãe ficaria chocada com essa falta de educação – ele diz me encarando com um olhar reprovador e eu não consigo desfazer a minha careta de desagrado. — Por favor, fiquem e tomem café... chocolate conosco. Minha irmã é chocólatra, por isso no lugar de água ou qualquer outra coisa de beber, temos chocolate. Espero que não se importem e por favor, não neguem! É a minha forma de agradecer tamanho favor por terem ajudado minha irmãzinha.

Semicerco os olhos o encarando com um misto de descrença e raiva, mas que ele só me responde com um belo sorriso.

— Aceito, estou com um pouco de fome mesmo.

Reviro os olhos, quando Tércio sorri e conduz os dois até a nossa cozinha, com uma mesa no centro e cadeiras ao seu redor. Adiel escolhe uma na ponta para se sentar e Teófilo faz o mesmo, exibindo um sorriso pequeno.

— Minha irmã tem vício em Nescau e tudo que pode ser feito com ele... além de barras de chocolate e muitos salgadinhos de milho – ele diz e posso ver a surpresa no rosto de cada um deles.

Adiel, ao subir o seu olhar na minha direção, percorre o meu corpo por inteiro, o que não deixa de fazer com que um misto de arrepios e quenturas subam pelo meu corpo, tornando-me tímida. Meu rosto está queimando e eu nem mesmo sei por que isso está acontecendo. Tento puxar algumas respirações, mas quanto mais ele me encara, cada vez mais começo a queimar sob o seu olhar intenso.

— Sente-se à mesa conosco, irmãzinha. E me conte direito essa história de assalto – ele diz e sorri. Encosto-me contra a pequena parede que separa a cozinha da sala e o encaro, desviando minha atenção de Adiel, que continua me observando. — E me explique também... por que chegou a essa hora?

Cheio de perguntinhas hoje ele está. Não tenho paciência, mas olha só que lindo da minha parte, Zayxa tem muita.

— Roubaram minha bolsa e eu caí. Briguei com uma vadia do hospital e de punição, cumpri o plantão dela. Simples, mais alguma dúvida, fofo? – pergunto quando ele se vira para mim com a boca entreaberta e os olhos arregalados.

— Roubaram a tua bolsa e você caiu? Como é?

Suspiro revirando os olhos.

— Por que é tão assustador que ela tenha sido assaltada? – Adiel pergunta com a sua atenção se voltando para Tércio, que sorri.

— Vocês não conhecem esse grande furacão... não conhecem mesmo – ele diz antes de rir.

— Eu estava distraída – digo quando o sorriso dele fica cada vez mais alto.
— Se não cessar com isso logo, juro que estouro aqueles de computadores que você comprou.

O barulho acaba imediatamente e ele me encara com os olhos arregalados.

— Você não seria tão cruel com o seu *mano*, seria?

Juro que posso ver algumas gotas de lágrimas aparecem nos seus olhos e, me aproveitando que ele acredita no que digo, apenas arqueio uma sobrancelha, enquanto ele suspira.

— Ok, não irei rir por você ter sido assaltada, mas me diz aqui – beberico mais um pouco do meu nescau, sentindo-o constante no meu paladar — quem te puniu ainda está bem?

Travo minha mandíbula quando meu coração se acelera no mesmo momento em que Teófilo ri. A sua barriga se mexendo junto a cada puxada de ar.

— Ao que podemos ver, essa aqui é uma flor de doçura, certo? – ele pergunta tentando ser engraçado e falha terrivelmente.

— Você nem faz ideia – Tércio sussurra se virando e ficando de frente para a pia para que possa lavar um papeiro.

— Você tem material de primeiros socorros aqui? Posso te ajudar a...

— Não precisa. Posso fazer isso sozinha – digo sorrindo sucintamente.

Viro-me em meus calcanhares e me encaminho diretamente para o meu quarto, onde trato de me livrar das minhas roupas e então, me dirijo até o banheiro. Ligo o chuveiro, ajustando para que fique frio, muito frio. Preciso pensar e essa temperatura me causa diversas ondas de pensamento e possibilidades. E preciso saber de muita coisa, inclusive o motivo ao qual fiquei quente com o olhar daquele homem.

Ele me atinge, ele me atingiu.... isso não é normal, isso não é bom.

Capítulo 13

Íris Sensit

— Vai permanecer aí por uma hora – ele rosnava batendo com a sua mão sob a minha pele que estava dolorida das sessões de tortura da noite passada.

Eu estava cansada, meu corpo enfadado... já não aguentava tantas horas seguidas de dor, mas ele dizia que eu precisava me adaptar a dor, dizia que eu precisava me adaptar a todas as situações que me forem submetidas.

Eu teria que fazer de tudo para que as minhas reações não fizessem com que ele percebesse o quanto doía, o quanto estava sofrendo e o quanto desejava morrer.

Porra, eu quis me matar e só não o fiz, porque precisava estar ali para proteger Tércio. Ele precisava de mim e eu teria de ser forte por nós dois... eu teria de aguentar toda a dor por nós dois. Eu teria de aguentar horas dentro de uma banheira cheia de gelo e não poderia chorar. Eu não podia demonstrar o que sentia, porque isso seria um atestado para a minha morte rápida.

E os anos passaram.

Passaram-se anos e mais anos com diversas lições de torturas diferentes, com a dor cada vez mais pungente e doía. Eu não queria matar, não queria fazer aquilo que ele fazia no próximo, mas quem pode criticar uma menina de dezenove anos com uma mira perfeita, dominações em diversos tipos de artes maciais e conhecimento variado em pontos fracos do corpo humano, quando o desespero está em sua frente? Quem poderia culpar uma menina de dezenove anos sem escolha? Ou mata um homem ou morre aquele que tanto importava? Aquele que a fez companhia desde o primeiro dia, aquele que mesmo com tanta agressão no seu corpo, se arrastava até o seu lado e cuidava das suas feridas?

Todo mundo tem um ponto fraco, até mesmo os assassinos. E o meu é Tércio. Foi por ele que matei pela primeira vez, foi por ele que segui sendo torturada e foi por mim que ele matou a primeira vez. A única morte que ele causou, a única que o marca até hoje, a única que lhe dói e que ainda lhe rende pesadelos.

— Íris! Você não vai acreditar em tudo que descobri com a presença destes homens – ele disse assim que invadiu o meu banheiro. Pelo box do banheiro eu vi o quanto estava animado.

A água que escorria pelos pequenos machucados já nem doíam, eram meras feridas, já não fazia parte do meu sistema emocional sentir alguma coisa relacionada a dor, por mais forte e dolorosa que seja.

Importância eu não daria, logo deixaria existir rapidamente.

— Aquele homem alto desejou melhoras a você – ele disse buscando meu olhar, mas tudo o que fiz foi fechar mais uma vez meus olhos, quando meu corpo dormiente começou a acordar para tudo.

Eu preciso me concentrar por mais tempo, preciso pensar no que tudo significa e...

— Sensit, você precisa sair daí! Tenho novidades! – ele disse e eu suspirei abrindo minha boca depois de horas aqui parada.

— Olhe embaixo da minha cama. Peguei o celular do velho... veja o que descobre, mas antes de o ligar, confirme se tem algum rastreio ou o que quer que seja.

— É para já, chefinha – ele diz e logo o escuto fechar a porta ao sair do banheiro e me deixa sozinha, enquanto que os meus pensamentos estão cada vez mais distantes.

Preciso pensar no que significa aqueles idiotas no acostamento daquela avenida e o que quer dizer uma ameaça tão clara como aquela. É claro que me esperavam, mas o que preciso ter em mente é como eles sabem o caminho que fiz... droga! Eles devem saber que segui Teófilo também. Como sabem? Não... eu teria notado qualquer movimento atrás de mim. E antes que eu pegasse aquele táxi, eu tinha seguido correndo até o ponto. Se alguém estivesse correndo atrás de mim, eu teria escutado.

Malaquias pode estar querendo limpar os rastros de uma assassina que mantém próximo e julgando o quão meticuloso é aquele maldito, devo assumir que está armando alguma coisa. Júlio pode estar querendo se vingar por eu não ter dado a oportunidade de se casar comigo. E o contratante pode estar querendo se manter um passo à frente, mas isso ainda não me convence.

Desligo o fluxo da água e saio de debaixo do chuveiro alcançando uma toalha e a enrolo ao redor do meu corpo. Trato de ir ao meu quarto sacar uma roupa de descanso qualquer para que eu possa ir à minha cama, logo em seguida.

Tárcio saiu do meu quarto e deixou a porta aberta, o que sempre me rende ódio. Fecho-a e faço o mesmo com as cortinas, porque tudo o que eu quero agora é a mais vasta escuridão. Para que eu volte a pensar melhor, preciso dormir. Preciso de horas e mais horas de sono contínuo para pensar melhor e mais rápido.

Deito-me e ligo o ar, cobrindo-me logo em seguida.

O escuro do quarto logo se torna a minha escuridão. Fecho meus olhos e a aprecio junto com o sono.

Acho que nem cheguei a dormir por duas horas, quando um barulho típico

de vidro sendo cortado próximo a mim, chamou a minha atenção. É manhã, quem teria a audácia de invadir meu quarto pela manhã? Travo minha mandíbula, ao mesmo tempo em que abro os meus olhos e neste exato momento, o cano de uma arma está perfeitamente concentrado no alto da minha cabeça, enquanto que o dono dela está com o olhar perdido em algo atrás de mim.

Fecho os meus olhos para que ele não perceba que acabou me acordando e me concentro em apenas escutar os barulhos, os pequenos e suaves ruídos. Devem estar tentando invadir meu apartamento pela janela, essa que está coberta por uma cortina. Estou desarmada e sem chance de reação se existir atrás de mim um alguém com outra arma ou alguma adaga.

Deixo que a minha respiração continue da mesma forma, sem que eu a altere.

Algo cai e o barulho é alto, porém não me mexo.

— O que foi isso, Íris? — Tércio pergunta com a sua voz afastada e alarmada.

Algo está errado e ele vai ter a certeza quando a resposta não lhe for enviada e como não é, o silêncio do outro lado é ainda maior. Não posso abrir os meus olhos, porque esse que está na minha frente não pode perceber que estou acordada.

Escuto o barulho de uma arma se destravar e pelo seu costumeiro barulho, eu sei que é uma das minhas. Uma que se concentra no alto do meu guarda-roupa, essa que com um comando de Tércio pode fazer com que o seu alvo vire uma simples confusão de pedaços contra esse chão.

Ele liga o som e esse é o sinal que preciso para que eu abra meus olhos e, em rápidos movimentos, minhas pernas ficam para cima e com um encaixe perfeito, consigo enquadrar a cabeça do indivíduo, enquanto a minha mão voa para a sua que contém a arma. Viro-a, fazendo com que a sua palma fique torcida em sua direção e assim que tenho o seu poder nas minhas mãos, a entorto mais até que seu osso se quebra e ele grita, mas claro que não por muito tempo, porque meus pés estão fazendo o serviço de quebrar o seu pescoço.

Não posso voltar a minha atenção para uma outra pessoa, porque tem mais um ou dois tentando entrar pela minha janela.

O quarto se ilumina e eu me levanto, escondendo-me ao lado da janela, quando o barulho para. Nada mais pode ser escutado, além do barulho de... metal em contato com outra coisa... merda!

— Íris, você está bem? — Tércio pergunta aparecendo abruptamente no meu quarto e eu peço silêncio. — Estavam sustentados por cordas, mas já estão no chão e fugiram... ai meu deus, ele está morto!

Suspiro, quando a calma banha o meu corpo inteiro.

Perigo, estão me colocando em perigo.

Estão me ameaçando... estão ameaçando Tércio.

Invadiram a merda do meu apartamento, mesmo com todos os métodos de segurança. Um deles conseguiu se instalar aqui dentro.

— Deixe que eu cuido disso. Só me traga um liquidificador e uma faca bem amolada... ah, veja se consegue uma motosserra.

Ele arregala os olhos.

— O que vai fazer com isso?

— Vai me ajudar a pensar. Trate de o fazer logo e depois de me trazer os dois, pesquise uma outra... — Paro de falar, ao olhar para o corpo do maldito que pode carregar consigo uma escuta. — Traga-me alguns sacos de lixo e muito ácido. Agora!

Ele não espera que eu diga mais uma palavra e então, sai correndo, indo em direção a sua sala. Volto meu olhar para o corpo morto aqui no chão e me encaminho até ele. Nunca vi este maldito em toda a minha vida, mas tenho certeza de que algo em sua pele vai me fazer descobrir algo sobre ele, sobre de onde veio e um pouco do que faz aqui. Se Júlio ou Malaquias estiverem metidos nisso, juro por Tércio que os matarei com as minhas próprias mãos, mas enquanto não tenho as certezas, pego as duas mãos do defunto e o carrego até o meu banheiro, onde o dispo de toda a roupa que usava e me concentro nos pontos em que irei arrancar primeiro e é obvio que começarei pelo que ele tanto exhibe no meio das pernas. Essa coisa minúscula, que irei guardar para entregar aos mandantes.

— Uma pena que não está vivo para que eu possa arrancar gritos de dor, enquanto trituro todos os ossos e derramo na minha privada, para que eu possa dar descarga em toda a sua maldição, mas os dois que estavam tentando invadir o meu quarto pagarão da mesma forma, mas diferente de você, eles estarão vivos e eu escutarei os seus gritos. Se vieram até aqui é porque não conhecem Íris Sensit, mas agora, irão conhecer a pior desgraça para ser cutucada.

Capítulo 14

Íris Sensit/Zayxa

No dia seguinte, nas primeiras horas da manhã, eu estava na porta do Teófilo e esperava que ele saísse. Exatas sete e quarenta e cinco ele saiu, sendo seguido de dois homens, que imagino serem os seus filhos, pelas fotos que vi na sua ficha. Uma senhora de idade saiu logo em seguida, em um carro branco de luxo e então, eu invadi, dando de cara com algumas câmeras, mas nada que não me fizesse continuar, até porque não é difícil se esquivar delas. Mas eu não imaginava que iria me deparar com a imagem de tantos quadros requintados e raros em sua parede, mesmo que eu suspeitasse que fossem cópias ainda assim eram requintadíssimos e difíceis de se achar por aí. A sua sala era um recanto de obras primas e ao vê-la, decidi que ele deveria morrer rápido e de forma indolor, porque tinha bom gosto demais para ter os miolos fritos de forma lenta.

Sala requintada, cozinha da mesma forma, essa com uma jovem mulher no controle do fogão. Está morta agora e dramaticamente estirada no chão. Ao seu lado, um bilhete com o seguinte recado:

“A morte passou por aqui... e ela irá se alastrar rápido demais. Cuidado!”

Após isso, subi as escadas, indo em direção aos quartos.

No corredor, as fotos estavam predominantes.

Muitas fotos com rostos que nunca vi, mas que me fizeram parar a cada uma, para que eu pudesse registrar suas imagens pelo celular que roubei da empregada, já que ainda não fui atrás do meu celular e para ser bem sincera, nem sei se quero, julgando que era só um de disfarce com nada de importante na sua memória, porém dentro da bolsa... uma pistola repousava em seu interior. Espero que o assaltante esteja fazendo um ótimo uso dela, caso contrário terei que fazer uma visitinha ao mesmo lugar em que me assaltou, entretanto se ele for um pouco inteligente naquele lugar não volta mais.

O que ainda não consigo tirar da minha cabeça é o fato de que os mesmos patéticos estavam ali aguardando a minha aproximação, mas estavam com figurinos completamente contrários uns dos outros e isso ainda não consigo compreender. Tentativa de assassinato... ou não, julgando que ele poderia ter apenas apertado o gatilho e atirado na minha cabeça, mas ao contrário disso, ele deixou a pistola na minha cabeça, parecia esperar por algo.

E eu preciso saber de onde está vindo esses ataques... ataques claramente sem sentido.

Registro cada foto, sem deixar passar uma e então entro nos quartos, tendo o cuidado de usar luvas de silicone, para que ninguém tenha a sorte de conseguir

minhas digitais.

Passo por cada quarto, mas não vejo nada de suspeito, além de um cofre no quarto de Teófilo, claramente descoberto e bem a amostra para quem entrar aqui. Temos um cofre para quê? Pelo amor de Deus! Quem deixa um cofre desse jeito? Não é possível que o ser humano possa ser tão burro como estou vendo agora.

Não posso fazer parte de uma raça tão podre de burrice. Não posso. Me nego a acreditar que faço.

Suspiro, quando um sorriso se planta nos meus lábios à medida que caminho em direção ao cofre revelado a todos que possam se aproximar, porém está fechado. Meus olhos brilham com a excitação em o abrir, mas tenho de lembrar que esta casa tem segurança e posso acabar sendo pega se algum alarme for acionado ao o abrir.

Afasto-me dele, porque a tentação ainda é muito grande em o romper e preciso ter em mente que isso é a última coisa que preciso nesse momento em que tenho várias armas miradas para a minha bunda.

Pensando que o melhor que tenho a fazer no momento é ficar longe deste quarto, então saio dele e desço as escadas, tendo em mente que as joias que eu queria, já consegui, que são as fotos dos que estão aqui ao lado do Teófilo. O que preciso agora é investigar cada um deles e isso estará acontecendo em questão de minutos, quando eu estiver chegando no meu apartamento.

Suspiro e me dirijo para fora da sua casa, tomando o cuidado de me desviar das câmeras de segurança que estão localizadas em apenas três cantos do local, o que pode ser considerado uma grande idiotice, já que não vai poder capturar todos os cantos da residência.

Isso que resulta, quando contratam serviços de merda para as suas casas.
Rico é uma raça miserável.

Quando entro na minha casa, tudo está limpo. Não há nada mais sujo, exceto as mãos de Tércio, esse que demonstra o quão cheio de raiva está. Imagino que seja por tê-los deixado passar, por estar tão perto de nós, sem que ao menos saibamos de onde estão vindo para nos prejudicar. É claro que queriam nos matar, agora o motivo não sabemos. Eu poderia ter deixado aquele maldito vivo, mas a raiva foi mais forte dentro de mim, quando ele invadiu a minha casa.

Isso eu não poderia nunca perdoar.

Suspiro, deixando os galões de tinta e pincéis novos que comprei no caminho até aqui. Se há uma maneira nessa vida inteira de me fazer pensar, essa com certeza é pintando... formas, rostos, corpos ou só mesmo uma bagunça

qualquer de cores, que as vezes se torna bizarra e as vezes, graciosa.

Não me importo com a sua beleza, só me importo com o que vai filtrar da minha mente, enquanto estiver fazendo.

— O que vai fazer com esses negócios de tinta? – ele pergunta, mas eu não o dirijo uma resposta, ela não é necessária, porque virá com as minhas posteriores atitudes.

Limpo a parede da sala, essa que exhibe um tom branco, que eu mesma pintei quando estava precisando solucionar um problema. Afasto todos os móveis para o mais longe que eu puder, para que não acabe sujo pelo que vou fazer aqui.

Comprei dois galões de tinta vermelha. Hora de trazer um pouco de vida a esse ambiente... ou seria um pouco de lembrança do que estará vindo bem em breve? Enfim, o que importa é que estou prestes a solucionar essa merda e dar um fim ao que me foi contratado.

— Você vai... vai pintar a sala? – ele pergunta e eu percebo o quão hesitante sua voz parece, mas não o respondo. Apenas tiro minha jaqueta de couro e a jogo de lado, soltando um suspiro no mesmo instante.

É hora de bagunçar, mas antes...

— Tenho o celular de uma morta. Preciso que faça pesquisas dos rostos que tirei as fotos, mas desative qualquer merda que o faça ser localizado. Além do que, preciso que busque uma casa no mesmo local em que o anjo mora. Busque uma que fique perto da dele.

Tárcio sorri, balançando sua cabeça e eu viro minha cabeça para observar o seu rosto.

— Você ficou tocada com o que descobrimos sobre ele? Ainda não acredito que isso é possível. Desde que lemos tudo sobre ele e a tal Milena, você está assim, distante e pensativa.

Permaneço calada, observando o seu rosto e concordando com cada palavra dita por ele.

Fiquei mais intrigada por ele, do que já estava antes. Posso ter lido um enorme dossiê sobre a sua vida inteira, tudo que os órgãos e a internet puderam nos fornecer, mas é como se ele ainda continuasse sendo um enigma para mim. Ele e as suas emoções são enigmas para a minha mente. As poucas atitudes que pude vislumbrar me mostraram o quanto é diferente.

Um anjo... Eu quero ver, quero conhecer mais e eu quero observar.

Minha intuição sempre está certa e agora, ela grita que eu deveria permanecer observando, que eu deveria me aproximar e saber mais.

E eu nunca fui contra a minha intuição.

Capítulo 15

Adiel Gaspar

Ela não sai da minha cabeça.

A sua boca e o seu olhar... peculiares demais para uma só pessoa.

Por hora, doce e atenciosa, em outra, grossa e orgulhosa. Uma mulher poderia ter duas versões confusas como essa?

Um sorriso está beirando os meus lábios, quando o rosto dela volta para a minha cabeça. Ela tem um olhar diferente. Diria que orça a meticulosidade com pequenos pigmentos de buscas, mas não consigo compreender o que ela poderia buscar.

Quando olhou nos meus olhos, no seu apartamento, percebi que estava sendo investigado com o seu olhar. Senti mistos de arrepios e quenturas rondarem o meu corpo ao me dar conta disso e o vasculhar do meu olhar no seu corpo foi quase que instantâneo. Eu sou um cara que respeita as mulheres e é obvio que jamais daria uma conferida em uma mulher e logo sob o seu olhar, como fiz ontem, mas era como se ela estivesse me convidando aquilo. Estava ferida, tinha sido assaltada há poucos minutos, mas nem assim baixou a cabeça e chorou perante nossos olhares e isso chamou a minha atenção mais ainda. Ela bateu de frente com Milena no meio do corredor, sem medo de ser despedida e tratou com uma frieza que doeria qualquer espinha, seu superior, Martin.

Sinto que acabei de descobrir uma nova pessoa, uma que não se importa com a opinião dos outros, tampouco teme suas respostas. Eu não consegui dormir, não consegui me concentrar em nada com as lembranças daquela mulher brilhando a minha mente. Ainda não entendo todo o impacto que me foi abatido com a sua língua afiada e a dificuldade em ponderar as melhores palavras para dirigir as pessoas. Teófilo é o diretor do hospital, a figura digna de todo o respeito ali, entretanto ela quase o expulsou da sua casa, assim que a deixamos ali.

Bebia uma garrafinha com chocolate e lembro como pensei que aquela era, com toda a certeza do mundo, a coisa mais bonita e encantadora do universo.

Suspiro considerando meus pensamentos os mais loucos e confusos possíveis, em meio aos outros. A campainha da minha casa toca e eu encaro a minha porta, pensando se vale mesmo a pena que eu me levante do meu sofá, somente para dar de cara com uma vizinha que certamente está desejando me congelar por aqui com assuntos que não desejo saber.

Ao contrário do que a minha vontade pede, me levanto e vou até a porta. Respiro fundo e resolvo abrir a porta de uma vez, para que não seja prolongado

esse momento de tortura. Não suporto tanta bobagem que essas mulheres despejam na minha frente.

— Adiel.

Ela sorri piscando lentamente com os seus cílios fora de proporção, que não faço ideia do motivo ao qual é necessário o uso de cílios desse tamanho. É Marina, uma dondoca que mora em frente a minha casa. Possui a formação de juíza e é uma figura de enorme respeito aqui no condomínio, porém não deixa de passar na minha casa para jogar o seu charme, o mesmo que não me interessa.

— Algo que eu possa ajudar? – pergunto, mas me arrependo no segundo seguinte, já sabendo que provavelmente vai jogar alguma coisa para que eu ocupe o meu tempo que poderia estar lendo, estudando ou malhando.

— Estou sentindo um mal-estar e sempre que como alguma coisa, sinto ânsia de vomito – ela diz e eu suspiro ao vê-la morder o lábio inferior.

Será que não percebe o quão ridícula está sendo?

— Deveria ir ao hospital. Daqui não posso fazer nada – digo a encarando com seriedade, que apenas me devolve um sorriso sem graça.

Ela acena, agradece e se vira, saindo da minha porta, o que agradeço ao mundo inteiro. Apresso-me em fechar a porta para o caso de ela desistir e acabar inventando uma outra desculpa para se aproximar.

Hoje é o dia em que só irei no turno da tarde para cobrir mais um plantão, enquanto passo o tempo livre aqui na minha casa, mas para a minha total falta de sorte, ao olhar para a minha porta, a imagem que nela minha mente projeta é a da mesma loira de olhar duro e avaliador.

Para alguém conter um olhar e atitudes daquela forma deve ter passado por muitas coisas na sua vida ou não, ou aquele é apenas o seu jeito de agir, ou a sua forma de se proteger.

Sou o cara que sempre busca ver mais que apenas um rosto irritado. No meu meio de observar, todos na vida possuem suas cicatrizes, independente se são brutais ou não. Não sou o único que possui dor no coração, eu sei disso e antes de julgar o meu amigo que está agindo de uma forma nada correta, preciso ter em mente que algo o está fazendo agir daquela forma. Pode ser considerado como um defeito, eu sei, porque nem todo mundo tem suas cicatrizes como justificativa para as formas que agem, mas é muito mais forte que eu não pensar em um possível motivo para que esteja agindo dessa forma. Por exemplo, não é a primeira vez que Marina vem a minha porta com a mesma desculpa, com os mesmos sintomas e com trajes que não dispõe da sua habitual forma de se vestir. Ora, só a vejo com roupas curtas como a que estava hoje, quando está vindo bater na minha porta. O que pode ser? Talvez esteja à procura de um marido, talvez esteja carente e só deseje uma companhia ou um amor, ou só quer uma

casca para que ela possa desfilar o exibindo por aí. São possibilidades, as verdadeiras já não posso afirmar quais são, mas não estou aqui para a julgar, sendo ela qual for.

Encaminho-me de volta ao meu sofá e pego o livro que estava bolando pelas minhas mãos por todo esse tempo em que eu estava aqui, se chama Projeto Zero e é uma obra de uma amiga muito querida na minha vida, Iviny Carvalho, a única em meio a todos que me escuta, que me entende e o melhor de tudo, é escritora.

Suspiro, abrindo-o e encarando a sua primeira página.

É hora de me desligar um pouco do mundo.

Capítulo 16

Íris Sensit/Zayxa

Vermelha.

A minha parede está toda vermelha com traços finos pretos feitos a carvão, até que os contornos de um rosto estivessem borrando ali por cima da sua extensão. Foram surgindo a cada vez que eu deslizava o carvão por cima da minha pintura, até que estava quase fechando com o quase formato de um rosto. Parei quando percebi quem eu estava desenhando e a dor começou a ressurgir no meu peito. Não suportei a ideia de que isso estava voltando novamente para a minha mente, mas o seu rosto estava se formando e formando na parede do meu apartamento. Tentei negar que aquele rosto doía tudo aqui dentro, porque o dono desta imagem fez com que tudo dentro de mim doesse com a traição, com a dor que causou não só ao meu corpo, mas também ao meu coração, isso tudo porque eu pensei que poderia confiar, pela primeira vez em anos, em mais alguém que não fosse Tércio.

Não faço ideia até onde pode ir à perversidade do ser humano, mas estou aqui para provar que não sou muito diferente de todos eles e posso fazer pior do que ousaram fazer comigo quando eu estava frágil, precisando de aparo e cuidados, mas isso nunca serei capaz de esquecer. Por mais que eu necessite manter a imagem de um alguém que jamais terá sentimentos pelo próximo, é impossível que eu consiga manter tudo no meu peito sem uma única alteração, porque eu sinto, sinto e não tenho o que fazer para evitar.

Suspiro, encarando-o.

Meus olhos estão marejados e ardendo com a ameaça pungente de lágrimas querendo ser derramadas, mas não as deixarei rolares aqui, porque só atestaria ainda mais o meu estado de fracasso.

— Eu acho você muito foda – diz Tércio aparecendo ao meu lado com uma garrafinha de nescau. Pego-a da sua mão e bebo um generoso gole, sentindo a paz fria burlar o meu sistema.

Dou alguns passos para trás e suspiro mais uma vez, voltando a me concentrar no que tenho aqui nas minhas mãos.

Enquanto os traços estavam nascendo, me perdi no oco revolto dos meus pensamentos e cheguei a algumas conclusões, entre elas descartei que Júlio estivesse no meio disso, até porque se fosse ele, estaria sozinho tentando tirar a minha vida com as próprias mãos, não com uma arma de um terceiro. Ele não mandaria outro fazer o seu serviço, porque sabe que isso só cairia mal para ele, já que tem a eficiência para o fazer sem precisar de mais ninguém.

— Isso está ficando massa, mesmo que seja o rosto de um maldito – ele diz me fazendo sorrir pela primeira vez desde que me foquei em apenas pintar e posteriormente, desenhar.

— Júlio não está entre os mandantes disso aqui – digo deixando o carvão cair da minha mão e dou alguns passos para trás com um suspiro cansado saindo pelos meus lábios.

— Imaginei, então nos resta Malaquias e o contratante.

Sorrio virando o meu olhar para ele, antes de me encaminhar para o banheiro do meu quarto. Ontem me serviu de um belo açougue, enquanto eu fazia daquele corpo picadinho, para que logo em seguida, eu buscasse algum destino para os seus restos.

Obviamente que quando um assassino precisa matar, ele tem de o fazer bem feito, ainda mais quando não se pode deixar rastros. Depois de passar a manhã inteira rodeada a sangue e órgãos expostos ao meu redor, tive que lavar todo o meu banheiro. Cada cantinho e agora está limpíssimo e sem nenhum rastro de sangue. Os mecanismos que usei para fazer o velório improvisado do defunto, estão perfeitamente no fundo do rio mais distante que encontrei, assim como os seus órgãos que, depois de tratados e colocados em sacos, foram jogados nas profundezas daquele rio.

Nojento e cruel demais, não é?

Mas é assim que funciona esse mundo. Mesmo que não goste de fazer isso, somos praticamente obrigados. Não fui obrigada a fazer isso agora, mas esse assassino mereceu o veredito que o dei. Aquele foi o seu castigo por invadir minha casa e ameaçar minha segurança.

Pego o sabonete líquido e o derramo nas minhas mãos para que fiquem limpas de uma vez.

— Não sei como tem coragem de entrar nesse banheiro e tocar nessa pia. A cabeça dele estava aí! E os olhos!

Sorrio escutando os murmúrios de Tércio.

Desligo a torneira e pego a toalha para enxugar minhas mãos, mas o barulho de um quase vômito me faz sorrir ainda mais alto.

— Você... você...

Sacudo minha cabeça considerando que ele é um bebê, que não pode ver sangue, mesmo que a nossa vida seja um redemoinho de sangue e mortes.

— Você encontrou a casa que eu pedi? – pergunto suspirando ao olhar para o seu rosto.

Ele tampou o nariz com o dedo indicador e o polegar.

— Sim, para a sua sorte achei uma bem em frente à casa dele e... ela vem mobiliada. Está para alugar, mas...

— Alugue-a e depois reforce a segurança desse apartamento aqui. Ninguém se aproxima de qualquer entrada que seja, sem que você saiba, entendeu?

Ele acena com um sorriso aparecendo nos seus lábios.

— Você virá junto comigo, logo busque uma maneira para que possamos levar todas essas suas máquinas, sem que chamemos muita atenção.

— Eu ainda não entendi o motivo de você estar me mantendo por tanto tempo ao seu lado, com essa missão em curso... você nunca fez isso – ele diz com um enorme sorriso, fazendo-me piscar.

Ele foi um alvo e eles estavam muito perto de se aproximarem dele. Estive no café, eu vi o quão atentos eles estavam no apartamento em que ele morava. Quando entrei na sua moradia e me encaminhei a janela do banheiro, vi os mesmos homens que mais tarde me encontraram no café, observando com binóculos as janelas da sala da casa dele. Eu vi isso e percebi o quanto ele estava em perigo e é obvio que não vou permitir que isso volte a acontecer. Por anos o mantive longe para que as minhas ações não respingassem nele, mas ao que pude ver, eu estava pecando perigosamente.

Dizem que errar é humano, mas persistir no erro é pura burrice e se tem uma coisa que não sou, essa coisa é burra, logo ele ficará ao meu lado em todas as missões que eu tiver em mãos.

— Alugue a casa com o nome de Zayxa – digo fugindo da resposta, o que só provoca uma revirada de olhos nele.

— Sim, eu sei, assim como também sei que você não vai me responder sobre o que acabei de te perguntar, mas sabe... você não precisa dizer nada, porque eu sei a resposta, mas queria que por um dia só, você a dissesse a mim. Eu sei que você me ama, eu sei que sou importante para você e sei o quanto me considera como se fosse o seu irmão de verdade... e eu queria que você soubesse que para mim, tudo isso é recíproco.

Meu coração se acelerou com cada palavra regada a sentimento que saía por seus lábios e eu não pude deixar de sentir um bolo se formar no meio da minha garganta, quando ele se virou e saiu, ainda exibindo um enorme sorriso.

Eu aprendi a não demonstrar emoções, aprendi o quanto elas podem machucar, mas juro que no meu peito é isso tudo que ele disse. Eu sinto isso tudo. Eu o amo como um irmão, que é o que ele é, mesmo que na sua cabeça o que mais predomina é a importância do sangue... de construir laços familiares.

Ah, Tércio, você não sabe que o sangue é um mero detalhe e que no meu coração de pedra, você é a coisa mais importante do mundo inteiro.

O sol estava se pondo, quando saí de casa para vir ao hospital. O caminho estava tranquilo, eu não estava sendo seguida, mas sentia em cada rajada de vento, a ameaça de que aquilo não estaria daquela forma por muito tempo.

Mais cedo, Tércio marcou um encontro com um corretor de imóveis para realizar o aluguel definitivo da casa. Foi se encontrar com o homem e os valores apresentados foram absurdos como é de se esperar para lugares como aquele. Nada que a minha conta bancária não possa custear, afinal sou uma assassina profissional com anos no mercado, diversas mortes nas costas, essas que não custam pechinchas e, como não tenho muito o que gastar, o dinheiro fica se acumulando no banco e quando damos sorte, Tércio busca fazer investimentos em diversas áreas, o que gera a multiplicação do dinheiro.

Em resumo, posso comprar a casa e mais trinta daquele condomínio se assim eu quiser.

Quando cheguei no hospital, uma bagunça e uma correria maior ainda estavam localizadas. Um acidente gerou feridas graves à duas famílias. Culpa do condutor, é obvio, que é puramente irresponsável por não prestar atenção nas faixas em que está andando. É difícil esperar que o ser humano seja inteligente em alguns casos e nesse, por exemplo, senti vontade de o matar. Não é digno de viver, mas senti pena do inferno por ter um alguém como ele e achei mais digno que ele vivesse para estar em meio a seres humanos piores que ele, tipo eu.

Acompanhei todos os procedimentos de perto, ajudando onde me pediam até que vi uma brecha para ir até a sala do quase defunto. Pedi a Eliza que me acompanhasse até lá junto com ela para que eu pudesse agradecer de perto a grande ajuda que me prestou quando me deixei ser assaltada, todavia ele já tinha ido embora. Informaram-nos que acabara de sair, porque uma emergência em sua casa teria chamado a sua atenção, tanto que precisou largar o seu trabalho para ir até lá conferir.

Posso imaginar a urgência... posso mesmo, mas além disso, o que me deixou intrigada foi o fato de que Martin, o mesmo crápula que estava com a maldita Milena, estava parado perto da entrada sala, encarando a cadeira em que Teófilo deveria estar ocupando há poucos minutos. Fiquei curiosa e... intrigada. Essa pulguinha pairou atrás das minhas orelhas por horas e uma nova imagem dele começou a surgir na minha cabeça. O que poderia se esconder por trás de um sorriso e de uma lábia forçada? Eu, melhor que todos aqui, sei por experiência própria o que sucede e como essas coisas podem acontecer, mas não. Ele é um mosca morta e não teria pachorra de se meter com assassinos. Duvido que saiba da existência dos seus serviços, logo ele está sendo descartado momentaneamente, mas tenho meios e motivos grandes o suficiente para me meter em sua casa, ao seu lado e com um sorriso ingênuo cheio de boa vontade.

Ele me ajudou, então como Zayxa é uma mulher bondosa e grata, irá retribuir na mesma moeda, enquanto ele estiver cabisbaixo e temeroso pelos arredores do hospital.

Simples assim.

Sorrio com a aproximação da descoberta pairando o local ao qual ocupo, esse que acaba por ser a cafeteria do hospital, onde solicitei um copo de chocolate frio, com uma generosa quantidade de açúcar e agora o espero ansiosamente. Enquanto o aguardo, observo as pessoas indo e vindo, outras só comendo na companhia de outras, algumas tristes com seus olhares perdidos no horizonte, o que me deixa ainda mais entediada que nunca.

Quando me entregam o meu pedido, eu o aceito de bom grado e me concentro apenas em o tomar, em sentir o seu gosto banhar o meu paladar com a enorme quantidade de chocolate gelado entrando no meu sistema. Oh, como amo essa delícia! Preciso dele para pensar, focar e sobreviver nesse lugarzinho infestado de doença, implorando para que eu me dirija até os seus portadores e que assim termine de uma vez com as suas vidas. A ansiedade banha o meu organismo com a vontade de conquistar uma nova briga cheia de sangue, enquanto todos gritam e imploram por piedade.

Suspiro, considerando que isso não vai acontecer tão cedo, já que não posso me envolver em nenhum atrito, mas não é de ser excluído o fato de que estou sendo caçada, além de possuir uma arma na minha cabeça.

Sorvo todo o conteúdo da minha xícara e me levanto para quitar a minha dívida. Depois de feito, volto para a sala de espera, onde pessoas esperam ser atendidas por Adiel e mais algum outro médico, que pode entrar para o ajudar. Ao que posso ver, aqui não tenho muita utilidade, então vou diretamente para a sala de estabilização, onde alguém estará prestes a morrer, mas antes que eu abra a porta, a mesma é aberta e, no mesmo instante, uma senhora se levanta de uma das cadeiras de espera para encarar Adiel.

Seus olhos estão vermelhos e ela parece desgastada. Pisco ao encará-la, mas um sacudir de cabeça de Adiel faz com que lágrimas escorram dos seus olhos e ela sacuda a cabeça violentamente.

— Deixa eu ver meu filho, por favor! Deixa? – ela pede, seu queixo treme e eu pressinto que ela está prestes a cair.

Adiel pisca e faz uma careta que considero linda.

— Estamos o preparando para...

— Por favor, doutor. Eu só quero ver meu filho... meu filho.... meu...

Para, quando mais uma onda de choro se apodera dela.

É tanta dor, posso ver em seu rosto, em sua respiração e a cada lágrima que escorre dos seus olhos.

Adiel engole em seco, mas abre a porta, revelando um corpo de um homem jovem que considero ter em torno de vinte anos. Ele está nu e inconsciente em cima da cama, enquanto está sendo limpo por Eliza.

A mulher entra no quarto e com mais lágrimas escorrendo dos seus olhos, para ao lado da cama do filho. Com as mãos tremulas, ela a passa ali por sobre o seu corpo morto.

— Por que, meu filho? Por quê? Por que não me escutou quando eu te disse que esse caminho era perigoso? Oh, meu Deus do céu, abençoa meu filho! Em nome de Jesus, recebe ele e cuida dele por mim, meu Deus! — Ela chora esfregando a mão em cima da sua pele descoberta, antes de virar o seu rosto para o rosto triste de Eliza, que ao ver a cena, não se conteve em derramar lágrimas. — Eu o carreguei na minha barriga por nove meses, foi um parto tão difícil, minha filha. Ele cresceu, transformou-se em um menino rebelde e quando fui perceber, já estava em bocas de fumo, vendendo as nossas coisas para comprar droga. Eu dei tanto amor, tanto carinho para o meu filho...

Eliza pisca com lágrimas caindo dos seus olhos e a mulher volta o seu olhar para o homem ali, estirado na maca.

— Meu Deus, me leva no lugar dele, por favor! Me leva, Deus!

— Os filhos seguem esses caminhos e só quem sofre é a mãe — alguém sussurra atrás de mim e eu continuo a encarando, sem conseguir compreender como pode existir uma pessoa que sofre tanto por outra.

Já vi isso acontecer diversas vezes e em todas elas, não fui capaz de entender tamanho sentimento. Nunca o tive dirigido a mim, então é certo que seja estranho e triste. Mas a verdade é que ele escolheu esse caminho. Como um humano, com escolhas ao seu alcance, deve estar preparado para lidar com as consequências e essa foi a consequência das suas escolhas.

Viro-me em meus calcanhares e me encaminho para a emergência, onde mais casos estão à minha espera.

Capítulo 17

Íris Sensit/Zayxa

É madrugada, quando uma louca vontade de invadir o apartamento de Adiel, apodera-se da minha mente. Ele estava atendendo na sala de estabilização e eu estou com a chave da sua residência nas minhas mãos, já que invadi sua sala quando ele estava em outra emergência. Pensei que seria uma boa ideia buscar alguma coisa, algo que me desse alguma pista sobre o que ele esconde, mas tudo que encontrei foi seu celular, carteira, chave do carro e uma chave peculiar, que pelo seu desenho muito se assemelha a de uma porta, então a peguei. Não sei o que deu em mim para fazer isso, mas eu fiz e agora estou mordendo meu lábio inferior, debatendo se invado ou não o seu apartamento. Quero ver, observar como é o local em que ele vive.

Eu sei do seu passado, sei cada passo que deu, mas sinto que tem mais algumas coisas que eu necessito saber. Preciso investigar, preciso correr, preciso sair daqui!

Esse lugar está começando a me sufocar e eu odeio essa sensação maldita. Então, faço o que eu tanto quero. Largo tudo aqui e vou para fora do hospital, indo diretamente para a avenida quase sem movimento, pelo horário que estamos. Deve ser duas ou três horas da madrugada e eu não aguento mais ter de ficar olhando para o rosto invejoso de Milena, a vadia que está no hospital apenas porque Martim a colocou ali. A típica vadia que não tem escrúpulos na arte de seduzir para conseguir o que quer e dela não sou muito diferente, todavia ela me irritou e continua o fazendo, então, sinto que preciso aprontar algumas coisas com ela, para que a lição seja conquistada com todo sucesso do mundo inteiro.

Continuo a caminhar e dessa vez não carrego nada comigo, somente a chave da casa dele, enquanto me dirijo até o seu endereço. Poderia ir até ele caminhando, enquanto sinto o vento bater contra o meu rosto, mas não tenho muito tempo, julgando que exatas seis horas, ele estará saindo para ir ao mesmo local ao qual vai todos os dias, o mesmo que estou me dirigindo agora. Então, tomando uma nota mental de que não posso ser tapada o suficiente para deixar que ele acabe me encontrando, viro na primeira rua aberta e escura dessa madrugada, para que assim, eu possa entrar em outra avenida, a que dá pleno acesso a uma avenida mais movimentada e que espero encontrar taxistas ou mototaxistas, mas para a minha plena e total sorte, encontro três carros negros parados nessa rua. Aqui não há nenhum movimento aparente e então para que eu siga o que o meu pensamento me obriga, olho ao redor, por cada pequena e

luxuosa casa, mas em suas frentes, não encontro câmeras visíveis. Encaro o carro, uma S10 Midnight preta e que porra linda. Há anos desejo ter uma só para mim, mas infelizmente a minha vida de assassina em movimento não permite que eu me mantenha com uma.

Suspiro quando uma onda de tristeza bate contra o meu interior.

Nunca, na minha vida inteira, ponderei parar o que faço só para me manter em apenas um lugar, mas às vezes isso cansa. Cansa demais e eu acho que preciso de férias, para que esse pensamento saia de uma vez por todas da minha cabeça.

Eu o encaro por mais um par de segundos, mas resolvo dar continuidade a minha andança, já que não posso correr riscos de ser flagrada por alguma câmera surpresa, levando em consideração que aqui não tenho nenhum disfarce e estou vestida com roupa do hospital.

Bufo quando uma rajada de vento frio bate contra o meu rosto, fazendo com que o meu cabelo bagunce para trás.

Gosto dos ventos frios das madrugadas, amo a sensação de medo que ele causa nas pessoas que andam sozinhas nas madrugadas. Lembro que há algum tempinho eu estava muito plena assustando uns e outros nas minhas andanças, mas juro que era em prol do meu trabalho, mas não poderia deixar de achar engraçado nessas centenas de ocasiões.

Avisto, não muito longe de onde estou, dois veículos de taxistas e então, caminho até lá, tratando de andar despreocupada, mesmo sabendo que tenho a ameaça pungente de alguém com uma arma bem no meio da minha cabeça. Poderia ter a sorte de ser abordada por algum deles, em algum momento de alguma noite, para que assim eu acabasse descobrindo de uma vez por todas quem está me perseguindo, mas tenho um pressentimento que não demorarei muito a ter essa certeza, porque se esse mandante não for muito burro, manterá com insistência seus homens na minha cola. Ele não faz ideia do quanto gosto disso... do quanto adoro caçar, mas é ainda mais divertido ser caçada por uma presa que se acha esperta.

Ao chegar perto de um deles, um homem jovem de olhos azuis, cabelo loiro e sorriso branquíssimo, me encara. Sorrio e solicito seu serviço, que me atende precisamente. Dou a ele o endereço que desejo, esse que é de uma casa em um apartamento não muito longe da residência de Adiel e ele acena concordando.

Tomo o acento de trás e quando coloca o carro em movimento, posso observar que mantém sua atenção no meu corpo, como se estivesse caçando algo... uma arma talvez? Ele poderia estar o que, querendo me assaltar ou coisa do tipo? Porque é mais que certo que ninguém teria a certeza de que eu pegaria um táxi a esta hora, até porque não tenho esse costume, mas para um bom

profissional e um mandante desesperado, manter homens em cada arredor, é menos arriscado, então não irei descartar o fato de que ele pode ser um suspeito.

Observo com exatidão os momentos em que necessita parar o carro nos semáforos e logo está voltando seu olhar para o meu rosto, enquanto o meu não desvia dele por momento algum.

— Qual teu nome? – pergunto quando estamos parados no penúltimo semáforo antes da parada principal. A avenida está deserta, momento oficial e completamente oportuno para um abate.

— Kaique – ele disse e eu arregalo meus olhos, voltando meu olhar para a estrada, quando a lembrança pungente desse nome volta a minha mente. Kaique... Kaique... e se? Isso seria possível? Não, claro que não, existem várias pessoas com esse nome em meio as outras, mas... puta que pariu, aquela luzinha está piscando dentro de mim e eu acho que posso estar ficando louca, mas antes de mais nada, preciso tirar essa prova.

— Você conhece alguma Cyntia? – pergunto ao voltar meu olhar para ele, que semicerra os olhos antes de endurecer o seu olhar.

Sim, ele a conhece, tive a total certeza disso agora.

Agora, só não entendo os olhos azuis, mas isso é facilmente colocado se forem lentes de contato, próprias para disfarces. Não estou contando isso aqui como uma coincidência, porque não pode ser. Não com tantos e tantos anos de prática nesse meio.

E, definitivamente, já não tenho dúvidas do mandante desse serviço.

Encaro Kaique e o meço de cima a baixo, até que observo pelo canto do meu olho, sua mão esquerda se mover para baixo, para o compartimento do carro, o local em que deve estar uma arma, quem sabe.

— Desculpa a indelicada pergunta, é que eu pensei que você fosse uma pessoa muito próxima, que perdi contato há um tempo – digo e sorrio tentando passar vergonha e nervosismo. — Você se parece tanto com ele...

Levo minha mão direita até o meu rosto, tampando minha boca e lentamente fecho meus olhos, antes de fungar dramaticamente, levando sofrimento para o seu olhar. Ele suspira e posso apostar que já tem a arma nas mãos. Quer dizer, eu teria se fosse ele.

— Éramos amigos, treina... estudamos juntos na época – minto com minha voz se mantendo trêmula.

— Desculpa, mas não conheço essa mulher que você acabou de me perguntar – ele diz e posso apostar que semicerra os olhos, buscando verdade na minha atuação.

Eu sei que ele sabe quem eu sou e o que faço. Para estar aqui é óbvio que deve recebido uma boa carga de informações sobre mim, mas acontece que a

teoria é meio diferente ao ser aplicada na prática. E bem, não estou aqui fazendo isso fácil para ele. Mas agora, o que não consigo imaginar é o motivo para que isso aqui esteja acontecendo agora.

Por que ele resolveu fazer isso? Ainda não sei, mas em breve vou descobrir.

O carro volta a ter movimento e eu fungo limpando uma lágrima inexistente, antes de voltar meu olhar para fora do carro, passando a ele a imagem de alguém que sente saudades de um alguém muito querido e essa, essa é a arte de fugir de uma encruzilhada, quando não se tem nenhuma arma evidente para que eu pudesse me proteger. Sendo inteligente, devo ter em mente coisas sobre o outro que me viu pegar esse táxi, ou seja, ele seria uma testemunha dessa morte ou estaria logo atrás desse carro, garantindo a segurança do comparsa. Matá-lo seria o melhor a fazer, todavia o não muito inteligente, logo, eu teria de estar ciente de algumas coisinhas, antes de descer desse táxi e sair.

Necessito ter a chance de não o perder, mesmo que eu saiba que ele ou outro estarão na minha cola por todo o tempo, mas não consigo entender como ele sabia que eu viria por essa avenida ou isso seria premeditado?

Conhecer Adiel estava nos seus planos também?

Eu deveria matar este na minha frente?

Sabia que a minha intuição não estava errada, porra. Preciso estar perto para saber mais coisas, porque sinto do mais profundo do meu ser que Adiel não foi uma coincidência no meu caminho, tampouco esse serviço e menos ainda, o emprego neste hospital.

O que mais não é coincidência e que estou deixando passar?

Alguns minutos depois, ele para o carro em frente ao endereço que lhe dei, mas antes de o pagar, encaro o seu rosto por alguns segundos, buscando alguma coisa e encontro tantas semelhanças... tantas, mesmo que sejam poucas. Eu jamais esqueceria uma imagem que já tinha visto por longos e mais longos minutos. Sinto meus olhos marejarem e esse é o meu mais profundo ser em forma de atriz sendo revelado embaixo do seu nariz e para a minha sorte ele não percebe. Pisco e sorrio minimamente.

— Você sempre pega seus passageiros ali? – digo e levo minha mão para limpar algo nos meus olhos, sob o seu olhar avaliador.

— Sim, sempre – diz, apenas.

Seus olhos estão avaliando cada palavra que eu digo, mas só sinto, porque ele jamais vai conseguir capturar por mínimo que seja, alguma emoção conflituosa aqui do meu interior.

— Você tem um cartão?

Pisco meus cílios repetidamente, tentando expulsar uma dor inexistente e

vejo quando amolece sua feição para me encarar. Encara-me ainda por dois segundos, antes de se inclinar no banco e pegar um cartão. Ele o encara, encara e encara, até que o estende para mim e me entrega.

Kaique, Kaique, Kaique... oh, céus.

— Eu posso te ligar, caso eu precise sair ou me dirigir a algum outro lugar? — pergunto arregalando os olhos e logo, os pisco.

Ele acena, mas não me dirige nenhuma palavra. De um certo não está conseguindo me entender e eu não poderia estar mais feliz por isso.

— Tudo bem... desculpa, eu não quero tomar muito do teu tempo — digo e me inclino para abrir a porta, mas antes que eu saia, sua mão está voando para o meu braço e eu procuro do meu mais profundo ser, controlar a minha respiração, para não despejar adrenalina no seu rosto.

— Está tudo bem, moça — ele diz, agora me mostrando um sorriso calmo e sereno, até contente. Como é? Agora está vestindo uma máscara de disfarce, é? — Pode me ligar a qualquer momento que desejar...

Pisco sorrindo e aceno. Ele solta o seu aperto e eu saio do seu táxi. Fico na calçada o observando partir, se afastar, mas eu sei que ele não vai muito longe, porque provavelmente já até suspeita para onde vou.

Eles sabem muito sobre mim, sobre quem sou e sobre o que faço.

E eu não posso deixar que isso aconteça, porque... testemunhas vivas não são aceitas.

Capítulo 18

Íris Sensit/Zayxa

Sempre fui perdidamente apaixonada pelo perigo, porque dentre todas as coisas, ele me seduz e me encanta. Gosto de desafiá-lo, mas além disso, eu amo o superar e até essa presente data, nunca me decepcionei quando estiver frente a frente com ele. Não preciso parar mais alguns segundos para ter a certeza de onde estão vindo os ataques, mas vale a questionação do motivo. Ora, desde que entrei nesse negócio nunca o tinha desafiado, mas agora, ao que muito posso ver está sendo difícil me manter neutra. A morte de Teófilo deve ser marcada para acontecer e, que de quebra, deve estabelecer algo de muita importância ou consequência e eu sinto, do fundo da minha alma que essa consequência viria completamente para a minha conta, para o meu rosto e para a minha vida.

Na verdade, eu acho mais ainda que a morte de Teófilo é uma armadilha. Depois que matei a mulher que lá trabalha, imagino que a notícia deve ter chegado aos ouvidos do meu mandante, mas acima de tudo isso, eu acho que ainda terei algumas coisinhas para estar lidando até que eu tenha Teófilo nas minhas mãos, agonizando. Um flagra, talvez? Uma leve constatação de que fui a culpada?

Trago um pouco do meu cigarro, soltando toda a fumaça pelos meus lábios, à medida que caminho pacientemente pelas ruas desertas desse horário. Estou perto de chegar no hospital. Não entrei na casa de Adiel, porque eu sei que estaria muito encrencada no momento, se assim o fizessem, mas eu preciso entrar lá, preciso me estabelecer.

Olho de um lado para o outro, antes de atravessar a rua e entrar do outro lado da calçada, onde as sombras estão dominando a rua. Adoro andar em meio as sombras, elas me protegem de tudo que pode me cercar e ainda me deixam ver com exatidão, quando o perigo está na minha espreita. Permaneço parada, fumando um pouco do meu cigarro, antes de voltar a caminhar, constatando que por aqui, não há ninguém para me seguir. Então, continuo caminhando, até que estou parando na frente do hospital, que ao que posso muito bem ver, não possui quase ninguém ali na sala de espera, o que pode ser considerado até um certo milagre, julgando que as madrugadas estavam agitadas.

Sorrio, tragando mais um pouco do meu cigarro, quando tenho a certeza de que por aqui não há mais ninguém.

Kaique... se ele for um homem inteligente o suficiente saberá que coincidências não existem e que, eu estava sim por dentro de tudo e que, não, aquela não foi uma coincidência, tampouco uma tacada de mestre. Provável que

se ele diz isso ao seu chefe, o irá deixar a par disso, então o nosso próximo encontro não será amigável, mas eu sei que eles não querem me matar, afinal se o quisessem, o teriam feito, mas querem manter um olho bem grande em cima dos meus passos e isso, não posso permitir.

— Ah, você está aqui! — Essa voz é de Eliza, ela está atrás de mim e eu me viro só para vê-la sorrindo na minha direção. — Estava te procurando... vi que tinha sumido, mas nada falou...

Sorrio minimamente soltando minha fumaça lentamente.

— Fui comprar um cigarro do outro lado da rua.

— Essa hora? — ela pergunta levantando a mão para olhar seu relógio e quando volta o seu olhar para o meu rosto, apenas dou de ombros.

— Uma mercearia estava semiaberta, então comprei uma carteira de cigarro, isqueiro e um pouco de vodca.

Ela arregala os olhos e se aproxima rapidamente de mim.

— Você tomou a...

— Só um gole, não se preocupe. O álcool combinado com o cigarro, me ajudam a pensar e eu preciso disso no momento — digo antes de sorrir confortavelmente.

— Ainda bem que não temos um grande movimento hoje.

Suspira colocando as mãos no bolso do seu jaleco branco.

Aceno, virando-me de forma que fico de frente para a avenida, onde não há tráfego nesse horário. Observo o prédio a minha frente e começo a pensar, se ali de dentro alguém está me observando ou se aqui de dentro... alguém pode estar entre os enfermeiros somente para isso.

Eu faria isso se quisesse manter um olho constante em alguém, então para uma mente calculada e planejada, essa seria mais uma medida a ser tomada.

— Houveram muitas contratações ultimamente? — pergunto quando ela dá um passo à frente para observar com atenção o que está se passando em meio a todos.

— Sim, cinco enfermeiros foram contratados, o que eu acho ótimo. Além de faxineiros e porteiros. — Suspira antes de voltar a falar, já que não recebe uma resposta vinda de mim. — Vamos sair amanhã à noite? É nossa folga e precisamos relaxar um pouco. Vamos para um bar no centro da cidade, o Tigreiro. Sempre vamos para lá... se quiser ir, está mais que convidada. Aliás, hoje — ela sorri —, já que hoje já faz parte do amanhã, depois que amanhecer.

Olho de um lado para o outro quando ela sorri sozinha do que disse e permaneço sem entender, mas nada digo, apenas dou de ombros, tragando mais um pouco do meu cigarro. Quando ele acaba, jogo o que sobrou fora e ascendo outro, precisando parar um pouco para pensar mais.

Eliza continua a conversar sobre coisas banais, enquanto me pego pensando em qual será o próximo passo desse mandante idiota. Eu poderia ir atrás dele, poderia acabar com a sua raça e, mais que isso, eu poderia dar cabo total dos seus negócios, já que nunca foi dos melhores na arte de planejar e abafar suas localizações.

Ande sempre à frente do inimigo...

E nesse mundo, todos são considerados meus inimigos, até mesmo ela, que tagarela sem um fim, sobre tudo ou nada, sem sentido algum.

Quando ela precisa voltar para dentro, a minha carteira já chegou ao fim e o sol começa a surgir na altura dos olhos de quem por aqui aparece. Eu não entrei, desde que saí. Deixei que o novo porteiro assumisse o seu lugar e quando o fez, eu me sentei ao seu lado, onde Teófilo se sentou duas vezes e que pude ver. Eu não disse nada, apenas me manti ao seu lado por todo o tempo, mas sou aquela que curte brincar com o que está pungente ao alcance do meu nariz e não seria diferente agora... não quando sei de tudo.

Sorrio e sinto seu olhar em cima do meu rosto.

— Tem um cigarro aí? – pergunto e encaro o seu rosto.

Ele pisca e dá de ombros, antes de retirar do seu bolso traseiro uma carteira de prata, essa carregada a cigarros negros. Ele retira um e me entrega, depois fecha a carteira e a guarda.

Sorrio levando o cigarro aos lábios e o ascendo antes de recostar contra o vidro da larga porta e suspirar, soltando um pouco de fumaça.

— É novo aqui? – pergunto, mas só para ter a certeza do motivo verdadeiro ao qual está aqui.

— Sim.

— Recebeu quanto para estar na cola de Íris? – pergunto tragando do meu cigarro e sinto o seu olhar intenso no meu rosto.

Bem, mais direta que isso só pintando e esfregando na sua cara o quanto eu sei quem ele é e o que é que faz.

— Uns mil dólares – ele diz e eu sinto que o seu olhar está no meu rosto.

— Sabe quem ela é? Mesmo? – pergunto piscando e com o meu olhar na frente, sem desviar em momento algum.

— Sei o suficiente para saber como devo lidar com ela – ele diz e sorri.

É o sorriso mais macabro que eu já escutei em toda a minha vida. Não, esse é o sorriso mais macabro depois do meu, quando estou matando alguém por vingança.

— Ela me mandou te dar um recado – digo soltando fumaça pelos meus lábios. — Testemunhas vivas não são aceitas e ela trata desse assunto com um punhado de álcool e... fogo.

Levanto-me e o encaro com um olhar que transmite tudo o que eu realmente estou querendo dizer. Então, me dirijo para dentro do hospital, onde poucas pessoas transitam e vou diretamente para onde estão as minhas coisas. No mesmo ambiente, Milena está sentada balançando seu pé com um salto ainda maior que o da última vez e em sua mão, um copo com suco está repousando.

Isso me irrita, ela me irrita.

Passo por ela, mas eu sei que não passaria sem receber uma das suas piadas como sempre, mas nela, não me deixo focar por muito tempo, porque estou indo em direção ao local onde está minha bolsa e assim que a pego, a abro e retiro minhas sapatilhas para que eu possa tirar essas crocs ridículas dos meus pés.

— Você sabe... deveria tomar um banho. Sinto a catinga do cigarro presente no ambiente. Acho que vou acabar sufocando – ela diz, sinto sua voz próxima.

Olho para minha bolsa, onde um pequeno vidro com creme de cabelo repousa e trato de o pegar, camuflando-o com o meu corpo, antes de o derramar um pouco no chão.

— É educado responder as pessoas, já te disseram isso? – ela pergunta e eu reviro os olhos, deixando o vidro ali, semicaiado na mesa.

Afasto-me dali com a minha bolsa em mãos, sandália no pé e crocs na bolsa, mas antes de parar em frente a porta, eu me viro e a encaro.

— Eu esqueci meu creme... pode pegar? – pergunto, não demonstrando muita paciência e ela revira os olhos, continuando sentada.

Bufo, mas não retrocedo meus passos para o buscar, apenas me viro e saio dali. Uma pessoa curiosa e maldita como ela, é obvio que vai se levantar, irá até lá e vai o pegar antes de sair e é aí que ela vai cair. Uma pena que não estarei aqui para ver.

Encaminho-me para a frente do hospital, vendo que Adiel está em frente ao porteiro que me vigia. Eles não conversam, mas vejo que o porteiro encara Adiel e isso me causa um pequeno desconforto, com a certeza de que algo está estranho aqui, mas ao invés de dar meia volta, continuo minha caminhada até a parte da frente e quando nela estou, passo na frente dos dois e me afasto, não dando nenhuma palavra, mas ao contrário de tudo que penso, antes que eu avance para muito longe, ele me chama.

— Sim? – digo me virando com um bico de descontentamento e vejo com exatidão o porteiro fajuto nos encarar com total atenção.

Ele não considerou minha ameaça.

Ele não me considerou.

Não tomou nota do que lhe disse e vai se arrepender amargamente por isso. E eu não sinto nada em o informar cada palavra.

— Eu te dou uma carona – ele diz com um sorriso pequeno nos lábios, um sorriso bonito, que escorre charme e transborda bondade.

Como um homem como ele pode ter algo de obscuro? Como?

— Sim, aceito.

Arregalo os olhos e sorrio, vendo-o sacudir sua cabeça.

— Eu não perguntei se queria, eu apenas disse que te daria – fala e eu arqueio minhas sobrancelhas antes de sorrir alto.

— Eu não perguntei se você estava ordenando, eu apenas disse que aceitava.

Travo minha mandíbula, quando percebo o alto nível de nervosismo que se instalou no meu corpo somente com suas palavras, combinando com a rouquidão da sua voz. Eu sei o quão pouco inteligente foi a minha resposta, mas que se foda, essa porra de voz é arrepiante, combinando com os seus lábios carnudos se movimentando perto de mim, fazem com que uma onda de arrepios percorram o meu corpo e eu juro que não sou capaz de compreender o motivo disso estar acontecendo comigo. Não sou capaz de entender o motivo de estar tão nervosa e sem capacidade de raciocínio só por tê-lo na minha frente e sorridente.

Perigo, perigo, como gosto de você e como me chama e me encanta.

Sorrio quando ele acena com uma careta e se encaminha para o seu luxuoso carro. Ao passar por mim, o meu olhar fica diretamente na testemunha que ainda está viva. Sabe muito, sabe demais, sabe coisas que nunca deveriam ter passado por sua cabeça, mas... o problema é somente dele. Viro-me e passo a seguir Adiel, com meu olhar colado nas suas costas musculosas, o homem é bonito, porra e eu juro que adoraria tirar uma casquinha, mesmo sabendo que ele pode ser um inimigo. Mordo meu lábio inferior, quando um pensamento começa a correr por minha mente. Entro no seu carro e me deixo ser levada para o meu temporário apartamento, enquanto um sorriso está burlando os meus lábios.

Oh, doce perigo... Oh, doce anjo... Será um anjo perigoso?

Mordo meu lábio inferior, adquirindo interiormente a enorme vontade de descobrir essa beldade. Vamos ver o que esse rústico homem de lábios carnudos e olhos angelicais, tem a esconder de mim.

Capítulo 19

Adiel Gaspar

Assim que paro meu carro na porta do seu prédio, ela se vira para mim e me encara com um sinuoso sorriso, que não demonstra muita franqueza, mas o seu morder de lábio inferior ao encarar os meus me faz ter a certeza completa de que, sim, ela está um pouco focada no meu corpo e isso me deixa quente. Sinto meus pés formigarem, minha garganta secar e as minhas mãos tremerem, além de um frio na barriga se instalar. E ela está fazendo tudo isso ser presente aqui, com o seu olhar intenso, preciso. Deus, como pode existir uma mulher assim? Precisa, concreta... o seu olhar passa tantas coisas ao mesmo tempo e quando ele vem diretamente para o meu rosto, juro que sinto que a qualquer momento posso estar derretendo nesse banco de carro. Ela explora o meu olhar sem precisar fazer muito esforço. É como se estivesse me investigando, como se quisesse saber de algo, como se quisesse descobrir... e ela aproxima o seu rosto do meu, fazendo uma onda de calor subir pelo meu rosto e eu juro que não entendo.

Por todo o caminho até aqui, tentei conversar com ela, tentei perguntar coisas, mas suas respostas eram tão secas com meias palavras, meias respostas... e isso me incomodou. Deixa-me confuso o fato de que agora ela esteja se aproximando do meu corpo, ao tempo em que mantém o seu olhar tão pungente e intenso no meu.

A sua boca passa pela minha e eu sinto meus olhos pesarem, juro que sinto tudo aqui dentro borbulhar, mas não entendo o motivo, talvez seja a sua presença forte e severa, o seu olhar provocativo e curioso... eu não sei...

— Obrigada pela carona, rústico anjo – ela sussurra antes de deslocar os seus lábios só um pouquinho para os selarem na minha bochecha.

Um toque tão macio, tão delicado... deveria ser proibido para uma mulher de olhar meticuloso e severo como ela. E então, tão rápido como sua aproximação aconteceu, ela se afasta e eu só sou capaz de registrar o momento em que está longe de mim, porque ela fecha a porta do carro, fazendo-me abrir os olhos e puxar uma longa respiração. Pela janela do carro, ela me encara com um sorriso.

— Ouvi dizer por algumas bocas que você era assexuado – diz me fazendo arregalar os olhos, com a surpresa banhando cada canto do meu ser. — É bom saber que posso te causar alguma reação. – Ela morde o lábio encarando o meu rosto e é impossível que vários tons de vermelho borrem o meu rosto, assim como uma forte onda de calor. — Você cora?

Ela sorri e volta a abrir a porta do carro. Entra nele e fecha a porta logo em

seguida. Aproxima-se do meu rosto e eu permaneço sem saber o que dizer, tampouco o que fazer diante a tanta...

— Confesso que estou com vontades – sussurra aproximando sua boca da minha e sou incapaz de fechar os olhos com o alto grau de excitação que sobe pelo meu corpo. — Mas deixarei cada uma delas para o seu devido momento.

Seus lábios tocam os meus e vejo em seu olhar tanta luxúria que foi praticamente impossível que uma longa respiração não fosse tragada dos meus lábios.

— Vem, vamos subir, tenho certeza que Tércio vai adorar te receber – ela diz mexendo seus lábios sob os meus, sem aprofundar o seu ligeiro toque e eu juro que tudo o que mais desejo nesse momento é deixar que ela o faça, que me beije... ou será que espera uma atitude minha?

— Acho... – Ela se afasta mordendo o lábio inferior e eu limpo minha garganta, tentando construir uma frase coesa. — É melhor que...

— Eu não perguntei o que você acha, eu disse que vamos subir – ela diz antes de me devolver um sorriso que eu considero sendo o mais bonito que já a vi revelar.

Tem pouco tempo que eu a conheço, é certo, mas nesse pouco tempo nunca a vi sorrir assim, com verdade, como se realmente o quisesse fazer. Sorrir... *o seu sorriso é tão bonito.*

— Agora – diz autoritariamente e logo, está abrindo a porta do carro para sair, logo em seguida. Dá a volta no carro, abre a minha porta e com o seu olhar intenso no meu, se inclina e leva a sua mão até o câmbio, tirando de lá a chave ao mesmo tempo em que o desliga. — Não sou de brincadeiras, anjo.

Então, ela me carrega.

— Tércio? – chama, assim que abre a porta e logo, o mesmo homem do outro dia aparece com os olhos cheios de olheiras e um suspiro cansado.

Ele arregala os olhos quando me vê e depois relaxa, encostando-se contra uma parede... vermelha? Da última vez que vim até aqui, essa parede não existia. Pisco quando começo a registrar o desenho que nela está bem claro.

— Passei a noite inteira encaixotando as nossas coisas – ele diz suspirando. — Olá, Adiel... você a ameaçou para que te trouxesse até aqui?

Ela bufa fechando a porta trás de mim e logo está adentrando no seu apartamento, enquanto o homem intitulado por Tércio está sorridente na minha frente.

— Não – digo encontrando a minha voz perdida em algum lugar, desde que

essa mulher começou a se fazer intensa ao meu redor, enquanto eu permanecia sem realmente saber o que estava se passando, porque ainda não entendo essa repentina aproximação. — Ela praticamente me arrastou até aqui e... vocês estão se mudando?

Ele arregala os olhos ao mesmo tempo que abre a boca.

— Íris! – brada e dessa vez, quem arregala os olhos sou eu. — Zayxa! Maldita! Venha aqui! Você está namorando este cara? Como eu não sabia disso?

Meus olhos estão mais arregalados que nunca, quando ela aparece de algum lugar com uma garrafa de nescau e, com os olhos semicerrados, lança a garrafa que acredito estar cheia direção do irmão acertando em cheio no seu abdômen. Ele curva o seu corpo rodeando o local com as duas mãos, mas não profere um só gemido. Volta à sua postura normal e eu vejo seu rosto vermelho com ira salpicando dos seus olhos.

— Eu que deveria estar irritado! O que é que eu não estou sabendo?

Semicerra os olhos e ela dá dois passos à frente, parando alguns passos de distância da sua frente.

— Meu nome é Zayxa e não me tire do eixo.

— Então... eu acho que é melhor que eu... – começo, mas o seu olhar cheio de dureza, completamente diferente daquele conflito de sensações, é lançado na minha direção.

— Sim, vá!

Escuto o homem suspirar, antes de se virar para mim e sorrir novamente, dando-me tranquilidade, essa que não aceito com muito sucesso.

— Nossa, eu não pensei que...

Ele ri, parando o que eu tinha de falar ao final.

— Vá se acostumando, viu? Minha irmã é uma inconstância em pessoa... namorar com ela é...

— Não me irrite, droga – rosna semicerrando os olhos para ele e eu resolvo que, bem, é melhor eu ir.

Foram muitas emoções para um espaço de poucos minutos e eu ainda não digeri seu cheiro, sua intensidade e sua curiosidade. Antes de sair dali e voltar para o meu carro, eu me despeço dos dois, que permaneceram a brigar e então, apenas me preocupei em seguir o meu caminho até minha casa.

Juro que não consigo encontrar paz para entender o motivo ao qual ela se aproximou tanto e agora me enxotou como se eu não fosse nada.

Ela seria bipolar? Se é, não sei, mas tenho certeza que o seu beijo... oh, sim, o seu beijo deve ser o mais delicioso do mundo inteiro e eu estou disposto a prová-lo.

Capítulo 20

Íris Sensit/Zayxa

Eu tenho certeza que eu estou ficando completamente louca.

Sei que não tenho escrúpulos para conseguir o que quero, mas eu não deveria ter me aproximado tanto do perigo somente para devolver uma chave, porém se não fosse daquela forma, seria quase impossível para que eu a devolvesse sem que ele percebesse. Estou quebrando as barreiras do que um dia predefini para mim, mas foi tão gostoso, foi tão bonito deixar um anjo rústico como ele fora do seu eixo e eu juro que meu sangue esquenta e queima só para provar mais um pouquinho, para deixá-lo saber do que eu realmente gosto, do que eu realmente quero. Seus lábios macios contra os meus, ameaçadoramente perto e eu estava completamente fascinada com todas as sensações que eu estava causando nele, somente com aquela simples aproximação. Juro que estava prestes a montar em seu colo ali mesmo, na porta do meu prédio, mas eu tinha que pensar, tinha que ser meticulosamente esperta para que nada passasse sem que eu percebesse e eu tinha inimigos, tinha um par de ameaças por perto e eu preciso eliminá-las.

Pedi a Tércio que fizesse uma pesquisa no sistema do hospital para que descobrisse quem foram os recém contratados. Tantos no mesmo espaço de tempo? Logo quando estou começando nele? Não, coincidência demais.

Suspiro, quando o gole de whisky já não me ajuda a pensar, não me ajuda a nada e eu preciso, necessito ter na minha mente a ideia pungente de que, se eu não fizer tudo da maneira mais sensata possível, acabarei me fodendo, porque de um certo é o que desejam.

Ele está logo na minha frente mexendo com seus dedos rápidos sob o teclado do seu Mac, enquanto uma xícara com chocolate quente repousa ao seu lado.

É noite e eu lembro perfeitamente do convite feito por Eliza para que saíssemos. Essa ideia está rondando a minha mente, porque necessito estar perto, observando e... preciso descobrir o quanto Adiel sabe sobre mim e o que pretende fazer com o que supostamente sabe. Se estiver sabendo muito, não serei capaz de o deixar vivo, mesmo que seja um homem lindo e eu sei que a humanidade vai chorar, caso um corpo como aquele suma. Um corpo cheio de sentimentos e com tantas sensações e reações escondidas. Ele não faz ideia do quanto estou tentada a descobrir cada uma delas. Porra, qual homem permanece apenas observando, quando tem uma mulher tentando o seduzir? Em nome de tudo que é mais sagrado! Jamais que eu conseguiria ser dessa forma, tão

paciente, tendo de esperar... não consigo, eu simplesmente não consigo não ir de encontro ao que eu quero.

Levanto-me com a certeza de que irei até essa saída que planejaram e, talvez eu possa até descobrir mais um pouco sobre eles, com o bônus de deixar Kaique sob aviso, assim como deixei o porteiro, mas dessa vez não irei sem munição, porque não sou nenhuma otária.

— Tércio, desligue tudo. Vamos nos mudar amanhã mesmo e estaremos o fazendo no começo da manhã, assim que eu chegar. Deixe tudo preparado, sele todas as janelas, bloqueie todas as possíveis entradas e contrate um serviço para deixar nossas coisas no local onde iremos morar. Vou cuidar para que não sejamos seguidos, ok?

Ele acena e sem dizer mais nenhuma palavra vira o monitor do seu computador na minha direção, deixando a minha frente os rostos dos novos contratados.

— Dois desses, a mulher do cabelo negro e o homem negro estão no nosso mesmo sistema. – Ao escutar suas palavras volto a me sentar, quando uma onda de fogo sobe por meu corpo, enquanto que me mantenho no limiar da descoberta. — Cinco dos outros eu encontrei com diversas ocorrências da polícia federal, sendo dois deles caçados pela... OICO.

Sorrio desviando meu olhar da tela para o meu copo com um pouco de whisky no seu fundo.

— Quantos deles estão em serviço no hospital hoje? – pergunto tomando o último gole de uma só vez.

— Só o homem negro, que tem o nome de Ruivo – diz fazendo uma careta e eu sorrio mais ainda, com algumas certezas batendo contra o meu consciente.

Às vezes sou muito subestimada e se tem uma coisa que amo, em meio a tudo, é isso. Ser subestimada e ter o prazer de esfregar o quanto está errado quanto a mim. E é exatamente isso que estarei fazendo hoje.

— Nossos planos continuam, mas tenho algumas coisas para fazer e preciso da sua ajuda. Aqui, nesse lugar – digo com as engrenagens da minha cabeça sendo mais precisas que tudo nessa vida. — Necessito que arrume algumas coisas essa noite, para que amanhã tudo fique pronto, ok?

Ele acena com o cenho franzido e eu me levanto novamente. Um novo foco foi colocado, assim como um novo alvo sendo muito bem mirado. Outra coisa ainda é muito estranha.

Eu matei a cozinheira de Teófilo, mas a notícia não veio a público, nem mesmo nos corredores do hospital alguém ficou sabendo disso e eu acho que posso estar no meio de um ciclo mais planejado que a minha própria vida, enquanto tudo ao meu redor me mostra o quanto estou seguindo o caminho

correto, mas nessa noite, nessa em especial, tudo vai ficar ainda mais claro.

— Você ainda tem aquele boa noite cinderela? – pergunto, vendo-o acenar e logo, ele se levanta, encaminhando-se até o seu quarto.

Suspiro ao tomar o caminho do meu, onde trato de tirar essa calça de moletom, colocando uma calça jeans preta perfeitamente colada ao meu corpo e uma blusa de alças finas, que realçam meu busto e que me deixam com uma jovem aparência. Calço uma rasteirinha que fica perfeitamente encaixada nos meus pés, dando-me liberdade de fazer tudo que eu quiser e, do meu guarda-roupas, retiro uma bolsa pequena de alça fina, onde em seu interior possuí espaço o suficiente para repousar uma pistola e algumas carteiras de cigarro, que irão me manter entretida durante essa noite que tem tudo para ser enfadonha.

É noite, eu sei, mas nesse horário o calor ainda predomina nessa cidade, ou seja, a jaqueta ficará aqui mesmo e sem uso.

— Aqui – ele diz me entregando o frasco.

Sorrio, considerando o quão sábia serei.

O maldito lugar está lotado de pessoas, mas uma mesa está movimentada com diversos rostos conhecidos rindo e batendo sob sua estrutura sólida, o que me faz aderir uma careta no rosto. Abro a minha bolsa e dela, retiro um cigarro e um isqueiro.

Hoje o dia está mais que propício para fumar, um hábito que só toma o meu corpo, quando tenho diversas coisas para lidar em um só dia. Meu olhar está na frente do local, enquanto estou encostada contra o carro luxuoso de Adiel. A noite predomina com a ameaça de mais calor e eu queria mesmo estar esquentando o meu corpo, enquanto tenho muito sangue escorrendo por minhas mãos. Preciso manter a ideia de que tenho que permanecer neutra, enquanto muitas coisas acontecem ao meu redor.

Do outro lado da rua, um carro preto está estacionado. Ele me seguiu durante algumas quadras e eu percebi cada aproximação.

— Zayxa! Zayxa! Você veio! – Eliza grita ao sair dali de dentro.

Sorrindo, ela corre na minha direção e quando está parando na minha frente, balança os braços animadamente. Está diferente, mais alegre que o normal, bêbada.

— Vem, vem com a gente – diz pegando no meu braço e eu levanto os meus dedos, onde meu cigarro está no meio, antes de sorrir minimamente em sua direção. — Espero você acabar.

E ela realmente o faz até que só resta um pequeno pedaço do meu cigarro.

Quando o descarto, ainda falando sobre qualquer coisa, ela me arrasta para dentro do estabelecimento, diretamente para a mesa em que eles estão posicionados. Adiel, diferente das outras vezes que eu tinha o visto, está com uma camisa polo prestes a rasgar no seu bíceps, enquanto tem um copo de cerveja na sua frente. Ele sorri de algo que alguém fala, mas assim que me vê, eu vejo novamente os tons de vermelho tomarem conta da sua pele e o seu olhar descer por meu corpo.

— O que vai querer beber, Zayxa? – ela me pergunta e eu dou de ombros, pedindo uma vodka qualquer. — Senta aqui do meu lado, que vou lá buscar – diz apontando para a cadeira e eu a tomo, sentando-me em seu acolchoado assento.

— Então, a novata apareceu para nos fazer companhia – diz Milena, de algum canto da mesa e eu busco o seu rosto, só para ver um hematoma na sua testa.

Uma pena que uma puta de última classe tenha se machucado..., mas e se, acidentalmente, ela cair e acabar quebrando dois dentes da frente? Muito trágico... trágico demais. Uma peninha...

Sorrio contidamente, não a enviando muita confiança, mas relaxo ao me recostar contra a cadeira.

— Não vamos nos desentender hoje, mulheres – diz Martin, o mesmo maldito que está sentado ao seu lado.

Hoje, mais que os outros dias, um sorriso nojento e desagradável está posicionado nos seus lábios e eu odeio que eles estejam assim, ao mesmo tempo que não posso deixar de achar suspeito que essa felicidade esteja burlando seu rosto, sendo que Teófilo está sumido, sem notícias algumas.

Permaneço calada até que Eliza surge com minha bebida. Ela está com um sorriso travesso, quando me entrega o copo e eu não posso deixar a vontade de o avaliar, passar por mim. Parece estar tudo limpo, o que não me deixa entender o motivo ao qual ela está sorrindo assim.

— Essa é a Grey Goose – ela diz sorrindo. — Tomei um gole, mas não consegui deixar que o resto descesse. — Ri, sacudindo a cabeça. — Vocês, homens, deveriam experimentar.

Logo um dos enfermeiros, um que eu vi no dia que cheguei no hospital, levanta-se para ir em direção ao bar, tendo todos com os olhos predominantes nele, mas o meu desloca para o de Adiel e eu o vejo com um simples sorriso nos lábios, mantendo na frente do seu corpo, um copo com cerveja.

— Olá, Zayxa – ele diz sorrindo e eu aceno, piscando um olho para ele, tendo o prazer de acompanhar mais ondas vermelhas serpentarem o seu rosto e descenderem para o seu pescoço, onde permanecem, enquanto meu olhar fica totalmente nele.

— Lá vem ele, o exibido – grita Eliza batendo na mesa, o que me faz desviar o olhar para ela, tentando compreender se ela tem algum problema mental.

— Posso a acompanhar, senhora? – pergunta ele, o mesmo que Eliza intitulou como exibido, ao vir com uma garrafa da mesma vodka que ela me ofereceu. Dou de ombros e tomo um gole da minha dose. Desviando meu olhar para Adiel, discretamente passo meus dentes por lábio inferior, tendo o seu olhar acompanhando meu movimento.

Gosto assim, anjo.

— Quero ver vocês aguentarem! Quero só ver – ela diz, enquanto que ele se mantém travesso com sorrisos sendo distribuídos a todos os cantos.

Os minutos passam, as horas parecem voar e eles continuam animados, bebendo, fofocando e gritando por todo o bar. Bêbados, cheios de alegria sem sentido, enquanto outras já nem sabem quais são os seus nomes. No sistema de som toca algum rap qualquer e eu não me deixo ligar nele por muito tempo, porque Eliza está louca, cheia de álcool, se remexendo e gritando ainda mais alto.

Milena, querendo a atenção toda para ela, começa a sensualizar ao lado de Martim, que a encara com fome, o que me faz revirar os olhos. As meninas se levantam com sorrisos brilhando em cada rosto, o que me rende mais tédio. Poderia ir embora agora mesmo, se na minha frente não houvesse um médico rústico lindamente bêbado, assim como os outros ao nosso redor.

De todos, eu fui a única que permaneceu apenas no segundo copo de vodka, alternando por ascender vários cigarros durante toda a noite, enquanto tinha o olhar dele constante em cima de mim. Ele bebia, mas era para o meu rosto que olhava, como se estivesse bebendo de um, querendo degustar o outro e isso me fez sorrir diversas vezes, exatamente por perceber o quão transparente ele é, ao mesmo tempo que tenta ser o mais fechado possível.

É madrugada, o relógio na parede indica duas horas da manhã e eu começo a perceber que o meu tempo está acabando, então, me levanto, mas vejo que o olhar dele se mantém no meu corpo, na minha atitude e me acompanha com o seu olhar até o bar, onde vou quitar parte da conta da mesa. Quando menos espero, ele está se colocando ao meu lado. Um sorriso vacilante, mas perigosamente sexy está beirando seus lábios e eu juro que por alguns segundos acabei vacilando nos meus pés.

— Está indo?

Ele levanta a mão indicando para fora, mas logo a baixa, fazendo-me sorrir novamente. Aceno, mordendo o lábio inferior e ele mantém o olhar ali, no meu pequeno movimento. A noite inteira foi assim. Ele me encarava, me avaliava e

eu fazia o mesmo com ele. Era uma troca de avaliações e a cada conclusão formada, um sorriso de contentamento era enviado e aquilo estava me intrigando, inquietando-me.

— Posso te dar uma...

— Para a sua casa? Claro.

Sorrio, piscando, quando ele entreabre a boca e me encara como se eu fosse alguma coisa de outro mundo. Os tons de vermelho continuam ali, mais uma vez me encantando ao preencher o seu rosto e posteriormente o seu pescoço.

É com meu sangue pulsando nas veias que me aproximo do seu corpo, mantendo ainda o meu olhar nele. Ele puxa uma respiração forte, quando me aproximo do seu corpo e sua mão forte, rusticamente calejada fecha sob o meu braço, onde a aperta, trazendo o meu corpo para perto do seu.

— Eu quero saber o que é que você faria comigo, se eu estivesse nua e completamente entregue à você.

Capítulo 21

Íris Sensit/Zayxa

Ele não mexeu um músculo desde a minha última sentença e eu acho que já fiz muito para um só dia, mas não desejo parar por aqui tendo recebido tão pouco dele, enquanto todos ao nosso redor estão bêbados. Poderia beijá-lo, sentir o gosto dos seus lábios, sua maciez e poderia sentir mais que apenas o seu toque com roupas nos cobrindo, mas acabo correndo o risco de o deixar apenas com pequenos flashes na memória e não é o que desejo.

Quando seus lábios estiverem sob o domínio dos meus, quero que lembre por todos os seus dias e que jamais seja capaz de os esquecer, porque eu...

Preciso me afastar!

Isso mesmo, eu preciso me afastar, porque ele está me arrastando demais, trazendo-me muito para a beirada do fascínio e eu nunca estive fascinada por um homem antes.

Um homem jamais me encantou com sua pureza, tampouco com a sua garra, com a construção do seu futuro de maneira tão dura e batalhada. E, porra, nunca fui arrastada por um par de olhos bondosos como esses, que exalam a mais pura vida. Aproximar-me de algo tão puro assim é como se eu estivesse o manchando, o queimando, deixando-o com os rastros da pior das desgraças, que é o que sou.

Puxo uma longa respiração, quando a necessidade do afastamento se faz presente aqui dentro de mim.

— Está bêbado e dirigir nessas condições não é o melhor, como muito bem sabemos, então o levarei para casa – digo com minha boca perto da sua, tendo o seu olhar focado nos meus lábios.

Ele pisca e logo, um sorriso está puxando no canto dos seus lábios.

E eu acho que esse movimento é o mais belo que já tive o prazer de observar.

— Você não sabe onde moro – ele sussurra aproximando a sua cabeça ainda mais da minha e eu observo seus tons de vermelho apenas se intensificarem, tornando-o tão adorável.

— Você me ensina – digo sorrindo minimamente, quando ele pisca e sorri depois.

— Prefiro quando sorri de verdade – fala levando seu dedo polegar ao meu rosto, onde o passa suavemente por minha pele, descendo para os meus lábios e os deixando ali. — São poucas as vezes que você o faz, mas as poucas que pude ver, foram magníficas.

Sorrio sentindo minha pele esquentar e acho que estou tão vermelha quanto ele depois dessa declaração, mas resolvo que dar alguns passos para trás seja o melhor a ser feito no momento, julgando que eu não seria capaz de segurar a loucura que existe dentro de mim, caso ele me beije aqui mesmo. Não, eu não seria capaz.

Fazem anos desde a última vez que estive com alguém e, esses são os piores anos da minha vida, isso sem dúvida alguma. Não existe nada pior que querer sentir prazer e não ter com quem o fazer, mas para minha sorte sou mulher o suficiente para me dar o prazer que necessito, sem ter de causar falhas no meu sistema de segurança, ao me aventurar com um alguém qualquer que não conheço. Antes, eu era assim. Dirigia-me até uma boate qualquer, observava por um punhado de tempo um homem e, assim que ele estivesse no meu campo de visão, eu o fisgava e o deixava preso por algumas horas sob meu corpo ou por baixo dele, enquanto eu desfrutava dos prazeres que a nossa carne pode nos proporcionar, mas aquilo já estava perdendo o sentido, quando percebi que não me satisfazia como antes, então, essa prática ficou passada e até hoje, aqui estou.

— Eu acho que está bêbado e que precisa ir para sua casa – digo com um sorriso nos lábios e vejo o momento em que ele morde seu lábio inferior, ao piscar, encarando meus lábios.

Pensei em o arrastar dali logo para que eu pudesse terminar o que tenho em mente, mas logo sou interrompida por Eliza que se aproxima de nós, com um sorriso vacilante nos lábios e uma animação claramente causada pela bebida.

— Você não dançou conosco – ela diz e Adiel afasta o seu dedo dos meus lábios e baixa o seu olhar para qualquer lugar que não seja o meu rosto.

Percebo perfeitamente os momentos em que ele fica sem graça, mas não mexe um músculo para longe e eu aprecio isso, mesmo não sabendo ainda suas intenções. Seu banco de dados me informa uma coisa, todavia os fatos estão me levando para outra linha de raciocínio e é exatamente por isso que necessito entrar na sua casa para encontrar alguma pista, por menor que ela seja, mas que já me dará uma linha para prosseguir com o meu pensamento de que, ele é ou não um inimigo.

— Nem irei, talvez um outro dia. Levarei Adiel para casa, já que não tem condições de ir sozinho.

Ela sorri largamente e o encara, antes de dar de ombros e nos desejar boa noite em alto e bom som, que acredito ter alarmado a todos ao nosso redor de que estamos saindo agora mesmo.

Suspiro pesadamente quando a certeza de que essa noite está só começando bate contra o meu rosto.

— Vamos? – o chamo e ele acena, não me dizendo mais nenhuma palavra,

o que me faz sorrir com a consideração de que provavelmente ele é um pouquinho tímido.

Ou apenas se mostra ser.

Saímos do bar e nos dirigimos diretamente para o seu carro, que está do outro lado da rua. Quando paramos em frente a ele, Adiel retira a chave do seu bolso e me entrega, recebendo um largo sorriso meu.

— Use com sabedoria – ele diz e eu sorrio rodeando o carro para o destravar logo em seguida e o adentrar, sendo seguida por ele.

Quando as portas são fechadas e nós dois permanecemos aqui dentro, sem mais ninguém ao nosso redor para nos atrapalhar, começo a senti-lo mais desconfortável, como se estivesse querendo falar algo ou fazer alguma coisa e eu, Íris Sensit, não estou aqui para deixar que desista de fazer o que deseja. Não, por todo o contrário. Quero mais é que faça mesmo, porque quanto mais ele tomar atitudes, mais dele estarei conhecendo e isso em enfeitiça mais que qualquer coisa.

Atitudes.

— Não vai ligar o carro? – ele pergunta com a sua voz rouca verberando por todo o carro, deixando-me mais acesa do que já estava. Viro minha cabeça para olhar em seu rosto, vendo que sorri, mostrando-me toda a sua carreira de dentes perfeitamente brancos e enfileirados, parecendo que foram desenhados e esculpidos assim como o seu rosto.

— Não sem antes que você me diga para qual direção deverei seguir – sussurro com um pequeno sorriso, vendo-o encarar os meus lábios e depois, morder o seu lábio inferior.

Ele meneia sua cabeça para o lado, antes de que suas pupilas comecem a se dilatar e bem ali, diante o seu menor e mais simples gesto, vejo o desejo sendo jorrado para mim, enquanto ele persiste em me entregar a sua mais encantadora timidez, mesmo que esteja muito mais que explícito o seu leve e fascinante desejo. Meu sangue queima para explorar esse desejo, mas a minha cabeça ordena que eu siga diretamente para a sua casa, onde o deixarei desacordado com o diabo da droga que está aqui na minha bolsa, mas por Deus, ele está tão bêbado e eu estou tentada...

Não, não dá, não posso. A madrugada começou agora e eu ainda tenho muito do que tratar.

Suspiro me virando para olhar para a frente, quando as quenturas do meu corpo começam a me dominar de pouquinho a pouquinho consumindo a fortaleza de juízo e profissionalismo que existe dentro de mim. Preciso ter em mente que ele está bêbado e que eu posso deixá-lo dormindo perfeitamente, sem que mais nada apareça para me atrapalhar, além do mais quando ele fechar os

olhos, o sono estará batendo na sua porta perfeitamente e estarei livre para invadir a sua casa com total perfeição.

Sorrio, mordendo meu lábio inferior, quando ideias começam a burlar minha mente.

— Pode seguir reto nessa avenida. Quando tivermos de dobrar, eu aviso – ele diz com suas pestanas pesadas no meu rosto, enquanto permaneço em uma luta interna, onde não sei se devo ou não percorrer esse caminho.

Chega de pensamentos.

Eu vou.

Ligo o seu carro e logo estou acelerando, observando pelo retrovisor que aquele mesmo carro negro está atrás desse. Eles repousam nos bancos da frente e ao que posso observar, só são os dois a nos seguir e como não preciso de dois idiotas como eles na minha cola, resolvo tomar outra direção.

Vamos unir o útil ao completamente agradável, certo?

Completamente!

Vamos lá, doutor Adiel.

Vamos descobrir até onde você vai nessa louca teia de sensações e emoções. Vamos? Sim, vamos.

Afundo meu pé no acelerador e dobro na primeira curva a direita que encontro, o caminho perfeito para o meu lugar. A minha casa e o meu centro de maquinações. No primeiro sinal em que sou obrigada a parar, pego minha bolsa e saco o meu celular, de onde o retiro e digito uma mensagem para Tércio, onde o aviso que estarei chegando com uma pessoa e que é para ele ficar recluso no seu quarto.

Não sou nenhuma exibicionista que deseja mostrar-se aos outros, quando está tendo uma noite bem animada e é por este motivo que o aviso, recebendo sua resposta conclusiva com um emoticon revirando os olhos.

— Minha casa fica para o outro lado – diz ele, mas eu sorrio sem lhe devolver uma resposta.

Desvio meu olhar para o retrovisor, só para ver o carro parado na outra esquina. Será que pensam que conseguiram me enganar? Suspiro com mais um sorriso nos meus lábios, mas esse que é flagrado por Adiel, que molha seu lábio inferior ao me encarar.

— Quer um conselho? – pergunto, olhando-o de lado e vejo quando um sorrisinho sacana se instala bem ali, mas ele não me envia uma resposta. — Não me provoque, enquanto eu estiver no controle de um carro.

Ele não gostaria de saber o que sou capaz de fazer.

Tenho certeza que não e é por isso, que quando o sinal se abre, trato de acelerar o carro nessa pista, até que essa belezinha está ganhando vida na

avenida quase vazia da madrugada. Alguns carros estão indo e vindo, mas o meu olhar focado está me deixando atenta aos movimentos que me cercam e preciso ter em mente que mais tarde alguns homens estarão espionando à frente do meu apartamento, o mesmo que será queimado em breve, quando nada estiver ao meu alcance para me atrapalhar.

O carro negro me segue de perto e isso me incomoda, porque detesto, do fundo do meu coração, ser perseguida. Causa um misto de angústia com ânsia de morte, e eu não posso cometer vacilos. O único motivo ao qual eles estão vivos é que Adiel está ao meu lado e eu juro, que se eu não estivesse tão curiosa para saber mais sobre ele, para degustar cada canto angelicalmente rústico, eu estaria causando um acidente de trânsito aqui mesmo, somente para dar cabo desses dois, mas isso custaria mais que a vida dos dois.

Custaria algo que, nesse momento, não estou disposta a pagar.

Então, continuo a dirigir até a minha casa, onde nada mais pode me impedir de ter o que desejo no momento, com uma bela e perfeita quantidade de intensidade velada à muito desejo. Estou sentindo o quanto ele queima ao meu lado. Estamos em um espaço fechado, onde posso sentir tudo dele, assim como ele pode sentir tudo de mim.

Quando paro o carro no estacionamento do meu prédio, ele está com a respiração acelerada e então, eu me viro para encarar esse conjunto perigoso de olhos sexy's.

— Por que me trouxe para o seu prédio? — ele pergunta com a sua voz saindo baixa, fascinantemente rouca e ameaçadoramente sensual, deixando-me cada vez mais no topo do precipício do insano desejo.

Eu o encaro e ele olha no fundo dos meus olhos, assim como fez durante toda a noite, investigando e lendo tudo o que pode aqui dentro do meu profundo olhar.

— Você quer realmente saber?

Desafivelo o cinto de segurança que me prendia ao banco do seu carro e ele pisca, com mais daquela intensidade adorável de vermelho borrando seu lindo rosto.

Então, expulsando todo o conjunto de raciocínio que poderia passar por minha mente, saio do meu banco e pulo diretamente para seu, repousando com minhas pernas escancaradas em seu colo, tendo na altura dos meus olhos os seus saltando uma faísca loucamente quente e eletrizante, que está me deixando cada vez mais louca por dentro.

— Eu quero — sussurro com a minha boca próxima a sua, vendo-o ficar ainda mais vermelho. Esse tom é perfeito combinado na sua pele, junto com a quantidade de tatuagens que agora estão expostas pela roupa despojada que

veste. Perigoso... esse perigo pode ser tão gostoso... estou sentindo isso. — Quero provar...

Antes que eu possa terminar de falar, ele leva a sua mão até a minha nuca e puxa a minha boca em direção a sua, beijando-me cheio de gana, extravasando desejo e com a sua outra mão, aperta meu corpo cada vez mais próximo ao seu. A sua boca carnuda, macia e completamente ensandecida, deixa-me assim como ele está. Quente, com o desejo possuindo o meu corpo, como nunca fora presenciado. Sua língua explora a minha e a pressão que ele utiliza para me manter contra o seu corpo me deixa ainda mais louca.

Ele me deixa cada vez mais louca e como se não houvesse feito nada, ele aumenta seu aperto na minha nuca afastando minha cabeça para trás, ao mesmo tempo em que meu interior se inunda e pulsa, com a sua firmeza.

Afasta a sua boca da minha, enquanto ainda permaneço de olhos fechados, sem conseguir filtrar que isso tenha acabado tão rápido quanto começou, mas logo, ele me puxa novamente, ao mesmo tempo em que seus lábios atacam o meu pescoço, onde ele beija, morde e lambe. E sem conseguir controlar a besta louca de desejo que há dentro de mim, eu me movo, friccionando o meu sexo contra a sua virilha.

Ele geme e tudo dentro de mim se aperta.

— Nua e entregue a mim... foi o que você disse e eu quero, quero agora.

Capítulo 22

Íris Sensit/Zayxa

A sua mão permaneceu no mesmo lugar, quando ele me conduziu delicadamente para fora do carro até o elevador do prédio. Quando lá estávamos dentro, voltou a puxar o cabelo da minha nuca em direção ao seu ombro, só para explorar o meu pescoço com a sua boca, que estava determinada a me deixar cada vez mais louca de desejo, mas rápido demais o elevador estava parando e ele me arrastou em direção a porta do meu apartamento, permanecendo parado atrás de mim com o aperto contínuo e a sua respiração perto demais do meu corpo.

Minha respiração está pesada, meu corpo cheio de desejo, isso é certo e mais louco ainda, mas não estou tão desfocada ao ponto de não perceber, no momento em que preciso me concentrar para abrir a minha bolsa e dela, retirar a chave que servirá para abrir a porta, um pequeno vulto negro passando no fim do corredor.

Engulo um bolo gordo demais, quando o frio toma conta da minha espinha e, então, apenas finjo que nada aconteceu, que nada vi e que nada está acontecendo, enquanto apresso-me em destravar a porta e então, arrasto Adiel para dentro, para que enfim, eu possa o deixar fora de foco nessa droga.

Mas quando fecho a porta do meu apartamento, ele já está me virando, com um aperto forte na minha pele, ao mesmo tempo em que pressiona a sua virilha contra a minha, ao me levantar e me deixar sob o seu pleno domínio. Beija minha boca e percorre a pele da minha perna com uma precisão que me deixa arrepiada dos pés à cabeça. Eu preciso parar e fazê-lo dormir, mas o seu beijo está sendo tão gostoso que não consigo fazer alguma coisa para o parar e o deixar sozinho, enquanto vou caçar a cabeça de quem está aqui na tentando arrasar com as minhas estruturas. Juro que se a ameaça não estivesse tão pungente sob a minha cabeça, eu agora estaria fazendo valer todo o desejo que corre por minhas veias e que esquentava o meu raciocínio.

Praguejo diferentes tipos de xingamentos na minha mente, quando afasto a sua boca da minha e posteriormente o seu corpo, tentando estabelecer minhas pernas sob o chão duro e seco da noite. Ele encara os meus olhos e eu vejo nos seus, as chamas que ali sobem cada vez mais ao me observar e eu não poderia estar mais satisfeita por ver as reações que causo no seu corpo.

— Vai para o meu quarto. Já estarei indo logo atrás de você – digo com um sorriso nos lábios, somente para receber o mesmo de volta, quando ele me encara com mais desejo.

Adiel não me envia uma resposta, pelo contrário, ele apenas acena e me dá as costas, afastando-se por completo do meu corpo, mas antes de seguir

caminho, ele para e se volta para mim.

— Onde é o seu quarto? – pergunta franzindo a sobrancelha e eu mordo meu lábio inferior, ao me afastar da porta e me aproximar do seu corpo.

Quando estou com o meu colado no seu, então eu o afasto em direção ao meu quarto, somente para ter mais um tempinho de contato contínuo.

Meu corpo grita por uma adrenalina satisfatória sexual, quando o deixo ali na portinha do meu quarto, com o acesso garantido para que ele possa entrar e quando ele o faz, tenho poucos segundos para decidir o que farei.

Poderia claramente me livrar desse encosto que está me cercando, ao mesmo tempo em que posso desfrutar do seu corpo? Sim, posso, mas ele pode estar aqui apenas como uma grande, bonita e gostosa distração. Fecho meus olhos e suspiro, decidindo finalmente o que devo fazer.

Às vezes ser uma assassina é tão maçante!

Evito que uma bufada saia por meus lábios, quando me viro e vou a minha cozinha, onde me dirijo diretamente para a minha geladeira, essa que está lotada de chocolate. É uma pena, uma pena muito grande o tamanho do desperdício que farei agora, sendo que meu corpo está tão fumegante quanto um fogaréu. Pego um copo normal e nele derramo uma pequena quantidade de nescau, para logo em seguida me arrepender do que vou fazer, mas que não me impede de fazer o que está na minha mente. Despejo algumas gostas da droga na bebida e me adianto em escondê-la dentro de uma das gavetas da cozinha, para seguir ao quarto, onde Adiel me aguarda. Com o copo em mão, encaminho-me em sua direção, tendo a surpresa de o encontrar usando apenas uma cueca boxer preta, enquanto que suas roupas estão jogadas de qualquer jeito no chão do quarto. Seu corpo recheado a tatuagens o deixa ainda mais apetitoso e não menos selvagem, o que chama minha atenção ainda mais que o normal, todavia não posso me deixar levar por um corpo bonito, assim como seu belo rosto rústico. Juro que desejo o fazer ainda mais quente, mas isso não funcionaria aqui.

De qualquer forma, isso não poderia acontecer aqui.

É o meu local de concentração, de raciocínio e que agora está manchado com o seu corpo ameaçadoramente delicioso e quente. O que estará na minha mente sempre que eu precisar fechar os olhos para pensar?

— Aceita uma dose? – pergunto olhando os seus olhos em chamas a me encarar.

Em um segundo, ele está deitado confortavelmente e no outro, o homem está levantando-se e engatinhando na cama, até que tem a sua boca no alcance do meu corpo, onde ele a explora com o seu nariz aspirando e a sua boca beijando. Precisei fechar os olhos para que esse momento não ficasse por mais tempo na minha mente, mas isso foi até eu sentir os seus dentes rasparem por

cima do pano da minha blusa, então me senti obrigada a abrir os olhos e seguir todo o caminho que ele fazia até que eu o tinha na altura dos meus lábios. Provocou-me e agora sorri com o lábio de lado encantadoramente sexy e perigosamente fascinante.

Ele tomou o copo da minha mão e o levou até os lábios, onde bebeu devagarinho com o seu olhar focado no meu, enquanto eu permanecia entorpecida a observar cada movimento seu. Morde seu lábio inferior, antes de suspirar pesadamente e piscar com o seu olhar cheio de fogo a ser despejado em cima de mim e juro que é tudo que quero e eu não posso simplesmente deixá-lo assim, para dormir do nada... tenho de aproveitar os poucos segundos que lhe resta de consciência e faço exatamente isso.

Empurro-o na cama e monto em seu quadril, tomando os seus lábios em um beijo selvagem, que no início trata de seguir furioso com língua duelando com língua, mas que pouco a pouco perde sua furiosa atração, para que em seguida o seu corpo vá cedendo e cedendo...

Se arrependimento matasse...

Afasto-me dos seus lábios, quando ele já não tem consciência, a mesma se perdeu no mar da droga que lhe dei. Suspiro, saindo de cima dele para buscar uma coberta e quando a tenho no meu alcance, deixo-a sob o seu corpo para que em seguida eu possa sair dali, mas é claro que não antes de pegar uma pistola do meu arsenal, o mesmo que está embutido pela madeira do meu guarda-roupas, mas esse que estará saindo daqui bem em brevinho.

Tomo uma longa respiração, antes de me deixar segura o suficiente para que eu possa terminar com toda a droga que me cerca. Vale o pensamento de que provavelmente ele não estará por muito tempo vivo para repassar informações sobre mim para os seus cúmplices.

Antes de sair do quarto, certifico-me que a minha janela está fechada e trancada o suficiente para que eu não tope com ainda mais surpresas durante esse dia que está prometendo ser mais e mais uma merda.

Seguida, perseguida e... com armas na minha cabeça. *Só o que me faltava.*

— Vamos ver, cordeirinhos – sussurro fechando a porta e seguindo para a minha sala, onde tudo está calmo, silencioso.

Semicerro os olhos e, ao invés de seguir para fora, desvio o meu caminho e vou até o quarto de Tércio, esse que está com a porta fechada e nenhum barulho pode ser ouvido de lá.

Então... Tércio não é silencioso nem que ele tente com muito afinco assim ser, portanto eu sei que muitas coisas estranhas estão me cercando, ao mesmo tempo em que só tento cumprir o diabo de um serviço.

Tomo uma longa respiração, antes de colocar a mão na maçaneta e

empurrar a porta devagarinho, em busca de algum sinal de armadilha, mas nada aparece no meu campo de visão, então eu a empurro de uma vez só, assustando-me quando vejo Tércio sentado a uma cadeira com as duas mãos presas para trás, enquanto que ao meu lado escuto o barulho de uma arma sendo destravada.

— Não estou buscando confusão, Íris – sussurra uma voz que conheço.

Conheço até demais e isso está me dando um pouco de gastura, porque a minha mão coça para mirar a minha arma no meio da sua cabeça.

Se arrependimento matasse...

— Quero ajudar – rosna e eu semicerro os olhos voltando meu olhar para o seu rosto.

Nada mudou, continua com o seu rosto da mesma forma, enquanto que a mão continua firme com a arma em seu punho.

— Eu acho que ela está certa, sabe – Tércio diz revelando um sorriso cheio de felicidade e esperança, fazendo-me revirar os olhos, mas eu nada digo a ela, tampouco a ele.

— Eu te devo muito e honro minhas dívidas até o fim, você sabe...

Suspiro, baixando minha guarda, considerando que é uma verdade. Ela é burra a esse ponto sim. Honra para uma assassina. Isso pode? Obvio que não, mas como é para mim, então que assim seja.

— Algo novo está rolando... Malaquias caiu, Luciano Monteiro assumiu, mas... – Ela morde seu lábio inferior, fazendo-me arquear as sobrancelhas, ao mesmo tempo em que uma onda fria percorre o meu corpo. — Eu não sei o que é. Não faço ideia, mas Júlio está contratando todos do nosso sistema para ficar ao lado dele em um negócio que ele está assumindo ser grande. Eu estava junto, mas ele disse que teríamos que conseguir pessoas fortes...

— Júlio. – Solto uma pesada respiração de ódio. — Malaquias caiu... – Sorrio balançando minha cabeça. — Como?

— Posso responder... eu aqui!

Reviro os olhos voltando-me para ele.

— Luciano invadiu um território que não tínhamos conhecimento e ouvi em uma conversa do sistema há poucas horas, que mãos novas estarão assumindo tudo e que Luciano não poderia saber disso, porque ele estará caindo também.

Pisco, tentando compreender, mas nada parece fazer sentido.

Nada.

— Afinal, quem é esse?

— Luciano? Luciano Monteiro? Você não... está brincando? – ela pergunta rindo, mas ao ver que não esboço nenhuma diversão, apenas suspira. — Era o filho e braço esquerdo de Malaquias, mas as coisas mudaram. Luciano acabou com Malaquias para que pudesse conseguir tudo e agora, ele está casado com

uma mulher que eu nunca vi e com um monte de crianças, essas que também não conheço.

— Você esqueceu de mencionar que ele é assassino, psicopata, insano e que seu sangue é mais frio que a geleira do polo norte, além do que, correm boatos que ele matou cinquenta e cinco mercenários do sistema, usando apenas uma faca e depois enviou os corpos em picadinhos para o mandante.

Pisco, ainda procurando algo que possa me surpreender, mas que não encontro.

— Sim, que ele é inteligente ao extremo e... foi treinado pelo melhor dos treinadores... Nicolas Posey o seu nome.

Tárcio sorri. É um sorriso triste que eu entendo, porque esse treinador é tão familiar... Só que isso não me faz juntar uma explicação justificável para o que está acontecendo.

— Então... Luciano está atrás de mim? E Júlio está no comando para conseguir isso? – pergunto semicerrando os olhos, mas nada me é respondido.

— Você não entendeu – diz Tárcio balançando sua cabeça. — Luciano não manda pessoas fazerem o seu serviço.

Não faz sentido.

Nada aqui faz sentido.

— Íris, o que acontece é que Júlio quer você nesse negócio, todavia...

— Ele sabe que eu não aceitaria, certo? – pergunto e ela acena. — E você está de que lado? Do meu ou do dele? Ou está aqui apenas para me avisar que estará fazendo o serviço mesmo que me deva a sua vida?

Ela sorri balançando a sua cabeça.

— Você está sendo caçada e eu estou aqui. Acho que o lado em que estou foi decidido a partir do momento em que botei meus pés aqui dentro e que matei o primeiro homem que me seguiu.

Pisco e sorrio quando uma onda de frio bate mais forte contra o meu corpo.

Eu estava errada, então. Júlio está entre os mandantes dessa perseguição, mas se ele está nesse comando, provavelmente é ele quem me contratou para matar Teófilo. Não deixou pistas de quem poderia ser, o que é compreensível agora e eu só tenho uma resposta na minha mente para que ele tenha o feito: Manter-me em suas mãos.

Não, mas Teófilo deve estar com algo que Júlio quer... ele não seria imprudente por nada, mas ele deve estar muito seguro de si. Preciso de respostas e a falta delas está me deixando um pouco sufocada.

— Solte Tárcio. Tenho alguns me observando lá embaixo e preciso me livrar de todos. Não sei onde você está morando, mas deixo já dito que se está comigo tenha em mente que se houver traição e eu ao menos suspeitar...

— Minha cabeça está em jogo de qualquer forma e eu tenho certeza que ele não vai conseguir o que tanto deseja, não vindo com tanta fome com o pequeno poder que lhe foi dado.

Pisco quando uma coisa começa a rondar na minha mente. Outro dia, quando saí para correr, um carro preto que eu muito conhecia estava me seguindo, mas o seu dono até agora não deu as caras, então...

Suspiro, quando as peças começam a se encaixar aqui na minha mente pouco a pouco.

— E tem mais uma coisa – diz me fazendo travar o maxilar, quando o ódio começa a correr por minhas veias. — Ele jogou alto para te caçarem e te observarem. Agora, para que ele tenha feito isso só quer dizer que...

— Você é importante! – Tarcio diz antes de sorrir. — Uma peça chave... ele te quer como rainha no reinado dele...

Ele ri, jogando a sua cabeça para trás, enquanto o encaro, considerando o quão idiota pode ser.

— Ele está certo.

Viro-me e destravo minha arma, quando ela começa a pesar na minha mão e então, me aproximo da minha sala, mas antes de abrir a porta de saída para eliminar essas pequenas ameaças pungentes, paro.

— Adiel está drogado no quarto. Protejam-no e... Yanne? Seja bem-vinda, mas tenha em mente que a partir de agora, você estará comigo e será mais que apenas uma aliada. Não estou para joguinhos, então se não aguentar saia daqui e suma da minha frente para sempre. Quem está comigo, fica comigo até o final. E se estou ponderando a possibilidade de você ficar, quer dizer que confio no que você é e no que me passa.

Escuto o seu suspiro, antes de uma fungada preencher meu apartamento.

— Obrigada por esse voto. Não vou te decepcionar! Estou contigo, Íris. Nunca vou esquecer o que já fez por mim.

Aceno e me dirijo a porta.

Acho bom não ter esquecido mesmo, porque eu não sou mulher de segundas chances.

Capítulo 23

Íris Sensit/Zayxa

Yanne agonizava no chão.

Uma faca fincada no meio do seu estomago, fazia muito do seu sangue ser dispersado.

Aquele foi um dia muito difícil para lidarmos e não poderia ser diferente com as nossas lutas. O circo em torno de mim, naquele momento, estava se fechando e eu me sentia ameaçada com apenas Tércio de aliado. Eu não poderia continuar daquela forma. Nem os melhores dos assassinos permaneciam no mercado sem aliados. Ninguém consegue permanecer sozinho e não seria diferente comigo, mas até aquele momento pouquíssimos aliados foram conquistados por mim, então eu teria de o fazer logo.

Yanne sempre se demonstrou fiel a todos aqueles ao qual seguia. Eu sabia disso, porque estava a observando há dias, enquanto ela ia e vinha ao lado de duas pessoas, essas que ela defendia com garras e dentes. Confesso que sempre a achei sincera e ela sempre foi. Mesmo em uma ação em que ela teria de se disfarçar junto a mim, ela não conseguia manter o personagem por muito tempo, todavia lutava como uma legítima guerreira e matava tão cautelosamente, que por alguns momentos pensei que seria a melhor das percursoras da morte.

Nesse dia, tivemos uma forte briga com alguns do sistema, porque o nosso serviço foi dividido entre nós e depois de concluído, alguns não queriam repartir o dinheiro de forma igualitária inclusive os seus amigos ao qual era fiel.

Bem, em suma, no meio de toda a discussão ela foi deixada de lado por seus “amigos”, que partiram com todas as barras de ouro que nos foram deixadas como pagamento. Arrumaram uma tremenda confusão, onde alguns foram feridos e ela estava entre esses. Quando todos partiram para buscar suas partes do pagamento, ela estava agonizando no chão, assim como outros, mas ninguém foi capaz de lhe prestar solidariedade exceto por mim, que precisava de alguém que me fosse fiel e essa era ela. Eu a escolhi, porque percebi perfeitamente o quanto estava vulnerável e propícia para um novo e mais poderoso elo de lealdade, esse que eu necessitava. Então, fui até ela e a ajudei. Eu sei que ela poderia tê-lo feito sozinha, mas ela estava de coração partido, tinha sido largada, coitada, sem ninguém, sem mais nada... só a dor... Ajudei-a a conter o sangramento e logo em seguida, fiz alguns pontos improvisados no seu estômago. Todavia, aquela não foi a única vez em que eu a vi e agradeço por isso. O destino nos ligou por mais duas vezes, essas em que eu estava prontamente disposta a lhe ajudar. E, então, agora a tenho no exato momento em

que mais necessito.

Agora, quatro corpos estão aqui na minha frente, mortos e sem capacidade para mais nada, porque estive por tempo o suficiente presa na companhia das suas vidas inúteis para saber o que mais querem, mas ainda não descobri tudo o que desejo.

Estou na escada de serviço do meu prédio, de onde arrastei todos para que eu pudesse deixá-los fora do alcance dos demais, enquanto eu tinha na altura dos meus olhos os demais, aqueles que me seguiam desde que saí de casa para ir até aquele bar.

Preciso estar com a minha mente limpa, porque este momento, este é o momento em que tudo está sendo decidido e eu estou no meio de um fogo cruzado cheio de gananciosos, mas eles que se preparem porque não sou muito diferente de todos eles, só que posso ter uma vantagem... não me deixo ludibriar por poder e dinheiro.

Tenho um trabalho e para que ele seja feito, preciso de foco e determinação. Todavia, nesse momento tenho uma ameaça mais que pungente sob a minha cabeça, o que pode ser muito mais puro e de fator ainda mais determinante para que eu me foque e, assim, eu possa estar trabalhando sob ele.

Hoje, no meu apartamento, eu tinha esses alvos. São testemunhas que muito sabem sobre mim, que sabem o meu nome e pior, sabem onde moro, logo elas tiveram de ser eliminadas, afinal... testemunhas vivas não são aceitas.

— Você só tinha que colocar a droga do lixo para fora, garota! É tão estúpida para não saber se camuflar nem para isso? Onde é que eu posso estar errando nessa droga de treinamento?

A cada palavra que ele rosnava, era uma chuva de respingos que voavam sob minha face. Eu odiava cada vez que ele bradava desta forma na frente do meu rosto. Isso me deixava cada vez mais irritada, ao mesmo tempo em que a vontade de o eliminar só crescia dentro de mim.

— Eu disse! – gritou novamente e dessa vez, levantou a sua mão e com toda a sua força, bateu no meu rosto, fazendo com que o impulso fizesse o meu rosto virar-se.

Sentia meu rosto arder, tudo dentro de mim ardia de pura raiva e principalmente porque eu não tinha feito nada para receber aquilo e logo de forma tão bruta, mas eu permanecia dessa forma, parada e recebendo cada punição que ele me dava.

Tárcio estava um pouco afastado e ele se tremia a cada vez que via a mão

de Tim levantar-se em minha direção, mas eu estava sendo treinada para alguma coisa, disso eu sabia, porque aquilo não poderia ser em vão e aquele dia, eu resolvi mostra-lo que eu não estava disposta a fazer com que as punições aumentassem a cada instante.

Arrastei corpo a corpo, escada a baixo, até que eu estava com todos ali no chão do térreo, com apenas uma porta nos separando da saída e eu não tinha como sair dali com todos eles, sem que ninguém mais percebesse, todavia eu teria de sair hoje mesmo, já que o prédio não era tão seguro como antes. Eu tinha que dar um fim completo a ele e eu sinto muito por todos que nele ainda estão.

Antes de estar aqui como uma assassina, sou uma sobrevivente, o que significa que eu posso me livrar de quaisquer que sejam os obstáculos que estiverem sendo colocado na minha frente.

Não posso, de forma alguma, deixar que me achem e que continuem com essa ameaça na altura do meu rosto. Dali eu teria de sair logo e eu não poderia demorar, mas Adiel ainda dormia na minha cama e usando tão poucas roupas que minha mente não conseguia apenas se focar em uma coisa só. Eu teria de fazer com que tudo corresse da melhor forma possível e eu não poderia levantar mais suspeitas.

Sinto que a minha respiração está ficando cada vez mais pesada e eu me sinto sufocada com essa maldita ameaça, enquanto eu teria de fazer com que tudo ocorresse perfeitamente sem nenhuma suspeita.

Nesse momento, tenho uma porta, essa que hoje não será usada, porque estarei me certificando disto. Quatro corpos mortos. Quatro corpos na minha frente. Quatro corpos que serão queimados mais tarde... ou, eu poderia enviá-los para Júlio.

Sorrio, olhando sorratamente para a porta à minha frente, com pequenas ideias surgindo na minha mente.

Espero que ele goste dessa surpresinha, porque pretendo brincar muito mais com cada ameaça que ele colocar no meu caminho.

Capítulo 24

Adiel Gaspar

— Os índices de desistências estão só aumentando e eu não entendo o motivo. Em uma hora, há diversos candidatos aparecendo para uma só vaga e no seguinte, pouquíssimos estão comparecendo nos seus postos e tudo isso em um espaço de dois dias. Não consigo entender o que está acontecendo.

Na minha frente, Teófilo suspira, completamente confuso e decepcionado, enquanto na minha mente apenas uma coisa está presente, apenas um rosto e apenas um cheiro.

Aquele dia não sai da minha cabeça.

O seu beijo não abandonou os meus lábios, o seu toque não deixou o meu corpo e a lembrança de cada toque raia como o sol na minha mente. Não sou capaz de esquecer nenhum detalhe e eu posso estar sendo um pouco sentimental demais, eu sei, mas de fato não me importo. Também posso ser o cara que foge de relacionamento como o diabo foge da cruz, mas é completamente inexplicável como lábios tão fascinantes e um olhar tão determinado, pode ser capaz de enlouquecer a cabeça de um homem.

Confesso que não lembro muita coisa sobre a nossa noite depois do bar, mas que rindo, ela me disse que acabei apagando e nada pode ser feito. *Uma pena, eu sei.* Só que mesmo depois de acordar em um local completamente diferente ao qual estou acostumado, com uma dor de cabeça insuportável, eu me preendi alucinado com a visão que tinha na minha frente.

Ela usava apenas uma calcinha preta que moldava perfeitamente a sua carne. As suas costas tinham diversas tatuagens e eram obscuramente macabras, todavia o seu charme não tinha parado apenas na sua personalidade forte e determinada. Não... o seu corpo me fez acordar por completo e eu não sei o que deu na minha mente, que rapidamente, um cenário estava sendo montado ali. Ela estava nos meus braços e eu poderia sentir os seus lábios nos meus novamente. Suas pernas estavam abertas e eu permanecia no meio delas, enquanto me entorpecia cada vez mais com a graça e ousadia do seu toque. Só lamento que aquilo ficou na minha mente apenas...

Quando se virou me revelando seus seios redondos e mamilos rosados, pensei que estava vendo alguma miragem, algo diferente de tudo e que eu a desejava, mas evadia do meu natural levantar e ir até o seu espaço pessoal. Ela passou segundos observando o meu corpo e eu via o fogo que cintilava na sua íris, todavia assim como eu, ela não fez nenhum movimento para se aproximar e fazer o mesmo da noite passada.

Ela me desejou um bom dia e sorriu na minha direção. Eu, como um bobo completamente louco com aquela miragem a minha frente, apenas acenei com um sorriso sem graça, mas ela parecia estar resignada em me deixar preso na sua teia de sensualidade e eloquência à medida que se aproximava do seu guarda-roupas. Ela o abriu e de costas para mim, retirou uma calça preta, como a da noite em que estávamos no bar, e então com toda a graça que possuía, ela a vestiu.

Vestiu cada peça lentamente, sem virar o seu olhar na minha direção e eu estava louco, cheio de excitação correndo nas minhas veias, mas eu me mantive neutro e completamente envolvido nela.

— Então, Adiel. Até o novo porteiro sumiu!

Suspira, recostando a sua cabeça contra o acento da cadeira.

Tirou-me do entorpecimento que é lembrar desta mulher. No dia seguinte, que no caso é ontem, eu a vi no hospital. Ela lançou mais daquele olhar cheio de brasas quentes e eu me descobri completamente febril ao mirar seu lábio inferior preso por seus dentes. Aquele, com certeza, estava sendo o melhor dos movimentos feitos por ela e eu desejava apenas que os meus ocupassem aquele local. Eu queria tê-la sob as minhas mãos, mas o serviço estava aumentando com a desistência de muitos enfermeiros recentemente contratados, assim como médicos.

Alguém bate na porta, antes de a adentrar com uma urgência sinistra, chamando nossas atenções. É a secretária de Teófilo, parecendo estar muito assustada.

— Vocês viram os noticiários?

— Não, o que aconteceu?

— Foi encontrado diversos corpos em uma vala no centro da cidade... alguns foram identificados e... vocês não fazem ideia das suas identidades.

Franzo o cenho esperando que ela desenvolva o que começou a dizer, mas parece que está determinada a construir uma longa onda de suspense. Quando abre a boca para falar, o telefone de Teófilo toca e, tão confuso quanto estou, ele o atende. Seus olhos se arregalam, sua respiração fica presa e seu rosto fica branco.

À medida que a ligação procede, vejo um misto de cores passando ali pelo seu rosto, enquanto considero que em breve terá uma parada cardíaca. Depois de alguns minutos com a estranheza percorrendo nosso ambiente, a ligação chega ao fim e então, ele suspira, com alguns pingos de suor no alto da sua testa, assim como o tom branco aumentando cada vez mais no seu rosto.

— Estão suspeitando de coisas – ele sussurra se encostando contra o acento da cadeira. — Os novos contratados estão mortos – diz e eu me assusto, saltando

da cadeira, como se isso fosse o suficiente para me fazer processar o que está sendo dito.

— Não entendo, eu...

Ele sacode sua cabeça, parecendo tão consternado quanto eu, que ao perceber que sua secretária continua no mesmo lugar, apenas leva o seu olhar aguçado para ela.

— O senhor está sabendo que todos eles já tiveram passagem pela...

— Polícia. Sim, me foi informado. Pode se retirar e obrigado – diz ele a dispensando, essa que não o dirige mais uma segunda palavra, antes de sair.

Escutamos apenas o barulho da porta batendo e então, Teófilo se levanta da sua cadeira, com o rosto completamente transtornado e eu acho que não estou conseguindo entender tudo que está se passando por aqui.

— Estão falando em investigar todos os nossos funcionários contratados nesse último mês – sussurra antes de suspirar. — Alguma coisa está acontecendo e eu preciso ficar sozinho para pensar.

Aceno, mas antes de sair, eu me aproximo dele e deposito dois tapas em seu ombro, tendo em mente de que um pequeno gesto como esse possa levar um pouco de conforto para o seu peito, mas eu sei, lá no fundo que nesse momento nada pode levar conforto para ele e eu não sou capaz de imaginar um motivo para isso, então saio dali, ganhando o enorme corredor como obstáculo até o meu consultório.

Ao lado da secretária de Teófilo, Milena está conversando concentrada demais para se dar conta que está em horário de serviço, esse que precisa ser cumprido, mas eu não me importo muito com ela, já que não faz muita diferença aqui dentro. Só está aqui porque é da vontade de Martin e ele como um superior, pode manter a sua presença tanto quanto lhe for desejado.

Continuo a me encaminhar para o meu escritório, mas antes de mais nada, minha mente gira em direção a uma certa loira que, certamente, deve estar administrando diversos medicamentos, julgando o horário e a quantidade de pacientes esperando serem atendidos.

Durante esses dois dias, estivemos trocando olhares intensos, provocações sutis e acho que a cada mordida de lábio que ela o dá por perto de mim, mais a minha vontade de tê-la aumenta. Extremamente provocativa e com altas doses de intensidades burlando o seu corpo, ela me faz sentir o mesmo somente com um olhar... um pequeno olhar, que me deixa arrepiado dos pés à cabeça.

Sinto falta do seu olhar, de ver aquelas belas esferas dirigidas para mim, com segundas, terceiras ou até quartas intenções. Não me importo... é por isso que meus passos estão indo até lá, o local em que ela certamente está.

— Doutor!

Paro no meio do caminho, ao escutar a voz de Eliza não muito longe de mim e assim, me viro.

— Sim?

Ela pisca, puxando uma longa respiração.

— Uma paciente está no seu consultório a sua espera.

Aceno com um suspiro e me volto para onde o dever me chama, abandonando a perfeita ideia de ir até onde Zayxa está, com toda certeza encantando uma outra pessoa, com o seu dever em jogo, o que me deixa ainda mais encantado e curioso.

Ora, quando uma mulher poderia ser tão... passível de paixão em um momento, com chamas de desejo irradiando por cada poro seu, para algumas horas depois ser completamente meticulosa e fria, expulsando-me do seu apartamento? Não, eu nunca fui capaz de conhecer alguém assim e eu gosto de ter uma pessoa diferente das demais por perto de mim, enquanto me proporciona todos os prazeres carnaais que eu jamais pude ter solucionado e sentido na minha vida. Ela me beijou aquele dia e o gosto do seu beijo ainda não abandonou os meus lábios, porque é uma mistura diferente e difícil de ser esquecida.

Amargo e forte, a mistura perfeita do cigarro com a vodka, do vício com a satisfação. O olhar intenso de quem muito sabe o que está fazendo, de quem já muito tivera feito tudo aquilo e por Deus, como eu gostaria de estar por mais uma noite sob as suas garras só para descobrir até onde ela pode ir.

Com o desejo crescente burlando o meu corpo, dirijo-me para o meu consultório, mas preciso ter em mente de que estarei começando a atender novamente, o que pede muito do meu profissionalismo.

Ela terá de sair da minha mente.

Assim que entro no local, vejo uma mulher ali sentada. Está claramente atormentada, parece sentir muitas dores e eu preciso voltar ao momento atual, expulsando toda e qualquer distração da minha mente.

— Bom dia – digo sorrindo, mas ela não me encaminha uma resposta.

Respira, Adiel... respira.

O médico precisa voltar ao seu serviço.

Capítulo 25

Íris Sensit/Zayxa

Faltavam apenas mais dois perseguidores para me livrar ali no hospital e eu já sabia muito bem como fazer para essa ameaça pungente sair das minhas vistas, ao menos por enquanto aqui dentro.

É meio dia e está no horário do almoço, o perfeito momento para que um crime seja cometido embaixo dos narizes de todos. Eu sabia que se eu fosse até um restaurante para fazer minha refeição, eles estariam a alguns passos logo atrás de mim e eu poderia fazer isso acontecer sem que a atenção seja voltada para Zayxa, porque eu precisava disso, precisava me livrar de uma vez por todas das ameaças que estão no meu encalço. É por isso que fui para o restaurante mais afastado, enquanto tinha no meu radar a mulher que vinha a poucos passos trás de mim.

Considero-os os assassinos mais burros em meio a todos os outros, disse já nem posso negar, porque trabalhar nas sombras é uma coisa que poucos sabem e, ao que muito posso ver, eles não são parte desses profissionais.

Segui por uma rua que não tinha muito movimento, o que era muito normal àquela hora da tarde, já que muitos estariam em restaurantes mais frequentados e mais limpos do que esse ao qual estou me dirigindo agora. No meio do meu caminho até ele, há um enorme beco com entradas para as principais ruas da região, então usando da minha enorme inteligência, acelerei meus passos e corri, até que me escondi atrás de uma enorme lixeira de ferro, típicas de depósitos de lixo de apartamentos. O local estava calmo, eu estava calma, mas isso só até que ela aparecesse bem na frente de onde eu estava agachada.

Com meus olhos semicerrados, observei quando ela correu o olhar de um lado para o outro, buscando-me antes de continuar a caminhar devagar.

— Quanto te pagaram para que você me matasse – digo saindo do meu pequeno esconderijo, vendo-a se virar na minha direção de uma vez.

Os olhos arregalados demonstram o seu susto e o maxilar sendo travado, assim como as suas mãos se fechando em punhos, em uma posição digna de qualquer guerra ao seu alcance.

— Não estou sendo paga para te matar, até porque se eu tivesse sido, já o teria feito – diz me fazendo sorrir.

— Está aqui somente para me observar?

Seus lábios selam em uma linha fina, indicando a emboscada que claramente se meteu.

— Imagino que deva ter escutado nos noticiários que muitos dos

enfermeiros foram encontrados mortos... você não imagina o prazer que foi eliminar cada uma das minhas ameaças e olha só, você é uma delas. De onde venho, temos que seguir uma linha bem dura e escassa. E ela diz que... – Paro, sorrindo para ela, que puxa mais uma longa respiração. — Testemunhas vivas não são aceitas.

Ela suspira e estala seu pescoço de um lado para o outro, de uma forma completamente patética, enquanto eu apenas pisco a olhando, então entre uma estalada e outra, levanta sua perna direita em direção ao meu rosto, mas eu desvio, baixando-me rapidamente e o suficiente para que meu punho pouse em um impacto forte sob as juntas do seu joelho, fazendo-a cair contra o chão. Aproveito-me desse momento para subir em cima do seu corpo, e rodeio o seu pescoço com minhas duas mãos, apertando-o com força.

Aprecio o vermelho escarlata que ali se acumula, mas então, meu momento de proveito é cessado, quando ela prende o meu pescoço com uma das suas pernas rodeando ali, inclinando meu tronco para trás, mas disposta a fazê-la morrer de uma vez, aproximo minha perna direita do seu rosto, enquanto mantenho meu joelho esquerdo firme contra o chão, para que ela não seja capaz de se livrar do meu domínio.

Ela aumenta o seu aperto no meu pescoço e sou capaz de sentir o ar fugir dos meus pulmões, ao mesmo tempo em que a necessidade de me livrar desse aperto só aumenta aqui dentro do meu peito. Pressiono meu pé contra o seu rosto, deixando-o por baixo do seu queixo e então o impulsiono para trás com toda a força que o momento me permite, sentindo o aperto dela ao redor do meu pescoço diminuir, até que escuto um estalar, som típico de quando um pescoço é quebrado ao mesmo tempo em que a sua perna ao redor do meu pescoço, torna-se apenas um peso no meu pescoço, o que me faz puxar uma longa quantidade de ar.

Afasto seu peso morto de mim para que eu possa me levantar logo em seguida.

Olho para o seu corpo sem vida, de olhos arregalados e boca aberta.

Morreu como uma fraca lutadora, uma que ninguém quer manter por perto, coitada. Retiro o celular dela do seu bolso e teclo o número de Tércio. Ligo para ele e quando atende, peço para que mande Yanne eliminar a última ameaça, assim como combinamos que seria feito na noite passada. Assim que desligo, volto meu olhar para o corpo dela. Sacudo minha cabeça tentando imaginar quantas mais vou matar até que eu esteja recebendo uma retaliação de Júlio. Isso não deveria estar saindo tão em punhe para ele, mas está saindo e não estou gostando, porque quanto mais ele demora a devolver na mesma moeda, mais perigoso ficará e isso significa que certamente estará planejando algo grande.

Ou seja, terei algumas emoções daqui para frente.

Suspiro antes de guardar meu celular e me abaixar para pegar o pesado corpo da mulher e o arrastar para dentro da lixeira, onde ficará perfeitamente, quando eu estiver colocando fogo dentro dele.

Fogo, pele, pele e fogo... o odor dessa combinação não é nada agradável. Ainda, é o preço que pagam por se meterem no meu caminho.

— Zayxa? – Escuto o sussurro baixo, mas que não deixa de ser rouco e eletrizante, aqui perto de mim.

Viro-me para ver o seu rosto cheio de curiosidade, enquanto tenho nas minhas mãos um copo de plástico e chocolate quente.

Alguém pode me julgar? Tive uma certa emoção que estava nos meus planos e então, agora só tenho que relaxar um pouco... e qual a melhor forma de relaxar se não com essa voz deliciosamente angelical para agradecer minha audição? Não consigo entender.

— Sim?

Ele sorri e olha da cadeira na minha frente, para o meu rosto, o que me faz sorrir também.

— Quer sentar aqui comigo? – pergunto e ele acena puxando a cadeira.

Senta-se ao meu lado e repousa os braços no encosto da minha cadeira ao mesmo tempo em que mantém o olhar focado no meu rosto.

— Eu... bem, eu queria te dizer algo, mas eu não sei como dizer sem parecer rude.

Vejo incerteza no seu rosto.

Incerteza, desejo e curiosidade.

Ele me investiga com o seu olhar e a cada vez que escaneia o meu rosto, mais me torno ciente de que o que está queimando aqui nas minhas veias desde aquele dia no bar, em que nos encontramos e... bem, a cada rosto que mato, a cada instante que gasto do meu dia perseguindo e matando, é um tempo gasto que eu poderia estar desfrutando dos prazeres carnavais que o seu corpo pode me proporcionar.

— O que você quer me dizer tem a ver com você nu e uma cama bem confortável? – pergunto arqueando minha sobrancelha direita, vendo-o arregalar os olhos e mais uma vez, aquele conjunto de tons vermelhos se implantarem no seu rosto.

Tão adorável...

— Você... – sussurra, inclinando-se mais na mesa, o que me faz sorrir.

Para um homem com uma pegada tão dominante como a sua, estar se portando tão tímido assim é no mínimo curioso demais. Tão curioso que mal posso me controlar, quando minha boca saliva para beijá-lo, ao mesmo tempo que tudo que desejo é permanecer encarando-o por horas a fio. Acho que essa é uma tarefa incansável.

— Estou me mudando – digo antes de sorver um gole da minha bebida, vendo-o parar o seu olhar ali, no meu pequeno movimento.

Ele é maravilhosamente receptível e estou descobrindo um entretenimento perfeito em provocar cada sensação.

— Oh! – Afasta-se, franzindo sua sobrancelha ao mesmo tempo em que me encara. — Você...

— Tércio está insatisfeito no nosso apartamento, então resolveu que iria alugar uma casa em um condomínio fechado. Afirmo ser mais seguro – digo dando de ombros, quando ele continua perdido, sem entender muito do que digo e isso me faz sorrir.

Ele é tão transparente... como deve aparentar quando tem alguém lhe provocando prazer?

Mordo meu lábio inferior, acompanhando o misto de efeitos e sensações que rompem o seu rosto, o que me faz sorrir largamente.

— Você é intrigante – digo sorrindo. — E eu gosto disso. Me convida para uma bebida mais tarde?

Rio sacudindo minha cabeça, quando ele arqueia ambas as sobrancelhas ao mesmo tempo em que entreabre os lábios, um claro sinal de confusão e surpresa.

Meu copo esvazia-se rapidamente e eu o descarto, colocando de lado na mesa e aproveito esse momento para me inclinar na mesa, descansando meus braços ali em cima e então, pisco encarando-o com atenção. Seu olhar voa rapidamente para os meus lábios e meu sorriso só se alarga a cada instante que ele me olha.

— Adoraria descobrir a intensidade da tua pegada na minha nuca, se eu estivesse na tua frente usando nada mais que uma calcinha fio dental... como aquela que eu estava usando quando acordou, lembra? – sussurro aproximando meus lábios dos seus, enquanto que nada mais parece existir ao nosso redor.

— Você está me provocando... – diz mantendo a sua voz do jeitinho que agrada minha audição. Baixa e rouca, com a ameaça do perigo bem pertinho do meu rosto, mas não me importo.

Tudo que eu quero é me queimar nesse fogaréu que tenho perto da minha pele.

— Você só precisa fazer um pedido, anjo – digo e depois de alguns segundos em silêncio, ele aproxima a sua mão do meu pescoço e quando a tem

ali perto da minha nuca, ele a aperta, puxando firmemente minha cabeça cada vez mais em direção a sua.

— Saia comigo depois do expediente.

E então, os seus lábios vêm para os meus, causando um choque delicioso de eletricidade no meu corpo. Um choque que eu só quero que dure por muito e muito tempo, por isso que o mantenho contra os meus lábios e quando ele toma a iniciativa para me explorar com a sua língua, apenas o deixo, porque isso é gostoso demais para ser interrompido, mas a vida não está fácil e ele o faz, afasta os seus lábios dos meus, deixando-me mais acesa do que já estava ao observar as reações do seu corpo as minhas palavras.

Em seus lábios um sorriso safado está me fascinando e então, ousou morder mais uma vez meus lábios, tendo-o rosnando roucamente perto de mim e, porra, isso foi sexy demais.

— Depois do expediente.

Capítulo 26

Íris Sensit/Zayxa

Antes que eu pudesse ter a iniciativa de ir me trocar, no horário estipulado por ele, sua presença já estava mais que intimidante se colocando na minha frente, o que cheguei a considerar um pouco sexy e que só foi aumentando a medida que o seu olhar intenso, foi se mesclando ao seu sorriso de lado completamente encantador.

Resistir aquilo estava sendo cada vez mais complicado e eu não estava no meu melhor momento para assim continuar, então apenas sorri e sacodi minha cabeça, tomando o caminho do vestuário, onde eu trocaria de roupa e iria ao seu encontro, todavia as coisas não aconteceram como eu desejei.

Alguns contratempos surgiram na minha frente e eu tive que simplesmente fugir daquele pequeno espaço maldito, somente para ir de encontro a mais um conjunto de cinco assassinos que estavam ali por perto, esperando que eu saísse para me alvejar e essa descoberta foi conseguida com completo sucesso, porque Yanne está se fazendo prestativa ao ir atrás de todos aqueles que se juntaram com Júlio, para ir recolhendo informações.

Hoje encontrei cinco dos melhores que eu tinha conhecido no nosso sistema e posso afirmar que ao derrubá-los deixei Júlio desestabilizado, mas ainda desejo saber como ele se mantém tão bem informado de tudo que acontece por aqui. É de se imaginar que tem algum outro infiltrado aqui dentro e eu preciso descobrir quem é. E mais que tudo, necessito descobrir a ligação de Teófilo com isso tudo, levando em consideração que a notícia da morte da sua empregada ainda não saiu em nenhum meio.

Estou no meio da imensa avenida, indo em direção a uma concessionária que é a única que se encontra aberta nesse horário, em que todos deveriam estar em suas casas descansando de mais um dia de árduo trabalho. Essa está aberta, porque é uma das que fornecem ao sistema de assassinos veículos a todo o momento, mas é claro que não só ao que trabalho... são diversos os que por aqui encontramos, por este motivo vou até ela, levando em consideração que meu sistema está caindo e eu não estou sabendo mais nada sobre isso.

Bem, estou aqui sendo caçada... o motivo ainda é desconhecido e isso não cheira a coisa boa, mas apenas continuo na minha caminhada até o local em que eu sei que estarei muito bem despreocupada, porque o seu sistema de segurança é sempre o mais alto possível. É muito bom e de grande estima que ele mantenha uma loja como essa em todas as cidades do país. Composta de diversos sócios e até com o apoio do governo, o que de fato deveria ser considerado errado, mas

como alguns governantes precisam de nós, alguns agrados devem ser feitos e esses não podem nos negar. Ao me aproximar até ficar na frente do local, este fechado apenas por uma porta com fumê, um homem a abre revelando um sorriso de lado, esse que brilha com curiosidade e eu não poderia estar mais animada, porque na minha mente apenas uma coisa está rondando... Júlio está muito à frente. Sabe muito e está na largada.

Eu necessito fazer com que isso mude e não existe lugar mais apropriado que esse para fazer tudo acontecer do jeitinho que eu desejo.

Encaro-o com atenção e ele acena, piscando com seu olhar no meu. Reviro os olhos, quando ele abre a porta de vidro preta e então, eu entro, decidindo não esperar mais nenhum instante para que eu possa cumprir tudo que tenho vontade. Estendo minha mão em sua direção, quando estou dentro do local e ele faz o mesmo, apertando minha mão logo em seguida.

Está vestido com terno e gravata, onde ambos se encaixam perfeitamente no seu corpo forte e cheio de músculos, mantendo o seu olhar em cima de mim e eu faço o mesmo, tendo em mente o quão sério isso está parecendo ser.

— Acredito que tenha escutado sobre uma tal de Íris Sensit por aí – digo e ele sorri, sacudindo sua cabeça, ao mesmo tempo em que se vira, estendendo o braço para que eu tome a frente.

— Sim, escutamos muito sobre a senhora. Uma cliente fiel da nossa empresa.

Sorrio andando em frente, quando ele começa a andar ao meu lado, enquanto que tenho nas minhas vistas diversos carros esportivos e algumas motos. Bem, eu tinha em mente um carro esportivo trabalhado em turbinções, todavia vou necessitar de algo muito mais potente e mais fácil de ser camuflado.

— Quero a ninja na cor preta – digo e ele sorri, mudando seu caminho e eu o sigo, a passos lentos, à medida que vejo as diversas novidades que por aqui sou capaz de muito visualizar.

Entramos em um salão enorme, cheio de carros de formas variadas e todos são novos lançamentos. Acho lindo que eles sejam tão atualizados e que nos mantenham com tantas coisas lindas e competentes como essas, mas o que me encanta ainda mais que os conteúdos deixados avulsos por aqui é a enorme quantidade de luxo na decoração que eles a preenchem. São quadros famosos, que passam despercebidos por qualquer olhar aguçado, pinturas delicadas e mais dos diversos apetrechos para nos causar ainda mais encantamento ao passar poucos minutos aqui dentro.

— Nova Kawazaki Ninja. É deste ano e dela foram removidos quaisquer dispositivos desnecessários que dificultam suas voltas rápidas. Então, se pretende correr muito, sem se preocupar com possíveis acidentes, essa aqui é

perfeita para você.

Aceno com um sorriso de lado surgindo nos meus lábios.

Ela é a moto mais apaixonante de todos os tempos, disso posso afirmar com plena e total certeza, porque já trabalhei com ela um punhado de vezes. É uma pena que tenha acabado destrocada nas duas vezes que a tive nas minhas mãos, mas dessa vez acredito que estarei a mantendo por muito tempo ou assim é o que eu espero.

Acredito que precisarei comprar um carro para Tércio, já que em moto ele não toca. Na verdade, ele não toca em nada que possa causar acidentes ou outras coisas do tipo, já que presa mais que o normal por sua segurança e com a segurança dos demais. Na verdade, Tércio não aceita que ele é sim capaz de usar todos os dotes que possui e olhe que não são poucos. Tudo que aprendi, ele aprendeu também, mas nunca as usou da maneira que nos foi imposta para serem usadas.

Ele tem noção do que é errado e prefere viver no seu mundinho recluso de tudo e de todos, todavia mesmo assim me ajuda nas missões que são contratadas, guiando o dinheiro e o aumentando com as suas aplicações, sendo essa a sua única forma de estar participando de tudo.

— Não possui garupa e seu escape é mais leve, dando menos um quilo para você estar lidando nas suas missões.

Ele sorri e me encara, esperando que eu lhe responda, mas meu olhar volta para a moto de cor preta, com detalhes verdes, mas que não a deixam menos feia. É grande, pesada, mas de uma potência imprevisível, que já me ajudou diversas vezes em algumas perseguições acirradas, em que o meu inimigo terminou de maneira nada intacta e meu êxito foi conquistado, graças a sua velocidade.

— Vou levar, adicione dois capacetes a prova de balas e... mostre-me um carro.

Aproximo-me da minha mais nova belezinha e passo minha mão por seu assento, sentindo sua maciez e então, um sorriso está perfeitamente brilhante nos meus lábios, enquanto continuo a observando.

— O motor é modificado com folga necessária para a instalação do kit de corrida, que é claro que já instalamos para o cliente.

Aceno, afastando-me dela, somente para dar alguns passos para trás.

— Vou levá-la agora mesmo.

Ele acena e se vira, sem dizer mais uma palavra, o que me leva a acreditar que está indo buscar a máquina para pagamento.

Desvio meu olhar para a parte de fora e encontro alguns carros de modelos diferentes aqui ao meu redor, o que pode deixar Tércio feliz..., mas resolvo fazer

uma surpresinha para a nossa nova casinha, essa que ele já está arrumando as coisas para que nós possamos nos mudar logo.

O apartamento em que estávamos é perigoso demais para ser mantido, então como uma medida inicial devo levar em consideração que muito já está sendo feito e muitos recados estão sendo passados, logo devo concluir que em breve estarei recebendo o retorno vindo de Júlio. Meus planos estão sendo constantemente sob mudanças, mas isso não altera o que desejo no final, o que vai acontecer.

Espero que não demore tanto, porque não sou a melhor das pessoas na arte da paciência para esperar as coisas.

Meu celular vibra e eu o pego, somente para olhar no visor, logo em seguida.

Puxo uma longa respiração, quando detecto o quanto os planos estão mudando e o quanto a vida está com alguma sacanagem prontíssima para mim... Suspiro, virando-me em meus calcanhares, quando observo com atenção o elegante vendedor se aproximar mais uma vez de mim, mantendo ainda seus olhos sutis e os lábios em um sorriso cheio de simpatia.

— A moto será liberada agora mesmo, senhorita Íris... preciso apenas do código.

Sorrio piscando.

— 666ISMB. No inferno Íris Sensit Mete Bala.

Ele sorri por um instante, mas logo volta a ficar mais sério, quando um apito na sua máquina se torna presente.

— Precisando se esconder, senhorita? – pergunta ainda com a sombra de um sorriso nos seus lábios.

Suspiro com um falso pesar burlando os meus lábios.

— Com a guerra que se aproxima, preciso sim. Conto com a descrição da loja, como sempre.

Ele acena fechando os olhos, mas logo retorna a abri-los.

Levanta seu braço, fazendo com que a manga do seu terno desça um pouco e o seu relógio de ouro resplandece no seu pulso, mas logo baixa o braço com um outro homem se aproximando de nós. Típico dos vendedores dessa rede de lojas obscuras, mas eu nunca disse que não gostava, tampouco que as achava ruim, porque definitivamente amo e adoro cada uma delas. Possuem cada truque em suas mangas, que de fato me deixam um pouco fascinada.

— Chamou, senhor?

— Acompanhe a senhorita até a saída dos fundos e lhe dê a chave de uma das ninjas da sua escolha... senhorita? O carro?

— O novo lançamento da Volvo... XC90... quero-o com compartimentos

escondidos para armas e outros brinquedinhos, além de outras medidas preventivas como vidros escuros e blindados, por favor.

Sorrio e ele acena.

— Qual endereço devo mandar entregar?

Estendo minha mão e do seu paletó, ele retira um bloquinho branco de papel e uma caneta. Entrega-me e eu escrevo o novo endereço ao qual estou me mudando, tendo logo em seguida um enorme sorriso vindo dele, fazendo-me sorrir da mesma forma.

O garoto começa a andar e eu vou logo atrás dele, afastando-me do vendedor que me atendeu simpaticamente. Passo por mais alguns lançamentos e acabo vendo um que me chama atenção, com uma possibilidade surgindo na minha mente, o que me faz rir sombriamente.

Paro, observando de cima a baixo e então, volto meus passos direção ao vendedor. Não há como não possuir uma reserva. Sempre são necessárias.

Acelero meu mais novo brinquedinho na pista escura da noite, iluminada apenas por algumas luzes acesas no meu caminho. Carros estão acelerando quase na mesma velocidade que eu, mas nada de anormal acontece aqui, porque acabei desviando de algumas distrações que me seguiram até a esquina da loja em que acabei visitando e comprando minha motinha novinha. Poderia sim tê-los derrubado de uma vez, mas acontece que estou na sua mira o suficiente para que eu possa avançar em direção ao caminho para o meu atual prédio, esse que será destruído em questão de segundos, porque como estou nele há muito tempo, então preciso ter em mente que muitas coisas sobre mim estão mais que presentes e grampeadas por cada local.

Avisei a Tércio que estava indo para casa e, então ele preparou tudo na companhia de Yanne que já tinha se livrado de todos que estavam especulando próximo ali, mas eu estava sentindo que ele está perto demais de mim. Encontro-me fácil demais e está me perseguindo com muita gana, o que me leva a perceber que isso está sendo muito mais que apenas uma vingança por eu tê-lo negado um futuro ao meu lado.

Tudo estava certo, indo no seu melhor círculo de êxitos, mas então um novo serviço caiu no meu colo. Eu teria de disfarçar de enfermeira, adotaria um novo nome como sempre faço, mas então, uma ameaça de invasão ao sistema de Tércio, seguido a olheiros no café perto da sua casa e então, os ataques começam. A ligação exata para o motivo de Júlio estar me perseguindo, está interligado com esse novo serviço. Posso até não estar certa, isso pode ser

disputa de poder, mas algo não está encaixando e eu sinto também que não descobrimos tudo sobre Teófilo.

E também há um pequeno grande probleminha...

Adiel.

Deixei-o esperando e isso pode complicar os meus planos de levá-lo para a cama mais à frente. Preciso inventar uma ótima desculpa..., mas qual?

Capítulo 27

Íris Sensit/Zayxa

Voltei a casa de Teófilo e desta vez, a minha vítima foi a sua esposa. Ela dormia ao seu lado pacificamente e, então eu coloquei o cano da minha arma com silenciador no centro da sua cabeça, antes de atirar. Sua cama ficou uma bagunça e ele não acordou com o baixo barulho abafado e eu também não me importei muito com isso, afinal daquela forma eu teria mais tempo para fugir dali.

Passaram-se dez dias desde esse momento e nenhuma notícia veio a público, tampouco aos corredores do hospital. Matei a empregada e a sua esposa, mas nada disso pareceu ser o suficiente para alguma dessas notícias viessem à tona.

No dia em que dei fim a sua vida, fiquei aguardando qual seria seu próximo passo e então, ele chamou um carro de limpeza, depois que na sua casa já não existia ninguém. Mais ninguém entrou ali naquele dia, todavia ligações foram feitas e eu sei disso, porque instalei escutas em cada telefone da sua casa, assim como tive acesso as suas câmeras, desta forma ninguém ligaria para sua casa sem que eu não ficasse sabendo.

Bem, agora eu sei de tudo.

Um sorriso está nos meus lábios, enquanto que a última caixa vem para dentro do caminhão, em que estou ocupando para levar as minhas coisas, porque hoje é o dia da minha mudança.

Finalmente!

Durante esses dez dias Adiel ficou me observando de longe, como se quisesse vir até mim e não conseguisse, o que me rendeu algumas risadas, mas mesmo vendo-as ele não se aproximou, acho que deve estar se sentindo um pouco magoado pela furada no nosso combinado. Suspiro, ponderando as vezes em que desejei apenas romper tudo só para ir em sua direção e o agarrar.

Ele se aproximava, deixava seu corpo há poucos centímetros de distância do meu e então, se afastava novamente, deixando minha pele queimando só para sentir o seu toque. Pensei que estava doente, com algumas doses intensas de insanidade, por sentir isso cada vez mais forte a cada vez que ele se aproximava... eu ainda não entendo o que isso pode ser, porque nunca nada dessa forma foi capaz de despertar tantas novas sensações no meu corpo e na minha mente.

Deveria estar pensando em quais movimentos tenho de tomar para que eu dribble os olheiros que devem estar em algum outro apartamento contrário ao

meu, mas o que existe na minha mente a cada vez que deito minha cabeça no meu travesseiro é apenas a quentura do seu corpo e a intensidade da sua pegada. Oh, se eu soubesse que braços fortes como aqueles poderiam me tirar de foco daquela forma, jamais que eu iria me aproximar dele. Agora estou indo em direção a casa que Tércio alugou, no mesmo condomínio que ele mora, na mesma rua e eu acho que posso estar ficando obcecada demais por ele, mas não estou disposta a deixar esse conjunto de sensações na minha mente.

— Estamos ficando sem tempo – diz Tércio vindo atrás de mim com o que eu acredito ser a última caixa. — Coloquei alguns explosivos na parte de baixo do edifício e o deixei sincronizado com o meu celular. A qualquer instante irei explodi-lo para não levantar suspeitas com o nosso nome.

Aceno antes de me afastar, indo em direção a minha moto.

Assim que Tércio fecha a parte de trás do caminhão e se encaminha para o volante, monto na minha Ninja e coloco o capacete, ligando-a. Com meus pensamentos ainda focados no que estarei fazendo nesse condomínio, pondero as situações que me cercam com total pertinência, enquanto fico em movimento na avenida, ao lado de Tércio, que me segue de perto.

Aquele lindo anjo rústico esteve por todos esses dez dias rondando a minha cabeça das maneiras mais luxuriosas possíveis. Diversos cenários estavam presentes na minha mente e eu estava pronta para fazê-los acontecer, mas eis que outros contratempos surgiam na minha frente, dando-me a entender que tinha de fazer diversas outras coisas naquele dia, antes de ir ao ataque, mas digamos que não foi bem o que aconteceu. Não pude ir ao ataque em nenhuma dessas vezes, mas agora seria diferente. Dentro da minha mais nova casa, eu estaria em segurança. Tércio junto a Yanne estavam estudando os melhores sistemas de segurança para que nada pudesse passar despercebido. Lá estaríamos seguros de tudo e de todos, eu sabia e tenho total certeza, porque estava muito empenhada em testá-los, foi por este motivo que demoramos tanto para finalmente nos mudar.

A cada momento que ficamos mais perto, mais sorridente me torno, ainda mais por saber que não estamos sendo seguidos por ninguém, julgando que me ocupei a noite inteira para garantir isso. Essa notícia não chegaria a nenhum no comando, porque eu estava o enfraquecendo, principalmente depois de ter entrado no sistema de segurança de Júlio e descobrir que a conta que movimenta todos as suas compras, tanto de armas, quanto de veículos é a de Marinho Fontes, essa que sofreu um bom reembolso, com uma gorda transferência da conta de um tal de Malaquias... esse que deveria estar morto, não é?

Tércio bloqueou todas as suas movimentações e continua o mantendo assim, o que o deixou de mãos arriadas. Mexeu comigo... agora que receba a

minha volta. Nunca disse que sabia como brincar... não seria agora que iria me manter neutra.

Alguns minutos depois de sair do meu antigo lar, estamos perto do condomínio onde iremos morar agora e assim que estamos parando, Yanne está surgindo nas nossas frentes com um sorriso enorme, o que me fez revirar os olhos, ao mesmo tempo em que tiro o capacete da minha cabeça, para que assim, eu possa observar melhor ao redor.

Rua limpa com pouquíssimo movimento e grama verde.

Gosto do que vejo, da ideia de passar um tempinho longe do estresse diário da área urbana e movimentada. Suspiro com um sorriso brotando nos meus lábios, ao mesmo tempo em que posso ter a certeza de que as coisas estarão melhorando ou ao menos é o que pretendo continuar mantendo, já que eles estão sem munição por enquanto.

Devo me concentrar em achar Malaquias agora.

Ele pode estar fora de circulação, mas tenho certeza que está encontrando algum jeito de passar informações aos demais. É meticoloso, sabe muito bem cada passo que dá. Percebi isso apenas olhando no fundo dos seus olhos e observando a enorme quantidade de ganância que existia ali dentro.

Malaquias pode ter me ajudado, tirando a mim e a Tércio da rua, quando não tínhamos mais apoio de ninguém, após fugirmos do local em que estávamos servindo de escravos, mas ele nunca conseguiu puxar muita simpatia por minha parte, nem por parte de Tércio, porque sempre pareceu um maníaco, dando ordens e mais ordens, fazendo-o obedecer um homem tão maníaco, quanto ele.

Saio de cima da minha moto, somente para observar a frente da casa ao qual estaremos morando de agora em diante, mas é impossível que eu não lembre da casa ao qual morava, antes de tudo acontecer e minha vida desabar por completo. Às vezes, quando deito minha cabeça no travesseiro e fecho os olhos, o rosto de Ulga volta a minha mente, as suas palavras voltam a turbinar meus pensamentos e a dúvida misturada com a curiosidade tilintam aqui dentro para descobrir onde ela pode estar, o que pode estar fazendo.

Suspiro, com uma tristeza repentina batendo nos meus ombros, quando lembranças retornam para a minha mente...

Ele estava me encarando com os olhos cheio de satisfação. Aquela tinha sido uma noite árdua, ele gastou muito da sua energia me mantendo no local, sem que eu pudesse me mexer debaixo da água fria. Meu corpo estava frio, os espasmos ficavam cada vez mais intensos a cada ventinho que batia contra a

minha pele, mas o que me deixava ainda mais perturbada era o olhar maldoso que ele dirigia para mim.

Depois de quase me matar dentro de uma banheira cheia de gelo, Tim fez questão de me submeter a mais algumas horas de tortura. Após passar tudo que eu tive de sentir nessa noite e madrugada, tenho certeza que nada mais seria me ameaça intensa para o meu sistema nervoso.

Eu estava fraca e ele gostava de me ver daquela forma, eu via aquilo no alcance dos meus olhos, porque os seus brilhavam a cada semicerrar que eu lhe enviava. Tércio estava ao meu lado, limpava as feridas abertas que estavam ao longo dos meus braços, na minha barriga e perto dos meus seios, onde Tim rasgou com a sua faca, quando passei mais tempo que o necessário debaixo da água... aquele era o meu castigo por tentar morrer. Eu sentia muita dor, mas não podia ao menos demonstrar, já que ele estava ali na minha frente, observando-me com atenção.

Tércio chorava, ele odiava me ver daquela forma e eu achava que ele não tinha realmente mais medo do perigo, porque é certeza que ele sofreria por cada lágrima que escorria ali por seu rosto.

Ao longo dos anos, acabamos abstraindo uma irmandade que nada no mundo poderia destruir, nem Tim sendo o pai de Tércio, mesmo que aquele fosse o mesmo tratamento que dava a ele.

No dia seguinte, fui acordada com uma enxurrada de água misturada com cubos de gelo no rosto. Ao abrir os meus olhos e tentar expulsar a água que estava entrando por meu nariz, encontrei Tim segurando um balde de aço, enquanto me encarava. Dormir não era uma tarefa fácil, principalmente quando eu tinha um doente como Tim na minha cola. Achei, por anos, que ele tinha dificuldade para dormir e por isso, gastava seu tempo para me torturar da maneira que o fazia.

Encarou-me com um sorriso maldito nos lábios e eu quis gritar o mais alto possível, mas eu não podia demonstrar nada... eu tinha que lembrar disso sempre, mesmo que já estivesse no meu limite.

— Levanta logo e venha para a sala.

Foi apenas isso que ele disse e eu sabia que se o contestasse, as consequências seriam as piores possíveis. Então, eu fiz o que ele disse. Levantei-me e me encaminhei até a sala e o que vi, fez com que tudo dentro de mim se retesasse. A mesma cadeira de metal estava ali no centro do pequeno espaço sob uma poça de água e fios descascados estavam ali no chão, afastados por poucos centímetros da pequena poça improvisada.

Ele sorria e eu quis chorar, correr, mas eu não podia. Meu corpo estava tão fraco, eu ainda não tinha me recuperado da tortura do dia anterior, mas tinha de o

fazer. Eu tinha de caminhar até ali... e tinha de me sentar, enquanto ele descarregava energia no meu corpo esguio e debilitado. Com sorte iria morrer, era o que eu pensava.

— Você vai se eletrocutar... vamos ver o quão forte você é e o quanto o seu corpo suporta.

Ele sorria e eu não conseguia me mexer. Estava paralisada com o medo, com a angústia subindo pelo meu corpo e ele via isso no fundo dos meus olhos. Foi por isso que ele sorriu, antes de abrir a boca mais uma vez.

— Tércio! Venha aqui, moleque!

Puxei uma longa respiração ao escutar chamá-lo e eu já podia sentir as lágrimas se acumulando aqui nos meus olhos, mas eu não podia desistir. Tércio era tudo que eu tinha. Por anos foi o meu bálsamo, cuidando e me protegendo de tudo que Tim fazia. Naquele momento, lembrei-me de tudo que aconteceu, de tudo que ele tinha feito por mim, mas o meu corpo estava cansado, estafado de tudo e eu tinha de continuar.

— Se você não for, eu...

Ele não precisou terminar de falar para que eu comesse a andar em direção a cadeira. Ele sorriu, estava realizado pelo que eu estava fazendo e então, eu me sentei, mantendo meu olhar nos dois. Tim afastou-se um pouco de Tércio e na mão dele, colocou uma pistola, fazendo-o arregalar os olhos ao mesmo tempo em que sacudia sua cabeça negativamente.

— Ela precisa resistir por trinta minutos, caso ela não o fizer você irá atirar nela, está me entendendo?

Tércio estava com seus olhos arregalados, eu via que sua mão estava tremendo, Tim via isso.

— Vou duplicar o tempo em que ela ficará ali, só por estar igual um frangote aqui na minha frente... depois de tantos anos você me envergonha, garoto!

O queixo de Tércio tremia, quando ele piscou com força seus olhos, mas eu juro que queria que ele atirasse de uma vez na minha cabeça e assim, meu sofrimento chegaria ao fim. Mas se eu fizesse tudo errado, estaria forçando Tércio a apertar o gatilho e eu sabia que ele não o faria e então, ele sofreria e eu não poderia vê-lo sofrer tanto... nunca suportei.

Suspirei e então me inclinei para aproximar o fio da poça e quando o fiz, por mais uma vez, pensei que iria morrer, mas não demonstrei nada, nenhuma emoção. Manti meus olhos focados nos dele, mesmo que a respiração estivesse pouco a pouco sumindo do meu corpo e que meus olhos estivessem, mesmo que instintivamente, revirando-se. Cada segundo que passava, eram como se fossem horas escorrendo pouco a pouco, tirando a minha capacidade de viver, de sorrir e

de sentir seja o que quer que fosse. Não sei em qual momento Tércio atirou, mas me lembro perfeitamente de manter meus ouvidos atentos a qualquer coisa e eu escutei exatos seis tiros. Foram seis, mas eles não perfuraram minha pele e tão rápido como começaram, as descargas abandonaram o meu corpo. Por mais uma vez, eu não conseguia fechar os olhos, nem mexer o meu corpo, porque os espasmos estavam tomando conta de mim ao mesmo tempo em que eu permanecia meio acordada, meio inconsciente.

Passou-se um pequeno tempinho até que eu conseguisse focar o meu olhar perfeitamente e então, percebi que já não estava na cadeira. Meu corpo estava estirado no chão e Tércio estava ao meu lado. Olhava-me com terror e aquela foi a denúncia de algo terrível.

Foram diversas as vezes em que Tim o foçou a matar um inocente, mas Tércio nunca conseguiu, o que sempre o deixava a beira da morte e por conseguinte, quando eu tentava o livrar de tudo isso, então eu passava por algumas sessões de tortura para que a sua dívida estivesse paga.

Mas nesse dia em especial, algo anormal tinha acontecido.

Tércio tinha feito o que tanto Tim o empurrou a fazer.

Ele apertou o gatilho e o fez seis vezes, levando sua “vítima” a morte.

Tim morreu e quando olhei o seu rosto, vi que um sorriso, um maldito sorriso estava nos seus lábios.

Aquele era um sorriso de satisfação, ele tinha conseguido o que tanto lutou para ter, mas não do jeito que ele planejou.

— No que você está pensando? – Tércio pergunta aparecendo na minha frente.

Sorriso com orgulho do que meu querido irmão se tornou hoje.

Podemos não ter o mesmo sangue, os mesmos princípios, tampouco os mesmos pensamentos, mas nós compartilhamos de uma irmandade que ninguém jamais será capaz de derrubar, porque essa foi construída quando mais precisamos. Ele cuidou de mim quando eu estava a beira da morte e eu nunca vou ser capaz de esquecer seu ato.

Nunca.

— Quanto tempo faz desde que você me abraçou pela última vez? – questiono e ele arregala os olhos, surpreso.

Sorriso e ele se aproxima de mim. Os olhos marejados e um sorriso pequeno beirando os lábios estão bem nítidos quando me abraça, fazendo o contato do seu corpo com o meu provocar conforto e segurança inimagináveis. Ele sempre

tentou me proteger, mesmo quando não tinha como o fazer e eu sempre tentei fazer o mesmo por ele, mesmo que a minha alma estivesse sendo corrompida no caminho.

A verdade é que a cada dia que estávamos na rua, lutando para continuar caminhando, mais desafios passavam por nossas vistas, mais uma aprovação seria passada por nossos corpos, mas vencemos... depois de muita luta, muita persistência, nós conseguimos e aqui estamos.

— Eu te amo – diz e funga apertando sua cabeça contra o meu ombro. — Sempre será a minha irmã e eu sempre vou te proteger... sempre, mesmo que você ache que pode fazer sempre tudo sozinha.

Pisco, quando lágrimas ameaçam sair dos meus olhos. Não as deixo escorrer, porque estou sempre no controle das minhas emoções. Elas não devem, nunca, serem transpassadas na frente de outras pessoas.

Nunca.

— Eu te amo, mesmo que me mantenha longe e eu sei que você sente o mesmo que eu.

Sorrio, quando ele me aperta ainda mais nos seus braços e eu suspiro, sentindo meu peito estufar por escutar palavras tão reconfortantes como essas. Eu poderia estar flutuando agora mesmo na frente de todos, só com a leveza que se instala no meu corpo com as suas declarações. Ele se afasta, as lágrimas escorrem dos seus olhos e um sorriso brilha nos seus lábios.

Pisco mais uma vez e ele me encara parecendo realizado.

— Você sabe, né. Anos se passaram desde que você me ofereceu um abraço...

Ele não faz ideia do que se passa na minha mente só com o simples fato de deixar um sorriso sair... ele realmente não faz ideia.

— Zayxa? Você aqui?

Capítulo 28

Adiel Gaspar

Passei infindáveis dias de puro sufoco.

Aquela mulher de cabelo loiro não saía da minha cabeça.

Provocou-me em um momento e no seguinte me deixou a ver navios, buscando-a por todos os cantos do hospital e terminei não a encontrando em local algum. Concordou em ir me encontrar e eu acreditei piamente nisso, mas ela não foi ao meu encontro, logo eu deveria imaginar que certamente ela só estava jogando de quem provoca mais e acaba ganhando no final. Eu não sou homem de brincadeiras, tampouco de gozações, logo se quiser ficar comigo que fique, mas se não quiser, a vida deve estar resguardando uma outra para ocupar o meu lado direito da cama, assim como o lado esquerdo da mesa de jantar. Repeti esse mesmo discurso durante os dez dias que se passaram comigo a vendo em todos os cantos do hospital, mesmo que eu percebesse que seu olhar estava fugindo do meu. Pensei em me afastar e correr para longe, mas tudo o que consegui foram apenas altas doses de provocações.

Mesmo que eu quisesse me aproximar, os momentos não eram pertinentes para isso, então eu apenas ficava distante a observando e alimentando possibilidades de um futuro. Tentei expulsar esses pensamentos da minha mente, mas estava tão bom alimentá-los. Eu deveria esquecer e seguir em frente. De fato, eu estava dando a entender que o tinha feito, mas a sua presença em qualquer cômodo que ocupava era tão intensa, tão dominante, que se tornou praticamente impossível de me manter distante.

Suspiro, considerando as diversas vezes em que me deitei na minha cama, ou me sentei para ler um outro livro, mas nada parecia me prender o suficiente.

Depois de um plantão cansativo no hospital, onde ela não estava, eu estava finalmente em casa, mas foi surpreendente ver que ela estava bem ali, ao alcance dos meus olhos, abraçada ao irmão com um caminhão de mudança logo atrás dela. Tinha acabado de estacionar o meu carro, quando a vi ali.

Não confundiria as curvas da bela mulher que prendeu minha atenção por tanto tempo... era impossível de o fazer. Eu dormia e as vezes, sonhava com cada pedacinho dela e principalmente com o seu cheiro. Eu não tinha esquecido o seu cheiro embriagante e só desejava sentir mais um pouco... só para não perder aquele delicado aroma da minha mais remota lembrança.

Quando a vi ali, quase corri em sua direção, entretanto o que recebi foi um olhar afiado de uma outra mulher de sedoso cabelo castanho. Ela tem o seu corpo delgado, as bochechas eram de uma fofura completamente agradável e os

lábios tão carnudos e convidativos, que ponderei por um momento parar e conversar com ela, mas então Zayxa se virou na direção da minha voz, quando eu a chamei. Ver o seu rosto tão de perto, depois de tantos dias estava sendo a minha maior prova de resistência. Eu queria correr em sua direção, a abraçar, tocar sua pele e a beijar. Sim, estava ficando completamente irracional, mas quem é que vai me julgar por isso? Ela só me deixa a beira da loucura e simplesmente se vai? Como eu poderia lidar com algo assim? Simples, não posso.

Ela franze sua sobrancelha, mas logo volta a sua postura plena de sempre. A mesma postura que parece ser inabalável e eu queria vê-la, por um dia sequer, com os seus olhos dançando de alegria.

Oh, deus!

Nesses dias que passamos afastados, posso ter fantasiado coisas demais e posso estar um pouco incontrollável, mas a culpa é inteiramente dela.

— Adiel? Você por aqui? – pergunta ela e eu penso se realmente pode ser mais linda apenas movimentando os lábios.

Sim, estive por todos esses dias me embebedando da visão do seu corpo, do seu semblante sério e focado, o que só mudava quando Milena estava por perto a provocando e então, era o momento em que eu podia ver raiva. Questionei-me diversas vezes se era justo que uma mulher fosse tão linda como ela é, mas nenhuma resposta me veio, logo a considere como verdadeira.

— Eu moro aqui – digo sorrindo.

Ela arqueia as sobrancelhas e suspira, sacudindo a cabeça.

— Sério? Que coincidência!

Sorrio mordendo meu lábio inferior, quando ela entreabre os lábios e eu imagino como seria tê-la aqui nas minhas vistas com tão pouca roupa, como estava em seu apartamento, ao mesmo tempo em que estava nas minhas vistas, confortável e nem um pouco incomodada com minha presença ali. Pergunto-me se ela faz isso com muita regularidade...

— Vai morar aqui?

Observo um sorriso começar a enfeitar seus lábios quando escuta minha questionação, deixando-me ainda mais encantado.

Ela acena e então, sorrio.

— Precisa de ajuda com as coisas?

— Oh, não. Meus músculos resolverão esse pequeno probleminha – diz seu irmão e eu aceno, lamentando interiormente a falta de contato que eu teria junto dela, enquanto a ajudaria.

Seria um tempo completamente agradável, tenho certeza. E eu não desperdiçaria um só instante sem observar mais dos seus traços encantadores e

que estão começando a fascinar um pedacinho aqui dentro de mim. Pisco e então, me viro, lutando interiormente para não voltar e falar tudo o que desejo, porque tenho certeza que seria o mais agradável possível, principalmente tendo uma mulher tão linda como ela na minha frente. Eu sei que seus lábios são macios, os melhores que já beijei até o presente momento e o seu jeito sério de ser é um diferencial que está mexendo comigo.

Sorrio lembrando das incontáveis vezes em que Eliza lhe contava alguma piada, mas dos lábios de Zayxa não saiam nenhuma palavra, assim como também não demonstravam quaisquer reações. Ela apenas piscava, observando o rosto da colega de trabalho e isso foi o suficiente para que eu sorrisse bobamente. Obviamente isso foi muito mais engraçado que a piada contada por Eliza.

Pisco quando alcanço a frente da minha casa, onde paro ao sentir minha pele esquentar completamente ao mesmo tempo em que tento manter minha respiração estabilizada. Suspiro e destranco minha porta para estar entrando na minha casa logo em seguida. Fecho-a sem dirigir um olhar para trás. Gostaria de manter meu olhar nela... gostaria de não desviar por nada nesse mundo, mas sinto que as coisas não seriam tão boas caso eu assim o fizesse.

Quero sorrir alto para que todos os cantos da minha casa saibam a novidade que beira todo o meu coração.

Zayxa estará morando do outro lado da minha rua.

Perto... muito perto de mim e eu não poderia estar mais feliz.

Estava entardecendo e eu precisava sair da minha casa, precisava correr e encontrar algum foco para que eu conseguisse esquecer um pouquinho que seja do rosto e dos lábios daquela enfeitiçante mulher.

Vesti-me com minha típica roupa de corrida e então, ganhei as ruas com o fim de tarde beirando o local. O pôr do sol, com certeza, era o mais belo se acompanhado do alto da minha casa, mas hoje infelizmente não o estarei vendo dali. Preciso correr para queimar tudo que pipoca na minha mente somente por tê-la ali tão perto de mim. Foram tantos dias ignorando um ao outro, quando poderíamos estar tornando nossas presenças ainda mais intensas um contra o outro, todavia não foi o que aconteceu e talvez ela nem deseje se manter por perto de mim, por isso que ficou distante, ignorando-me, mas isso foi quebrado quando a flagrei me olhando ao mesmo tempo em que mordida seu lábio inferior.

Suspiro, ganhando a rua sem muita movimentação deste fim de tarde e coloco fones de ouvido, para que nada do externo me atrapalhe a pensar.

Puxo mais uma respiração profunda e então, começo a correr pela calçada do condomínio, passando na frente das casas e não vendo muita gente em suas portas. A música que verbera nos meus ouvidos é *Cheers darlin* de *Damien Rice* e eu já começo a sentir as coisas subindo loucamente por meu corpo. Sinto meu coração acelerar, mas as memórias não voltam como esperei que aconteceria, já que é costumeiro, todavia o que cerca minha mente é apenas pequenos flashes de sorrisos de lado, outros sorrisos sacanas e alguns morder de lábio inferior. Isso tudo vindo dela, que permanece não abondando a minha mente por instante algum, porque estou focado demais em apenas pensar nela.

Preciso ocupar a minha mente com qualquer outra coisa que não seja aquela mulher. Penso em como pode existir uma pessoa como ela... porra, até o seu sorriso é sensual. Posso suspirar diversas vezes, enquanto minhas pernas avançam por essa calçada, mas nada parece fazer sentido quando estou indo diretamente para o seu oposto.

Ela está bem ali, à poucos passos da minha casa, então por que eu não vou dar uma incerta na sua residência? Por que simplesmente não acabo com toda essa agonia e a chamo para sair comigo? Oh, eu sei que isso parece completamente louco, mas tenho medo dela jogar na minha cara que realmente não quer envolvimento comigo. Então lembro da noite de bebedeiras... Lembro da sua boca contra a minha e me encanto com o dia seguinte, quando ela estava confortável e em pequenos trajes a poucos passos de mim. E simplesmente não consigo não pensar em nada mais que isso, porque só desejo que ela esteja assim para mim todo os dias, a todo momento em que eu estiver de bobeira na minha casa.

Quero ser um bobo para admirá-la por horas a fio, mas estou na beira da loucura e da mais pura insegurança.

Sou um cara maduro, gostaria de ser prático, mas não consigo.

Tomo algumas respirações profundas quando chego no campo de futebol, onde muitos dos vizinhos se juntam para jogar bola no fim de tarde das sextas. Eu poderia me juntar a eles as vezes se os meus plantões deixassem e, principalmente, se a minha cabeça permitisse sem que uma enorme gama de lembranças não inundasse a minha mente, sempre que eu voltava a esse lugar.

Todos os fins de tardes, eu ia para um campo abandonado perto da casa onde eu morava, para jogar bola com meu irmão e alguns vizinhos nossos amigos. Eram os momentos em que eu me sentia mais livre, feliz e desde que foram tirados de mim, nunca fui capaz de ser tão feliz quanto eu era. Passei anos e mais anos sentindo saudades daqueles meus anos iniciais de vida. Chega até a ser um pouco irracional da minha parte relembrar, mas dizem por aí que relembrar é viver, não é? E eu só tenho essa forma de viver... lembrando.

Se não é a lembrança, acho que não seria capaz de continuar sendo lúcido. Não com tanto a ser feito, a ser cuidado e a ser conquistado.

— Doutor? O senhor andando por aqui? Jamais imaginaria.

Essa voz suave é a mesma que me rendeu muitos e muitos sonhos, acompanhando de ainda mais pensamentos aguçados e contentes. Pisco, virando-me só para vê-la não muito diferente de mim, mas com alguns acréscimos de suor escorrendo por sua face e seguindo por seu busto, que mantém seus seios seguros por um top preto. Sua barriga está nua com suas tatuagens completamente visíveis ao olhar de todos aqueles que dirigirem um tempo para isso. A parte de baixo da sua cintura está coberta por uma calça legging que aperta toda extensão da sua bunda, coxas e pernas, abraçando até o seu calcanhar.

Sorrio subindo meu olhar para o seu rosto, que me encara novamente com o lábio inferior preso por seus dentes.

— Gostou do meu look para corridas?

Pisca um dos seus olhos, antes de fazer uma voltinha lenta, que me proporciona a visão de mais tatuagens nas suas costas, mas uma me chama atenção. É um nome e ele está no alto do seu pescoço. Minha língua coça para que eu a pergunte sobre, mas apenas sorrio, aproveitando da sua descontração.

— Está linda – digo e eu realmente quero dizer isso. Ela está linda e sem nenhuma maquiagem no seu belo rosto para me garantir isso.

Mais uma coisa sobre mulheres e sobre meu gosto sobre elas. Não há nada de mais interessante na vida inteira do que as ver sem nenhuma maquiagem... oh, é a coisa mais agradável que adoro admirar e amo ainda mais que essa aqui na minha frente não use no seu dia a dia.

— Agora estou me sentindo tímida por escutar você me dizer isso – ela diz antes de baixar o seu olhar e sorrir envergonhadamente, o que me faz arquear as sobrancelhas, considerando um pouco sobre o que me disse.

Ela é a mulher mais séria e profissional que já conheci até hoje, então como ela pode me dizer isso e assim? É a primeira vez que a vejo assim... com os tons de vermelho salpicando a sua pele perfeitamente lisa, deixando-a fascinantemente corada.

— Eu realmente quis dizer isso – digo sorrindo e ela sobe o seu olhar para o meu rosto, com um sorriso pequeno nos lábios, mas que faz o meu coração acelerar.

— Ok, entendi. – Sorri e desvia seu olhar do meu para o campo atrás de mim. — Imagino que esteja olhando o campo em busca de um desafio, não é? Pois bem, sou teu desafio hoje... vamos correr?

Sorrio com a sua piscadela marota, ao mesmo tempo em que continuo

pensando em algo nessa mulher que pode ser feio. Quero me sentar com ela e conversar, saber mais sobre ela, sobre a sua vida, sobre o que gosta de fazer... Sinto essa vontade tilintar dentro de mim e isso não é algo que apenas está surgindo só agora. Não, não é. Desde que entrei na sua casa, pela primeira vez, após o assalto que desejo saber mais sobre suas peculiaridades, mas isso só foi crescendo e as minhas curiosidades sobre ela só foram aumentando. Estou um pouco paranoico por desejar conhecer uma pessoa? Não a respondo e tomando meu silêncio como uma resposta, ela apenas dá de ombros e começa a correr devagar em direção a parte de dentro do campo. Respiro fundo e vou logo atrás dela. Talvez, eu consiga saber algo sobre ela ou apenas descubra em suas feições, alguma outra novidade. Ficarei contente da mesma forma...

Capítulo 29

Íris Sensit/Zayxa

Eu corri e ele veio logo atrás de mim.

Ultrapassamos o campo e apenas seguimos silenciosamente em direção as ruas rodeadas a arvoredos que eu nem sabia que existia naquele lugar. De fato, considereirei que aquele era o melhor lugar para se viver e o preço que paguei para o aluguel foi completamente válido.

Corremos por alguns quilômetros e quando estou prestes a me sentir melhor por correr livremente, ele está pedindo uma pausa para descansar, o que me rendeu algumas risadas altas, porque aquele era um momento considerado curioso, sendo ele um médico e de tão boa forma.

— Você além de correr muito, ainda corre rápido – diz em meio a suspiros altos, fazendo-me sorrir.

Senta-se embaixo de uma das árvores que tem por aqui e encosta sua cabeça contra o tronco, revelando seu pescoço perigosamente suado. Mordo meu lábio inferior ao caminhar até ele e logo estou me sentando ao seu lado, vendo a noite baixando na altura dos nossos olhos, enquanto possuo vontade de fechar os olhos e apenas dormir, descansar, dando fim a qualquer que seja a emergência.

— O que significa essa faca cravada na caveira que você tem na barriga? – ele pergunta suspirando mais uma vez, fazendo um sorriso de lado surgir nos meus lábios.

— Ela é usada por policiais, você sabe..., mas para mim é o que o seu real significado representa... A conquista sobre a morte.

Pisco, quando ele desvia seu olhar diretamente para o meu rosto, fazendo-me sorrir ainda mais.

Sim, tenho uma tatuagem de policiais na minha barriga, porque há alguns anos precisei de me disfarçar como uma e entrando no personagem fiz essa tatuagem, mas ao descobrir seu significado real, resolvi que a customizaria e a manteria aqui mesmo. Na testa da caveira coloquei flores, ao redor da faca foram colocadas raízes e no nariz, sangue escorre até a boca, onde os dentes estão machados de preto.

— Não tente adivinhar, tampouco me pergunte sobre minhas tatuagens... seus significados são sombrios demais para serem ditos em voz alta – digo com meus olhos arregalados e então, ao ver o seu rosto confuso, acabo por não conseguir segurar a enorme vontade que sinto em rir alto.

— Você é estranha e encantadora.

Meu riso cessa, dando lugar a mais pura vergonha.

Como ele pode me dizer isso assim?

Sou uma pessoa cheia de emoções, é verdade, mas não sou de as demonstrar, isso está mais que verídico e escutar um elogio vindo dele e sendo dito dessa forma, não me deixa menos envergonhada. Não entendo porquê com ele eu simplesmente não consigo manter a linha séria e inabalável, mas não quero.

Não desejo que ela seja mantida.

Suspiro e me levanto, enviando-o um sorriso sem graça.

— Preciso... ir – digo e não espero que ele me responda, porque já estou correndo todo o caminho que fizemos até aqui, indo em direção a minha nova casa.

Eu sei que minha reação a ele foi completamente inexplicável, mas eu não sei o que aconteceria se eu ficasse ali, olhando para os seus lábios tentadores, enquanto eu estava com vontade de selar as nossas bocas juntas, traçando um caminho de desejo ainda mais latente entre os nossos corpos, mas eu não o desejo mal.

E eu sou o mal, enquanto ele é um anjo inocente e completamente alheio ao que realmente sou.

Traço a traço, uma nova paisagem está nascendo para dar vida à essa nova decoração. Casa luxuosa e cara demais para não ser rabiscada com minhas pinturas inovadoras. Estou desenhando a minha tatuagem, a mesma que ele questionou e eu não entendo o motivo ao qual estou a desenhando nos mínimos detalhes aqui na parede da minha sala de estar com móveis novos, mas estou a colocando aqui.

Não sabia o que fazer hoje depois que cheguei da corrida. Adiel mexeu comigo de alguma forma. Isso está mais que claro, então preciso muito ter alguma coisa para me ocupar além dos seus lábios carnudos... gostaria de passar mais tempo me ocupando em observá-los para depois explorá-los atentamente e gravar cada traço daquele pedaço do seu corpo, assim como o restante.

A campainha toca, fazendo-me rosar baixinho, antes de deixar o pincel de lado para ir até a porta. Não sei onde Tércio se meteu com Yanne, não sei o que estão fazendo.

Abro a porta e me deparo com uma mulher loira de estatura alta com um sorriso enorme nos lábios, tendo em sua mão uma travessa de lasanha.

— Olá! Sou Poliana e acabei de ver que se mudou hoje!

Ela desce seu olhar para o meu corpo e eu a encaro. Uma riquinha metida a

besta... era só o que me faltava! Estou com um blusão e um short curto preto que nem deve aparecer direito, além de estar toda suja de tinta preta, vermelha, marrom... enfim, quem se importa? Eu, com certeza, que não.

Pisco, encarando-a ao mesmo tempo em que busco algum sentido na minha vida para manter a pose de Zayxa... não encontro, logo não serei a mais aconselhável para lhe passar generosidade e mais simpatia.

— Trouxe essa lasanha para que...

— Sou alérgica a queijo.

Reviro os olhos e fecho a porta, encontrando Tércio de olhos arregalados logo atrás de mim. Ele corre para a porta e a abre, sorrindo para o rosto da mulher que está chocada.

— Desculpa, moça. Minha irmã é louca – diz suspirando envergonhado.

Viro-me e volto para a minha tarefa em colorir essa parede sem vida, deixando a casa tão sem vida quanto ela.

— Acho que ela não gostou muito da minha visita.

Ela sorri sem graça e eu reviro os olhos novamente.

— Ela não gosta de ninguém, moça. É normal. Por favor, entre!

Sorrio alto voltando a minha tarefa completamente agradável.

— Verdade, não gosto mesmo.

Passo o pincel no resto do risco, tomando cuidado para não acabar borrando o meu mais belo desenho. Não demorou muito para que eu fizesse os traços perfeitamente, agora só teria que os cobrir com um pincel mais grosso. Estava muito bem nessa tarefa, até que esta nojenta chegou aqui na minha casinha. *E eu que pensava que aqui teria paz.* Aposto como vai começar com o discurso da boa vizinhança e eu não tenho muito saco para isso.

— Não se importe com ela, por favor – diz conduzindo a fresquinha para dentro de casa. Eles se sentam no sofá que eu afastei até estar contra a parede oposta à que eu estou pintando. — Você é a...

— Poliana, sou filha do prefeito da cidade, mas estou sempre aberta para descobrir novas pessoas.

Reviro os olhos, considerando que isso aqui vai ser tedioso. Já lidei com tantas dessas e nunca tive paciência para nenhuma, mas eis que estou aqui, perto de uma que promete ser um saco completo.

— E você? Qual seu nome?

Respiro fundo, tentando focar no meu traço mais grosso na curva circular do olho, quando Tércio a responde.

— E o que vocês fazem?

Suspiro, terminando o diabo da curva.

— Minha irmã é enfermeira e eu sou empresário.

— Ela é enfermeira e mora nessa casa? Ah, você é empresário, claro.

Respiro fundo mais uma vez e deixo que o pincel caia da minha mão, antes que o meu impulso se torne cada vez mais forte e eu acabe o lançando na sua direção. Resolvo que irei sair daqui antes que meus impulsos se tornem ainda piores.

Viro-me e a encaro, percorrendo todo o seu rosto, então dou vida as minhas pernas e me dirijo até a porta. Abro-a e saio para a rua. Caminho até o outro lado, atravessando a enorme avenida que me separa do meu destino e assim que estou bem na frente da porta almejada, então busco com o meu olhar a sua campainha e quando encontro, a aperto uma e duas vezes, até que a porta se abre revelando um médico metido a anjo e completamente rústico na minha frente, com alguns bônus... como estar sem camisa e com um conjunto de tatuagens nas minhas vistas, que me fazem suspirar imediatamente, ainda com um sorriso nos meus lábios.

— Posso entrar? – pergunto piscando e ele acena, ainda com seu olhar nas minhas coxas nuas, ao mesmo tempo que percebo o seu rosto todo vermelho.

Ele se afasta um pouco da entrada, liberando um pouco de espaço para que eu possa entrar. Na minha frente tenho a sua enorme sala e o que mais chama minha atenção é a sua estante cheia de livros.

— Tantos livros! – digo indo em direção a primeira estante com diversos lançamentos da atualidade, que por conta desse serviço eu não tive tempo de adquirir ainda.

Meu coração se acelera loucamente no meu peito ao ver cada um que eu mais estava desejando adquirir. Estão todos na estante dele e eu não sei o que dizer, porque acho que estou surpresa demais. Quando um rostinho bonito iria me surpreender tanto? Um anjo rústico leitor...

É demais para a minha mente.

— Esses livros... são lançamentos, cara! Como... como... como... estou sem palavras.

Viro-me para o encontrar com um sorriso e os braços cruzados na frente do seu peito, quando encontro ali na mesinha perto do seu sofá a capa de.... Projeto Zero!

— Estou tentando adquirir esse livro há dias! Como você pode? Como...

Estou completamente sem palavras enquanto ele sorri observando cada cantinho do meu rosto. Muito besta é como estou aqui.

Nunca pensei que existisse um homem que lesse desse jeito... nunca.

— As mordomias de ser amigo da autora.

Estou boquiaberta com essa informação bombástica.

Ele é amigo dela?

— Como você é... não quero saber – digo e suspiro desviando meu olhar para o teto. — Preciso ficar aqui um pouquinho, porque uma patricinha chata está lá em casa fazendo a típica política da boa vizinhança e eu não estou com muita paciência.

Ele pisca, acho que surpreso por meu desabafo repentino. Realmente, é surpreendente até para mim, porque não sou de ficar liberando meus pensamentos dessa forma para uma outra pessoa e logo assim, tão na lata.

— Quem? Marina?

Arqueio minhas sobrancelhas com nojo banhando meu sistema interior.

— Tem mais?

Bufo, revirando os olhos e escuto sua gargalhada alta, tão gostosa e espontânea que me faz focar meu olhar no seu rosto, vendo a sua carreira de dentes brancos e as covinhas adoráveis que aparecem na sua bochecha à medida que continua rindo. Quando o seu excesso de riso passa, eu juro que quase lamento, porque estava tão agradável e gostoso, que aquilo poderia ser transformado em uma perfeita melodia para me ajudar a mergulhar na tarefa difícil que é pegar no sono todas as noites.

— Nunca pensei que você fosse tão debochada. E isso não é uma coisa ruim... é bom, considerando que é sempre tão séria – diz antes de rir novamente.

— Quem está na sua casa?

Dou de ombros, piscando e o achando agradável.

— Poliana, filha do prefeito – digo e reviro os olhos. — Fazendo uma breve investigação sobre nossas vidas e, Tércio, como é um anfitrião exageradamente simpático está a respondendo, enquanto devem estar comendo a lasanha que ela levou. Você acredita que ela levou uma lasanha? – Bufo, observando-o sorrir ao me escutar. — Ela é muito idiota. Juro que a teria matado se continuasse a escutar a voz irritante dela.

Reviro os olhos e me dirijo até ao seu sofá.

Sento-me e o encaro, que me olha de volta com o seu lábio preso por seus dentes.

— Aceito chocolate quente se você tiver por aí – digo me inclinando para pegar essa delícia de livro.

São pouquíssimas coisas que me deixam emocionadas nessa vida, mas das poucas a leitura é uma delas e a mais intensa, isso com toda certeza. Sinto a espessura da capa sob minhas mãos e falta pouquíssimo para que uma lágrima desça por meus olhos. Esse livro foi tão esperado por uma legião de leitores, que eu jamais poderia imaginar que ele conheceria a autora, assim como que teria o livro.

Estou surpresa que este bonito rústico tenha mais a me mostrar.

Um “mais” que eu não saiba... um “mais” que não esteja na sua ficha de vida inteira.

Abro o livro e me recosto contra a poltrona. Mergulho na delícia que é ler, uma das melhores coisas que me foi ensinada pelo meu segundo carrasco.

Seu nome é Nicolas e ele me ensinou muitas coisas, entre elas a ler para descobrir novos horizontes, ler para descobrir fraquezas, ler para construir a minha fortaleza. Ele ensinou Tércio a encontrar sua paixão, que é a tecnologia, os computadores. Ele me ensinou a pensar antes de agir, ensinou-me como funciona a cabeça dos seres humanos e ele me ensinou a dominá-las. Mas, acima de tudo isso, me ensinou que eu nunca deveria confiar em um alguém que eu nunca havia visto antes, tampouco pesquisado.

Ensinou-me a maior das lições.

Ensinou-me a desconfiar.

Capítulo 30

Íris Sensit/Zayxa

— Eu poderia permanecer o resto da madrugada inteira só olhando para você, enquanto lê – ele diz e eu o encaro subindo meu olhar do livro para o seu rosto. Ele sorri e eu juro que acabo de considerar esse como sendo o mais lindo no meio de todos, principalmente porque agora parece tão juvenil e serelepe, que tudo dentro de mim se agita para pular no seu colo e o abraçar bem apertado, mas a Íris predominante aqui dentro, ordena para Zayxa que isso não é certo.

Ele continua sorrindo e as suas covinhas continuam a me encantar, enquanto a vontade de beijá-lo me consome por dentro. Aperto o livro nas minhas mãos, considerando o quanto Zero está sofrendo e o quanto eu me identifico com seu sofrimento.

— Você está querendo dizer que é hora de ir embora? – pergunto arqueando minha sobrancelha direita, apreciando o momento em que ele sorri sacudindo sua cabeça.

Tão bonito e tão espontâneo, parece ser incrivelmente próprio dele e isso me encanta profundamente por dentro.

— Estou querendo dizer que amanhã estou de folga e que você pode ficar o quanto quiser e ainda acrescento que está intimada a tomar o café da manhã comigo.

Pisco com um sorriso querendo sair dos meus lábios, mas os prendo, deixando que meu olhar permaneça sob o seu, porque não consigo desviar. Inclino-me no sofá, deixando o livro de lado e então cruço minhas pernas, mantendo ainda meu olhar sob o dele, enquanto observa cada movimento meu com o olhar aguçado.

Posso ter ficado algumas horas aqui sentada, presa na leitura instigante desse livro e ele se manteve bem aqui me observando. Eu sei disso porque senti o seu olhar penetrante sob mim, sobre a minha pele e eu não poderia me sentir melhor na companhia de um outro alguém, que certamente não conheço muito, como é ele. Tenho a ficha da sua vida gravada na minha mente, logo sei que a sua presença aqui ao meu lado e tão próximo de mim não é nenhuma coincidência, assim como também sei que ele está completamente alheio a tudo que está se passando aqui.

Ele me olha exibindo um sorriso e eu o olho da mesma forma, tendo sob minhas vistas a clara diversão pulando ali nas pupilas dos seus olhos. Sei o quanto ele está gostando dessa troca de faíscas e não serei hipócrita em afirmar que também não estou gostando. Na verdade, eu gostaria de jogar tudo para o

alto e me entregar ao desejo que está me esquentando por completo agora. O clima da sala muda gradativamente ao tempo em que passamos aqui presos e entorpecidos por essa linha de olhares sem palavras a serem ditas, porque as únicas que querem sair por meus lábios são decisivas para qualquer que seja a confusão de sentimentos que estou sentindo.

— Você tem whisky? – pergunto o vendo piscar ligeiramente um conjunto de vezes.

Sorrio mais uma vez.

— Sim.

Mordo meu lábio inferior e então me levanto, colocando um pé ao chão e depois o outro. Ao estar devidamente apoiada, caminho na sua direção e paro a poucos centímetros com a minha roupa suja, meu corpo sujo de tinta e então, sorrio.

— Posso banhar aqui? – pergunto arqueando minha sobrancelha, quando ele pisca e deixa os olhos parcialmente abertos, como se estivesse em uma linha de pensamentos tão bons e prazerosos, que fechar os olhos é o melhor a ser feito para mergulhar ali no seu estupor.

— Você pode fazer o que quiser aqui, Zayxa.

Tão rouco e rústico...

Mordo meu lábio inferior mais uma vez, lembrando da sua pegada no meu couro cabeludo, enquanto tinha seus olhos febris sob os meus em uma pegada forte e dominante que me agrada de todas as formas possíveis. Juro que sinto vontade de me livrar dessa roupa e permanecer na sua frente sem estar usando nada para que eu possa sentir até onde poderíamos ir nessa nuvem de excitações que nos cerca. Juro que desejo isso, meu corpo implora por um instante ao seu lado e não sei o motivo de ainda estar me segurando tanto... talvez sejam as convicções que tenho implantadas na minha mente...

Talvez eu só precise de um banho.

Isso, um banho.

Aceno, tendo em vista que sua resposta está no maior elevo de tudo, enquanto tento prosseguir sem interrupções no decorrer dessa maldita missão que está passando de um parque de diversões para um círculo de horror.

— Pode me indicar o caminho? – pergunto piscando inocentemente e ele sorri novamente me mostrando suas covinhas lindas.

Deveria ser proibido um homem ser bonito, tatuado, rústico e ter covinhas. Pelo amor da minha sanidade, *mundo!*

Ele se levanta e, ainda mantendo o seu olhar no meu rosto, indica o caminho para dentro da sua casa, mas não antes de escanear cada canto do meu corpo com o seu olhar aguçado. Sobe as escadas na minha frente, enquanto

tenho na minha frente a bela visão da sua bunda redonda e muito gordinha, do jeito que encanta qualquer par de olhos.

Ao chegarmos ao topo das escadas, ele me indica apenas duas portas. Uma sendo a do banheiro e a outra do seu quarto, de onde ele disse que eu poderia pegar uma camisa sua.

Após me deixar sozinha, tomei o caminho do seu banheiro e então, tratei de me despir para tomar o banho, que tanto estou precisando. Deixei que a água escorresse por meu corpo, enquanto pegava o sabonete tão rústico, quanto sua aparência e isso me agrada ainda mais. A cada coisa que descubro e noto sobre esse homem, mais me interessa em tê-lo sob minhas mãos. Suspiro deixando que a água molhe meu cabelo e só assim, permito que meus olhos se fechem, enquanto mais uma vez uma careta brota no meu rosto por lembrar dos ensinamentos. Os mesmos que estão me deixando presa nesse mar de repressão, sem deixar que ninguém faça parte da minha vida tendo em consideração meu círculo de amizades aparentes. Talvez esteja sendo boba, já que sei tudo sobre Adiel. Cada detalhe sob onde ele pisou, sobre o que fez e que precisou fazer, assim como quem o ajudou, sendo encoberto por outros nomes. Sei de tudo, mas o pouco que conheci sobre ele sendo pessoa está me agradando mais que tudo. Não poderia estar me sentindo melhor, como estou agora.

Lembro de mergulhar em alguns romances e me deparar com cenas como essa, em que a mocinha fica fissurada pelo mocinho e que nada mais parece fazer sentido se não for ao seu lado... com a descoberta do novo e do intenso que sempre se depara quando estão juntos. E pode parecer uma besteira sem tamanho, mas estou me sentindo como uma delas, como uma mocinha dos romances que leio vez ou outra.

Desligo a água e saio de debaixo do chuveiro para que eu possa me enrolar na toalha branca que está pendurada em um suporte transparente típico de banheiros. Ao estar enrolada, saio do banheiro e me encaminho diretamente para o quarto dele. Ao pisar no seu espaço pessoal me permito puxar uma respiração profunda, enquanto pondero se realmente deveria estar aqui. Passei todo esse tempo com meu pensamento nele, mudando meu foco de tudo somente para ter um olho nele, ou apenas para lembrar da sua presença forte por perto.

Caminho por seu quarto, tendo sob meus olhos a sua enorme cama no centro do cômodo, mas me ocupo em buscar outra coisa, outro lugar. O seu closet, que aberto me aguarda. Pisco considerando que provavelmente ele tem uma leve ambição por essas camisas sem mangas, que deixam os músculos completamente à amostra, assim como parte do seu peito e barriga, por serem largas e muito abertas em suas cavas.

Sorrio quando pego uma dessas na cor preta e mordendo o lábio inferior,

com uma pequena demônia rondando minha mente, eu a visto, ainda exibindo um enorme sorriso. Encaminho-me até o espelho que tem ali perto e observo meu reflexo. A blusa cobre até o começo das minhas coxas e ao me virar para ter sob minhas vistas onde cobre minha parte traseira, percebo com muita felicidade que cobre metade da minha bunda, restando um pouco do recheio final para os olhos do meu querido médico rústico.

Quando estou pronta e com a sua toalha devidamente repousando no chão, então dou de ombros e saio dali, indo rapidamente em direção a sala, onde ele está sentado no mesmo local em que ficou por todo o tempo em que eu lia. Senti o seu olhar queimar minha pele, devido a sua intensidade.

Senti e adorei cada momento.

Assim que alcanço o espaço por trás dele, revelo um sinuoso sorriso e ao caminhar, passando por sua frente, o desfaço demonstrando toda a ingenuidade que não existe dentro de mim, mas que Zayxa deve mostrar... sinto vontade de rir com esse pensamento, porque Zayxa nunca foi uma personagem que dominasse algum cenário e não seria logo agora que o faria.

— Obrigada por me deixar usar o seu banheiro e pegar uma roupa sua – digo vendo-o me encarar com sua boca entreaberta e o rosto vermelho, queimando toda a descontração que poderia existir nesse local. — Posso pegar um pouco do teu whisky?

Ele engole em seco e eu observo seu pomo de adão descer e subir, quando termino minha pergunta e isso me faz sorrir descaradamente, porque não consegui prender.

Julgue-me.

— Você pode me indicar apenas o caminho que eu o pego – digo e ele entreabre os lábios para depois fechar os olhos, ao mesmo tempo que sacode sua cabeça e quando volta a abrir essa confusão brilhosa intensa, um sorriso está o acompanhando.

— Está no armário da cozinha, assim como os copos.

Levanto-me e me encaminho até onde ele indicou e então, pego o whisky e o derramo no primeiro copo que eu encontro no meu campo de visão. Tomo um gole e depois derramo mais um pouco no copo para que eu possa beber mais.

Sinto meu corpo esquentar e não sei manter o meu olhar no meu copo, porque tudo dentro de mim está me guiando a ceder e a deixá-lo ainda mais louco, porque quero que assim esteja. Culpo os romances que sou acostumada a ler... ou meu corpo e minha mente que imploram por isso. Já não tenho controle sob nada em mim. Só sei que o desejo é que dessa vez, não vou fugir dessa nuvem.

Ele me encara dos pés à cabeça e eu gosto que ele o faça.

— Por que não me encontrou aquele dia? – ele pergunta se levantando da cadeira para vir na minha direção lentamente, como um belo leão caminha em direção a sua presa.

Vou adorar ser devorada por ele, disso não tenho dúvidas.

— Tive que resolver algumas pendências – digo mordendo meu lábio inferior e ele pisca, sorrindo de lado.

— Te procurei em todos os lados e não te encontrei.

Sorrio o observando.

— Estou aqui agora.

Ele acena com seu olhar cheio de fogo queimando cada pedacinho de pele por onde observa. Sorrio deixando no balcão da sua cozinha o copo vazio, somente para me aproximar dele, fechando assim o espaço que nos separava.

Ele respira pesadamente e eu levanto minhas mãos para tocar o seu peito sarado recheado a tatuagens.

— Zayxa você está me deixando louc... o que você está fazendo, mulher?

E sem esperar que eu o responda, sua mão está vindo para a minha nuca e ele está me beijando com tanta fome, desejo e volúpia que por alguns segundos pondero que posso estar sonhando, mas isso é só até sentir o aperto da sua outra mão sob minha cintura, quando ele cola o meu corpo contra o seu. Encaixa seu braço na curva da minha coluna e então me levanta sem desgrudar nossos lábios tampouco diminuir a intensidade do nosso beijo e juro que nada mais existe aqui dentro da minha mente, exceto eu, ele e o desejo.

Encaixo minhas pernas ao redor da sua cintura e enlaço o seu pescoço com meus braços, até que ele me coloca sob alguma superfície dura que não me interessa saber qual é no momento, porque estou focada apenas sentindo cada toque que ele corre por meu corpo, me deixando mais insana por ele. Quando nossos lábios se desgrudam e eu abro meus olhos, tenho o prazer de o ver encarando meus mamilos cobertos pela fina camada da blusa que mal cobre a parte de cima do meu corpo.

Mordo meu lábio inferior e assumindo que ele pode demorar horas observando meu corpo, então tiro essa blusa, o vendo acompanhar meu movimento com seus olhos aguçados e sem fazer movimento algum para afastar sua virilha da minha. Pelo que estou sentindo está bem grudada na minha. Quando me livro da minha blusa, mal tenho tempo de tomar uma segunda respiração, porque ele já está se abaixando e então, começa a correr minha pele com seus lábios me beijando. Percorre toda minha barriga, enquanto suas mãos estão nas minhas coxas as apertando firmemente e eu sinto que tudo dentro de mim estará sendo convertido em pó, devido ao fogo que me queima... estou a ponto de desmaiar para o ter sob mim, sob os pontos em que anseiam por seu

toque. E ele toma o seu tempo explorando cada canto que lhe apetece, até que seus lábios estão chegando onde estou ansiando por dias.

Beija-me como se estivesse cumprimentando um alguém amado que há muito tempo não o vê, ele me lambe como se estivesse com um doce maravilhoso que nunca pode ter o suficiente, ele me chupa como se eu fosse o seu maior e mais gostoso vício. E o meu corpo responde ao seu na mesma sincronia, enquanto desfruto de cada segundo em que ele permanece ali me proporcionando um prazer que eu nunca senti com ninguém. Quando minha respiração trava, a necessidade de que só o desejo cada vez mais aumenta e quando tudo dentro de mim parece que vai explodir, ele continua e continua até que estou o dando todo o meu prazer para que ele sinta sob os seus lábios o meu sabor.

— Adiel... oh, Deus!

Eu fiz uma coisa que nunca pensei que faria quando tivesse um homem me proporcionando prazer. Chamei por seu nome quando estava me entregando e eu não quero pensar sobre isso agora, porque ainda não tive tudo que desejo dele... não.

Depois de lambe tudo que o dei, ele sobe os seus lábios para os meus e me beija com ainda mais fome que antes e eu estou da mesma forma, apertando a sua pele e me esfregando mais nele, com a gana de o ter cada vez mais para mim e sob mim, mas então ele se afasta.

— Você é muito viciante, Zayxa... vou acabar ficando louco – diz ao mesmo tempo em que solta uma longa respiração.

Estou focada observando o seu corpo e a protuberância que exibe na frente do seu corpo para ligar para o que seja que esteja querendo dizer agora.

Rodeio minhas pernas ao redor da sua cintura e o puxo contra o meu corpo, o colando e assim que o desejo me corrói, puxo sua cabeça em direção a minha e assalto os seus lábios com os meus. Abro a sua bermuda e desço seu zíper tendo o seu membro perfeitamente ereto nas minhas mãos, ao mesmo tempo em que ele aumenta a intensidade do nosso beijo e eu guio a sua ereção diretamente para a minha entrada devidamente molhada e desejosa para tê-lo somente para mim.

O que nos arrebatava em posterioridade é a mais intensa fundição de corpos, enquanto deixávamos que os nossos desejos dominassem nossos corpos. Ele me toma com um misto de urgência e paixão, que está sendo difícil considerar qual dos dois está em mais evidência, mas me deixo levar, porque está tão gostoso...

Capítulo 31

Íris Sensit/Zayxa

Seus braços estão pesadamente ao redor do meu corpo, a sua respiração suave contra o meu ouvido e eu juro que nessa noite, esse foi o meu melhor lugar para dormir. Simplesmente me deixei levar pelo seu sono, abandonando o que quer que estivéssemos sentindo para que pudéssemos descansar mais um pouco, porque embarcamos na linha mais insana do desejo. Nossos corpos pareciam ter uma sincronia que não fui capaz de sentir com nenhum outro homem, quando o tinha sob minhas mãos, mas a forma que Adiel me toca é tão diferente, gananciosa... e eu amo que ele demonstre sentir tanta gana por mim, porque ninguém nunca demonstrou.

Sorrio, piscando meus olhos quando seu despertador toca nos avisando que a hora de acordar chegou, mas o que sinto aqui é apenas os seus braços apertando meu corpo cada vez mais próximo do seu.

Fizemos sexo de todas formas possíveis e imagináveis, em posições que não foram experimentadas por mim antes e que obtiveram um resultado perfeito, porque me senti desejada e abstraí tanto prazer que só em lembrar tenho vontade de repetir aquele feito por mais algumas vezes. O sorriso está permanente nos meus lábios quando ele suspira mais uma vez e então, seus lábios estão estalando sob a pele do meu ombro.

— Acho que a realidade nos chama, não é?

Sua voz está rouca e perto do meu ouvido. Juro que um emaranhado de arrepios subiu por meu corpo à medida que seus lábios voltaram a tocar minha pele e eu me permiti fechar meus olhos só para abstrair cada toque seu. Não sei o que está passando comigo, mas não quero descobrir sobre isso agora.

Está bom sentir, viver e eu quero isso.

— Vou preparar nosso café, ok? – ele diz e eu aceno sem conseguir dizer uma palavra, o que o faz sorrir. — O que foi? O gato comeu sua língua?

Sorrio com a sua pergunta e então, me viro nos seus braços para que eu possa olhar nos seus olhos, vendo-o ainda sonolento, mas não menos bonito e encantador.

— O gato comeu outra coisa...

Começo, mas sou interrompida por um beijo delicioso de bom dia, acompanhado de uma risada encantadoramente gostosa. Pisco traçando com meus dedos as covinhas do seu rosto e juro que cada detalhe deste homem está me deixando cada vez mais encantada e fascinada. Ao separar seus lábios dos meus, afunda sua cabeça na curva do meu pescoço e deposita mais um beijo

naquela região, fazendo-me puxar mais uma respiração.

— O gato gostaria de comer mais um pouquinho, mas ele compreende que a gatinha tem trabalho em algumas horinhas e levando em consideração que não é intenção do gato atrapalhar a manhosa aqui, então ele vai preparar o café a fim de alimentá-la.

Sorrio arqueando as sobrancelhas quando ele termina de falar e então, com um último tapa na carne da minha bunda, levanta-se me proporcionando a visão do seu corpo nu.

Quando se dirige para fora do quarto, me viro na cama exibindo um sorriso ao mesmo tempo que penso no que ele disse. Manhosa, eu... o riso que extrapola da minha boca é tão escandaloso, que não sou capaz de controlar.

Nunca na vida inteira que eu seria uma mulher manhosa, nem mesmo se ele for o cara a dormir ao meu lado. Não sou carinhosa, esse tipo não se encaixa comigo e nunca vai se encaixar, agora... manhosa? Não, não, impossível.

Ainda com o riso reinando em mim, me levanto e saio do quarto para ir ao seu banheiro, o mesmo que ainda visitei uma outra vez na madrugada para que um novo lugar fosse explorado ao tempo em que mais pontos de prazer do meu corpo eram tocados, provocando ainda mais ondas de gemidos e mais sensações por todo o meu corpo.

Suspiro, ao ligar o seu chuveiro e logo em seguida, ligo o seu fluxo para que assim eu possa esfriar toda a minha pele com os pensamentos tornando-se cada vez mais distantes de tudo.

Teófilo está mexendo em um ninho de vespas e eu ainda não compreendo o motivo ao qual fui contratada para o matar, mas isso está sendo garantido por Tércio que está muito focado em quebrar as linhas de segurança do site do nosso sistema, esse está caindo cada vez mais, já que os meus parceiros de crime estão saindo...

Fecho meus olhos, quando Nicolas volta para a minha mente. Esse momento talvez tenha sido o que mais marcou na minha mente inteira e nunca fui capaz de esquecer. Na verdade, tudo que ele me disse marca até hoje a minha cabeça, mesmo que o que ele tenha feito conosco foi imperdoável.

Era um dia de terça-feira e estávamos conversando, como sempre fazíamos naquelas manhãs. Ele nos contava uma história nada comum, era uma história de amor. Tércio as adorava, porque afirmava que essas eram as mais emocionantes em meio a todas, mas eu nunca demonstrei gostar, apesar de me simpatizar e desejar aqueles sentimentos por um dia que fosse. Nicolas sempre dedicava aquele dia da semana para nos contar histórias de amor, sobre como ele se estabelecia na vida de uma pessoa e a sua forma de crescimento e construção. Talvez seja por esse estímulo dele que eu goste tanto de ler romances... *talvez*

seja.

A história que ele nos contava aquele dia era de um amigo dele, chamado Fernando, disse que o conhecia há anos e que esteve ali por perto vendo todo o sentimento prevalecer e só crescer cada vez mais na vida dos dois, mas a verdade mesmo é que eu sempre achei que esse Fernando era, na verdade, ele.

— Era um casal que eu muito respeitava, porque entre eles não havia brigas por bobagens, o que mais predominava ali entre eles era o amor, a troca de carinhos... parecia que eles dois nunca tinham o suficiente um do outro. — Ele sorria, mas era um sorriso que transbordava tristeza e saudade. Eu o encarava, escutava com atenção, ao tempo que avaliava cada emoção que passava por seu rosto e aquela era de saudade de algo bom que fora perdido, eu sabia disso, porque era dessa forma que eu ficava quando me lembrava dos tempos no bordel em que eu ficava com Ulga e as outras meninas. — Mas, então, em um dia qualquer em que tudo combinava para ser um lindo dia, a felicidade fora arrancada de Fernando. Um monstro invadiu sua casa, sua privacidade e acabou com o seu amor. O monstro afirmou a Fernando que o amor o tornava fraco...

E então, ele se virou para nós dois. Olhou para mim, depois olhou para Tércio e então, uma lágrima correu, essa que ele tratou de limpar rapidamente.

— Pior que sofrer por um amor que partiu, é sofrer por um amor que foi arrancado a força, sendo que nada pôde ser feito para evitar... estarei tomando intervalos no nosso treinamento para que vocês entendam que se um proteger o outro, nada será capaz de separá-los, tampouco prejudicá-los.

E depois de dizer isso, ele sorriu antes de se afastar completamente cabisbaixo.

Eu e Tércio, com o tempo, aprendemos a amar e a confiar nele, mesmo que tivéssemos muitas lições para aprender e que cada coisinha feita por ele em nós, era somente para nos dar aprendizado. Entendíamos isso, porque aquele era o seu trabalho ali para conosco. Ele nos deu o caminho e então, nós o seguimos. Quando conseguimos concluir tudo ficamos mais perdidos que estávamos quando começamos.

E sim, eu e Tércio funcionamos muito melhor quando estamos juntos.

Ele é o irmão que eu nunca tive e levo isso muito a sério.

Nicolas sempre nos passou lições de ética, mesmo que estivéssemos ali para sermos assassinos profissionais capazes de escapar de qualquer que seja a situação que fôssemos colocados, mas a nossa ética era criada de pouco a pouco pelo que nós achávamos certo e o que achávamos errado. Ora, passamos anos sendo objetos de um sádico, mas então fomos resgatados por outro sádico e logo em seguida, fui forçada por ele a ser sua empregada.

Sorrio com a lembrança de que ele foi derrubado e que agora, estou livre

das amarras imaginárias que ele mantinha em mim. Na verdade, ele nunca manteve um poder sobre mim. Eu fazia, porque fui treinada para tal e aquilo não feria a minha ética, além do que, gosto de caçar, perseguir e quando estudo bem o meu alvo, antes de cumpri-lo, assim como me foi contratado.

Para mim é como se fosse um trabalho como outro qualquer. Pessoas com realidades diferentes da minha trabalham também, mas isso vai de uma série de preceitos de pessoa para pessoa. Indo de religião até a própria ética e o bom senso, o que para mim não é aplicado completamente.

Passar anos sendo torturada e treinada para lutar, atirar, não é algo que uma criança que está indo para adolescência deseje.

— Acho que a gata acabou dormindo embaixo desse chuveiro, não é?

Saio da minha nuvem de pensamentos e acabado abrindo os olhos instantaneamente, somente para ver Adiel usando apenas cueca. Parado na porta do banheiro, encara-me com curiosidade no olhar.

Pisco um pouco sem graça que eu tenha sido flagrada em um momento de divagação como esse. Considerados preciosos, esses são os momentos que me permito lembrar para que da minha mente nunca escape quem sou, de onde vim, o que faço e o que passei.

— Só me distraí nos pensamentos. Já estou acabando – digo e ele acena, antes de se virar e sair.

Desligo o fluxo de água e saio daqui, voltando para o quarto dele.

Respiro fundo, antes de entrar no closet, pegar uma cueca boxer e uma camisa que cubra ao menos parte da minha bunda. Quando estou vestida, então saio dali para ir diretamente para baixo, onde escuto o barulho de panelas sendo mexidas e então, me aproximo o vendo temperar algo na sua frigideira com uma certa propriedade, que chego até a acreditar que é uma especialidade sua.

— O que está preparando aí? – pergunto vendo que ele se assusta ao virar seu rosto na minha direção e me encarar de olhos arregalados.

Sorrio e ele faz o mesmo sacudindo sua cabeça.

— Estava fritando ovos... preparei café, mas lembrei que você é viciada em chocolate, então fiz para você.

Pisco ao mesmo tempo em que um suspiro sai por meus lábios, mas não digo mais nada, porque de repente me sinto incapaz de o fazer. Ele se vira e continua a mexer o conteúdo da frigideira. Meu pensamento acaba se perdendo no meio das suas costas nuas e preenchidas com desenhos diversos, que me prendem ali por um instantinho.

Nicolas mais uma vez volta à minha mente e me permito pensar, enquanto Adiel continua se mexendo ali na sua cozinha como dono e proprietário dela que é. Suspiro, quando suas palavras retornam a minha mente... ele falava tanto de

amor, ludibriava a mim e a Tércio com suas infundáveis histórias, mas eu acho que algum lado de mim acreditava no que ele dizia.

— *Nós somos assassinos e devemos ter em mente que todo dia é para ser vivido intensamente. Vivemos matando, causando dor e de quebra, conquistamos uma onda extensa de inimigos. Cada dia é como se fosse o último para nós. E eu espero que quando vocês conhecerem o amor da vida de vocês, que aproveitem tudo que puderem.*

Isso foi o que ele disse após mais uma história sobre Fernando e sua amada. Mas ele dizia cada palavra com uma verdade... uma verdade de um alguém que tinha vivido e que tinha passado aquilo tudo. Outro dia, um distante daquele, Tércio mergulhado em seus pensamentos profundos, perguntou a Nicolas como um assassino saberia quando estivesse apaixonado. Nicolas riu antes de o responder. Aquele humor dele era algo que me irritava... Oh, como irritava.

— *Não existe uma fórmula pronta para descobrir o que é real e o que não é. O amor é um sentimento forte, pequeno grande bebê. Quando você encontrar o amor da sua vida, você saberá, porque você estará tão insanamente louco para tê-lo ao teu lado, que nada mais será capaz de fazer sentido na tua vida. Simples assim.*

Lembro de como sempre gostei das horas em que passamos recebendo todos os conhecimentos que Nicolas nos dava e lembro o quanto gostávamos da presença dele, mas quando estávamos tomando ainda mais apego por ele, quando estávamos considerando que não estaríamos mais sozinhos no mundo, eis que ele nos força a colocar em prática exatamente o que estávamos ali para aprender. A decepção é tão potente, quanto horas de sessões com descargas elétricas... acho que a dor da decepção é pior. Bem pior, mas a recuperação pode ser quase na mesma proporção.

Adiel coloca as coisas em cima da mesa e quando termina, me acompanha até a primeira cadeira e a puxa para que eu possa assim me sentar. Ele, como um anjo, arrasta uma cadeira aqui para o meu lado e se senta, ficando o mais próximo que pode de mim.

Serve-me colocando em um prato, um pouco de cada do que ele preparou e em uma xícara derrama chocolate quente, para que logo em seguida possa fazer o mesmo nos seus recipientes. Observo cada movimento seu e apenas suspiro, recostando-me a cadeira, quando ele começa a comer sua comida, que acaba por não ser tão pouca, quanto ele colocou no meu prato e isso, não sei o porquê, me faz rir baixinho antes de começar a comer.

Os cafés da manhã são costumeiros por serem regados de conversas e mais conversas vindas apenas de Tércio que é o cara mais falante que conheço, porque não consegue em hipótese alguma permanecer quieto, nem quando temos

uma circunstância um tanto crítica.

Nesse, Adiel engata uma conversa sobre o hospital e me enche de perguntas sobre o que posso estar achando sobre esses dias nele e o que tenho em mente para o futuro. Sorrio, porque realmente estava vendo no olhar dele, que aquilo era uma curiosidade talvez reprimida. Está tão ávido por obter respostas que mal me rende um espaço de tempo para o responder.

— Bem, se eu não matar Milena antes do fim de semana, então acho que continuo até ali. Não sou uma pessoa que planeja o futuro, apenas sigo o fluxo do meu presente e dependendo para onde ele me guiar, estou indo em perfeita sincronia.

Ele acena, abocanhando um pouco do seu ovo frito, que a propósito está delicioso. Apesar que estou bem acostumada a comer dele, já que é o que Tércio mais sabe fazer com Yanne, então isso é o que tenho permanentemente consumido por um bom tempo.

Por minha conta não sou capaz cozinhar nada. Combinar temperos, juntar ingredientes, cozinhar... não, isso é complicado demais para uma mente que planeja desgraças e terror, muito terror.

— Milena é muito insuportável com as novatas – diz suspirando e eu sorrio tomando mais um gole do meu chocolate quente. — Está bom?

Passo minha língua por meus lábios, atraindo seu olhar para o meu pequeno movimento.

— Sim.

Ele pisca e logo está voltando a comer mais um pouco da sua comida.

Um anjo rústico sentado em uma cadeira vestindo apenas uma cueca e com um peito sarado e cheio de tatuagens totalmente ao meu dispor. É, pode ser que a vida mandou um ventinho mais agradável hoje para o meu lado.

Alguns minutos depois, quando terminamos de tomar o nosso café da manhã, ainda alternado com conversas diversas, o ajudei a tirar as louças da mesa, a lavar e a secar. Pode parecer mentira, por meu jeito grosso de ser, mas não quebrei nenhuma louça nesse emaranhado de momentos em que eu tinha de lavar ao mesmo tempo em que ele estava alternando entre se esfregar contra o meu corpo e me beijar.

Depois de deixar tudo pronto ali, então eu saí sem me despedir e comigo, trouxe Projeto Zero, porque necessito terminar a leitura. Àquela hora havia apenas um carro saindo da garagem e eu não me importei muito, porque eu sabia que ele não representava perigo, afinal eu tinha investigado todos ali, então estava tranquila com todos esses que estavam morando por perto de mim.

Suspiro, abrindo a porta e logo entro.

Após fechar a porta atrás de mim e ter no meu campo de visão a imagem da

bagunça que está essa sala, permito-me parar um pouquinho para pensar.

Móveis fora do lugar, o que pode denunciar uma pequena briga...

Caminho mais um pouco, encontrando os chinelos de Yanne jogados de qualquer forma e emaranhado com os seus, vejo os chinelos de Tércio.

Semicerro os olhos caminhando mais a frente e então, uma camisa, depois uma calça, um vestido de seda preto, o mesmo que ela estava usando na noite passada.

Estou chocada, isso sim.

Só para ter a certeza completa das minhas suspeitas, continuo seguindo os rastros de roupas jogadas de qualquer jeito até que paro em frente ao quarto dele, encontrando os dois na cama.

Ambos nus, entrelaçados e coladíssimos.

Estou perplexa.

Capítulo 32

Íris Sensit/Zayxa

Eu não disse uma só palavra sobre a bagunça. Apenas fui para o meu quarto e me arrumei, para que assim eu pudesse ir até o hospital usufruir de mais um dia de trabalho maçante e cheio de pessoas que eu só gostaria de matar, a fim de acabar com os seus sofrimentos. Antes de sair dali deixei um bilhete explicativo, afirmando que eu gostaria de saber mais sobre o romance dos dois e só então fui diretamente buscar minha ninja, mas assim que cheguei a calçada da minha nova casa, ele estava lá parado, de banho tomado e completamente arrumado. Uma careta estava instalada no seu rosto e isso me fez sorrir, porque achei adorável. Ofereceu-me uma carona e quando eu disse que iria de moto, fez outra careta, mas eu não o disse mais nada. Montei na minha moto e coloquei o capacete, vendo-o me acompanhar com seu olhar intenso sob cada movimento que eu dava. Quando a liguei, ele me parou com sua mão forte ao redor do meu braço e disse:

— Estarei bem atrás de você.

Pensei que estava querendo dizer que iria montar na moto junto comigo, mas sumiu dentro da garagem da sua casa e quando voltou, foi com seu carro. Dei de ombros antes de acelerar a moto e sair dali, indo diretamente para o hospital.

Parei quando assim era necessário nos semáforos que encontrei no caminho e em todas essas vezes em que eu desviava meu olhar pelo retrovisor para o olhar, sempre me deparava com seu carro há poucos metros de distância de mim e o seu olhar presente onde eu estava, o que me rendeu sorrisos abobalhados em algumas vezes.

E quando cheguei na frente do hospital, Adiel estava com uma carranca tão agradável no seu lindo rosto rústico que foi impossível não sorrir. Ali eu não fiquei por muito tempo, mas antes que pudesse seguir meu rumo para dentro do hospital, ele me puxou para os seus braços e me beijou com um misto de calEliza e delicadeza tão gostosa, que provocou uma pequena aceleração no meu coração. Ao me afastar o suficiente para um diálogo, ele me desejou um bom dia no trabalho e acrescentou que sentiria minha falta.

Voltar ao trabalho puxou muito mais que concentração de mim.

Estamos em uma emergência, uma confusão de corpos e mais corpos estão chegando a todo instante. Um prédio desabou no centro da cidade e de saldo, muitas pessoas feridas, algumas mortas.

— Tantos imprevistos.

— Acontece!

É o que dizem por aqui nos corredores, mas não foi o que aconteceu na verdade. Esse prédio, acaba por ser o meu antigo, onde eu morava até antes de ontem e agora, foi explodido.

Uma pena, uma catástrofe...

Suspiro quando Milena aparece no meu campo de visão exibindo um bico mimado, que juro desejar quebrar com todas as minhas forças. Ela para na minha frente exibindo suas unhas enormes ao mesmo tempo em que uma figura, digamos peculiar, passa ao seu lado indo em direção a porta do consultório.

Alto, cabelo negro um pouco longo na altura dos seus ombros, barba de tamanho média e um olhar focado, meticoloso. Já o vi duas vezes e nessas duas ocasiões, ele foi o mais suspeito possível e não acreditarei que sua presença bem aqui é uma mera coincidência. Já está mais que claro que elas não existem.

Ele a abre e quando entra por ela, a fecha.

Meu coração acelera, quando a adrenalina se faz presente, mas precisando saber o seu nome, viro minha cabeça para Eliza, que está falando com uma paciente ao nosso lado.

— Eliza – sussurro aproximando minha boca do seu ouvido. — Quem é aquele médico do cabelo comprido que acabou de entrar ali naquela sala?

Ela franze o cenho, mas não me dirige uma resposta imediata, porque a paciente está fazendo outra pergunta a ela, o que me faz bufar e revirar os olhos. Então, tomada de impaciência, afasto-me e saio dali ganhando o sol quente das dez horas da manhã, enquanto mais carros estão estacionando ali em frente. Com um suspiro e um olhar para trás, a fim de certificar que não há ninguém nas redondezas, sinto-me mais confortável para sacar meu celular do jaleco ao qual estou vestida. E mesmo antes de discar o número de Tércio, dou uma última conferida para ter a certeza que ninguém está me observando e quando tenho a confirmação, ligo para ele, que no segundo toque me atende.

— Eu sei que tenho muito o que te contar, sabe, mas eu não sei o que deu em mim... eu não sei. Estou confuso, mas foi tão bom – ele sussurra e pelo silêncio ao qual se encontra, posso até apostar que esteja trancado no banheiro da sua suíte, porque quando as coisas tendem a ficar complicadas demais, é isso que faz para fugir. — Nós brigamos. – Ele suspira e então, pausa por alguns instantes, para então retornar. — Ela me falou que não estava acreditando que eu estava sendo tão... tão... – Puxa uma longa respiração e então, baixa sua voz novamente. — Convidativo com Poliana. Eu só estava tentando ser um pouco receptivo... já que não gostaria de passar uma imagem de grossos e estranhos, levando em consideração que você não foi a mais educada com ela.

Para novamente e suspira.

Pobrezinho de Tércio. Juro que sinto vontade de sorrir, mesmo que eu não saiba o motivo dessa vontade, mas decerto a sua agoniação está mais que engraçada. Nossas vidas têm mudado tanto nesses dias, mas não estou esquecendo do que devo.

Se antes eu já desconfiava de Teófilo, agora só tenho muitas e muitas certezas com minhas recentes descobertas. Agora, já sei o motivo ao qual ele não se manifestou sobre a morte da sua empregada e da sua esposa, que ambas foram mortas por mim, mas disso ele não sabe, tampouco ficará sabendo.

Sorriso mordendo meu lábio inferior.

— Ela disse que eu a desejava, Íris! Eu... como eu? Ela me seduziu, Íris! E eu não sei o que falar para ela agora. Íris... vem aqui em casa, por favor? Estou precisando de você.

Ele funga e eu suspiro, esquecendo rapidamente o motivo ao qual o liguei, afinal isso pode ser deixado de lado por enquanto, já que as gravações continuarão ali intactas.

— Na hora do almoço, eu irei, tudo bem? – pergunto e ele afirma que sim, o que me faz sorrir novamente.

Desde que conheço Tércio, ele é assim. Nunca foi um homem que vivesse investindo em mulheres. Paquerar, com certeza, não é algo que ele saiba fazer ou mesmo tenha interesse. Sempre foi aquele que permaneceu isolado no seu cantinho estritamente seguro, de onde somente ele passava, entrava e saía. Considerado um Harker, Tércio vestiu essa camisa e se empenhou para ser um, mesmo que seus sonhos fossem outros, mas ele nunca ousou correr atrás deles. Escolheu ficar parado no mesmo lugar, mas afirma gostar do que faz e não serei aquela a tirá-lo do seu campo de conforto.

Suspiro desligando e guardando o celular no mesmo lugar e antes que eu possa entrar novamente, Milena está vindo na minha direção com um sorriso cínico e o olhar malicioso de quem está prestes a destilar seu veneno.

Restrinjo a vontade de revirar os olhos e apenas a encaro da mesma forma que ela faz comigo.

— Fugindo do trabalho, querida? – pergunta e eu pisco com um meio sorriso nos lábios.

— Não me chamo Milena, fofa.

Seu sorriso se desfaz e eu reviro os olhos.

— Não pense que vai continuar sendo assim por muito tempo, escutou? Não vou deixar que você cante de rainha por aqui... assim por tanto tempo.

Pisco e voltando a pensar que Zayxa não é de provocações, apenas sacudo minha cabeça adquirindo uma careta no meu rosto.

— Não sei do que você está falando... eu não sei o que você tem contra

mim, Milena, mas estou farta! – digo com minha voz oscilando da mais trêmula para a mais branda, sutil.

Por dentro, estou rindo horrores da sua cara de choque. Por trás do seu corpo, vejo Bell nos encarando e então, dou dois passos para trás, tendo ela dando mais dois à frente. Levanta seu dedo na direção do meu rosto e então, eu pisco assumindo que ela está louquíssima para morrer. Posso não a matar agora, mas também não a deixarei aqui de inocente.

Não vou mesmo.

— Cínica! Você tem que me respeitar, vadia! Eu vi que já está se engraçando para cima de Adiel... iludida que você é. Ele nunca vai querer você, porque ele não gosta de mulherzinhas sem sal como você.

Pisco mordendo minha bochecha até que Bell aparece ao lado dela. Acredito que tenha escutado cada palavra do que ela me disse. Agora, tenho que me vitimizar, certo? Certíssimo.

— Milena... minha vida pessoal não tem nada a ver com você. Peço que saiba separar as coisas... – E então fungo toda massacrada, coitada. Tão destruída e abalada, até eu sentiria pena se me visse de longe. — Não sei o que te fiz para que me devolvesse tanta crueldade.

Respiro fundo antes de sair dali.

Passo por Bell que nos encara completamente chocada, o que me faz rir e então ali perto escutando tudo está Eliza, horrorizada. Saio dali correndo e me tranco no banheiro e só assim me permito sorrir discretamente. Saco meu celular e aguardo que alguém venha me consolar, o que não demora nem um minuto, porque Eliza já está me chamando aqui na porta do banheiro... *Coitada, tão fácil de ser enganada.*

— Zayxa... por favor... não leve em consideração o que Milena disse, por favor.

Reviro os olhos considerando ficar mais um pouco aqui.

— Bell está em uma conversa séria com ela. Acho que vai a deixar nos teus dois plantões futuros.

Agora é nos plantões, na próxima será demitida.

Sorriso mordendo meu lábio inferior.

— Já vou sair – digo suavemente.

Escuto que não há mais nenhuma movimentação no local e isso é o necessário para que eu suspire antes de guardar o celular no meu bolso e abrir a porta do banheiro para que assim eu possa sair, vendo-a bem ali encostada a pia do cômodo.

De braços cruzados embaixo dos seios, sua expressão facial está completamente penosa, de uma forma que até me faz querer rir alto, porque suas

características estão cada vez mais reagentes ao meu teatro de araque.

— Desculpa por ter saído correndo daquela forma... ela só... está tentando me tirar do meu eixo – digo a vendo piscar com uma careta no rosto.

— Eu entendo. Desde que você chegou aqui ela está com essa mania de te provocar. – Suspira desfazendo o nó que havia nos seus braços. — Sinto muito.

Fecho meus olhos, acenando com um fraco sorriso.

— Vou superar.

Aproximo-me da pia e então, ligo a torneira, fazendo com que a água comece a cair fortemente sob minhas mãos. Uma fraca cachoeira que visa a limpeza não deveria fazer um aperto correr por meu peito, disso tenho certeza, mas é que algumas coisas estão me batendo como uma forte avalanche, essa que não estou sabendo lidar agora. Os dias em que vi aquele homem, ele estava acompanhado dos dois que programaram aquele cenário ridículo no café em frente ao apartamento em que Tércio morava. Ele está aqui agora e isso só significa que se eles pararam de me seguir para tentar algo mais próximo, então é porque o tempo deles está correndo muito.

Júlio está no controle dos assassinos do sistema e a limousine estava bem atrás de mim aquele dia. Júlio, Malaquias e Limousine.

Malaquias até entendo o motivo, mas a Limousine... não, eu não sou capaz de compreender ou até seja, já que ele trabalha para Malaquias.

— Você sabe quem é aquele homem de cabelo negro na altura do ombro? – pergunto mantendo meu tom de voz neutro, mas ela apenas franze seu cenho.

— Acho que sei quem é... um que é a cara do Rodrigo Santoro, não é? Aquele homem... aí que calor.

Pisco desviando minha atenção para ela, que se abana com as duas mãos ao lado do seu rosto.

Dou de ombros e ela sorri com claro reconhecimento banhando suas feições.

— Veio na ambulância hoje com um dos feridos e está tratando deles agora.

Pisco apertando meu maxilar.

Preciso que Tércio vasculhe a imagem deste homem o mais rápido possível.

Após concluir uma lavagem imprecisa, então a puxo para fora do cômodo e em direção a emergência onde passamos a maior parte do dia e que agora, estaremos indo novamente, já que estão chegando ainda mais pessoas e mais pessoas feridas. Meu olhar fica cada vez mais atento para qualquer que seja a figura que apareça ao meu lado e não estou vendo nenhuma delas. Ele não deveria estar sozinho e se está, é o significado de que só pode ser muito seguro de si ou está me subestimando como muitos fizeram anteriormente. Irá se surpreender muito, quando descobrir o que é que esconde por trás dessa carinha

de menina assustada.

— *Íris... Íris Sensit... você irá rasgar suas gargantas e fará isso quando eles não estiverem esperando, porque você é a morte... você leva a desgraça, porque você é a portadora da morte...*

As palavras de Nicolas estão nublando a minha concentração, enquanto tenho que lidar com os ferimentos expostos desse menino. O meu coração está amassando a cada vez que preciso limpar e fazer curativo na sua pele. Deve ter por volta dos treze anos, a mesma idade a qual comecei a ser treinada.

Tinha que passar horas e mais horas sofrendo de tantas formas que já nem sou capaz de lembrar.

Olho para o seu rosto, vendo que lágrimas escorrem dos seus olhos e mancham o seu rosto, assim como o seu queixo que treme devido a dor que sente. Imagino que deva estar doendo muito... doía também quando eu tinha sua idade e Tim fazia suas torturas mais horrendas no meu corpo, visando me levar ao limite. Nunca desejei que mais ninguém sentisse as dores que eu senti, mas faz parte do meu trabalho que pessoas as sintam, porque sou paga para isso. Adultos, que nem sempre são inocentes, sentirem cada dor como aquela é como se minha alma estivesse sendo lavada e sobre isso, não sinto remorsos, mas crianças...

Eu nunca tinha cuidado do ferimento de alguma e a cada gemido desse pequeno menino, sinto como se fosse me partir algum lado do corpo. Sinto como se eu estivesse propagando o mal que Tim me fez...

Preciso ser forte e cuidar para que ele não sinta tanta dor, porque os seus gemidos estão se assemelhando tanto aos meus, que acredito que tudo está se tornando demais para que eu possa simplesmente filtrar.

Quando é necessário que eu passe o algodão sob uma ferida mais complicada e ele geme ainda mais alto, quebrando em choros baixos, então me forço a me afastar, porque eu sei que foi eu a causar esse dano no seu corpo e no seu juízo.

Aperto meus olhos fechados para que só então eu possa buscar uma nova forma de ajudar essa criança. Poderia puxar um assunto, mas se bem que se fosse eu em seu lugar, a última coisa que eu desejaria seria responder a perguntas de uma pessoa que está só desejando receber respostas. Suspiro, considerando que ele não é eu e que, certamente, deve ter uma personalidade diferente.

— Tem uma ferida no teu sangue – comento tentando buscar um pouco de

humor, já que essa troca de palavras é característica na sua geração, mas não tenho muito êxito, já que ele só afunda sua cabeça na maca do hospital. — Sabia que a cada gotícula de lágrima que você libera, mais dor você estará sentindo?

Ele levanta sua cabeça rapidamente e me encara de olhos arregalados, lançando-me seu olhar esverdeado, na cor de uma esmeralda. Uma das cores mais lindas que eu já vi na minha vida inteira.

Pisco exibindo um fraco sorriso, só para receber logo em seguida, um suspiro. Percebo claramente que ele está buscando conforto no meu olhar e tento enviar exatamente o que ele deseja, mas acho que isso não acontece, porque sou a pior das pessoas quando estou no âmbito do conforto e do carinho. Não fui treinada para ser assim... mas eu sei fingir, só que não é o que desejo agora.

— O que eu vou fazer? Dói! — ele diz e eu volto a sorrir fracamente.

— Feche os olhos e imagine algo agradável... sinta a energia do ambiente, deixe-se levar pelas vibrações... Qual seu nome?

Ele fecha os olhos, assim como eu disse para fazer e se recosta contra a cama, mas não o sinto relaxar. Eu sei que a dor não vai passar, eu sei que a única forma de diminuir seu sofrimento agora, só seria sedá-lo.

— Aquiles. Meu nome é Aquiles.

Capítulo 33

Íris Sensit/Zayxa

Seu nome é Aquiles e ele dormiu logo que pedi autorização a Adiel para administrar um sedativo nele. Não vou mentir em afirmar que não passei mais alguns instantes ponderando o que eu tinha feito na sua vida e, no que ando fazendo na vida de crianças da sua idade com possibilidades para um futuro melhor, diferente da dor, da angústia.

Mas eu tinha prioridades a tratar.

Já passava das doze quando saí para o almoço.

Teria de ir para minha casa, já que Tércio me pediu para o fazer, mas quando eu estava me dirigindo até a minha moto, vislumbrei pelo reflexo da porta de saída, um par de olhos negros cheios de perversidade em sua íris, observando-me com uma atenção que não estava me apетecendo. E, foi guiada por esse olhar afiado, que desviei o meu olhar para trás diretamente para o do observador. Ali, estava o pleno reconhecimento. Ele me conhecia, isso estava claro, mas de onde é a questão, porque só o vi uma vez. Ele não me dirigiu uma palavra, quando se virou e saiu caminhando por entre as outras pessoas que por ali estavam. Eu, tomada de suspeita e determinação, estava prestes a segui-lo, mas Adiel estava logo atrás de mim, chamando-me para ir almoçar com ele e assim ele iria fugir, mas o simples fato dele ter desviado minha atenção foi o suficiente para que no momento seguinte, quando voltei a olhar para a frente, meu observador já tivesse sumido. Um golpe de pura sorte. Um que não cairá sob ele uma segunda vez, porque estarei obstinada a deixá-lo completamente desfalcado.

— Quer almoçar comigo? – pergunta e eu suspiro, porque não sei de onde, mas estava sentindo falta da rouquidão típica da sua voz. Quando ele finalmente falou aqui perto de mim, pude sentir o quanto gostava de escutá-lo, mas o fogo que exalava do seu corpo estava tirando o meu foco da sua voz.

Parecia que ele estava fazendo alguma coisa aqui dentro de mim que eu não sei muito bem lidar.

— Se você quiser ir para a minha casa... – digo dando de ombros, quando ele sorri mordendo seu lábio inferior.

— Vou para onde você me guiar, loira nórdica.

Sorrio ao escutar esse mais novo apelido.

Loira nórdica, eu, Íris Sensit...

Sorrio alto, quando isso realmente me bate como uma avalanche desgovernada, onde tudo se torna um pouco mais claro. Ele me chama de loira

nórdica, ao mesmo tempo em que sua aparência nos dá mais um pouco de um guerreiro nórdico. Oras... um par perfeito, era o que diria algum autor de romance com um imaginário fluído, mas eu com toda a minha vivência e carga do passado, acho que isso só é uma ilusão. Não acredito que o amor possa existir, aliás nunca me foi mostrado uma prova de que ele realmente existe, exceto Nicolas com suas persistentes facetas de histórias amorosas.

— Venha comigo, então.

— Pode me chamar de... Ragnar – ele diz e eu sorrio com a recordação de uma série de ficção histórica, que lembro vagamente tê-la assistido em um intervalo e outro de alguma missão. — Mas um Ragnar atual que não precisa de um filho... o que quer dizer que posso escolher manter o meu amor, além do que, tenho em mente lutar pelo que quero.

Pisco com minha boca ficando entreaberta. Escutei o que eu acho que escutei? Bem, estou pasma com essa declaração e com isso, uma resposta não dirijo a ele, porque ainda estou tomada de surpresa.

Ele disse o que escutei que disse?

Calados, fomos em direção a minha moto e quando estávamos perto o bastante, peguei o meu capacete e coloquei sob minha cabeça. Enquanto ele foi para o seu carro, meu olhar ficou preso sob o seu corpo e a sua postura. Como ele pode me dizer tais coisas? Mas não é de se estranhar, levando em consideração ele é um leitor de romances tão assíduo, quanto sou. Talvez esse seja um defeito seu... se entregar rápido demais sem conhecer quem está por perto.

Ligo minha moto e saio dali, indo rapidamente em direção à minha casa com ele logo atrás de mim. Não demora muito, estamos estacionando nossos veículos na calçada da minha casa. Ele sorri para mim e eu estendo minha mão para que ele a pegue e entrelace seus dedos nos meus. Então, nos dirigimos para dentro da minha casa, essa que me surpreende por estar uma zona maior que estava quando saí.

Afasto-me de Adiel, quando escuto um grito de Yanne.

— Se você não queria ficar comigo era só falar, seu idiota! Eu não te obriguei a nada... nada!

Arregalo meus olhos deixando minha boca entreaberta, ao mesmo tempo em que ela aparece descendo as escadas rapidamente. Seu rosto está vermelho de raiva, sua respiração acelerada e ela não consegue ditar com perfeição os movimentos dos seus membros, quando atravessa a sala bufando de raiva. Considero que Tércio está a beira da loucura por não saber nada que está acontecendo na sua vida. Acho que essa foi a sua primeira vez e acho que está mais nervoso que qualquer coisa no mundo e Tércio quando está nervoso, não

consegue filtrar nada que passa por seus lábios.

Assim que a porta bate forte, eu me desvencilho da mão de Adiel para que assim eu possa correr escadas acima em direção ao quarto de Tércio, esse que está mais bagunçado que já estava quando saí. Acho que eles tiveram uma pequena guerrinha particular, porque o estado do lugar não está dos melhores.

Quando o encontro, ele está com sua cabeça repousando contra as suas duas mãos. Desprovido de calça e camisa, não se importa tanto que o seu corpo esteja tão exposto quanto possível, dando vida as cicatrizes que o cercam, essas que definitivamente não são as mais sutis, assim como as minhas. Suas costas estão lotadas delas, todas profundas. O seu peito e braços não são diferentes, por isso opta sempre por usar camisões de algodão. Não consigo imaginar o que passa na sua cabeça, mas tenho certeza que as coisas positivas não são as permanentes.

— Tércio?

Ele levanta sua cabeça, quando escuta minha voz e o seu rosto banhado em lágrimas é o suficiente para que eu diminua o espaço que existe entre nós, e então, estou perto o suficiente dele.

— Eu disse que... que... que... Eu disse! Disse que... — Ele suspira, antes de tentar novamente. — Eu disse que foi um erro e que não iria repetir.

Arregalo meus olhos ponderando o quão destruidor ele foi com Yanne.

— Você quis dizer isso? — A voz de Adiel se faz presente atrás de mim e eu suspiro com um sorriso de canto, mesmo que ainda eu não entenda muito bem.

— Eu não... eu-e... foi a minha primeira vez e eu... não sabia o que... fazer.

Desvio meu olhar para trás e encontro Adiel completamente chocado. Ele desvia o seu olhar para mim, depois volta para Tércio e eu só consigo sorrir.

Tércio nunca tocou em uma mulher, mas também nunca demonstrou interesse a homens, então sempre fiquei desconfiada, mas nunca dei importância, afinal esse não é um problema, tampouco que envolva preocupação já que a vida é dele.

— Zayxa, você poderia nos deixar sozinhos? — ele pede e eu aceno, saindo dali e os deixando sozinhos.

Vou para a cozinha e preparo nosso almoço, apreciando a presença de Adiel aqui, caso contrário eu não saberia o que fazer para confortar Tércio.

Eles descem as escadas alguns minutos depois e eu nem tinha começado a colocar o arroz no fogo. Aliás, como diabos faz arroz? E feijão? Estava prestes a desistir do almoço e pedir algum fast-food, quando desceram as escadas e Tércio tomou meu lugar no fogão. Seus olhos estavam inchados, mas não me disse mais

nada. Eu também não insisti, porque realmente não sabia o que dizer a ele.

Sentei-me à mesa, enquanto os dois estavam muito empenhados em fazer o nosso almoço.

— Você colocou esse monte de sal na água? — Tércio pergunta ao se virar para mim.

Seus olhos antes tristes, agora estão surpresos. Dou de ombros, quando ele revira os olhos.

— Já disse para não tocar nas minhas panelas.

Reviro os olhos quando se vira novamente e escolho não o responder.

Permanece em silêncio por alguns instantes e então, a porta se abre com um baque forte, o que me faz ficar em pé rapidamente em posição de ataque, mas quando vejo que é Yanne, acabo relaxando.

— Vem aqui, por favor? — diz apontando para mim e assim eu faço. Aproximo-me dela rapidamente ao ver a urgência que expressa no seu rosto. Quando estou perto o suficiente, ela aproxima sua boca do meu ouvido. — Do lado de fora do condomínio tem um homem dentro de um carro... ele é o mesmo que está em uma daquelas fotos na parede.

Pisco com meu coração acelerando mais e então, pego seu braço e a trago comigo escadas acima até o quarto de Tércio, esse que tranco a porta antes de rumar para a portinha escondida, onde estão seus computadores e nossos esquemas, assim como armas, essas que precisamos urgentemente renovar. Tomo a enorme cadeira de Tércio e me sento, a fim de ligar esse aparato de máquinas, enquanto que tudo o que mais desejo agora é acabar com tudo isso que me afasta de uma possível paz... ou o que merda seja.

Estou sendo perseguida e nem ao menos sei o motivo, mas vou descobrir.

Yanne corre seu olhar para as fotos impressas na parede e as observa de uma a uma, até que para em uma peculiar do conjunto de mais pessoas que nos ligam e assim que ela para em cima da imagem de um certo taxista de araque, um pouco de compreensão me bate com instantaneidade.

Aceno, levantando-me.

Caminho até a parede de armas revestida de arames farpados, feitos principalmente para que mãos indesejadas jamais cheguem a tocá-los. Minhas preciosidades.... cada uma mais linda que a outra, mas infelizmente poucas foram trazidas comigo. Certamente foram explodidas junto com o prédio... *sinto tanto, neném.*

Em meio a fuzis, pistolas, revolveres, rifles, granadas... escolho uma pistola pequena, de forma que eu possa escondê-la no meu sapato e a camuflar com a perna da minha calça. Respiro fundo e depois solto novamente a minha respiração, seguindo para fora do quatinho, mas antes conecto um fone sem fio,

para que Yanne mantenha contato comigo, enquanto me encaminho para o local. Desço rapidamente as escadas e, sem dar uma resposta a eles dois, apenas abro a porta e saio, ganhando a rua com um sol quente típico de meio dia. Sigo meu caminho na rua sem nenhum cidadão trafegando, mas as câmeras estão me seguindo. As câmeras do condomínio estão todas ao favor de Tércio... no caso, agora de Yanne, então se alguma ameaça passar por elas ou algum rosto que não está no sistema estaremos sabendo imediatamente. Seu sistema detecta toda e qualquer onda de calor daqueles que não moram aqui. Caso entrem, estaremos a postos para os eliminar.

Pisco, continuando a andar em direção a saída, mas antes que eu possa chegar nela, a porta de uma das casas se abre e eu me assusto, deixando meu corpo em sinal de alerta. Uma mulher que pelo que me lembro se chamar Kasymere, está sorrindo ao lado do seu parceiro sexual, aquele que ela contrata todos os dias para vir suprir seus desejos carnis. Sei disso, porque ele é um desconhecido que não mora aqui, logo a segurança tem que ser a maior possível e Tércio garante isso na maior profissionalidade, buscando todo o seu passado, seu presente e o que estão traçando para o futuro. E a vida deste homem é essa.

Ele sorri ao lado dela e eu continuo a andar, olhando de um lado para o outro para me certificar que não estou sendo seguida, mas a minha mente está apitando que não estou segura, que algo está me perseguindo demais e está a minha frente... perto e eu não gosto disso, não gosto dessa sensação de sufoco.

— Ele está comendo alguma coisa.

— Vai já engolir os dentes – digo em um rosnado baixo, escutando-a sorrir.

Mantendo minha respiração ritmada, saio do condomínio pelo portão de entrada e a primeira coisa que vejo é o carro preto parado logo ao lado. Não consigo ver se o motorista me observa ou se está se precavendo ao me ver aqui, mas eu também nem chego a me importar com isso. Apenas caminho em direção ao carro, mantendo minha cabeça baixa, enquanto algumas coisas estão vindo à minha mente.

Eles não sabiam que eu estava aqui.

Ninguém sabia.

Eu não estava sendo seguida, tenho certeza.

Sua presença aqui só me dá o indicativo de que ele está esperando uma outra pessoa, todavia ele me conhece e está sendo mandado me caçar, logo é uma ameaça ainda maior.

Quando estou ao lado do carro, bato no seu vidro três vezes e então, ele o desce, olhando-me com uma sobrancelha arqueada e o maxilar travado.

— Kaique? Que surpresa... estava mesmo pensando em você!

Coloco minha mão para dentro do carro e busco a maçaneta para que assim

possa o abrir. Quando consigo, abro a porta e entro, sentando no banco de passageiro. Suspiro, voltando meu olhar para ele, que parece um pouco assustado. Sua respiração permanece ritmada, como se estivesse tentando controlar a si e isso me faz piscar, antes de sorrir.

— Testemunhas vivas... não são aceitas. Alguém já te disse isso?

Ele se inclina e eu imagino que esteja buscando alguma arma, mas sou rápida em desferir socos na sua costela. Faço com precisão o suficiente para o deixar bastante debilitado, escutando seus gemidos, por conseguinte. Seu braço direito vem na direção da minha barriga e ali, com muita força, causa um impacto tão forte que me deixa um pouco sem ar, mas me concentro em desferir mais quatro socos seguidos no mesmo lugar, antes de dirigir minha mão até a sua nuca e com força, a impulsiono para frente, chocando-a contra o volante do carro.

Fui rápida, mas necessito de uma ajudinha aqui fora...

— Yanne? Consiga o número de Vilc Jane agora.

— Buscando...

Observo Kaique desmaiado ao meu lado e começo a perceber os traços parecidos com os de alguém próximo. É tempo de conseguir algumas respostas... e ninguém melhor que Vilc Jane para fazer isso.

Sacudo seu corpo um pouco, constatando por seu peso que está realmente desacordado e então, espero a resposta de Yanne, essa que não demora muito para me responder.

— O sistema possui um número único para ela. Estou discando agora mesmo.

E ela o faz.

Após o quinto toque, ela me atende com um suspiro alegre, que sempre a cerca.

Sempre, sempre.

— Está livre? – pergunto escutando um risinho travesso e isso me faz revirar os olhos, por saber que não possuo muito tempo.

— Depende de para quem é... se for meu queridinho Descartes novamente, já adianto que não me rende muito interesse. Não gosto dele, é sério demais, chato demais... me dá urticária só em pensar.

Sorrio, porque ela foi capaz de me sugar esse sorriso. Eu nem ao menos pensei que poderia liberá-lo agora, não com os acontecimentos que me cercam.

— E se eu disser que é da parte de Íris Sensit? Isso te curaria da urticária?

Ela ri alto e eu sacudo minha cabeça, olhando o lado de fora, pelo vidro de fumê que me proporciona uma visão necessária para que isso seja possível.

— Preciso de um favor.

— Para Sensit tudo é possível. Diga-me o que precisa, que assim farei.

Abro a porta de entrada da minha casa, uma hora depois, encontrando todos à mesa, terminando suas refeições e isso me traz felicidade. A imagem que enche meus olhos é o que Tércio sempre desejou para sua vida. Sempre quis ter uma família e a nossa mesa cheia. Cansou de dizer isso, quando estávamos em busca de um lugar para ficar. Ele sonhava e eu permanecia com a lógica vigente de que isso não era um luxo que estávamos permitidos a ter. Tínhamos um passado de merda, um presente fodido e um futuro que só a morte poderia nos guiar.

Mesmo depois do confronto há poucas horas que teve com Yanne, ele está sorrindo e eu sei que isso é por tê-los à mesa, mas ainda é tão incerto...

Ele não deveria estar se alimentando de tanto assim... não deveria.

— Você demorou, Zayxa. Onde estava?

Semicerro meus olhos com a pergunta de Adiel, ao mesmo tempo em que observo o seu rosto. A noite passada não sai da minha cabeça, o nosso acordar também não.

Antes, quando eu tinha uma relação sexual com um homem, saía minutos depois. Nunca me permiti ter uma continuação, sabe? Após alcançar o clímax, nunca desejei percorrer atrás de outro, como aconteceu na noite passada. Estava há dias sendo corroída pelo desejo latente de tê-lo tocando minha pele nua e aquilo foi a coisa mais gostosa que já pude provar em toda a minha vida, isso não posso negar.

E eu não sei como poderia explicar o que cercou meu coração, quando acordou e me beijou. Ele estava ao meu lado, me abraçava e eu, no meu mais ínfimo pensamento sempre desejei que isso acontecesse, porque sempre lia nos romances toques como esses. Aquele foi um momento delicioso e eu quero repetir.

— Fui dar uma voltinha... precisei respirar um pouco – digo sorrindo. — Vou ao banheiro e já volto, ok?

Ele acena e eu subo minhas escadas rapidamente para que eu possa esconder minha arma em algum lugar, a fim de a deixar fora do olhar de Adiel. Volto ao quarto de Tércio e ao entrar mais uma vez na sua sala de computadores, deixo minha linda pistola no mesmo local em que a peguei. Suspiro, virando-me e então saio dali, trancando a porta.

Saio do quarto e vou direto ao meu, onde rompo toda o comprimento do local para entrar no banheiro, onde demoro um tempinho lavando minhas mãos.

Fecho meus olhos, quando as lembranças retornam rapidamente para a

minha mente...

Eu as odeio, odeio quando elas voltam, mas elas são tão precisas.

Sinto que o circo está se fechando cada vez mais ao meu redor e eu não vou conseguir levar até o fim sozinha. Júlio tem praticamente todos os assassinos do sistema e mais algum peixe gordo, enquanto tenho Tércio, Yanne e agora, Vilck Jane.

Preciso de um aliado forte o suficiente para fazer com que Júlio se sinta intimidado. Preciso fazer alguma coisa.

Capítulo 34

Íris Sensit/Zayxa

No dia seguinte, Adiel me chamou para sair. Era cedo da manhã quando ele me acordou. Tinha dormido na minha casa, na minha cama e isso depois de transarmos de uma forma tão harmoniosa e gostosa, que me encanta o coração só a lembrança. Estava com seus olhos focados nos meus, enquanto se movia dentro de mim. Seus lábios beijavam os meus e eu me sentia como se fosse flutuar de tão gostoso que aquilo estava.

Nunca me senti assim em nenhum outro ato sexual, mas me deixei levar e não me arrependo. O acordar foi regado a beijos e eu estava gostando tanto daquilo, que fico assustada com a menção de uma forma diferente de acordar.

Chamou-me para irmos juntos à um museu, acho que percebeu minha paixão por obras renascentistas ao olhar algumas cópias que tenho nas minhas paredes. E no centro da cidade, estava acontecendo uma exposição. Entrelaçou seus dedos nos meus e juntos, fomos para o local. Andava ao meu lado, observava tudo com uma atenção digna de apreciação e eu juro que dediquei mais do meu tempo o admirando do que as artes que por ali estavam expostas. Quando ele mordida seu lábio inferior, eu sentia vontade de fazer o mesmo, mas me controlava mesmo que o meu corpo gritasse para que eu fizesse o contrário. Sentia que o calor subia pelo meu corpo a cada movimento erótico que este homem conduzia.

Encontrou um amigo, seu nome era Brito, eles conversaram por alguns minutos e a cada sorriso de Adiel, eu sentia meu coração bater mais rápido.

Não sabia ao certo se isso estava acontecendo comigo pelas sensações que ele causou no dia anterior, na noite do dia anterior e na manhã do dia vigente, ou se era porque eu apenas estava sendo enfeitiçada pelo fascínio que me arrebatava ao ver os seus olhos e sentir a sua boca, assim como as mocinhas dos livros românticos que eu lia. Talvez eu estivesse apenas me iludindo, mas as palavras dele ao se referir a Ragnar, foram o bastante para que eu estivesse ainda mais palpitante.

Algumas horas após estar ali, fomos tomar nosso café em uma cafeteria ali perto. Sentou-se ao meu lado, sua mão repousou contra minha coxa e eu estava me sentindo tão bem, que nunca imaginei ser possível. Meus olhos não abandonavam seus traços e eu sentia que aquilo era um tapa rápido, inesperado, mas completamente indolor.

Pediu um café sem açúcar para ele e eu pedi chocolate quente com muito açúcar. Ao fazer esse pedido, na minha mente só havia o pensamento do nosso

beijo após acabarmos de os beber. O choque de sabores. O amargo com o doce, em como os dois se entrelaçariam e fariam uma explosão gostosa de sabores e como eu esperava, aconteceu.

A sua boca quando encostou contra a minha, causou-me uma forte onda de arrepio, mas quando a sua língua invadiu a minha boca, senti como se nada no mundo inteiro fosse capaz de aplacar tudo o que ele estava provocando aqui dentro do meu peito. A verdade mesmo é que ele está fascinando tudo em mim e eu estou gostando disso.

Após sairmos do café, fomos caminhar em um parque que havia ali perto. Ele estava com seus dedos mais uma vez entrelaçados aos meus, parecia que não queria mais soltar e eu estava gostando daquilo. Pouco estávamos falando, nos concentramos em absorver aquilo que estava povoando nossos corpos. Andamos, sorrimos e observamos a natureza, mas a realidade é como um autor enfrentando um maldito bloqueio literário: vazia, sem sentido, tediante e rasa.

Tínhamos de voltar ao hospital, a sua realidade.

Suspiro ao sentir uma sutil rajada de vento sob meu rosto. O parque em que estamos é cheio de árvores, assemelhando-se ao que tem no condomínio em que moramos.

— Você desenha? – ele pergunta e eu semicerro meus olhos ao voltar a olhar para ele.

— Como sabe?

Ele sorri mordendo seu lábio inferior.

— Deduzi... vi a sua parede da sala desenhada com aquela tatuagem e quando você veio para a minha casa aquele dia, estava toda suja de tinta.

Pisco com um meio sorriso. Sinto meu rosto esquentar e logo estou desviando meu olhar do seu, porque de repente tornou-se difícil e constrangedor olhar nos seus olhos. E eu me odeio um pouco por me sentir assim.

Nunca fui de desviar olhares e sentir vergonha. Não estou fazendo nada digno de vergonha... que merda!

— Eu tento.

Ele ri jogando sua cabeça para trás.

— Essa tatuagem que você tem na barriga... você quem a desenhou?

Sorrio voltando meu olhar para ele, que me encara surpreso.

— Desenhei a maioria delas. As que eu não conseguia alcançar, outra pessoa o fez.

Ele arregala os olhos e pisca, completamente hipnotizado por não sei o quê.

— Você vai me tatuar, não é?

Mordo meu lábio inferior, antes de ponderar por alguns instantes.

— Talvez.

Ele sorri e me conduz até a saída do parque, retrocedendo nossos passos. Ao chegarmos em frente ao seu carro, esse que viemos juntos, abre a porta do passageiro e eu entro para que ele possa o fechar e se encaminhar para o lado do motorista, logo em seguida.

— Você só me surpreende – diz e eu suspiro com um sorriso satisfeito. Fico feliz de causar sentimentos bons no seu peito.

— Zayxa, o que você quer com esse menino? Ele só tem uma avó que mora em uma favela. Por que quer saber sobre isso? – pergunta Bell me fazendo revirar os olhos violentamente.

Estamos na entrada do hospital, na sala da recepção, onde ela orienta alguns enfermeiros jovens e novatos que por aqui estão. Provavelmente, entre eles há algum infiltrado para me vigiar, mas sobre isso posso lidar daqui alguns minutos.

— O que importa é que eu quero saber e pronto, Bell. Diga-me onde ele está morando e como posso encontrar sua avó. Pronto. O que custa?

Ela suspira sacudindo sua cabeça.

— Essa informação não está liberada para você, Zayxa.

— Eu quero ajudá-lo, apenas. Que mal há em você me dar o maldito endereço? – rosno quando minha paciência não jaz aqui no meu corpo.

Suspira e se encaminha para uma pilha de documentos ali na mesinha ao lado de uma atendente que não sei o nome e para ser bem sincera, nem tenho interesse de saber.

— Aquiles é o nome dele – digo e ela me lança mais um olhar afiado, antes de voltar sua atenção a pilha. — Falo sério quando digo que só quero o ajudar, ao menos saber se vão precisar de ajuda para os medicamentos, já que ele está cheio de feridas graves no corpo.

Vejo que suspira ao mesmo tempo em que seus ombros caem derrotados. *Partida ganha, minha cara.*

— Você não poderá ajudar a todas as crianças feridas que derem entrada aqui, Zayxa. Precisa se controlar.

Suspiro mordendo meu lábio inferior.

Sim, eu não posso, como também não vou, mas aquele menino... a sua dor se assemelhou com a minha, quando eu tinha a sua idade e após saber que perdeu a mãe na explosão do prédio, me senti como se fosse a percussora da desgraça que pode acarretar a sua vida e não é bem isso que desejo para o mundo. Eu sei que ganho dinheiro prejudicando outras pessoas, mas... eu não sei, porra.

Hoje, quando fui o checar, ele estava deitado na cama e gemia de dor. Afirmava que sua coluna não o deixou dormir na noite passada. Doía e nenhuma enfermeira tinha aparecido ali para que ele pudesse pedir medicamento ou ajuda. Ele estava sofrendo e não tinha ninguém para o ajudar, exceto uma avó que não tem dinheiro o suficiente nem para comprar o pão para o café.

Meu peito se apertou tanto que por um momento considerei que não poderia mais respirar, porque ele estava chorando e o seu choro, de alguma forma, me lembrou do meu passado, lembrou-me de Tércio, depois de uma série de torturas.

Posso estar ficando louca, mas ele tem uns traços que o fazem parecer tanto com Tércio, que a sua tristeza de uma forma completamente lascinante doeu em mim e eu me sinto na obrigação de o ajudar. Não por ele se assemelhar com Tércio ou por estar sofrendo tanto que me partiu o peito, mas sim, porque ele... ele... foda-se, eu não sei.

Ela me entrega a ficha dele e sorri, quando observa meu rosto. Preciso tomar uma longa respiração profunda para desviar meu olhar ansioso do papel na sua mão.

Não demonstrar emoção... não demonstrar emoção... dor! Dor!

Tomo-a das suas mãos, antes de me virar e sair dali, sendo acompanhada pelos olhares dos que ali se encontram. Evito o ato de revirar os olhos e apenas continuo a caminhar, quando do meu caminho oposto surge, em um passe de mágica, Milena com seu salto ridiculamente alto e tropeça em cima de mim, acarretando apenas nos papeis voando da minha mão para o chão.

Ela me envia um olhar debochado e um sorriso mais debochado ainda, quando tento respirar com meu controle indo completamente ao inferno. Na minha mente está passando diversas maneiras em que eu poderia terminar esse dia maldito, mas uma delas está pulsando aqui na minha mente com letras de neon garrafais. O de começar a nocauteando e seguindo, como a boa e velha percussora da morte que sou, mas instantaneamente o rosto de um homem passa pela minha cabeça e o meu peito se aperta. Seu olhar magoado, decepcionado, sofredor nubla minha mente e fico completamente inerte, porque só isso me deixa em pânico. O ar pareceu fugir dos meus pulmões, quando a sensação de abandono e da solidão batem contra o meu peito.

Congelo meus gestos quando percebo que estou rosnando furiosamente com um olhar tão odioso que Milena levanta as mãos, dando dois passos para trás, mas o sorriso desgraçado continua ali. Ele vai acabar. Oh, se vai, só que agora não.

Respiro fundo e me abaixo para pegar os papeis que me foram entregues, sem dirigir uma palavra que seja para ela, porque eu sei que se eu disser, as

coisas vão engrossar ainda mais e não estou aqui para deixar isso acontecer, não sem antes que eu tenha conseguido resolver todas as pendências que preciso.

Deveria acabar com Teófilo logo, mas acho que já estou entendendo o propósito disso tudo e eu não vou ser peão de mais ninguém.

Assim que tenho todos os papéis nas minhas mãos, ela começa a andar novamente e topa mais uma vez contra mim, fazendo-me dar dois passos para trás, mas eu seguro bem os papéis nas minhas mãos de forma que eles não caem novamente.

E eu sei bem que esse foi o propósito dela.

— Vadia! – ela sussurra com sua voz cheia de zombaria, mas apenas dou mais dois passos para trás com um impulso de a encher de golpes sangrentos, mas a última coisa que eu desejo nesse momento é o de a deixar como vítima.

Pisco e então, um sorriso começa a serpentear aqui no meu rosto. Uma tática maravilhosa para camuflar o ódio e abafar a emoção que não pode ser revelada.

— Eu sou uma vespa que você não vai querer receber o troco, Mileninha...

Um suspiro alto pode ser escutado por trás de mim, antes de um forte braço musculoso rodear minha cintura, ao mesmo tempo em que seu corpo fique contra minhas costas.

— Já entendemos que vocês não simpatizam uma com a outra, mas vamos respeitar o local de trabalho, certo? – Ao terminar de dizer suas palavras, ele me conduz com seu corpo ainda contra o meu, para longe dali, mas meu olhar segue o de Milena, que nos encara chocada. — Você precisa deixar de cair na onda dela — ele sussurra ao pé do meu ouvido, assim que saímos do mesmo corredor em que ela estava.

Ele se afasta, separando o seu corpo do meu e eu me sinto como se estivesse sendo deixada sozinha com um vazio tão chato que acabo me estranhando.

— Vou voltar para o consultório. Fique longe dela, ok?

Pisco, olhando nos seus olhos e me encanto com a forma preocupada em que ele corre o seu olhar por meu rosto. É como se temesse algum problema e isso me faz sorrir, porque ele não imagina o problema que sou.

— Não quero que se prejudique – ele sussurra baixando sua cabeça até que seus lábios alcancem meu cenho e o sele com um beijo estalado, rápido. — Preciso ir... mais tarde nos vemos?

Aceno e ele sorri, antes de depositar outro beijo no meu cenho e se afastar, voltando os passos que o trouxeram até aqui. Suspiro completamente sem ação, porque o simples gesto acelerou meu coração e me deixou como uma adolescente boba, da mesma forma das mocinhas dos romances que costumo ler.

Ele beijou o meu cenho e isso foi... carinhoso? Eu...

Ninguém nunca foi carinhoso assim comigo.

Ninguém.

Nesse dia, quando pensei que estaria focada em tudo, acabei me decepcionando consideravelmente ao perceber que a minha mente foi completamente ocupada por um certo médico metido a anjo, rústico com um sorriso lindo e um olhar hipnotizador. O beijo que ele me deu não saiu da minha cabeça por momento algum da tarde e da noite que prosseguiu. Eu fazia curativos e lembrava dele ao mesmo tempo. E o que antes era uma carranca, acabou sendo preenchido por sorrisos bobos e espontâneos, que não me deixaram por instante algum do dia. A lembrança dos seus lábios contra minha pele estiveram aqui burlando e me enlouquecendo.

Haviam momentos em que eu precisava transitar nos corredores e eu sempre estava ansiosa para vê-lo. Quando não consegui, arrumei uma desculpa para invadir o seu consultório e o dar um beijo nos lábios. Nunca fiz isso e estou me deixando levar, porque um antigo amigo que se transformou treinador, nos disse que se um dia sentirmos que algo diferente está brotando nos nossos peitos, que era para nós o vivermos intensamente. Sem medo algum de ser feliz.

E mesmo que ele tenha me decepcionado um tempo depois, ele tem razão em dizer que é completamente gostoso o sentimento de se sentir bem só em saber que alguém se sente tão bobo quanto si.

E eu acho que posso estar um pouco doente ou com a síndrome de Nicolas com aqueles assuntos malditos que sempre acontecem em volta de um único assunto.

Um assunto proibido para um alguém como eu.

Capítulo 35

Íris Sensit/Zayxa

— Você sabe que sorrir assim, enquanto lê é um pouco de covardia para uma pessoa que está tão perto de ti, não é?

Sorrio quando seus lábios voltam a pousar na pele do meu rosto em um beijo simples e cheio de algo que não sei identificar, mas sei bem que não é desejo ou algo provocativo com um viés sexual. É diferente.

Desvio meu olhar para o seu rosto e, mais uma vez, percebo aquele mesmo olhar que me rende um suspiro seguido de um sorriso bobo.

Após o nosso expediente terminar, ele me trouxe para a sua casa, onde banhamos juntos e nos unimos no calor latente que nossos corpos abrasavam, enquanto a água escorria por nossa pele. Ele gemia rouco ao pé do meu ouvido, enquanto por trás de mim, ondulava o seu quadril contra o meu sexo e eu me deixava levar completamente entregue ao prazer que sentia. E mais uma vez me fez explodir em sensações, repetindo palavras sacanas ao pé do meu ouvido.

Isso é quase inacreditável, porque sempre fui a mulher prática que estava disposta apenas a receber todo o prazer necessário para que meu corpo continuasse saudável e sem necessidades. Sempre busquei a isso e de repente, as coisas mudam, o mundo muda e um simples sorriso de um homem completamente angelical com pinceladas rústicas faz a minha praticidade ficar no chinelo. Nos momentos que entreguei meu corpo a ele, estive satisfeita de maneira que jamais serei capaz de explicitar. É como se ele soubesse perfeitamente onde e como me tocar para que meu corpo ficasse a sua completa mercê. Ele me proporciona prazer com a sua boca, língua e há momentos em que tudo fica tão intenso que um lapso de morte passa por minha cabeça. Adiel, na verdade, não faz apenas sexo. Ele tem um tempero, um preenchimento, algo que é só dele e que me encanta, me fascina.

Seus lábios carnudos são como imãs para os meus. Seus olhos de intensidade tão latente quanto seu toque, deixam meu corpo em brasas e eu me torno mais uma vez submissa ao desejo. E é impressionante como não me importo em ser qualquer coisa, enquanto o tenho ao meu lado.

Ele morde o lábio inferior e eu suspiro acompanhando seu movimento. Estou presa em um entorpecimento completamente gostoso e não quero que ele passe.

— Amanhã é dia de plantão... então, eu acho que devemos ir dormir, não?

Pisco permitindo que meu corpo relaxe contra seu peito.

Estamos na sala da sua casa e ele está ao meu lado. Meu corpo contra o

dele, enquanto olho para as folhas de um livro qualquer, porque dele nada consigo ler. Minha mente está confusa e não consigo desejar querer descobrir o que sinto. Só quero sentir, seguir um conselho vago, perdido e antigo de um alguém que já foi importante.

Talvez ele esteja certo e talvez Tércio esteja no mesmo barco que eu. Ainda mais perdido e em uma constante onda de afundamentos.

Fecho o livro e suspiro, olhando para o teto da sua casa.

— Quer que eu te leve? – ele pergunta e eu sorrio voltando meu olhar para ele, enquanto me olha como se eu fosse a personificação de Afrodite.

Não lhe dirijo uma resposta, porque em suas palavras há um misto de pureza e cuidado tão grande que outrora não tinha visto em nenhum outro homem e logo sendo lançado na minha direção.

Ele sorri, levanta-se e se abaixa, passando seus dois braços por baixo das minhas pernas, só para que consiga me levantar logo em seguida. Segue para as escadas, segurando-me como se eu fosse a sua melhor tábua e eu me sinto como se fosse a melhor coisa que a vida pode proporcionar a ele, porque o seu toque gentil, o seu beijo casto e a sua respiração calma, relaxada fazem com que eu me sinta assim.

Ao alcançar seu quarto, ele abre sua porta com o pé e então, entra comigo nos seus braços. Ele sorri, ao mesmo tempo em que um suspiro sai por seus lábios e eu estou completamente enfeitiçada para apenas desviar o meu olhar e nada mais proferir. Eu me sinto tão bem. Em toda a minha vida, apenas uma pessoa teve esse cuidado comigo, mas foi um cuidado tão fraternal. Tércio sempre cuidava de mim quando eu precisava dele e nunca me deixou. As dores eram fortes, as feridas eram profundas e ele cuidava de tudo mesmo que também doesse nele.

Agora Adiel me carrega nos seus braços até que a cama esteja perto dele. Desvia seu olhar para o meu rosto e sorri, vendo-me apreciar cada cantinho da sua bela face. Mordo meu lábio inferior, quando meu coração se acelera e a lembrança dos seus lábios em choque nos meus voltam a minha mente, deixando-me completamente entorpecida. Só consigo ficar aqui parada observando cada cantinho do seu rosto, porque ele é lindo e gentil.

Ele é o verdadeiro homem gentil que se importa com o próximo e de alguma forma, isso o torna adorável.

— Hora de dormir? – pergunta e eu aceno com um largo sorriso.

Então, delicadamente, como se eu fosse a coisa mais frágil do mundo inteiro me coloca em cima da cama. Puxa o lençol e me cobre, para que então ele se afaste e tire a bermuda que estava vestido, ficando assim, apenas de cueca na minha frente.

Suspira e vejo no seu cenho o quão cansado está. Mas mesmo cansado, ele me trouxe para a sua cama e me cobriu para que pudesse se deitar ao meu lado agora.

Puxa-me para os seus braços e rodeia minha cintura com suas garras tatuadas. Suspiro quando a sensação de conforto bate no meu corpo e eu não consigo simplesmente não relaxar, porque de pouquinho a pouquinho aqui do meu lado, este anjo hipnotizador está relaxando e aqui, comprovo o quanto eu estava certa ao imaginar seu cansaço. Acompanho cada suspiro e permito que cada um seja meu caminho para a calma que há anos não tenho. Ele me transporta mais uma vez para a calma que o mundo nunca me deu, que a vida não me proporcionou.

Ele dorme e eu sei disso, porque o aperto dos seus braços ao redor da minha cintura está afrouxando, o que me permite escorregar faceiramente para fora da cama e posteriormente para fora do seu quarto, indo seguidamente para fora da sua casa e rompendo o espaço que separa a sua casa da minha.

Assim que alcanço minha casa, entro e corro até a parte de cima, onde meu quarto me aguarda.

Gemidos altos podem ser ouvidos por todo o corredor, assim como grunhidos masculinos e isso me deixa chocada, porque não posso acreditar que Tércio está se deixando levar assim tão fácil e que Yanne permitiu que...

Esquece, só esquece.

Espero apenas que eles sintam e... não quero pensar nisso.

Suspiro ao entrar no meu quarto e então visto uma roupa qualquer, coloco uma arma na minha cintura e minha costureira jaqueta preta para a cobrir. Pego as chaves da minha moto e saio daqui deixando o barulho dos gemidos e dos pedidos por “mais” de Yanne para trás.

— O que você deu a ele? – pergunto observando Kaique desacordado em cima de uma cama. Seus braços estão presos em correntes, essas fincadas no chão tornando quase impossível que consiga se soltar.

Vilk Jane sorri, piscando e me observando.

— Você está tão diferente...

Franzo meu cenho com a estranheza da sua observação, mas também não consigo dizer mais nada, porque não entendo e não compreendo o que ela quer dizer.

— Ele está dopado e vai continuar assim até que o efeito da medicação passe, o que acontece a cada vinte e quatro horas, dependendo da quantidade que

você aplicar.

Aceno e ela continua sorrindo.

— Ele é tão bonito... será se já conheceu algum amor? – pergunta o encarando e eu suspiro sem conseguir entender até onde está querendo ir.

Na verdade, nunca sei onde ela quer chegar. Sempre foi assim louca e sonhadora.

Quando a conheci, eu estava em uma missão urgente. Precisava matar um homem poderoso e tinha pouco para tal. Depois de uma boa investigada, acabei descobrindo que ele gostava de frequentar cabarés e bem, tive me disfarçar para me aproximar o suficiente dele. Ao entrar naquele lugar, conheci Vilk. A única que me recebeu bem e eu até que simpatizei na época, isso até descobrir que ela era mais uma das assassinas do sistema em que trabalho ou trabalhava, logo eu teria de manter distância. Assassinos do sistema eram péssimos e completamente irrealistas para com membros do mesmo. Sempre gostavam de se exibir como um sendo melhor que o outro. Naquela época, haviam dois que colecionavam pedidos e disputavam por serviços. Para se manterem na frente sempre, não importava se teriam de matar mais alguns assassinos. Enfim, pensei que Vilk era esse tipo, mas me enganei e fiquei feliz com essa descoberta.

Permaneci naquele lugar por alguns dias, porque era necessário que eu aprendesse a dançar, a seduzir e a ganhar dinheiro rebolando minha bunda. Aprendi as lições da cafetina daquele local junto com Vilk Jane. Recém-chegada, buscava um novo ar para respirar, mas com habilidades indiscutíveis. *Seria uma boa aliada*, pensei.

Passamos algumas semanas ali para aprender tudo e acabamos descobrindo que não éramos as únicas assassinas do sistema a estarem ali. Bem, o local estava cheio de figurões ricos e influentes, logo tendo inimigos, o local se transformou mais em um abatedouro do que um círculo do sexo e prazer.

A guerra de egos entre assassinos é ainda maior que qualquer outra. Encontrar duas assassinas desprovidas de armas e proteção é uma sorte do caralho e nós duas estávamos assim. Mulheres como nós, com cicatrizes espessas ao longo do corpo e tatuagens macabras em nossas peles, só era mais um indicador do que éramos. Nossos corpos estavam parcialmente nus e tínhamos apenas dois postes onde iríamos seduzir e dançar a noite inteira. Eu teria de levar meu alvo para um quarto, ela... Vilk só queria aprender.

Não estava a trabalho, só desejava aprender, mas o nosso mundo é cheio de peças. No final da noite, eu tinha cumprido o que me foi destinado, então era hora de ir embora.

Em um beco escuro, por trás do cabaré, estava Vilk Jane. Lutava concentradamente com uma outra assassina, enquanto a outra assistia.

Jane tinha desenvoltura e acabar com a mulher não foi difícil, mas o problema era que a outra tinha uma arma, enquanto Vilk não tinha uma. Decidi que aquela era outra oportunidade perfeita para fazer uma aliada sem a obrigar para isso.

Eu a liberei daquela outra mulher armada e ela sorriu, estava feliz. Eu não sabia o porquê, mas ela sorria, gargalhava até que tudo sessou e ela me encarou com muita atenção, antes de dizer que era minha fã e que esperava me ver um dia novamente.

Alguns anos mais tarde, após aquele acontecimento, encontrei-a em outra missão. Ela observava um casal, enquanto se beijavam. Ela sorria, parecia deslumbrante ao ver aquilo e eu a achava tão louca por isso.

Quando me viu, veio até mim. Cumprimentou-me e nós conversamos sobre motivos de estarmos ali. Ela me disse que estava em uma missão, mas então, aleatória de uma maneira que somente ela sabe ser, começou a me contar coisas e mais coisas, dizia que estava sozinha, não tinha ninguém. Eu estava confusa e ela me fez uma proposta. Uma louca e insana proposta que eu concordei.

— Isso importa? – pergunto e ela ri.

— Não, bobinha, mas você quer que o questione sobre algo?

Pisco com um sorriso sinistro.

Sim, eu precisava saber de coisas e não existia ninguém melhor que ela para descobrir isso por mim.

— Tudo que ele souber sobre Descartes.

Ela pisca e sorri.

— Ele me solicitou para fazer parte da sua gangue invencível, mas como teria que perseguir você até a morte, então recusei. Ele quer uma outra pessoa que eu jamais lutaria contra.

Semicerro os olhos sem conseguir compreender.

— Quem?

— O amor da minha vida. Lince Arias...

Pisco ao lembrar da sua proposta de algum tempo atrás, então aceno.

— Isso quer dizer que você deve avisá-lo?

Ela pisca sorrindo na minha direção.

— Em breve.

Adiel continua na mesma posição quando volto para sua casa. Depois de me despir e deixar minha moto na sua garagem, vesti a mesma roupa que estava antes de sair e peguei um caderno, carvão e lápis de colorir.

Não queria dormir, estava sem sono. As coisas estão batendo contra mim em um ritmo louco e eu preciso me distrair, então desenharei. Puxo um sofá que repousava no canto do seu quarto e o coloco em frente a sua cama, assim posso lhe observar com atenção. Abro sua cortina, fazendo com que um pouco de luz venha para a direção do meu caderno. Tento rabiscar alguma coisa qualquer, mas a consistência do papel junto com o lápis me dá uma certa agonia.

Largo-os e vou em direção para o que eu mais gosto.

Uma parede virgem de desenhos.

Não há, na história do mundo, algo que me faça desestressar e pensar melhor do que desenhar, rabiscar e compor imagens.

Este quarto é cheio de paredes brancas, então escolho uma, pego meu carvão e me dirijo para a primeira com iluminação. Sento ao chão e rabisco um pouco na sua parede.

De rabisco em rabisco, de traço a traço, uma imagem está se formando, mas a minha mente está concentrada apenas em pensar nesse que dorme atrás de mim, então eu simplesmente permaneço aqui, enquanto o tempo passa.

Primeiro veio os braços, seguiu do peito e seu torço coberto, então parei. Voltei para a cama e estudei algumas das suas tatuagens. Tirei fotos com seu celular que repousava na escrivaninha ao lado da sua cama, onde dormia.

Voltei para o chão e, com as imagens nas mãos, apenas desenhei.

Capítulo 36

Adiel Gaspar

Zayxa, a gata de olhar quente, corpo estonteante, talento inigualável e de uma personalidade tão bipolar que jamais deverá ser compreendida. A mulher capaz de me deixar louco e sonhador em questão de segundos.

Os últimos dias foram os melhores da minha vida.

Primeiro, porque me sinto confortável na sua companhia. Segundo, porque me sinto seguro no seu silêncio. Terceiro, porque me sinto em paz com a sua presença. Quarto, porque os seus braços me deixam no limiar do desejo e da paixão. Quinto, que eu acho que estou apaixonado. Sexto, que eu não poderia estar mais feliz por isso.

E por mais que não me diga o que sente, vejo em cada gesto e olhar demorado, que do seu jeito, ela se sente da mesma forma.

Zayxa é uma mulher dura, eu sei, percebo. Talvez seja por acontecimentos do seu passado, algo que não queira falar, mas me sinto confortável contanto que ela esteja comigo, que se sintam tão bem, quanto eu me sinto quando estamos juntos.

É sexta e estamos no mesmo bar que sempre frequento depois de uma semana agitada no hospital. Essa foi a semana mais agitada de todas, principalmente porque o número de acidentados e mortos só aumenta, o que torna um pouco difícil minha caminhada para o sossego ao lado da minha desenhista impaciente.

Eu a encaro e ela me encara.

Está do lado de fora do prédio fumando mais um cigarro da sua quase interminável carteira. Já está ali há algum tempo sozinha, enquanto seu olhar permanece em mim e isso é o que me faz sorrir como um grande bobão.

Outro dia, usou da parede do meu quarto como seu papel de desenho e me desenhou. Meu braço está incompleto com as tatuagens, afinal não tivemos tanto tempo para que ela a terminasse, mas aposto que ela o fará. Sinto que a qualquer momento estarei explodindo com tudo de bom que se pode acumular dentro de um homem. Estou feliz, porque sei que ela pensa em mim.

Estou feliz, porque ela olha para mim.

Estou radiante, porque ela dorme dia após dia na mesma cama que eu e que mesmo sem perceber, se entrega. É lento e essa é mais uma prova da relação verdadeira que estamos construindo.

Uma hora foi o sorriso, depois o olhar demorado, então sua atenção, seu toque constante e o procurar, ao sentir falta. Ela está apaixonada e nem percebe.

E eu amo isso!

Ela não está comigo por motivos fúteis, ela está comigo porque...

Por que ela está comigo mesmo?

Mordo meu lábio inferior e bebo mais da cerveja que há no meu copo, enquanto meu olhar ainda permanece no seu rosto.

— Ainda não entendi o que você viu nela – alfineta Milena antes de rir alto.

— Nunca a vi sorrir, sempre amarga e com esse olhar superior.

Revira seus olhos, mas não me importo com nada que ela diz, porque ela realmente não conhece Zayxa. Se ela, por um dia, visse o quão linda essa loira fica sorrindo, com certeza estaria querendo morrer com a mais pura inveja corroendo o seu corpo, porque Milena é feita disso, da inveja, da futilidade.

Tão diferente de Zayxa...

Volto meu olhar que está com sua atenção em algum lugar distante de mim e do restaurante. Traga mais do seu cigarro ao mesmo tempo em que olha para esse local. E eu sinto falta... por Deus, eu sinto falta que seu olhar não esteja aqui em mim e me considero o cara mais bobo do mundo por sentir meu coração bater mais forte quando ela volta a me olhar tão rápido quanto desviou.

— Gente, nunca vi isso na vida. Nem sabia que Adiel namorava... agora veja. Está todo cheio de atenções para a novata. Isso pode, produção? – Pablo diz e eu reviro os olhos, bufando logo em seguida.

Bebo um gole da minha cerveja gelada e a vejo se livrar do cigarro. Então, cruza os braços na frente do peito e pisca, antes de desviar o olhar sem sequer mexer sua cabeça.

Vejo que seu maxilar trava, mas ela não se move. Acho estranho, talvez alguém a esteja incomodando. Suspiro afastando o meu copo, quando ela suspira e desencosta do meu carro, vindo na direção de dentro do bar. Entra, passa por nossa mesa e vai direto ao balcão. Pede uma cerveja ao garçom, que observo demorando seu olhar no decote da sua blusa negra e quando ele a entrega, ela se vira e se aproxima da mesa.

Ao lado de Pablo há uma cadeira vazia e ela a toma para ela, sentando-se à mesa e de frente para mim.

— Você fuma muito, não é? – Pablo pergunta e ela arqueia uma sobrancelha, antes de piscar. Parece entediada e eu sinto vontade de rir, porque nunca parece assim quando estamos na minha casa. — Não tem medo de ficar doente?

— Tenho medo de não fumar. Você não tem ideia de como meu humor fica negro e sombrio, quando não fumo.

E sorri, parecendo forçada, mecânica.

Mais uma curiosidade sobre essa mulher: ela é antissocial e paciência

parece não ser uma das suas qualidades.

— Você tem humor para algo? – ele pergunta e ela sorri.

— Oh, sim. Adoro planejar mortes súbitas de pessoas intrometidas, que querem meter o bedelho na minha vida.

Pablo ri, mas ela fica séria.

Pablo gargalha e ela pisca, completamente inerte.

Pablo bate a mão contra a madeira da mesa, enquanto ela continua a encará-lo sem demonstrar nenhum humor.

Sinto vontade de rir, porque essa é uma cena até que engraçada.

— Enfermeira novata querendo ser muito engraça...

— Zayxa. Meu nome é Zayxa – diz levantando seu olhar para Milena. Ela pisca, sorri e morde o lábio. — Você não faz ideia do quanto minhas mãos estão coçando para uma briga e eu adoraria te ensinar a falar o meu nome.

Milena arregala os olhos afastando seu corpo da mesa como se tivesse levado um choque fortíssimo.

— O que você disse?

— Tenho certeza que seus ouvidos estão limpos o suficiente para compreenderem o que acabei de dizer – diz para logo em seguida, piscar um olho a ela e sorrir.

Acho que essa versão debochada de Zayxa é, também, agradável e mesmo vindo de um ser delicado como ela, é até perigoso de se observar. Os olhos de Milena semicerram e Zayxa sorri, parecendo animada para o que possa estar se aproximando, enquanto eu permaneço aqui apenas a observando, abstraindo mais dela e da sua personalidade que só varia.

— Adiel não faz nada, só fica olhando o circo pegar fogo... rapaz inteligente! – Eliza diz antes de sorrir alto. — Meninas, vamos manter a calma, porque estamos em um local público e, além disso, somos damas.

Zayxa ri, recostando-se contra a cadeira deixando seu olhar em Milena que range os dentes.

— Você...

— Zayxa... meu nome é Zayxa. Você só vai aprender quando eu te ensinar, Mileninha...

Mesmo sendo tão ameaçadora, eu acho que não existe uma mulher tão linda e encantadora quanto ela, porque seus olhos e a sua voz não falham por instante algum. É como se estivesse habituada a fazer tais ameaças.

— Briguem por mim, não por um nome, por favor – Pablo diz aproximando sua cabeça de Zayxa, o que a faz desviar o olhar de Milena para o encarar.

Ela semicerra os olhos e ele sorri novamente, mostrando todos os seus dentes brancos tentando ser um pouco encantador aos seus olhos, mas ao que

podemos ver, ele não está conseguindo tal proeza com sucesso, porque nem ao menos um sorriso aparece nos lábios dela.

— Eu não gosto de você – ela diz e eu rio trazendo junto comigo, uma Eliza toda vermelha que dobra na mesa ainda rindo abertamente. — Nem de você.

Aponta para Milena, que semicerra os olhos, movendo seu maxilar de um lado para o outro, parecendo fora da sua zona de conforto e, em contrapartida Zayxa parece até confortável, enquanto recosta seu ombro contra o assento da cadeira e volta seu olhar para o meu rosto. Sorri e pisca um olho para mim, parecendo um pouco mais confortável, mas eu sei que essa não é a sua melhor versão confortável.

Ontem, quando chegamos do hospital, ambos estávamos cansados, cheios de sono e quando eu fui para cama, ela veio devagar, silenciosamente e se sentou na cadeira em frente a cama.

Achei estranho, não vou mentir, mas estive percebendo que um sorriso estava nos seus lábios enquanto me observava. Não sei o que achar sobre isso, mas eu queria ser um homem com superpoderes para ter ao menos uma noção do que ela pensa, à medida que me observa. Quando acordei hoje pela manhã, ela não estava na cama, tampouco no quarto.

A busquei por toda a casa e a encontrei meditando de frente para a janela da sala, enquanto que o sol nascia. Uma visão, de fato, linda, mas não superava aquela mulher naquela posição de pernas dobradas, postura reta e a respiração calma como se estivesse absorvendo o ambiente e tudo ao seu redor.

Achei algo lindo de se observar, digno da maior quantidade de horas que se pode gastar.

— Vocês são muito bobos! – diz Eliza rindo.

Zayxa nada fala, apenas sorve a sua bebida e me encara.

E, bem, eu acho que posso me acostumar com isso.

Capítulo 37

Íris Sensit/Zayxa

E por mais um dia dormimos juntos na mesma cama, abraçados e, como uma prática recorrente, após fazer com que nossos corpos se fundissem e guiassem o desejo que escorriam por cada um dos nossos seres. Eu sei o quanto isso soa romântico e piegas, mas eu “foda-se” não me importo. Nunca senti meu coração bater tão rápido só por estar perto de uma pessoa, nunca olhei para um homem e o considerei ser “O homem” e eu não estou disposta a deixar isso ir tão fácil.

Posso estar ficando louca, mas escolhi seguir os conselhos de Nicolas.

Minha casa virou só um local onde troco de roupas em algumas madrugadas, quando preciso de respostas, quando me resta coragem de levantar e ir até onde Kaique está sendo interrogado por Vilk, que gasta boas horas do seu dia para o fazer falar.

Hoje é sábado e o dia de folga de Adiel, mas eu como uma mulher que não deseja perder nenhum momento livre ao lado do cara em que está interessada, troquei de turno com Eliza. Ele dorme na sua cama, enquanto desenho na parede. Tenho de terminar de preencher todo o seu torço com suas tatuagens, para que eu possa conseguir me deitar sossegada sem que o impulso de o preencher me possua como aconteceu nessa noite, assim como as possibilidades que me cercam sobre tudo.

Estou sendo seguida novamente e não entendo o porquê.

Júlio deveria estar desestabilizado por um longo tempo já que seu dinheiro está congelado, mas parece que os assassinos que trabalham para ele estão colocando tanta fé na sua lábia que trabalham sem receber nada por isso, mas tenho vantagem em descobrir que ele não sabe que foi eu a congelar o dinheiro. Isso é bom, é ótimo, mas o estrago tem de ser feito a um longo prazo para que eu tenha a oportunidade de formar mais aliados e assim, derrotá-lo perfeitamente, já que como ele conta com a ajuda de muitos assassinos, então a sua segurança está pesada e sou realista o suficiente para saber quando uma guerra não deve ser pronunciada.

Então, foco no que tenho aqui nas minhas mãos, a altura dos meus olhos.

Preciso pensar na ligação de todos os fatos e não posso esquecer de forma alguma, o dia em que tudo começou e que eu vi o carro preto.

Aquele carro que jamais fugirá da minha mente.

O sol já está se apontando cada vez mais intenso e eu o sinto queimando

minhas costas desnudas, mas não me rende muita importância, porque estou focada em terminar as tatuagens do corpo desenhado do meu querido anjo rústico. Falta pouco... muito pouco e estou animada por isso.

— Você está mesmo empenhada nisso, não é?

A sua voz rouca ao acordar é a única que pode me arrancar um sorriso e logo a essa hora do dia. Se eu estava concentrada o suficiente para continuar a desenhar, então isso acabou completamente quando escutei a sua voz. Não consigo ficar assim tendo ele perto.

O meu coração acelera bobamente só com o fato de que ele dorme e acorda ao meu lado, segurando meu corpo com tanto conforto que ainda não sei lidar direito. Nas noites em que me permiti relaxar, dormi muito bem e com muito conforto, graças a ele e aos seus fortes braços acalentadores.

Eu queria deitar e dormir sem que nenhuma preocupação surgisse na minha mente, mas infelizmente minha realidade grita por outra coisa. Sempre que me deito, minhas preocupações só são maiores que antes, porque agora temo que algo o aconteça, porque mesmo que eu não queira, mesmo que eu possa lutar o máximo possível contra o que sinto, eu me importo o suficiente para tê-lo no meu pensamento a maior quantidade de tempo possível.

Sorrio, quando escuto que ele se movimenta na cama e em questão de segundos seus passos pesados se aproximavam de mim, antes que ele me abrace e deposite um casto beijo no meu rosto.

— Está linda – sussurra e eu sorrio como uma grande boba que eu estava me transformando graças a ele, então a preocupação vigente na minha mente se extinguiu para dar lugar ao relaxamento e há um preenchimento que só posso aproveitar quando o tenho ao meu lado. — Quer me acompanhar no banho?

Sorri, mas neguei sua oferta, porque ainda tinha esse desenho para terminar, assim como ainda tinha mais coisas importantes para pensar, então ele se afastou e quando escutei o barulho do chuveiro sendo ligado, me arrependi de ter negado sua oferta, porque a sua visão naquele banheiro não saiu da minha cabeça nos minutos seguintes e nos posteriores, quando ele saiu do banho apenas enrolado em uma toalha.

Eu não sabia o que a vida estava fazendo para sorrir daquela maneira para mim, mas eu desejava que ela nunca parasse, porque estava bom demais.

Capítulo 38

Íris Sensit/Zayxa

— Estou muito feliz por ir para casa hoje – diz o pequeno menino pegando na mão da sua avó e a apertando com força, enquanto os dois caminham em direção a porta de saída.

Eu os acompanho com um pequeno sorriso bobo, porque simplesmente não posso deixar de não o fazer. Aquiles estava tão animado em ter mais uma pessoa concentrada em cuidar dele e o acompanhar em casa, que não consegui ficar diferente. Mas os curativos e o gesso que ele tem ao longo do seu corpo estão me deixando incomodada, porque tudo que eu desejava era que ele passasse disso e não sentisse dor alguma.

Só de olhar nos seus olhos percebo o quão animado ele deve estar em ir morar com a avó, que segundo minhas pesquisas, não é tão bem de vida para o proporcionar uma confortável o suficiente. Sua mãe também não tinha, mas ela estava sempre trabalhando para o manter satisfeito com comida na mesa todos os dias. Era batalhadora e isso ninguém poderia negar, mas também era muito generosa e por isso, talvez, não tinha um padrão de vida melhor. Agora, posso estar sendo um pouco louca em tentar ajudá-lo de alguma forma, mas não seria diferente logo sabendo que essa pequena criança estaria sofrendo tanto na sua casa, enquanto continuo perseguindo e matando com tanto dinheiro nas minhas contas.

— Eu imagino – sua avó fala, mas não parece tão feliz quanto ele, o que deve ser um pouco compreensível já que acabou de perder a filha.

Continuo os acompanhando de perto com as coisas do pequeno garoto nas minhas mãos, enquanto escuto a conversa dos dois.

— Vó, por que está assim?

A senhora desvia seu olhar para o rosto dele e sorri minimamente, antes de voltar o olhar para frente. Não me passou despercebida a forma tristonha em que ela olhou para aquele menino e talvez, meu coração esteja se apertando porque me sinto culpada com essa situação.

— Tenho muito o que fazer quando chegar em casa. Por isso estou assim, menino.

Suspiro e, ao chegarmos em frente a um táxi, percebo que a senhora arregala os olhos com um sorriso sem graça.

— Por favor, entre. Irei acompanhá-los até a casa de vocês para que eu possa ajudar esse menino a se acomodar, ok?

A mulher apenas sacode sua cabeça e se aproxima de mim. Estende sua mão para pegar as coisas, mas eu dou alguns passos para trás, ainda sorrindo minimamente.

— Não tenho dinheiro para te recompensar por isso, tampouco para pagar esse táxi. Mal tenho o do ônibus para nós dois...

Pisco tomando alguns passos para ficar mais próxima dela.

Não sei o que se passa na minha cabeça para estar fazendo isso agora, por um menino qualquer que não tenho nenhuma ligação, mas sinto que devo fazer algo por ele, por sua vida, já que fui a culpada por deixá-lo assim.

— Não se preocupe com isso, senhora. Não estou pedindo o seu dinheiro, não preciso. Faço isso pelo garoto. Pegar ônibus com as condições em que ele está agora, seria no mínimo um ato de crueldade. Então, por favor, entre.

E ela o faz, mas antes vi como seus olhos marejarem e eu acho que por um instante aquela mulher quase chorou. O que mais eu poderia fazer para que aquilo fosse diferente?

Suspiro.

Ela fica na frente, enquanto ocupo a parte de trás ao lado do pequeno Aquiles. Passa seu endereço para o taxista e me concentro em observar seu semblante pesado, cheio de preocupações, mas quanto a isso, o pouco que posso fazer é apenas lhe dar conforto e dinheiro para que compre alimentos ou o que mais desejar.

O táxi ganha movimento e assim ficamos até que o veículo está entrando em uma comunidade pobre e cheia do que parece ser lixo. O odor é de embrulhar o intestino, todavia ao olhar para os dois aqui, ambos parecem estar muito bem habituados. Não posso crer que isso é uma realidade para alguém estar inserido.

— É bem ali, naquela casa de muro azul.

Arqueei minhas sobrancelhas, assim que o carro parou naquele local e eu não sabia ao certo o que deveria falar ou fazer, porque estava ocupada demais estando chocada com um lugar daquele para uma criança daquela idade morar, mas parecia normal, já que muitas outras estavam correndo de lá para cá.

A senhora saiu do veículo e o menino foi logo atrás dela, enfrentando certas dificuldades ao sair do carro, mas eu, após pagar a corrida, estava indo logo atrás dele, ajudando-o a sair e a entrar na sua modesta casa.

Eu sei que não deveria fazer isso, já que não é da minha conta, mas o meu coração bate tão insistente ao mesmo tempo em que murmura o quanto devo fazer isso e aquilo para o bem daquela criança ao qual prejudiquei.

Por que meu coração estava sendo tão mole por uma criança? Por quê?

Se por fora, a casa era modesta até demais, por dentro eu já poderia dizer que estava prestes a cair. Deus, como aquilo era bagunçado e frágil. Eu estava

enfrentando alguns medos ao me aproximar de alguma coisa, por mais estável parecesse.

— Obrigada por nos acompanhar.

— Não foi nada, acredite.

Com meu olhar, busco algum local em meio aquela bagunça em que tenha algum papel e, quando finalmente encontro, encaminho-me até lá, mas acontece que não encontro uma caneta e é por isso que peço a ela, que sem graça alguma diz que vai pedir a algum vizinho.

Quem, nos dias atuais, não tem uma caneta?

Eu estava indignada por não saber o que eu estava fazendo.

Aquilo ia em um caminho completamente oposto ao que eu traçava sempre nas minhas costumeiras andanças, mas lá eu estava no meio de uma bagunça que parecia não ter fim e com uma criança, que me tocou profundamente o coração só em ver o seu pequeno rosto cheio de lágrimas.

— Você é tão bonita!

Sorrio com seu sincero e inocente elogio, então me abaixo para ficar do seu tamanho.

— Você também é muito bonito. Tem que se cuidar bastante para ficar ainda mais galante.

Ele sorriu e desviou seu olhar para a porta, quando foi aberta e aquela senhora voltou a entrar com uma caneta na mão. Peguei e no papel que eu tinha encontrado, escrevi meu número e entreguei a ela.

— Qualquer coisa que precisar, pode me chamar. Se ele sentir alguma dor, não importa a hora, pode me contatar também.

— Por que está fazendo isso? Não é como se ele fosse alguém, então por que está fazendo isso?

Semicerro os olhos ao olhar aquela senhora.

De início não me pareceu uma mulher ruim, mas agora sinto algumas doses de veneno na sua frase, então o que eu deveria fazer? Levo-a ao o seu limite e assim eu saberia ao certo quem ela é ou, simplesmente, deixo para lá e saio daqui?

É, a segunda opção me parece mais convidativa. E é exatamente o que faço, sem lhe passar uma segunda informação ou uma resposta, porque acredito que ela não merece uma. Respiro fundo e procuro sair dali.

À medida que ando por entre essas ruelas, mais pobreza flagro, mais mendigos e moradores de rua vejo, assim como as sujeiras que parecem nunca ter um fim e isso está me tirando do sério. Não encontro um táxi ou um carro nas proximidades. Apenas sujeira, odores e pessoas.

De repente, minha cabeça parece que vai explodir e eu simplesmente entro

em um mercantil qualquer, que parece mediantemente limpo. Faço pedidos para compras de um mês e, após pagar, peço que entreguem na casa da avó daquele menino, mesmo se, por acaso, ela venha a negar ou algo do tipo. Não me parece certo que ela negue isso, porque percebi o quão necessitada estava. Não é uma maneira de a humilhar, é apenas um jeito de fazer com que eu me sinta bem ao chegar em casa, então estou pensando em mim, antes de pensar naquele menino que tanto se assemelha a mim quando tinha sua idade.

Resolvendo não querer prolongar minha estadia nesse lugar, ligo para Yanne vir me buscar, já que ela está vivendo bons momentos ao lado do meu querido irmãozinho, enquanto estou curtindo, pela primeira vez, um momento feliz ao lado de alguém que realmente estou nutrindo sentimentos.

É engraçado até pensar nisso.

Como uma assassina, que não pensa duas vezes antes de matar uma pessoa sendo ela inocente ou não, pode estar nutrindo sentimentos por um homem que dedica horas para salvar vidas? Como ele pode corresponder à uma pessoa como eu?

— A senhora aceita beber algo? Ou se sentar?

Desvio meu olhar para aquele homem, vendo-o me observar como se eu fosse alguma pequena mina preciosa. Deve estar bastante interessado agora que comprei tantas coisas para uma pessoa que nem ao menos é algum parente meu.

Arqueio minha sobancelha ao voltar meu olhar para ele e apenas reviro os olhos, ao ver todo interesse. Ele, por me ver tão desinteressada, acho que se dá conta que sua presença por perto é desnecessária, porque sai murmurando palavras que não compreendo, mas que também não me rende interesse, já que um par de olhos estranhos chamam minha atenção.

É um homem e eu já o vi antes.

Alto, corpo coberto a tatuagens, olhar cruel. Posso reconhecê-lo com facilidade, porque ao sorrir, os seus dentes de ouro são o suficiente para que eu relembre de todo o conjunto.

Os minutos passam e ele continua no mesmo lugar sem mexer um único músculo e assim como eu, não desvia o olhar. Está me avaliando, ponderando o lugar, como a sua vítima se porta e como deve agir de agora em diante para conseguir capturá-la.

Resolvo abater esse pequeno perseguidor, já que não tenho nada melhor para fazer no dia atual. Envio uma mensagem para Yanne, ordenando-a que fique a postos para qualquer sinal que eu a enviar, porque logo estaremos indo de encontro ao que desejamos.

Caminho lentamente para fora do estabelecimento ao qual me encontro e propositalmente, cruzo com o homem que está a minha espreita. Não posso

descartar o fato de que ele está com Júlio ou com Malaquias para que consigam o que desejam logo, todavia não darei este nível de gosto para eles. Não trabalharei para eles, não darei o resqúcio de honra que resta dentro de mim para eles e logo para prejudicar crianças como Aquiles. Não conseguirei me perdoar por ter feito aquilo com ele, mas não posso parar de fazer o que fui destinada.

Sou uma assassina profissional, sou Íris Sensit, tenho uma reputação a zelar e uma missão para cumprir, essa que se virou completamente contra mim, a droga de uma emboscada, a pior que poderiam ter inventado e eu não deixarei barato nada disso.

Até onde pude perceber na minha caminhada até aqui, esse lugar é praticamente deserto e cheio de sujeiras. Tudo que eu preciso agora é encontrar um ponto em que não serei vista facilmen...

Paro meus passos, quando o pensamento de que isso pode acabar sendo desfavorecido para mim. Já fiz isso antes e sinto que terei de enfrentar um punhado de revidações, já que o cometi à luz do dia e, como uma assassina com anos na pista, sei bem que enquanto existir luz, por mais deserto que possa parecer, algum par de olhos perfeitamente funcionais estarão ali para acompanhar aquela ação, mesmo que seja coincidência ou apenas um furo do destino. Respiro fundo e então, pego meu celular e ligo para Yanne, que ao atender peço para que me busque no local em que a mandarei o endereço.

É perigoso e eu não sei quem está responsável por essas redondezas. Se for um dos assassinos do sistema, então eu estaria um pouquinho ferrada.

Aguardo a mensagem de confirmação, em que Yanne afirma estar no local em que a designei e quando a resposta que almejo chega, então caminho até onde a mandei. Não passa despercebido por meu olhar que ele me segue à passos seguros e posso perceber que ele é, de fato, inteligente. Pelo seu porte físico acredito que seja bem treinado, levando em conta os dentes de ouro. Considero que deve existir uma boa quantidade de serviços conclusos. Infelizmente, não fui capaz de captar nenhuma marca no seu rosto ou nos pedaços de pele expostos, logo não posso construir uma conclusão sobre o que ele é de verdade, mas não me preocupo com isso por muito tempo, porque a resposta não tardará em chegar.

Assim que avisto o carro em que Yanne veio me buscar, me dirijo até ele e entro. É o mesmo que comprei para Tércio e, ele, ao vê-lo ficou tão contente, que por um instante pensei que confundia o carro com um computador. Afirmou, enquanto exibia um sorriso e os olhos marejados, que isso acontecia porque nunca o dei nada sem que ele pedisse antes. Disse que, aquela era a primeira vez que eu lembrava dele... não imagina o quão enganado está.

Coloco o cinto e seguro firmemente no gancho protetor da porta, enquanto um sorriso de lado espreita o impulsivo plano mortífero que acabei de armar.

— Estou sendo seguida e preciso que ele faça o percurso até proximidades da localidade de Vilk. Quando estivermos perto o suficiente causaremos um acidente e então, o pegarei.

— Vamos lá.

Sorrio encarando o retrovisor, enquanto ele segue da forma em que pensei. Deseja tanto concluir isso aqui, que não pondera o ninho de vespas que está cutucando. É bom, assim terei mais vantagem sobre ele e o mandante.

Yanne coloca o carro em movimento e ele nos segue depois de arrombar um carro qualquer.

Ela acelera, ele repete o ato.

Poucos metros separam o seu carro do nosso e isso é o suficiente para o manter na nossa cola até que estamos próximas do destino, impedidas apenas por um sinal de trânsito em que nos vimos obrigadas a parar.

— Assim que o sinal abrir, vou para cento e vinte por hora. Ok?

Sorrio e aceno.

As cores mudam, o verde ascende e ela acelera como combinou.

Pelo retrovisor vejo a fumaça branca subir atrás do nosso carro, antes que ele ganhe movimento na pista. Se por algum instante nós pensamos que ele não nos acompanharia, então seríamos duas tolas. Todavia ele seguiu o combinado e estava atrás de nós.

— Você tem algum apetrecho ninja aqui?

— Quê?

Suspiro aumentando o aperto da minha mão no gancho, quando ela desvia de um caminhão na nossa frente e o ultrapassa. Pego o meu celular e ligo o GPS, antes de ligar para Tércio, que no primeiro toque me atende.

— O que é? Onde você está? Sabia que teremos visita hoje? Poliana se auto convidou para almoçar conosco. — Suspira dramaticamente alto. — Estou preparando o almoço e acho que Yanne ficará irritada quando souber disso.

Mordo meu lábio desviando meu olhar para ela, que está focada na avenida na sua frente. Ok, não a direi sobre isso agora. Guardarei essa preciosa informação para o instante em que eu necessitar da sua ira.

— Preciso que rastreie o meu celular e acesse as câmeras de segurança da prefeitura que podem estar pegando o carro agora. Apague qualquer resquício do que acontecerá nesse exato momento.

Escuto seu bufar alto, antes de um barulho alto na cozinha.

— Você escutou o que eu disse? — rosna me fazendo rir.

— Cuide do que é importante.

Desligo e guardo meu celular.

Abro o porta-luvas, onde encontro o que eu estava precisando no momento. Uma touca ninja preta de algodão. Tudo o que eu necessitava para o que farei agora. Sorrio mais largamente, quando vejo luvas pretas de couro junta da touca.

As vezes sinto vontade de me declarar abertamente para Tércio. Sempre pensa em tudo...

Pego-os e os coloco, quando o local em que Vilk está residindo e mantendo nosso refém se torna ainda mais próximo.

— Naquela rua, mais a frente tem um beco. É lá que esse acidente tem que acontecer.

Ela acena e quando a nossa oportunidade se aproxima, me preparo. Em velocidade máxima, ele nos acompanha e quando o seu carro cola mais ainda no nosso, então Yanne freia bruscamente.

Acontece que por mais rápido que ele tente frear e por mais que ele tenha reduzido sua velocidade é impossível que o seu veículo não colida com o nosso e é nessa colisão que a oportunidade é trancada e selada. Meu aperto contra o gancho de proteção aumenta e quando meu corpo é impulsionado para frente, reforço a minha segurança segurando com minha outra mão contra o banco do carro.

O impacto foi forte, Yanne foi jogada para frente com tanta brutalidade que nem mesmo segurando-se firme contra o volante, foi capaz de a deixar consciente. Sua cabeça está encostada contra o volante e sangue escorre por sua testa. Suspiro, antes de soltar o meu cinto e me inclino para verificar seus batimentos cardíacos. Quando tenho minha confirmação, só então saio do carro e vou em direção ao outro, de onde meu alvo está perfeitamente me esperando.

Preciso ser rápida, por isso desço meu olhar para a situação e então, agilizo a operação.

Por mais abandonado que esse trecho seja, será questão de minutos até que encontrem os carros aqui parados e com essa batida violenta.

Ele está desacordado, mas está vivo. Sua testa e nariz sangram, todavia não me deixo prender muito por isso. Com cuidados necessários, ele vai passar bem em questão de minutos assim que retornar com sua consciência. Respiro fundo e então, solto seu corpo do cinto e com muito custo o arrasto para fora do carro, indo diretamente para o carro em que estou com Yanne. Pesado, insuportável, mas ao menos esse é cheiroso, diferente dos que já tive que lidar da mesma forma. Rostinho bonito, corpinho bonito e desenhado, mas não vale um segundo olhar.

Uma pena.

Quando consigo o colocar no banco traseiro, então repito o ato com Yanne,

que permanece desacordada. Coloco-a no banco em que eu estava sentada e tomo o volante, indo diretamente para o local em que VilK está com Kaique.

— Dia difícil.

— Você o arrastou até o seu carro e voltou até lá para buscar o carro que ele estava?

Aceno limpando minhas mãos sujas de sangue.

Só preciso de um pouco mais de descanso antes que eu siga para casa, onde Tércio está encrocado na companhia da tal Poliana, por isso mandei uma mensagem para Adiel avisando que eu não poderia estar em casa naquele momento e o pedi para ajudar Tércio com esse pequeno probleminha.

— Kaique não falou nada de relevante ainda? – pergunto encarando VilK administrar uma dose da droga no homem que estava me seguindo.

— Acredito que ele falará na próxima sessão que tivermos juntos, já que estou empenhada a fazê-lo sofrer quando está acordado, assim como também quando está dormindo e imóvel.

Pisco puxando uma longa respiração forte.

— O que tem nessas injeções? – Yanne pergunta mantendo um pano na sua cabeça, enquanto que observa VilK.

— A mesma composição que aplicavam em mim quando desejavam que eu visitasse o inferno.

Ela sorri com uma forte amargura passando por seus olhos, enquanto observa o líquido fluir pela agulha da seringa diretamente para a veia de Kaique e do meu perseguidor.

VilK nunca contou de onde veio, como conseguiu chegar aqui sendo assassina. Tudo que sei é que ama alguém com tanta força que esperou aprender sobre o sentimento para que só então pudesse se aproximar. Em cada olhar distante que ela toma, percebo uma tristeza tão grande, um buraco que precisa ser preenchido a todo custo e acho que até consigo compreender, mas me colocando no seu lugar eu nunca deixaria um tempo tão grande como esse prolongar assim e longe de quem eu poderia nutrir sentimentos. Mas VilK conquistou minha simpatia, porque sempre em meio aos momentos mais turbulentos e caóticos, ela está sempre sorrindo e com uma mensagem positiva. Ela não é religiosa, não acredita em um Deus, mas até onde pude a conhecer, essa é uma assassina que acredita na mudança e na esperança de que por meio das atitudes próprias, a positividade que ela deseja vai a encontrar. Eu a invejo nisso, porque não consigo crer em nada disso.

— Preciso fechar os olhos um pouquinho, ok?

Ela acena e eu relaxo contra o sofá. Respiro fundo e então, fecho meus olhos.

Pensar antes de agir.

Agir depois de pensar.

Meus próximos passos precisam ser perfeitamente calculados e estritamente planejados. Não tenho espaço para erros, não mais.

À noite, quando voltamos para minha casa, um carro verde luxuoso estava em frente à casa de Adiel, o que me deixou um pouco curiosa, não posso negar, mas ao contrário do que meu dever dizia, em que eu deveria entrar na minha casa, trocar de roupa e tomar um banho para pontuar meu plano, apenas segui o que meu coração martelou. Eu sei, uma medida burra, impensada e pode até ser de grande nível de perigo, mas estou um pouco desiludida para pensar nisso. Então, segui o que eu deveria e entrei na sua casa. Rapidamente e sem barulho, afinal só precisava saber quem estava ali com ele e o que estavam fazendo. Poderia ser uma ameaça, alguém que o quisesse usar como um meio para me atingir e eu não poderia deixar que nada o acontecesse.

Olhei para os lados, enquanto tentava encontrar a localização de Adiel, mas foi o seu sorriso que me entregou onde estava. Semicerrei meus olhos sentindo meu coração acelerar a corrida contra minha respiração.

Ele está rindo, então deve estar passando muito bem, não é?

— Você está começando uma nova série de Aliens?

Poderia dar meia volta e seguir para minha casa, mas estou tomada de curiosidade para não seguir até o local de onde veio sua risada, que coincide por ser a sua cozinha. Escondo-me ali ao lado da sua parede e apenas escuto o que podem estar conversando.

— Não, seu bobo. É a continuação da que eu já tinha ou se esqueceu?

Série de Aliens? Continuação?

Fecho meus olhos, lembrando de quando ele me falou que era amigo da autora de... oh meu Deus! A... a... a...

— E quer dizer que o famoso assexuado Adiel Gaspar está apaixonado e morando com uma mulher? – Ela ri e eu arregalo meus olhos. — Quando soube, tive que correr até aqui para ver isso com meus próprios olhinhos de pomba.

— Pomba, você sabe muito bem que não sou assexuado. Eu sempre mando ver! Sou o garanhão do condomínio ou você acha que ganhei essa fama atoa?

Reviro os olhos com esse comentário. É sério esse comentário? Eles já

tiveram algum caso? Por que ela está aqui? Se é uma autora e famosa como os tabloides anunciam, então deveria estar escrevendo e não conversando assim com o namorado de outra pessoa.

— Você está amando, Adiel?

— Completamente. Nunca pensei que iria me interessar por alguém, mas ela caiu de paraquedas na minha frente e desde então, meu coração palpita sempre que a vejo.

A respiração que eu tinha prendido após escutar sua pergunta, sai de pouquinho a pouquinho para preservar minha camuflagem, enquanto escutei sua resposta. Não sei o porquê, mas meu coração acelerou só em ouvir essas palavras e um sorriso está aqui, bobamente me deixando sem jeito.

— E ela corresponde?

Escuto seu sorriso.

— Mesmo que não diga, que não se declare, que não demonstre com palavras, eu vejo nas suas atitudes, no seu olhar que ela sente o mesmo por mim.

Sinto? Eu sinto o mesmo? Ein?

— Estou tão feliz agora! Você precisa me apresentar essa mulher!

Ainda sorridente e um pouco pensativa, afasto-me e tomo o caminho para a minha casa, tão silenciosamente quanto eu entrei. Eu sinto o que ele disse que eu sinto? Mas o que é sentir isso que ele mencionou?

Capítulo 39

Íris Sensit/Zayxa

— Só precisamos saber quem te mandou vir até mim... apenas – rosno passando a ponta de um caco de vidro por seu braço esquerdo, vendo o sangue escorrer por sua pele aberta.

Ele sorri me observando meio grogue.

Balanço minha cabeça e afasto-me do seu corpo.

É, fiz um longo serviço nessa manhã, mas terei de voltar para minha vida paralela que está sendo agradável.

— Recebeu um treinamento maravilhoso, ein. Seja quem quer que te tenha treinado, tem minha admiração.

Pisco um olho para ele e então, pego a seringa.

— Hora de sofrer um pouquinho enquanto dorme, não é?

Sorrio e então, aplico a substância na sua veia. Mesmo que puxe o outro braço com tanta força para tentar escapar, o que ele consegue é apenas mais um pouco de pressão das algemas de ferro que estão o prendendo contra a parede. Não adianta que tente, porque por mais sóbrio que estivesse, não conseguiria escapar daqui.

Dou de ombros e me afasto dali, arrastando comigo o carrinho que eu trouxe com as ferramentas que utilizei para o fazer falar, mas tudo que ganhei em troca foram risadinhas. Fecho a porta atrás de mim e logo estou sorrindo novamente.

A confissão da noite passada não abandonou minha mente por instante algum daquela madrugada, tampouco da manhã, o que está me deixando um pouco louca agora e sem concentração, mas continuo sorrindo mesmo que a resposta que eu quero não tenha vindo até mim rapidamente.

— Íris, você pode ir. Vou cuidar de alguns assuntos agora.

Semicerro os olhos a observando vestida com roupas de duelo.

— O que vai fazer?

Ela suspira, colocando a touca preta por sua cabeça.

— Suzy Palatino precisa trabalhar, gatinha. Vou repassar as armas que tenho aqui para um informante. Vai embora.

Reviro os olhos tomando alguns passos em sua direção.

— Tenho sentimentos. Não precisa me expulsar assim.

E ela ri sacudindo sua cabeça.

— Você? Sentimentos? – Ela ri novamente e eu não consigo compreender o

motivo desse riso todo. — Claro que eu sei que você tem, sua bobinha, mas não sou burra o suficiente para acreditar que tenha sentimentos por mim, nem por mais um outro alguém que não seja o homem que você andou sussurrando e murmurando coisas desde que chegou aqui nessa manhã.

Pisco, sentindo o meu corpo ficar imóvel e um frio digno do pólo norte se apossar da minha carne.

— Não sei do que...

— Pode ir embora, apenas.

Suspiro e faço o que ela diz. Vou embora diretamente para o meu compromisso diário, mas antes lavo minhas mãos cheias de sangue de um inútil que não é inteligente o suficiente para abrir a boca e falar no momento adequado em que está sendo exigido.

Na minha moto vou para o hospital com as palavras da noite passada zanzando por minha mente, enquanto começo a ponderar o que ele disse. Não sei ao certo o que deveria estar pensando ou o que deveria decidir quanto aquilo, já que nunca passei por algo parecido, mas suas palavras foram o necessário para que eu ficasse bolando de um lado para o outro sob minha cama, enquanto mantinha meus pensamentos nas suas doces palavras.

“— Você está amando, Adiel?”

Não entendo como uma pergunta tão simples pode criar um significado tão grande. A maneira como uma palavra pode deixar uma assassina sem sentimentos completamente paralisada e com o coração acelerado.

“— Completamente. Nunca pensei que iria me interessar por alguém, mas ela caiu de paraquedas na minha frente e desde então, meu coração palpita sempre que a vejo.”

O sorriso nem ao menos evita os meus lábios, quando relembro da sua resposta. Estou virando uma romântica e deixando de lado a minha atuação assassina? Quem é a mulher que mata sem nenhuma piedade? Estou me transformando em quê?

Palavras saídas da boca daquele homem, eu sei que não são vazias, porque ele nunca falaria algo que realmente não quisesse falar. Isso não faz parte dele como um todo, sendo quem realmente é: honesto, compreensível, doce, rusticamente sexy e sem esquecer das suas altas doses de generosidade.

Suspiro à medida que me aproximo do hospital e já consigo avistar o cabelo negro sedoso e o corpo esguio magro do meu oponente. Certamente já deve estar

ciente do sumiço do seu companheiro, todavia não me rende muito interesse saber o que ele pode estar achando, já que meu nível de irritação só triplica a cada instante do dia com esses malditos no meu encalço. Não tenho nenhuma intenção de fazer isso fácil para eles, afinal essa é uma escolha deles. Devem saber quem sou e o que faço, logo não terei nenhuma culpa correndo por minha mente com o que estarei levando para suas vidas.

Culpa e amor.

Amor e culpa.

Duas palavras tão diferentes e que estão de intrometidas na minha vida fria e sem grande significado. Há alguns dias estavam extintas do meu vocabulário, mas agora parece que tudo está mudando e tudo isso graças ao anjo rústico, que não deveria possuir tanta importância, mas que está se tornando um algo a mais que desejo manter acima de qualquer coisa. É o meu coração o culpado disso tudo, uma falha maldita que não deveria estar aqui comigo, mas que continua sendo mantida por muito tempo e que estranhamente não desejo que essa falha seja consertada, porque os sentimentos que estão surgindo no meu peito estão sendo cada vez mais gostosos de serem apreciados e não desejo que eles sumam como se fossem nada.

Deixo minha moto estacionada no seu local habitual e com meu capacete no meu braço, encaminho-me para dentro. Ao passar por ele, vejo que baixa sua cabeça, mas seu olhar segue meus pés com atenção e é isso que me faz parar ao seu lado com um sorriso semi revelado e o olhar afiado.

— Cuidado quando estiver virando a esquina. Nunca se sabe de onde vai surgir um assassino com uma pistola destravada em mãos – sussurro e o observo girar sua cabeça na minha direção lentamente, como um psicopata com tudo calculado faria, como eu faria se tivesse escutado essa ameaça. Ele sorri arrogantemente e eu revelo um largo sorriso desta vez, enquanto pondero a situação que tenho nas minhas mãos. — É um alerta de uma boa pessoa. Lembre-se.

Sorrio de forma que ele possa escutar, antes de entrar definitivamente no hospital.

Encaminho-me diretamente para o banheiro mais próximo para que eu possa trocar de roupa, enquanto meu coração permanece palpitante com a ameaça pungente de perigo. Ao que eu pude observar ele não é um panaca sem noção como os outros que enfrentei até agora e isso é bom, talvez eu tenha um pouco de emoção na batalha que enfrentarei para conseguir arrancar sua cabeça.

Visto minha roupa de enfermeira e junto da roupa, minha personagem Zayxa, a fofa do hospital. Preciso respirar fundo antes de sair desse banheiro buscando o controle necessário para o caso de encontrar Milena. Acho que

diante a tudo que tenho passado esses dias, a coisa mais difícil de todas é suportar o desejo que tenho de acabar com Milena. Quanto mais dias passam, mais ela pensa ser melhor que todos do hospital e isso tudo porque namora um carinha qualquer que se diz médico, mas que eu nunca vi fazendo nada de mais produtivo do que apenas estar andando para lá e para cá desfilando como um modelo, que com certeza ele não é.

Preciso restringir a forte vontade que tenho de apenas desistir de tudo e apenas destruir todos desse maldito local, mas agora nem que eu pense em desistir de descobrir, não poderei cumprir com o que desejo, afinal existe uma outra pessoa envolvida, uma que eu quero proteger e manter, logo se eu desisto do meu propósito, então terei de desistir dessa pessoa e eu não estou disposta a isso agora. Nunca pensei que esse sentimento mencionado por ele fosse tão complicado, confuso e ensurdecedor. Sinto como se estivesse completamente impossibilitada de exibir meu lado perverso, cruel.

Quando enfim estou na sala em que estou continuamente ocupando com Eliza, encontro-a sorridente enquanto afere a pressão de uma mulher. Trocam sorrisos, mas nenhuma palavra pode ser ouvida vinda das duas e isso é o que me faz arquear as sobrancelhas, ao me dirigir completamente para à cadeira onde fico sentada aguardando instruções.

— Zayxa, você pode entregar essas fichas para o doutor Adiel?

Pisco, analisando a sua intenção por trás desse pedido. Não me passou despercebido o fato de que ela ainda sorri de maneira zombeteira mesmo depois que me levantei e peguei as fichas. A mulher desviou o seu olhar para mim e esse foi o olhar mais suspeito desse dia. Ela me encara como se me questionasse, como se ponderasse quem sou e o que faço por aqui. Está tão zombeteira quanto Eliza.

Meu olhar severo sob ela não mudou nem quando estive na porta pronta para sair. Meu instinto gritava para que eu permanecesse ali, mas se eu tinha um trabalho a fazer, então que fosse feito logo. Saí dali, fechando a porta logo atrás de mim e o meu pensamento não mudou enquanto me dirigia até a sala de Adiel, o homem que desde o dia anterior eu não tinha visto e que até aquele momento, ignorei todas as chamadas e mensagens por simplesmente não saber o que dizer.

Até tentei responder alguma coisa, mas minhas mãos tremiam e eu não conseguia formular uma resposta coerente para aquilo. O que eu poderia dizer?

“Oh, sabe aquele sentimento? Então, eu não acredito que ele possa existir, mas agora minhas mãos estão tremendo e talvez, eu esteja em dúvida e acreditando possivelmente que ele exista, então... desculpa!”

Nunca que eu enviaria isso, nunca que eu diria isso, afinal ele não sabe que o escutei dizer aquelas palavras, logo não posso ir abrindo o fato dessa forma na

frente dele.

Abro a porta do seu consultório e entro, encontrando-o sorridente conversando com um homem que está na sua frente, um paciente. Mordo meu lábio inferior, ficando atrás da cadeira do paciente enquanto observo Adiel transcrever algo na folha de receita.

— Você não faz ideia que desde esse dia eu sofro por essa mulher! Ela me deixou no inferno e eu quero que ela viva nesse inferno também.

Arqueio minhas sobrancelhas ao escutar essa declaração vinda logo de um paciente. Ele está aqui para o que? Confessar o amor dele ou para se consultar sobre alguma doença?

— Não faça isso, por favor. Nada se resolve com vingança, homem – diz Adiel escrevendo algo em uma folha, antes de levantar seu olhar para mim e piscar um olho, mas eu percebo claramente nas suas feições o quão desconfortável está.

O paciente ri alto, jogando sua cabeça para trás e é esse exato momento em que sinto todo o meu corpo paralisar, assim como o meu coração que parece querer falhar. A palidez toma conta do meu rosto, quando o olhar do homem cruza com o meu e só então, o sorriso dele se alarga mais ainda, deixando o ambiente mais celestial se transformar na pior podridão do mundo inteiro.

— Você não acha que quando uma mulher fere os sentimentos de um homem, ela deve pagar tão caro quanto ele, enfermeira? – pergunta antes de rir alto mais uma vez.

— Eu acho que você está no lugar errado. Não deveria estar se consultando com um psicólogo? – pergunto me arrastando de detrás da cadeira em que ele está sentado para o seu lado e então, estou me colocando ao lado de Adiel, por trás da sua mesa.

Ele acompanhou todo o meu movimento com o sorriso arrogante e cheio de si ainda implantado nos seus lábios.

— Oh, não. Só sou um homem que gosta de justiça e que preciso de remédio para dormir, já que o fato dela ter bloqueado meu dinheiro e de ter afastado todos os meus funcionários, deixando-me em uma situação bastante complicada com meus superiores, tirou completamente o meu sono por dias. Acho que ela deve sofrer da mesma forma.

Travo minha mandíbula sentindo que vou acabar o agredindo aqui na frente de Adiel, mas tenho que me controlar. Inconstância não me levará para lugar algum, preciso me lembrar disso.

— Se ela fez isso, com certeza você fez algo para provocá-la.

Ele ri mais uma vez e o meu controle escorrega quando vejo uma pistola na sua cintura, revelada porque é idiota o suficiente para deixá-la tão visível ou ele

está fazendo isso de propósito para me causar medo, para me deixar em uma saia completamente justa. Está assumindo o controle, quer me controlar, ameaçar... se eu deixar que ele permaneça assim, então vai ser pior mais tarde.

— Ela vai pagar por tudo o que me fez até hoje, garantirei isso. Quem em seu estado de juízo perfeito nega um relacionamento sério para um homem sensato, sério, rico e maligno como eu?

E mais uma vez ele ri sacudindo sua cabeça e eu considero que a melhor coisa a ser feita, é responder a sua altura, considerando uma nova história, porque se ele revela meu nome verdadeiro e a minha profissão, estou completamente ferrada. Ele para de sorrir e volta a me encarar, levanta seu dedo indicador e aponta para mim.

— E eu sei que ela adora um homem maligno e perigoso. Qual o defeito que tenho?

Foi a minha vez de sorrir colocando as fichas sob a mesa de uma maneira nada educada e controlada.

— Você é um psicopata que se não se retirar dessa sala nesse exato momento, acabará perfeitamente ferido e adequado para esse ambiente.

Ele ri novamente mostrando o corte na sua gengiva feito por mim, quando tentou me agarrar a força. Pensou ser um assassino profissional por ter recebido mais de cem propostas naquele ano e acabou com um falso sucesso subindo desproporcionalmente por sua cabeça. Achou que poderia possuir tudo, mas errou a me comparar com as demais.

— Uma enfermeira deveria ameaçar dessa forma um paciente? Estou me sentindo profundamente magoado e lesionado nesse momento – diz olhando para Adiel, que deve estar confuso com minha atitude, mas nesse momento tudo o que ele não necessita é estar em frente à esse maníaco.

— Ficaré se não sair daqui agora mesmo. Não costumo dar três avisos.

Ele gargalha encostando-se contra a cadeira e cruza suas pernas, encarando-me com atenção.

— É isso que eu gosto em você. – Suspira sacudindo sua cabeça. — É uma pena que vai se arrepender pelo caminho que está traçando.

Pisco saindo de detrás da mesa e então me dirijo para o seu lado, encarando-o com o meu mais severo olhar, enquanto ele só aumenta o seu sorriso.

— Você não pode fazer nada comigo aqui dentro. O que seria da enfermeirinha Zayxa... Zaeyxa... afinal, como se pronuncia esse nome? Que ridículo!

Sorriso dando mais dois passos e então, estou me colocando perto o suficiente para lhe causar uma boa onda de arrependimentos.

— Eu só preciso de três segundos para terminar com a sua estadia aqui e você deve possuir um pouquinho de intelecto para saber que eu não hesitaria apenas por estar no meu local de trabalho.

Sorrio largamente, quando ele aproxima o rosto dele do meu.

— Recue e trabalhe comigo ou isso aqui não terminará bem para você, tampouco para o borra bostas que você protege.

— Você está sendo convidado a se retirar desse consultório por sua vontade ou, eu terei de chamar os seguranças daqui para o fazer. Você decide – rosna Adiel, fazendo com que o meu olhar se desvie para o seu rosto vermelho, enquanto ele respira pesadamente ao encarar o maldito que sorri aqui na minha frente.

— Poxa, por que está falando assim comigo? Pensei que éramos amigos.

Ele observa Adiel e se descuida do seu pescoço completamente revelado para que eu o abarque com força o suficiente para prender o ar do seu pescoço.

Levanto-o mantendo meu aperto no seu pescoço e o encaminho para fora da sala, mantendo meu olhar no dele, enquanto o arrasto em direção a saída.

— Enfermeira Zayxa, o que você está fazendo?

— Ei, ei, ei! Merda, Zayxa solte-o!

— Oh, o que ela está fazendo?

Os murmúrios continuam à medida que me aproximo da saída. Ele sorri preso pelo meu aperto e considero terminar com a sua maldita existência, mas eu não posso, porque eu teria dezenas de testemunhas e acabaria sendo condenada por causa desse maldito.

— Você pensa que está no controle, não é? Espertinha, espertinha! Esse é o meu aviso para você. Se persistir em me sabotar, vou acabar com você!

As faíscas de ódio que ele me lança não me afetam de forma alguma, mas o aperto que tenho ao redor do seu pescoço é o suficiente para que ele tenha em mente o que acontecerá com ele no exato momento em que eu estiver destruindo cada cantinho que ele está levantando, cada assassino que mandou acabar comigo.

— Você começou com isso aqui, então lide com o que virá. Ou você é um perdedor baixo o suficiente para não conseguir lidar quando está perdendo uma batalha?

— Sua desgraçada!

Sinto uma mão sendo colocada sob o meu braço e ao olhar de quem é, sinto que posso morrer, porque se eu deixar algum sentimento ser transbordado nesse exato momento é o certificado de morte para Adiel, mas ele não disposto a deixar isso fácil, porque logo está rodeando minha cintura com o seu braço e tenta me afastar.

Ele tenta, mas é outra pessoa que empurra Júlio Descartes das minhas garras.

Esses malditos!

Enquanto estou segura pelo aperto de Adiel, o mesmo homem que ameacei mais cedo, que está vestido de médico somente para me observar, encurrala Júlio contra a calçada antes de o chutar e o afastar como se não fosse nada. Contudo, esse maldito ainda me encara, nos seus lábios há um sorriso e o seu olhar é tão perverso que juro ponderar jogar tudo aos ares somente para o eliminar agora mesmo.

Travo minha mandíbula, quando sou virada bruscamente e arrastada para dentro do hospital, sendo alvo de diversos olhares chocados e cheios de pavor, seja de pacientes, enfermeiros ou médicos. Se eu me importasse com isso, provavelmente estaria querendo realmente morrer, mas tudo o que ronda a minha mente agora é o fato de que Adiel possa estar pensando ou no que eles falaram antes de que eu entrasse ali.

A pior parte desse trabalho é que fiquei sentimental demais e que, por uma forte onda de desgraça do mundo, posso estar apaixonada por esse que me segura e esse fato é ainda mais perigoso para a sua saúde e bem-estar, porque meus inimigos não estarão satisfeitos até que eu esteja sob a mira das suas armas. Bem, desde o início esse lugar não foi seguro para mim, mas mesmo assim persisti e agora, quem eu tenho no meu coração está em perigo e se não está, mais cedo ou mais tarde ficará.

Adiel me conduz até o seu consultório e quando estamos dentro com a porta fechada, ele me solta e me vira, deixando-me de frente para ele.

— O que foi isso que aconteceu aqui? Vocês se conhecem?

Pisco considerando o que eu devo dizer. Olho no fundo dos seus olhos, abstraindo a confusão que está acontecendo nas suas feições.

— Estou pedindo afastamento do hospital hoje mesmo.

Ele franze sua sobrancelha e solta seu aperto dos meus braços. De tudo, eu acho que isso foi o que mais me doeu agora, mas infelizmente não posso fazer mais nada para mudar o que vai acontecer agora.

— O que? Por que? Ele te ameaçou?

— Adiel, essa é uma parte de mim que eu não quero que você descubra. É para o seu bem, desculpa.

Quando tento passar por ele novamente, sua mão volta a agarrar o meu braço, mantendo-me perto dele e impossibilita que eu saia rápido o suficiente para acabar com Júlio.

— Me explica o que está acontecendo, Zayxa. Eu não sou um desconhecido na tua vida e espero um mínimo de consideração, já que a nossa relação está em

um patamar muito maior da relação entre médico e enfermeira.

Balanço minha cabeça sentindo uma leve dor, devido a todo o estresse que o maldito do Júlio estabeleceu na minha vida agora, mas ele vai pagar muito caro por isso.

— Você só precisa saber que ele faz parte de um passado que eu quero enterrar e você é o meu... futuro. Quero mantê-lo intacto, entenda quando eu disser que é perigoso e que vou lidar com isso, por favor.

Adiel suspira afastando mais uma vez o seu aperto do meu braço.

— Ele é algum ex namorado?

— Não, ele é apenas um psicótico.

Adiel analisa meu rosto como se duvidasse do que digo e isso me faz arquear minhas sobrancelhas.

— Por que ele quer que você trabalhe para ele?

— Mantenho minha resposta anterior.

Ele sorri e se afasta passando por mim e então, se senta na sua cadeira.

— A mulher que ele estava falando...

— Sou eu.

E eu juro que ele vai pagar por estar fazendo isso comigo agora. Juro que ele vai sofrer e se arrepender por tudo que me fez e que está me fazendo passar agora. Tento respirar direito, mas o olhar duvidoso de Adiel me tira realmente do eixo e eu não poderia calcular que algo assim poderia me acontecer. Por que a dúvida no olhar dele está me enlouquecendo? Por que sinto vontade de me ajoelhar e explicar toda a verdade? Por que o simples fato de eu não poder compartilhar isso com ele está me deixando doente por dentro? Por que estou com vontade de chorar por isso?

— Ok, Zayxa. Faça como quiser – diz e volta seu olhar para a tela do seu computador e em segundos, um paciente empurra a porta e entra.

Ele não volta a olhar para mim e sem conseguir calcular um segundo passo, então me viro e saio, adotando esse como o caminho menos complicado a ser percorrido.

As pessoas ainda estão interessadas em saber o que está se passando, mantendo seus olhares persistentes sob o meu rosto à medida que me afasto até a sala da enfermeira chefe a quem desejo conversar no momento. Eles cochicham e permanecem dessa maneira à medida que me encaminho até lá. Pode parecer ridículo da minha parte o fato de que esses olhares não me incomodam tanto quanto a indiferença final de Adiel, mas quem se importa em parecer ridícula aqui, não é? Atualmente tudo o que tenho feito é bancar esse papel de ser ridícula com tanta veemência perante aquele homem.

Preciso respirar fundo continuamente para não acabar me virando e mandar

todos esses idiotas para o mais profundo inferno, mas não posso estar lidando com isso agora, porque tenho uma conta muito cara para acertar com Júlio e não posso deixar para depois.

A sala em que Bell costuma ficar está silenciosa demais para um local em que acabou de acontecer uma confusão para causar péssimos rumores sobre o hospital e tudo graças a uma enfermeira, mas não estou aqui para me importar com isso, tampouco para pedir por misericórdia, afinal isso nunca fez o meu estilo em nenhuma das personagens que fui obrigada a vestir. Abro a porta e quando tenho uma ampla visão do local, não sei o que me abate primeiro: a surpresa ou o assombro. Bell está ajoelhada limpando um ferimento inexistente no rosto do mesmo homem que interrompeu o meu enfrentamento com Júlio há poucos minutos. Ao entrar e fechar a porta, deixo que um alto som verbere pelo local ao fechá-la, assim consigo a atenção dela que me encara com os olhos arregalados, antes de soltar o algodão no chão e se aproximar de mim, mas não perco o olhar que ele lança diretamente para ela, quando ela toma esse movimento.

— O que você pensa que estava fazendo?

Suspiro, vendo-o sorrir suavemente encarando as costas dela.

Muito interessante, senhor.

— Estou pedindo demissão e não tenho explicações para dar, logo você pode estar guardando os sermões para aqueles que trabalham por aqui. Estou comunicando que estou saindo e que não voltarei.

Arqueio minhas sobrelanceiras quando o vejo sorrir descaradamente por trás dela e tento do fundo do meu coração reprimir a vontade que sinto de acabar com esse maldito hospital como planejei desde o início, mas permaneço da mesma forma de sempre, com o meu controle intacto e a vontade mais controlada ainda, mas eu sei que não persistirei assim por muito tempo se eu continuar aqui, então é por esse motivo que saio dessa sala e me dirijo rapidamente para o vestuário onde deixei minhas coisas, para que só então eu possa sair daqui, mas como hoje a sorte não está do meu lado direito é certo que Milena necessita aparecer na minha frente para dificultar ainda mais a minha saída por mais discreta que eu desejasse que fosse. Ela exhibe um sorriso arrogante que só quero arrancar com minhas próprias mãos. É um sonho, algo que talvez nunca seja realizado, mas anseio pela chegada do dia em que estarei arrancando todos os dentes dessa mulher. Imagino que será algo a ser agraciado por todos os deuses do mundo.

— Sempre soube que você escondia algo...

— Ai, Milena, agora que você sabe que não tenho medo de nada, ainda permanece aqui na minha frente? Sabe que acabei de pedir demissão e que

significa que nada me impede de te fazer implorar por misericórdia?

Está na minha frente, bloqueando minha passagem para a parte de fora desse lugar, enquanto tento pensar em uma maneira de afastá-la definitivamente da minha frente sem que eu acabe comprometida.

— Acha que tenho medo de você?

— Acho que para o seu bem é melhor manter distância de mim. Nunca queira conhecer uma mulher mais cruel que eu. É um aviso, fofa.

E sem esperar uma réplica sua, a empurro, fazendo com que caia no chão e sem me importar com seus gritos desaforados, tomo meu caminho para a saída e dessa vez não encontro mais nenhum obstáculo para sair daqui. O mais rápido que posso, monto na minha moto e ao conseguir liga-la, olho minuciosamente pelo local e em um ato de descuido consigo capturar a imagem de um carro parado do outro lado da rua. Apesar de ser novo, os vidros escuros e a marca de uma longa raladura na sua porta direita me dão a indicação de que, talvez, aquele possa ser um perseguidor. São anos e anos de prática para saber quando estou sendo observada e esse é um desses momentos. Não tem a ver com um sexto sentido ou com uma suposição, afinal que carro normal estaria ligado e com os vidros mais escuros que o permitido parado do outro lado de uma rua. Alguém que não tivesse a experiência que tenho, estaria afirmando que é só uma pessoa qualquer esperando outra pessoa qualquer, mas julgando a visita abrupta de Júlio e aquela mulher estranha conversando com Eliza mais cedo, me dão a certeza concreta de que não estou errada.

Coloco meu capacete e dou a largada para sair daqui. Pelo meu retrovisor, vejo o carro se movimentando lentamente. Se ainda existisse um fio de dúvida dentro de mim, ela acabou de ser apagada fortemente. E eu odeio Júlio por mais essa, dificultando a minha vida, enquanto que necessito pensar na minha próxima estratégia.

Acelero com toda a determinação que tenho e me encaminho para a avenida mais movimentada da cidade, onde os despistarei, mesmo sabendo que não será uma tarefa fácil de ser feita e cumprida.

Júlio pagará por cada coisa que está me fazendo ou não me chamo Íris Sensit.

Capítulo 40

Íris Sensit/Zayxa

No primeiro cruzamento sem sinalização que encontrei à frente, consegui despistá-lo, o que me deu tempo o suficiente para me deslocar até o esconderijo de Vilk Jane e, ao chegar, tive a falta de sorte de encontrar um dos assassinos do sistema comprando armas e mecanismos de Vilk, essa que parecia estar inocente na questão, vendendo tudo com um sorriso pleno nos lábios. Recebeu uma maleta preta, que quando a abriu para conferir pude perceber a quantidade de notas de dinheiro que nela continha. Por um momento, pensei que poderia rosnar alto o suficiente para que me descobrissem ali, mas consegui me segurar por tempo o suficiente para que isso não fosse revelado diante a todos, porque certamente eu estaria em desvantagem.

Um suspiro resignado foi a única coisa que consegui soltar, enquanto as negociações continuavam. Pensei que duraria horas, mas para minha sorte, alguns minutos depois da minha chegada, eles estavam finalizando aquilo que foram cumprir e eu agradeci mentalmente a algum Deus que pudesse estar me olhando do céu. Só após a saída de todos que pude revelar minha presença, causando um pequeno susto em Vilk que não suspeitava que eu estava ali, mas eu estava furiosa e enérgica demais para lhe enviar alguma coisa diferente de raiva e grosserias.

Júlio esteve no hospital, comprometeu minha posição, meu disfarce e o meu relacionamento, o que vai retornar triplamente ainda mais pesado na sua direção, porque não estou aqui para ser piedosa, afinal na minha língua isso nunca existiu e não seria agora que começaria a existir, mas precisei parar um pouco para refletir, enquanto Vilk tenta arrancar de Kaique alguma coisa plausível que eu possa usar contra Júlio.

Mesmo sentada em uma das cadeiras dessa saleta a observando tentar arrancar alguma informação de um homem maldito como ele, ainda me sinto confusa e um pouco perdida, porque realmente não tenho ideia do que posso estar usando contra ele, já que pelo que pude perceber bloquear os bens que ele possui não foi o suficiente para que fique quieto e não sei como ele descobriu, tampouco como sabe meu nome de disfarce. Isso está cheirando muito mal. Os acontecimentos dessa manhã continuam a voltar para a minha mente, principalmente os suspeitos, que começa naquele homem que lembro estar junto com esse tatuado amarrado nessa cama.

O que eles podem desejar de mim? Para quem estão trabalhando? Por que

aquela abordagem ridícula naquele café? E por que estavam tão descuidados naquele sinal, claramente à minha espera? Eles sabem quem eu sou, sabem o que faço e usaram de um dos meus casos para se aproximarem.

Algo está terrivelmente errado e necessito descobrir o que é.

Encaro Kaique e, ao observar seus olhos semicerrados casados, vejo a semelhança que tanto possui com Adiel. As pesquisas que fiz sobre ele, fazem sentido sob minha mente, tudo sobre Kaique se torna cada vez mais pulsante e a ligação que possuem.

— Você é o irmão de Adiel, não é? Por isso estava na entrada do condomínio aquele dia.

A sua resposta é um arregalar de olhos e isso é tudo o que preciso.

Já sei da resposta, já sei que essa é a verdade.

No dia em que o vi dentro daquele táxi, a verdade caiu como um véu sob meus olhos. Li tudo sobre Adiel, sei quem são cada um deles e, Kaique possui muito em comum com Adiel, além de um sumiço inexplicável após a morte dos pais.

De repente esse lugar se tornou mais sufocante que os demais. Sinto que posso estar desmaiando a qualquer instante caso eu não saia correndo. Considero que a opção mais aceitável para agora é me levantar e sair daqui, indo diretamente para a parte de fora, onde a pouca movimentação está me dando um pouco mais de paz.

O sol nesse horário parece estar mais quente que o seu normal, tão diferente e com um possível anúncio de que algumas coisas não estarão dando certo mais tarde. Tércio acredita piamente em crenças como essas e eu não tinha pensamentos parecidos como esses, mas agora isso até parece um pouco considerável. Tenho muitas questões para serem resolvidas, mas até mesmo um homem vestido como um belo empresário e com o seu olhar severo cravado na tela de um celular chama minha atenção, porque tudo está muito fora do habitual para ser considerado apenas uma coincidência. Sinto correndo na minha pele um pressentimento forte e dolorosamente rasgante que estou indo diretamente para os braços de uma possível armadilha, porque desde o instante em que ele esteve na minha frente pareceu como se aquilo fosse um aviso do fim. Chega a ser ridículo que eu me prenda a coisas pequenas e tolas como essas, não é? Eu sei e é por isso que não consigo simplesmente parar o sorriso amargo que sai por meus lábios, quando paro meus movimentos.

Ao subir meu olhar, a primeira coisa que sou capaz de captar é uma limousine preta muito conhecida. Foi a mesma que parou e resgatou a mim e a Tércio dos braços de um mundo que poderia não ser tão feliz, mas com certeza não seria tão escaldante e fervente como o que ele nos entregou. Agora pode não

ser o fim, mas com certeza será o segundo aviso da sua proximidade.

Permaneço parada, porque sei que ele virá até mim como sempre fez quando necessitava dos meus serviços sujos, mas dessa vez algo a mais estará sendo jogado nas minhas mãos. E como eu imaginava, o carro se aproxima lentamente na minha direção e assim que está ao meu lado, para. O homem que passou por mim há poucos segundos, logo está na minha frente. Coloca sua mão na base da minha coluna e me empurra até que eu esteja indo diretamente para a porta da limousine. Seria um cinismo sem tamanho vindo de mim, se eu não sorrisse de uma situação tão idiota como essa, porque estou vendo que nem o local que eu imaginava ser o mais seguro, agora parece não ter tanta segurança assim.

O homem abriu a porta, revelando o rosto do segundo pior homem que se pode existir no mundo. Não é o mesmo que me jogou nas profundezas do inferno, mas esse é considerado ainda pior, porque ele é o “*coxinha*” que apenas ordena. Ele sorri mostrando os dentes amarelados e com pequenas massas nas junções de cada um e creio eu que seja resultado dos fedorentos salgadinhos de milho que tanto consome. Quando entro no veículo e me sento no banco de frente para ele, o cheiro impregnado aqui faz com que eu entorte o meu nariz.

Tão insuportável quanto quem está aqui na minha frente sorrindo.

— Quanto tempo, Sensit.

Pisco sem conseguir compreender o que ele quer me chamando assim, afinal nunca tivemos intimidade o suficiente para que o permita me chamar pelo sobrenome. Deveria tomar o seu lugar de pau mandado e apenas ficar quieto, mas acima de qualquer um desses meus questionamentos está o principal de como ele me achou aqui.

— O teu cargo caiu muito desde a última vez que nos vimos, não é? Virou perseguidor?

E como sempre, de uma forma que detesto profundamente, ele ri e para que ele ria, sua boca se abre e dela sai um forte odor, como se algo estivesse podre dentro dele e essa é a questão que mais me aborrece. Por mais que procure ser um homem bem vestido, nunca conseguirá alcançar um nível sério de mafioso. Deveria desistir, porque isso não combina com ele por mais que tente. Calça social cinza com farelos de salgadinho de milho em cima dela, camisa branca suja de algo que acredito ser chocolate ou café, e terno com mais farelos amarelos. Sinto a paciência escorrer por cada poro, mas juro que tento me manter controlada.

— Não tenho culpa se você não presta atenção nas suas coisas. Você sabe... uma moto abandonada pode ser alvo de alguém mal-intencionado o suficiente para colocar um rastreador.

Eu deveria o esmurrar até a morte ou deveria fatiar cada pedacinho dos seus dedos e língua? Escolha difícil, eu sei e vai ser um pouco difícil demais para que eu apenas consiga fazer com que ela se esvaia.

— Soube que você agora é enfermeira... parabéns, parabéns.

Essa é a minha vez de sorrir, olhando para a sua cara de pau. Considerando que do lado de fora tem um engravatado e aqui dentro pode conter apenas um motorista, eu poderia sair dessa após matá-lo se eu trancasse o carro e conseguisse destruir o motorista, mas essa barra de proteção atrás do banco dificultaria meu trabalho e pode haver mais seguranças do lado de fora.

Acho que estou realmente começando a acreditar nessas crenças do Tércio.

— Você sempre foi assim, nunca teve nada de humor dentro de si. O completo oposto do outro, por isso gosto de você.

Ele ri novamente e eu permaneço séria considerando quem pode ser esse “outro” que ele mencionou. Julgando o quão frouxo pode ser, não seria difícil fazê-lo falar tudo que necessito saber, mas essa é uma batalha que não pode ser jogada nesse instante, porque eu estaria em desvantagem.

— Bem, como tenho negócios para tratar vou direto ao ponto.

Juro que eu poderia levantar e cantar abertamente só por ele tomar a única decisão sensata desde que nasceu. Esse cheiro e a imagem dele na minha frente estão me irritando mais que o normal. Esse ambiente me deixa sem ar e quando me sinto assim, a única coisa que sinto vontade para fazer é destruir algumas cabeças e a dele, como é a única ao meu alcance, seria a primeira.

— Fiquei sabendo que recusou a proposta de se aliar com Júlio. Você deveria aceitar, já que trabalha para mim. É perigoso para o nerd que você protege estar querendo tomar as rédeas da situação. — Ele respira fundo antes de olhar nos meus olhos e continuar. — Para começar, nem sei porque você foi permitida a estar nessa posição. Mulheres sempre dão trabalho, além de serem sentimentais por natureza.

Fechei minhas mãos e com a sua última frase considerei jogar tudo para o ar e apenas descarregar todo o meu ódio nele, mas preciso deixar claro dentro de mim que estou em desvantagem e que eu acabaria me colocando em uma força desnecessária, caso aderisse meus instintos.

— Mas, você sempre fez tudo direito e sempre foi a mais meticulosa dentre todas as outras assassinas que tenho, só que agora está indo longe demais com Júlio e estou aqui para deixar claro que como minha assassina, você deve fazer o que mando. E como sei o quão obediente é, estarei no aguardo para as novidades do que os dois podem fazer.

Bem, agora posso estar mais descontrolada e com mais falta de ar do que eu já estava no instante em que me sentei nesse banco maldito e acho que posso

matá-lo engasgado com a própria saliva e sem ninguém perceber, se eu realmente me dedicar a isso.

— Mas você entende que o que fez não pode ficar gratuito, então aceite o seu castigo e não faça jogos difíceis, ok?

Considerarei rir alto, mas no mesmo instante restringi essa consideração e senti que meu corpo poderia pegar fogo, porque o sentimento de ódio estava me consumindo a cada palavra produzida e jogada como ele estava dedicado a fazendo comigo.

Desce o seu olhar para a gravata e começa a alisá-la.

— Não ouse com nenhuma gracinha, porque não estou com muito tempo para brincar.

Ele termina de falar e eu me inclino para a frente com um sorriso sarcástico que nunca seria capaz de controlar. Ele me empurrou pela borda e agora está tentando me cozinhar em um caldeirão fervente me fazendo de sua escrava, sua propriedade.

— Marinho, Marinho... Malaquias morre e o ratinho aqui faz a festa, não é mesmo? — Sorrio, encostando-me novamente contra o banco do veículo recebendo o seu olhar semicerrado cheio de ódio e que me motiva a colocá-lo no seu devido lugar. — Você pensa que eu sou sua, que pertencço a você? Você pensa que manda em mim? Você se ilude com o pensamento de que Malaquias um dia teve controle sob mim ou que alguém pode ter isso? Então, acho melhor você considerar melhor tudo que acabou de dizer, porque tenho certeza que não sabe do que sou capaz e do quão fria posso me tornar.

Gosto da expressão que exhibe agora e não poderia esperar nada menos vindo de um alguém como ele. Surpresa e medo. Posso apostar que se arrepende por não trazer algum dos seus para ficar no carro junto dele.

— Tão descuidado pessoalmente, mas de longe é tão perigoso. Inacreditável.

Sorrio balançando minha cabeça e me inclino novamente com a intenção de sair desse carro, mas um pensamento me bate imediatamente. Se ele está aqui agora me obrigando a ficar do lado do Júlio, isso quer dizer que eles estão juntos e que os ataques e perseguições têm a ver com ele também. Ou seja, ambos têm que pagar pelo que me fizeram desde o início.

— Por que me mandou para o hospital? Por que me mandou matar Teófilo? Ele está pálido e essa é a minha primeira confirmação.

— Por que você estava me seguindo aquele dia, quando saí para correr? — Ele semicerra os olhos e eu sorrio novamente, mostrando-o toda a minha segurança, além do meu alto nível de presunção. — No meu antigo prédio. Tenho certeza que era você, conheço esse carro perfeitamente.

Ele sacode sua cabeça negativamente e eu arqueio minha sobrancelha.

— Essa é a primeira vez que eu venho até você desde o nosso último encontro em Milão.

Marinho deve passar por uma sessão de tortura básica para que eu receba respostas, porque não me sinto nada satisfeita estando aqui e apenas confirmando pelas reações do seu rosto. Se não era ele, poderia ser Júlio, então?

— Você mandou que me perseguissem, que ficassem na minha cola me observando. Por que?

— Iss... Isso não foi eu... f-foi J-úlio.

Pisco, mordendo meu lábio inferior e apoio meu joelho direito no chão, enquanto o observo afiadamente. Estar aqui olhando para ele e de tão perto está realmente me deixando tonta, devida a minha falta de ar e é exatamente por isso que abro a porta e saio sem um segundo aviso, porque tudo que escutei até aqui foi o necessário para que eu tome a linha dos planejamentos para os meus passos seguintes, excluindo temporariamente o fato de que Teófilo não é uma vítima e que está no meio de toda essa lambança, mas acontece que ele não é a prioridade do momento e não estou aqui para trazer o resto à tona.

Passo pelo segurança vestido alinhadamente e caminho por essa calçada até que estou de frente para minha moto, estacionada em cima da calçada perto do muro e mesmo que eu não seja a melhor das pessoas para localizar rastreadores é nítido para qualquer um a luz vermelha piscando na placa dela e eu não sei como eu pude não perceber que estava ali.

Bufo sentindo que as coisas não acabaram por aqui e que ainda estarei me deparando com mais coisinhas no decorrer do dia e sei que não estou errada, porque o barulho de coisas quebrando do lado de dentro da casa me fazem correr para dentro, somente para ficar ainda mais chocada com os cinco homens de terno com espadas em punho lutando contra Vilck que por mais que se esquivava dos lances, pode ser difícil de escapar, logo quando ela não tem como se defender já que está ali sem nenhuma arma, mas isso irá durar pouco, porque assim que avisto uma pistola caída ao lado da bandeja dos instrumentos de tortura que ela utiliza para interrogar Kaique, eu a pego e com cinco tiros elimino cada um dos engravatados covardes.

Foram cinco tiros certos, cinco mortes, cinco espadas caindo no chão, cinco estouros, cinco corpos sem vida e cinco balas perdidas.

Não estou satisfeita com nada, porque enquanto eu gastava essas balas, não consegui encontrar uma justificativa para que ele viesse logo hoje após o confronto que tive com Júlio.

— Preciso de algo contra Júlio e isso tem que ser conseguido agora mesmo. Seja por esses caras que você fez negócios, seja por Kaique. Eu não me importo,

só me consiga informações.

Apesar de estar ofegante, com gotículas de suor escorrendo por sua testa lisa, ela acenou e quando se levantou, vi um olhar sinistro enquanto se dirigia para o seu celular, que jogado no chão ascendia a tela, acredito que estava recebendo uma chamada, porque a careta que exibiu quando o pegou, causou uma série de arrepios no meu corpo. Por mais que o momento esteja dos piores, ela sempre será a mulher que estará sorrindo lindamente, mas não é isso que vejo no seu rosto agora e isso é o que mais me preocupa no momento. Ela atende o celular e o leva até o seu ouvido, mas não diz nada, aparentemente só escuta e assim permanece até que o tira do ouvido e o desliga. Encara o chão por alguns segundos antes de retornar o seu olhar para o meu rosto e a frieza que exhibe ali me faz ter a certeza concreta de que algo está muito fora do normal.

— Dois homens armados entrarão por aquela porta em um minuto. Os dois são seus, todavia desejo que um fique vivo. Se o que queremos são respostas, então ele será o homem que irá nos entregar – disse Vilck ao ficar de pé, largando o seu celular no mesmo lugar que estava.

Precisei apenas me virar, antes que a porta fosse aberta abruptamente por um invasor vestido da mesma forma dos demais, mas um deles não é tão diferente dos demais. É o mesmo homem que me trouxe o mau presságio, o mesmo que abriu a porta da limousine que Marinho estava, o mesmo que me entregará respostas o mais rápido possível, porque são elas que desejo.

Assim como os cinco que lutavam com Vilck quando cheguei, eles estão com espadas em seus punhos e enquanto isso, permaneço com uma pistola pesando na minha mão, logo esse será um jogo rápido em que só preciso levantar meu braço e gastar mais duas balas.

Na minha mente, imagino que uma música melancólica começa a soar no ambiente e é nesse instante que ambos avançam na minha direção. Preciso pensar em como farei para lidar com Marinho de mãos dadas a Júlio, necessito encontrar uma solução para o caso de Marinho acreditar que sou sua escrava e tenho de pensar em uma vingança completamente condizente com os danos causados até agora e é com a cabeça cheia de necessidades que levanto meu braço, miro na cabeça daquele destinado a morrer e aperto o gatilho, perdendo uma bala e liquidando com uma vida. O próximo, o que necessita estar vivo, vem logo após o corpo cair contra o chão e não necessito de um pensamento para que eu gaste outra bala, dando um momento difícil para o seu fígado, mas nem com ela quente no seu corpo, faz com que ele desista e então, vejo-me obrigada a gastar mais duas, essas destinadas as suas duas pernas, só assim para fazê-lo cair ao chão enquanto grita de dor.

Bem, se todos os meus problemas fossem resolvidos com um belo tiro, eu

não estaria com tantos, todavia isso não está indo para um caminho fácil, logo quando tenho Marinho contra mim. O fato do seu possível segurança estar aqui com uma espada na mão para me matar, é o necessário para que eu saiba que nossa relação está cortada e que ele só deseja me matar, assim como Júlio, já que sua oferta foi negada com sucesso.

— Ajude-me a limpar isso tudo. Vamos sair daqui imediatamente, já que fomos descobertas.

Viro-me em sua direção, vendo que injeta mais do remédio milagroso que faz Inseto e Kaique dormirem por horas a fio.

— Não vamos perder tempo com isso. Tire tudo que é importante e nos livraremos da casa, colocando fogo em tudo.

Ela revira os olhos e bufa antes de sorrir minimamente.

— As suas soluções são as melhores.

Pisco, encarando os rostos dos dois dormindo pacificamente enquanto VilK apenas acena.

— Não há nada de importante. Precisamos apenas tirar os três daqui.

Aceno guardando a arma no cós da minha calça.

Se é apenas disso que precisamos, então que seja feito.

De todos os locais no mundo, VilK tinha uma propriedade escondida no meio do mato, essa que fica coincidentemente perto do condomínio em que moro. O local é um vago e estreito galpão que coube os três homens desacordados e o carro, que roubamos para que chegássemos aqui, após colocarmos fogo na propriedade que VilK ocupava e na minha moto, que eu tanto amava e que por culpa de Marinho tive que me livrar, assim como roupas e bolsas, já que em qualquer uma delas poderia existir um rastreador implantado exatamente para aquilo.

Depois de comprar novos mantimentos, seringas, remédios e afins para a sobrevivência dos prisioneiros, deixamos no galpão e só então fomos para a minha casa, onde eu precisava pensar, porque essa dívida não estava sendo conseguida enquanto eu estivesse lá encarando a figura corpulenta dos três adormecidos.

Era tarde quando enfim conseguimos nos dirigir até lá e preferimos ir a pé, já que não poderíamos sermos pegos por alguma viatura caso o dono do carro o estivesse procurando. Eu estava cansada e precisava de um banho frio cheio de gelo para que eu conseguisse pensar melhor, mas assim que cheguei na minha casa a dor de cabeça que me rondava acabou me atacando drasticamente.

Minha casa estava destruída, Tércio estava machucado e Yanne furiosa. Arrumavam a casa, juntando o que tinha sobrado de intacto ali, mas poucas coisas estavam sendo aproveitadas. Os computadores de Tércio estavam destruídos na calçada da casa, as armas estão no mesmo estado do meu controle: destruídos.

Tudo jogado de qualquer jeito na minha sala e eu só desejava fazer o mesmo com Júlio e por Deus, eu faria tudo igualzinho com ele.

— Acho que eles tinham um mapa perfeito do lugar, porque não tinha como descobrirem o quarto das armas. Destruíram tudo e é uma pena que eu só pude ter dois deles nas minhas mãos. Uma pena... – disse Tércio ao jogar uma pistola quebrada contra a parede.

Estava furioso quando cheguei ali e aquela era uma face que eu não tinha visto muitas vezes e que eu não gostava de flagrar muito.

— Júlio declarou guerra?

Essa é uma guerra que ele nunca será capaz de ganhar e que mesmo que eu esteja em desvantagem no momento, ele estará sendo engolido por uma areia movediça sem nenhum tipo de piedade, assim que eu estiver frente a frente com ele.

Ele que se cuide... ou não.

— Você ainda tem o contato dos faxineiros especiais? – pergunto recebendo um sorriso arrogante de Yanne.

— Tenho certeza que eles não foram comprados por Júlio. Lembro que Phyl nunca foi um homem de escolher lados.

Aceno, a observando.

— Por isso que ele é a nossa opção do momento para que só então, possamos recomeçar.

Tércio acena antes de sacar o seu celular e eu apenas suspiro.

Preciso de soluções!

Capítulo 41

Íris Sensit/ Zayxa

A noite chegou e eu permaneço sentada na calçada da minha casa, tendo ao meu lado a companhia de Vilk, Yanne e Tércio que comem meus caros chocolates. Estavam guardados no fundo da geladeira, escondidos das suas garras gulosas, mas ao que posso perceber não estavam tão escondidos como eu imaginava.

Phyl chegou aqui poucos minutos após ser chamado, blindando sua fama e comprometimento de sempre. Não decepcionou ao trazer consigo tudo o que Tércio o pediu, mas infelizmente teríamos móveis novos a comprar, assim como algumas outras pendências, como armas que estou completamente sem, já que os invasores trataram de deixar todas as que eu tinha completamente fora de uso.

Enquanto ele está com seu pessoal arrumando as coisas, nós estamos aqui sentados. Observamos a movimentação fraca desse dia. Tércio se questionou por longos minutos como descobriram a localização dessa casa e como foram capazes de entrar sem que ele soubesse, já que não foi notificado de nenhuma movimentação após sua saída para uma breve caminhada com Yanne. Posso afirmar que achei estranho o fato de ele estar caminhando, já que depois que nossas torturas acabaram, ele está correndo léguas de exercícios, mas nesse dia ele saiu e posso apostar que tem o dedo de Yanne nisso e que ambos estão se acertando nesse relacionamento que começaram e que não botaram um ponto, tampouco uma vírgula até agora, mas não serei eu a estar os pressionando.

— Acho que devemos sumir por um tempo, porque isso aqui já está demais – diz Tércio suspirando.

— Você deve fazer isso mesmo, já que colocaram tua cabeça na jogada ao me ameaçarem. Não vou a lugar nenhum – digo sem conseguir desviar meu olhar da grama verde na minha frente.

A noite está harmônica, nem quente nem fria e isso me agrada mais que qualquer coisa. Entretanto ainda sinto a necessidade de tomar um banho gelado para que eu possa pensar um pouco sobre tudo. Júlio não para de rondar a minha cabeça, tampouco suas ameaças que estão zanzando pela minha mente, mas a abordagem nada discreta de Marinho só sela ainda mais a minha confusão. Certamente que após a morte de Malaquias, ele está tomando o comando das suas diversas ações e usa Júlio como ajudante ou algo do tipo.

— Aquele filho de Malaquias que está no lugar dele... qual o poder que ele exerce em tudo? Ele está com tudo do Malaquias ou tem alguma outra coisa?

Yanne riu sacudindo sua cabeça ao escutar minha pergunta.

Ela se vira para olhar o meu rosto com atenção.

— Luciano é o cara que conquistou a influência que queria e quando a tinha, invadiu o território de Malaquias e o matou, tomando assim tudo para ele. Acho que Júlio quer fazer o mesmo, mas sinto que ele não vai conseguir, já que não possui laços sanguíneos com ele. Como ele ficaria com as propriedades, os negócios e afins? É um jogo que ele não pode ser vencedor, uma batalha perdida.

Sorriso mordendo meu lábio inferior, considerando algumas coisinhas. Então, se o lado mais forte é o desse Luciano, ele seria minha melhor opção para um possível aliado?

— Se estamos na mira de Júlio, precisamos de armas, munição. E tudo foi destruído.

— Então acho que esse é o momento perfeito para que eu reapareça para o amor da minha vida – diz Vilk fazendo com que minha atenção vá diretamente para ela. No meio de uma guerra, ela quer ir até o amor da vida dela? É louca? — Ele fabrica e vende armas para o mundo inteiro... você nem imagina quem o colocou nisso.

O sorriso que ela exhibe agora é o que me deixa mais intrigada dentre toda a confusão que necessito de solução, mas isso pode até ser considerado bom, assim cumpro minha promessa de uma vez.

— Iremos até ele amanhã mesmo.

Ela acena com um sorrisinho de felicidade contagiante, mas eu só consigo suspirar. Foi uma promessa que fiz e não deixarei de cumpri-la.

Minha atenção dela é desviada quando o carro de Adiel se aproxima.

Ele está se movendo devagar e eu sinto um tumulto estranho na minha barriga por pensar em tudo que presenciei hoje e o que ainda tenho de pensar, mas só de ver que ele está por perto é como se tudo fosse resumido a um grão de arroz insignificante que não pode causar dano algum para qualquer pessoa. Sigo observando o momento em que ele entra com seu carro na garagem da casa e eu acho que não tenho motivo para esperar para que possamos ter uma conversa, até porque estou determinada em não deixar que Júlio permaneça liderando com essa guerra.

— Vocês estão bem?

Escuto a pergunta de Tércio, mas não dou uma oportunidade para uma resposta, porque já estou me levantando e caminhando em direção a sua casa. Ele está saindo do seu carro, quando me aproximo. Antes que perceba minha presença, vasculho toda a parte traseira do seu carro em busca de algum localizador, mas não encontro nada parecido, mas não fico aqui concentrada por tanto tempo já que ele nota minha presença e então me encara. Seu rosto está

sério, sem linha para brincadeiras ou relaxamento e isso, de alguma forma desconhecida, me deixa aflita, com o coração apertado. Dou um passo em frente, não aguentando toda essa distância e ele não mexe um músculo sequer, sua expressão não muda e acho que minhas mãos estão trêmulas.

Estou com medo e nem lembro quando foi a última vez que me senti assim, porque não consigo me deixar em paz com a possibilidade de tê-lo magoado tão profundamente como parece agora. Caminho mais um pouquinho até que estou a poucos centímetros de distância dele, sendo observada por seu olhar duro e sem margem para encantamento.

— Deseja alguma coisa? – ele pergunta e eu aceno sem conseguir desviar meu olhar dele, porque essa é uma face nova, uma que eu não conhecia e mesmo que eu esteja cheia de medo por dentro, não consigo deixar de estar um pouquinho que seja feliz por saber que estou conhecendo um pouquinho mais dele.

— Desejo conversar.

Ele respira fundo, desviando seu olhar do meu rosto e logo vejo um conjunto de tons vermelhos se instalando no seu rosto. Está zangado, não é? Considerando tudo isso junto a sua respiração acelerada, difícil e os lábios em uma linha inquebrável e completamente dura, venho a acreditar que sim, ele está zangado.

— Hum.

Ele sorri antes de se virar e caminhar em direção a parte de dentro da sua casa. O sorriso foi amargo, como se estivesse sendo difícil de engolir minhas palavras e eu acho que um bolo imaginário ficou preso aqui no meio da minha garganta, a cada passo que dou atrás dele.

Adiel não para de andar até que está na sua cozinha, onde pega um copo e o enche com água para que assim possa o beber e mesmo que eu esteja trêmula e gelada com o nervosismo tomando conta de mim, não posso deixar de observar sua atitude como sendo algo diferente que causa diversas emoções no meu coração. Não consigo entender como um homem pode causar tanta coisa no meu peito e sem fazer esforço algum para tal. Eu estaria mesmo gostando dele como disse? Por que o fato de ele estar zangado me deixa louca? Por que tenho medo que me deixe? Posso ser louca por pensar nisso tudo? Ou sou apenas uma assassina que não é profissional?

Sempre soube que sentimentos como esse fariam das minhas missões as mais simples e rápidas para serem concluídas, mas aqui estou completamente presa. É um sentimento tão louco e cheio de níveis que realmente não sou capaz de ignorar. Hoje, mais cedo, quando vi Júlio sentado em frente a ele, jurei que morreria imediatamente, porque meu coração quase parou uma batida. Júlio

estive muito perto e com a oportunidade perfeita para acabar conosco sem precisar de muito esforço.

Quase o perdi e só esse pensamento faz meu coração se apertar mais ainda.

— Sobre o quê quer conversar? – pergunta ao terminar de beber sua água, mas não desvia seu olhar para o meu rosto e isso me faz suspirar novamente. — Sobre o teu ex que não superou o término, sobre o fato de você ainda estar ligada a ele, sobre o fato de eu não saber nada sobre você ou sobre você não confiar em mim? Por qual estaremos começando, Zayxa?

Eu sorri não porque estou debochando de toda a sua petulância e sim porque achei completamente fofo o fato de que a cada palavra dita o seu pescoço só ficou ainda mais vermelho e o seu corpo completamente tenso, o que me leva a crer que ele não está sabendo lidar com esse furacão de acontecimentos.

É uma face que não quero ser a causadora da sua próxima aparição, mas desejo vê-la mais uma vez.

— Ele não é meu ex, porque para ser um, eu tinha de tê-lo namorado e isso não aconteceu. A ligação que você acha que temos, só existe porque ele me persegue e eu o respondo a altura. E você sabe coisas sobre mim que nem mesmo Tércio é capaz de ver ou descobrir.

Sento-me na cadeira da sua mesa e então, ele se vira para focar sua atenção em mim. Vejo confusão nos seus olhos, lágrimas prestes a serem derramadas e posso estar errada, mas sinto como se uma pequena luz no fim do meu túnel escuro e cheio de sangue, estivesse ali piscando à minha espera.

— Posso ser uma pessoa que aparenta diversas personalidades, diversas faces, mas somente você e Tércio conhecem a verdadeira, então você não pode dizer isso.

Ele suspira encostando seu corpo contra a pia e cruza seus braços mantendo seu olhar focado no meu.

— O meu passado é obscuro demais para que eu o abra para você. Não desejo contaminá-lo com a loucura que é a minha vida, mesmo que você faça parte dela e eu espero que compreenda isso.

— Eu ouvi tudo, Zayxa. Tudo o que ele disse... Por que você não coloca um fim nisso tudo? Entre na justiça, faça uma denúncia, não sei, mas você não pode esperar que eu fique tranquilo sabendo que um maníaco como aquele possa estar correndo atrás de você. E, porra! Como você o pega daquela forma e o arrasta para fora do hospital? — Ele sorri sacudindo sua cabeça, antes de suspirar voltando seu olhar para mim. — Eu não sei nada sobre você, Zayxa. Eu não sei quem são seus pais, não sei se tem mais parentes, não sei em que se formou, como chegou até aqui, onde estive antes de me conhecer, se já foi casada...

— Isso tudo é tão supérfluo, Adiel. – Bufo não acreditando que algo assim

possa ser importante para ele. — É importante para você saber disso?

Ele não me responde e eu aceno, ainda o observando.

— Não tenho pai nem mãe, minha família se resume a Tércio. Não tenho formação definida, vim para cá por causa desse emprego e nunca estive com mais ninguém. Eu não tive um relacionamento duradouro, não tinha tempo para isso, não confiava em ninguém para tal, não gostava de ninguém o suficiente, não pensava nisso. Só precisava concluir meus trabalhos e pronto. Satisfeito? Ou existe mais alguma coisa que queira saber?

Ele morde o seu lábio inferior antes de suspirar.

— Quer namorar comigo?

Eu sorri porque meus ouvidos não acreditaram no que escutaram. Em um instante estamos discutindo sobre uma coisa e no seguinte ele já me vem com outra... não sei o que dizer, por isso o observo, até que ele se desencosta da pia e se aproxima de mim, ajoelhando-se ao meu lado. Arregalo meus olhos, sentindo meu coração bater ainda mais rápido aqui no meu peito.

— Eu fiquei tão irritado hoje quando escutei tudo aquilo que ele disse. Juro que quis gritar para que ele calasse a boca, eu quis esmurrá-lo até que sangue estivesse escorrendo da boca dele, mas me vi preso naquela cadeira porque não me senti no direito de fazer isso, afinal não temos nada assumido e eu me sinto tão infantil de repente.

Ele se levanta e eu o acompanho com meu olhar.

Está nervoso e eu não posso negar que não estou da mesma forma.

— Não quero me sentir assim novamente. Não quero agir assim na tua frente mais uma vez... ah! Sinto-me frustrado, irritado e arrependido por não tê-la defendido diante a tudo que ele falou.

— Você está me pedindo em namoro por isso? Por causa da briga de hoje? Para marcar território? — Suspiro me levantando da cadeira para me aproximar dele. — Eu não quero namorar com você, por causa de uma discussão entre eu e Júlio. Você não precisava ter me defendido, porque eu sei fazer isso perfeitamente bem.

Ele se vira, agora ficando com seu rosto próximo ao meu. Sua boca carnuda está séria, seu rosto vermelho e os olhos marejados. Juro que ele não perdeu o seu nível de beleza de forma alguma, mas o conflito que vejo ali nos seus olhos causa um conflito completamente angustiante no meu peito e eu acho que nada pode se assemelhar com esse sentimento torturoso.

— Mas eu...

— Não, Adiel. Eu sei me defender perfeitamente bem. Eu não preciso de um segurança, tampouco de um escudo. Eu sei quando devo lutar uma guerra, sei o que fazer para me defender dela e se eu quisesse, Júlio estaria indo

diretamente para o pronto socorro ao invés da porta da rua. Não me subestime, ok?

Seus olhos se arregalam e ele estende seus dois braços, puxando-me para junto do seu corpo. Rodeia minha cintura com suas mãos, antes de beijar o alto da minha cabeça.

Sentir o seu cheiro nunca foi tão reconfortante, estar nos seus braços nunca foi tão relaxante. Sinto-me bem pela segunda vez nesse dia que me deixou completamente baqueada, sem chão e sem qualquer outra coisa para me apoiar, mas agora ao fim do que se resumiu a um pequeno grande inferno, sinto como se eu pudesse respirar melhor, como se o ar estivesse mais limpo e sem tanta sujeira.

É sempre assim quando estou com ele e quando me afasto, a vida volta com o mesmo sabor azedo de antes.

— Quero namorar com você – ele sussurra, mas eu não me importo com isso.

O seu motivo para me pedir em namoro não foi o que eu esperava. Não preciso de um guardião, não quero que seja um, até porque só conseguiria se ferir com as farpas que podem ser lançadas na minha direção constantemente. Se antes eu já tinha inimigos, agora assinei a minha certidão de óbito. Júlio e Marinho não veem mais serventia para mim e logo me tornei apenas um besouro que eles só desejam pisar e matar.

— Conversaremos sobre isso depois, Adiel.

Se eu estiver viva após o que me aguarda, nós iremos conversar e a resposta não será negativa.

Capítulo 42

Luciano Monteiro – O diabo em uma versão melhorada

Estou cansado, nunca usei tanto da minha beleza e dos meus dotes assassinos e psicopatas só para encontrar irmãos, que acabei descobrindo ainda mais psicopatas que eu. Sinto-me passado para trás, coitado. Gastei dias e mais dias que eu poderia estar esquando em algum desses países frios do mundo para buscar esses malditos que se dizem ser meus irmãos, para que no meio do caminho eu apenas descobrisse mais um circo orquestrado por Malaquias que nem mesmo vegetando em cima de uma cadeira de rodas e usando fraldinhas — essas que foram colocadas por Severino, é claro — ele deixa de me aparecer com surpresas.

Outro dia, dividindo o escritório com Bomba, acabamos descobrindo diversos papéis cheios de mais planejamentos, mapas e mais documentos de propriedades, essas que ainda não pude ir visitar, já que estou percebendo que Malaquias caiu, mas deixou uma merda mais pior que ele no seu lugar para propagar mais desgraça e mais sofrimento.

Ao estar com esses documentos em mãos, acho que até meu parça Jeová ficou chocado.

Ele tem a merda de um sistema com assassinos trabalhando vinte e quatro horas por dia para matar, enquanto na sua conta bancária maldita cai mais dinheiro. O Lulu aqui não está vendo nem a cor dessa belezinha... isso tudo porque algum queridinho idiota e cheio de coragem na bundinha resolveu tomar a frente dos negócios para derrubar o sistema e levar os assassinos para o lado dele. *Coitado*, só tenho isso a dizer sobre esse serzinho.

Agora, além de assumir um papel de homem de família com muitos filhos correndo por minha casa, ainda tenho que lidar com traficantes que medem poder comigo e ainda tenho esse bostinha que deseja me desafiar.

Eu mereço isso, Jeová? Não, eu não mereço, mas como não estou aqui nesse mundo a passeio, sempre tenho um pé a frente de qualquer que seja aquele que deseja me colocar para baixo. Agora sou um pai de família, tenho que trabalhar para sustentar o rebanho de crianças que estão ocupando minha casa, mas Malaquias nem quase morto me dá paz.

Ele não pode morrer agora... oh, não pode mesmo.

É pouco para o que ele tem de receber.

Bem, descobri onde anda minha irmãzinha sombria, fiquei sabendo de certas práticas e momentos do seu passado que não são muito agradáveis e eu

acho que acabei me apaixonando por ela. Tem meu sangue e, além disso, é mais perigosa que o meu demônio destruidor.

Em nome de Jeová, quem em seu mais perfeito estado de cidadania explode um convento? A casa das irmãs de Jeová. Fiquei chocado, não vou negar, mas amei a sua crueldade. Corre boatos por línguas assassinas que ela devastou o coração de um homem mais perigoso e como se não bastasse devastar os sentimentos do coitado, ainda explodiu o seu carro. Devastou o coração e explodiu o carro. Não consigo imaginar o que se passa na cabeça dessa mulher, mas consegui descobrir sua localização há algum tempo, o que deixou Nicolas ansioso e agitado. Meu papaizinho está a ponto de enlouquecer com esse fato e só posso imaginar que ele deve ter feito um estrago muito grande na cabecinha dela.

Enfim, nada que não possamos superar, certo? Certo.

Sinto vontade de rir quando alguns homens aparecem correndo na minha direção. Devem estar nervosinhos, os coitadinhos. Será que estão imaginando que eu, Luciano Monteiro - O demônio, está orquestrando alguma guerra para a pista de pouso deles?

Sacudo minha cabeça, quando Fred vira sua cabeça na minha direção mostrando-me o seu sorriso.

Pensa o mesmo que eu, esse mosquitinho.

Semana passada, meu querido amigo Bomba, descobriu coisas sobre um dos meus irmãos. Apesar de se esconderem melhor que qualquer coisa, ainda deixam seus belos rostinhos serem pegos pelas câmeras de segurança das ruas ao qual trafegam, o que foi muito bom para mim, é claro. Pois bem, um deles estava em outro país, escondendo-se por entre rochas e ruelas desertas no Iraque.

Descobrimos que uma base secreta do governo foi explodida há pouco tempo e pelo que estava notificando nos jornais da cidade daquele país, um general tinha sido cruelmente esquartejado e sua cabeça estava exposta em cima de uma enorme pedra. O corpo não foi encontrado, mas li na matéria que na sua cabeça não havia olhos e que sua língua repousava entre os fios de cabelo.

Esse posso afirmar que é filho de Nicolas e meu irmãozinho. Acho que posso gostar dele até.

Escuto o barulho do jatinho se aproximando e logo o sorriso nos meus lábios só aumenta.

— Sabe que esse jatinho pode nos ajudar a fazer uma destruição mais que esplendorosa? – ele diz e eu sorrio acenando.

Fecho meus olhos, já imaginando que a essa hora minha pequena bebê bagunceira deve estar enlouquecendo Eve, por causa da minha demora. Tempestade, como quer ser chamada hoje, está mais irritada que o normal com

Plin, um dos seus irmãos. Mais cedo tiveram uma discussão, onde Tempestade o colocou no chão e o fez implorar por piedade, tudo isso porque o pequeno Plin pegou um pedaço do seu presunto. Plin, por sua vez, está pleno e calmo degustando de mais algumas xícaras de chocolate, enquanto tem Junior ao seu lado, dando-lhe infinitos mimos, porque Junior é esse tipo de padrinho que estraga os afilhados por completo, o que não é muito diferente de Inseto, Bomba e Fred.

Jeová que me abençoe na criação desses pequenos demônios.

Por lembrar de Inseto, o coitado está sumido. Deve ter sido capturado por esses novinhos safados que estão com meu dinheiro ou por minha querida irmãzinha e, em ambos os casos, espero que ele esteja vivo. Está difícil encontrar sua localização, mas acredito que não vai demorar muito já que Bomba está mais que empenhado em o encontrar com a ajuda de Diego.

Acompanho o pouso do jatinho com meu olhar aguçado, até que ele para e então a porta é aberta. A figura que desce aquelas escadas é de aparência tão demoníaca, que tenho certeza que meu parça Jeová, que do céu nos observa, está chocado. Alto, com um bom corte de cabelo, olhar mortal ativado com sucesso e... bem marombadinho.

Nicolas ficará surpreso quando o ver, tenho certeza.

Até onde consigo ver, seu pescoço é cheio de tatuagens, mas o resto não é possível, porque uma jaqueta preta está o cobrindo. Ele olha de um lado para o outro e eu juro que me arrepiei todo com a velocidade em que ele o fez.

Devastador todo, esse aqui. Se não fosse meu irmão, juro que o faria meu mascote. Sorrindo, saio do meu estado congelativo e vou em sua direção. Ele mede cada cantinho do meu rosto e do meu corpo, ao mesmo tempo em que sinto o tom de desconfiança por sua postura.

Semicerra aos olhos, assim que paro em sua frente.

Levanto minha mão e tiro o óculos do meu rosto.

— Como foi a viagem, querido?

Ele arqueia uma sobrancelha e pisca, o que me faz rir.

— Teu irmãozinho não é de palavras.

Se antes seu rosto estava sério, agora não sei nem classificar, mas só me faz rir ainda mais.

— Irmão?

— Ele fala...

Rio ainda mais com o comentário de Fred. Chego a me curvar de tanto que minha barriga dói e ainda sou acompanhado por Fred, que hoje está mais palhaço que o normal. Quando me recupero, olho para o rosto do meu querido irmãozinho e o vejo ainda sério, o que me faz rir ainda mais.

— Cara, você não sorri? – pergunto e ele pisca arqueando sua sobrancelha novamente.

Ai que irritante.

— Ainda não tive motivos... – diz e arregala os olhos. — Aliás, fazem algumas décadas desde a última vez que sorri.

E então, gargalha alto sacudindo sua cabeça de forma que nos permite visualizar uma cicatriz abaixo de um dos seus olhos. Um segundo depois, seu riso cessa da mesma forma que começou, repentinamente.

— Bem, parece que acabei de atualizar esse histórico. Voltando ao ponto, você é o tal Luciano que me chamou até aqui?

Suspiro, considerando-o com um senso de humor até que agradável.

— Sim, sou Luciano Monteiro, somos irmãos de sangue.

Sorrio e ele faz uma careta, então eu sorrio, posicionando-me ao seu lado. Repouso minha mão sob seu ombro e então o aperto.

— Ah, Laureano... não se preocupe. Vou te contar tudinho, mas para que esse feito seja concluído, tenho que começar por um homem... já ouviu falar de Malaquias?

E agora, uma parte do plano de Malaquias está sendo desfeito... em breve estarei desfazendo a outra parte.

Malaquias, Malaquias... jamais iria contar com isso, não é?

Capítulo 43

Íris Sensit/Zayxa

— Alô.

— Zayxa? É Eliza, a do hospital.

Suspiro reprimindo a vontade de revirar os olhos, enquanto que na minha frente, meu desenho aguarda para ser concluído, todavia esse feito não pode ser concluído porque preciso segurar o diabo do celular.

— Oh, Eliza. Tudo bem? Aconteceu algo?

Ela nunca me ligou desde que saí do hospital e hoje já fazem dois dias desde esse feito, além do que estou achando estranho demais o fato de que desde esse dia Júlio e Marinho não deram mais nenhum passo em frente para tentar me arrebataram e estou achando isso mais estranho ainda.

— Na verdade aconteceu que estou morrendo de saudades. Vamos sair? Estou no shopping a procura de uma roupa para a nossa saída de amanhã. Vem? Vamos dar uma volta e gastar nosso salário em roupas?

Pisco semicerrando meus olhos com a sua proposta.

Não tenho intenções de aceitar, mas ainda não excluí da minha mente o fato de ela estar completamente intima da assassina que estava com Júlio aquele dia no hospital, mas não estarei aqui me prendendo a um fato como esse.

— Vamos, por favor! Preciso conversar com você sobre uma coisa.

Quer conversar é? E pensa que sou ingênua? *Ok, vamos ver até onde você irá, Eliza.*

— Me manda a localização. Estou indo.

E sem esperar uma resposta sua, finalizo a ligação.

Encaro minha pintura inacabada antes de suspirar profundamente, lamentando por não poder continua-la. Largo o pincel em cima do jornal que coloquei no chão para o proteger dos respingos de tinta e então, me afasto. Se irei ao encontro dela é exclusivamente para descobrir o que quer me contar e se for algo supérfluo, dou uma desculpa qualquer e volto para casa. Simplesmente assim, claro.

Caminho diretamente para o banheiro e quando termino de tirar minhas poucas peças de roupa, entro em baixo do chuveiro e o ligo, selecionando-o frio.

Essa temperatura é perfeita para quando preciso pensar e nesse momento, isso é tudo que necessito.

Sinto-me completamente frágil e desnuda a cada vez que preciso sair na rua, porque uma arma pode estar a minha espreita apenas aguardando o

momento que minha guarda estará baixa para que possa me nocautear, mas eu sei que se for para me matar, Júlio não fará isso rapidamente, porque está nutrindo muita raiva de mim. Nesses dois dias, desde o nosso último encontro, não tive tempo para mais nada, tampouco oportunidades.

Tárcio e Yanne saem para comprar os móveis e depois levam mantimentos para Aquiles, enquanto Vilc Jane vai para o galpão cuidar dos nossos detentos, além de os interrogar, mas tudo que consegue são gemidos de dor.

Medo ou algo que derive desse sentimento não é destinado a ela e isso está me deixando ainda mais frustrada, como o fato de que Adiel está cada vez mais preso naquele maldito hospital e sem tempo algum para mim, mas é até compreensível. Se eu estivesse lá dentro trabalhando, não estaria me irritando tanto.

Ao fim do meu banho, encaminho-me para o meu quarto e me visto com as poucas peças que me sobraram. Quando Júlio mandou que alguém acabasse com minhas coisas, deveria ter queimado a casa inteira ou a demolido, porque ficou a mesma coisa que nada nessa droga e só estou aqui ainda porque é o mais próximo de Adiel que consigo ficar, infelizmente. Respiro fundo, considerando que se não for importantíssimo o que quer que ela tenha a me contar, espero que ela não aguarde plenitude vinda de mim.

Detesto me esconder como uma ratinha, mas as circunstancias não estão ao meu favor no momento, por isso tenho que focar no que necessito fazer e nos cuidados que devo tomar, já que nem uma arma possuo nessa casa. Vilc disse que iríamos até a loja do seu amado, mas não posso sair na rua assim, porque ela estaria em perigo assim como eu, além do que a vigilância nessa casa deve estar altíssima e é melhor que saia de uma vez, antes que a invadam sem esperar por mais nada.

Pego minha bolsa, meu celular, uma faca de cozinha e a coloco na minha cintura, antes de soltar meu cabelo, deixando-o solto. Saio daqui e sem esquecer do boné preto, o coloco na minha cabeça para que eu possa andar preocupada em partes pela rua. De assassina profissional sem nenhuma arma na cabeça, passei a foragida suspeita.

Sinto que vou explodir a qualquer momento, mas antes disso mato Júlio.

O shopping que ela marcou o encontro não está tão cheio como eu imaginava, o que já é um ponto negativo e que me faz rosnar interiormente. Está sentada em uma cadeira da praça de alimentação.

Olho de um lado para o outro verificando se alguém está a espreita e

percebo que uma mulher está correndo seu olhar por todos os cantos, antes de voltar a encarar Eliza. *Nossa, que interessante!*

Muito interessante isso tudo e o pior é que não posso nem dar um passo para trás, porque com certeza já devo ter sido localizada por algum outro membro deles. Decidindo enfrentar isso de cara, apenas me encaminho até ali e quando estou próxima o suficiente, sento-me em frente a ela, que ao me ver sorri largamente.

— Amiga, que saudade!

Dessa vez não vejo inocência no seu olhar, na verdade a única coisa que consigo captar ali no seu rosto é cinismo e falsidade. Está deixando clara a sua verdadeira face e eu acho que esse pode ser o seu golpe final. Ela não se mostraria assim se não houvesse nada de diferente.

— O que você deseja, Eliza? – pergunto olhando para o seu copo pela metade de suco.

Ela sorri novamente e não demonstra nenhuma decepção.

— Companhia... ver minha amiga.

Pisco, arqueando minha sobrancelha enquanto ela permanece sorrindo debochadamente. Eu deveria ter permanecido com minha guarda alta, não deveria ter me deixado levar pelas malditas primeiras impressões, porque tudo isso é completamente manipulado pelo profissional que necessita entrar no seu personagem designado.

— Júlio te mandou aqui para me matar? – pergunto e ela arregala os olhos.

Vejo um pouco de surpresa, que tenta mascarar com horror, mas que não lhe cai tão bem.

— Matar? O que você quer dizer?

Balanço minha cabeça, desviando meu olhar para a mulher que estava encarando há alguns instantes e a flagro me observando com atenção.

— Ela – aponto para a mulher que arregala os olhos assim como Eliza — está com você?

Eliza vira sua cabeça para olhar a mulher e percebo nos olhares das duas o quão conhecidas parecem ser e até sinto um pouco de preguiça, não vou negar. A pouca movimentação do shopping pode dificultar minha saída, mas não irei me afligir por um detalhe tão pequeno.

— Não sei quem é – diz e eu reviro os olhos.

— Quantos trouxe consigo? – pergunto e ela faz uma careta, mas como estou impaciente demais para apenas permanecer aqui, me levanto. — Não estou com paciência o suficiente para te observar, então não aflore meus instintos assassinos que estão mais despertados que nunca e vá direto ao ponto.

Ela sorri e se encosta na cadeira antes de pegar o seu copo e beber todo o

conteúdo. Então me encara colocando o copo novamente em cima da mesa.

— Tenho um recado para te passar, mas vamos cami...

— Não teste minha paciência ou você irá conhecer um pouquinho de Íris que está louquinha para sair.

Ela ri e percebo o quão debochada está, muito segura de si e cheia de irritações para passar, enquanto minha cabeça começa a martelar insistentemente.

— Júlio disse que você tem até a noite de hoje para o dar uma resposta, caso ela não venha ou seja negativa, considere-se morta. Marinho afirmou que se não é submissa o bastante para o servir, então não é necessária para estar junto de nós ou respirando. Você tem um propósito e se não pode cumpri-lo, então nem deve existir. Esse é o recado que me mandaram passar.

Aceno e então me viro, saindo dessa praça e indo diretamente para saída, mas sinto que minhas costas esquentam e logo uma mão forte está me parando apertando meu ombro esquerdo.

— Esse é o meu presente de amizade, enfermeira Zayxa.

Estou paralisada, porque se eu me mover para me defender passarei a ser outro alvo, meu rosto estará rodando por todos os locais e serei comprometida, mas isso não me importa, porque ela está levantando minha blusa e retirando a faca que coloquei ali na minha cintura. Então, para impedir que consiga o que deseja nessa emboscada, eu me viro e em um movimento rápido me desvio, quando ela impulsiona sua mão para a frente a fim de me atingir, mas nem mesmo o meu ato rápido foi capaz de impedir que a lâmina rasgasse a minha pele. Sinto o quão profunda ela foi, porque passei anos sentindo-a dessa forma por meu corpo. Eliza sobe seu olhar para o meu e sorri arrogantemente, antes de se afastar passo a passo para trás e eu a deixo ir, porque se eu a pegar com certeza não pararia com poucos golpes. Prefiro ser a vítima esfaqueada do que a assassina sendo presa na frente de todos. Prefiro ajoelhar-me ao chão com uma expressão de terror e com lágrimas forçadas escorrendo por meu rosto, do que estar no lugar dela e fugir. Por mais que não esteja tão movimentado é certo que as câmeras captaram cada movimento feito por ela e é claro que alguma testemunha a viu me machucando. Agora não sou a vilã e posso até gostar de vestir o papel convidativo de mocinha prejudicada.

Coloco minha mão na ferida e a pressiono. A dor não está tão forte porque estou agitada e, além disso, estou mais habituada a esses cortes do que a qualquer outra coisa. Dor física não me afeta tanto quanto a psicológica.

Em questão de segundos cinco homens de terno preto se aproximam de mim com o rosto contorcido em mais terror. Mulheres correm de dentro de uma das lojas que há aqui perto e vem em minha direção.

— Meu deus!

— Foi aquela mulher ali! Foi ela! Eu vi!

Ao subir meu olhar para Eliza, vejo-a semicerrar os olhos antes de se virar e correr. Quase ri alto, se a dor já não tivesse vindo na minha direção. É preciso saber atuar para que nada mais possa me pegar de surpresa. Estou machucada, meu namorado ou quase isso é médico, então o certo seria o alertar, não é? Sim, sim, claro, afinal não seria nada elegante ser pega o enganando. É melhor que saiba por mim do que por outra pessoa.

Os burburinhos ao meu redor começam a aumentar à medida que mais gente se aproxima de mim e eu detesto estar como centro das atenções de tantas pessoas, por isso dou um fim a isso ao agarrar a mão de um dos seguranças, o que me pareceu ser mais duro e focado.

— Por favor, chame um táxi.

Ele acena e quando se afasta, uma senhora se aproxima de mim com um copo cheio de água que, é obvio, não tomo. Aguardo que o segurança volte e então, quando está me ajudando a levantar, não consigo disfarçar a satisfação que me escorre ao sair daqui e me encaminhar até o táxi. O segurança me ajuda a entrar no táxi e quando eu estou confortável, ele entra ao meu lado. Restrinjo a vontade que tenho em revirar os olhos, porque ele aparenta estar assustado e preocupado.

— Minha equipe está trabalhando para conseguir pegá-la, não se preocupe – ele diz e eu aceno.

O taxista pergunta o que aconteceu comigo e como não tenho intenção de conversar com ninguém, o segurança começa a contar o que viu, deixando o taxista completamente chocado. Peço que me leve até o mesmo hospital que eu trabalhava, afinal não posso deixar que Eliza retorne ali e se camufle para plantar uma nova armadilha para mim. Isso se ela já não está planejando fazer isso, o que não duvido nada.

O silêncio toma conta do carro à medida que nos aproximamos do hospital, mas infelizmente esse momento só é interrompido por um dos dois ao perguntarem se sinto muitas dores e quando respondo que está tranquilo, eles suspiram, mas não posso deixar de observar o olhar curioso do segurança sob minha mão ensanguentada que mantenho firme sobre o corte. Sinto o formigamento, a dor, mas ela já não mais me afeta por mais forte que seja.

Foram diversos os treinamentos aplicados por Nicolas, assim como as torturas que sofri por Tim. Sim, ele era um sádico e realmente fazia valer o significado de “tortura”. Meu corpo é repleto de cicatrizes e não sinto vergonha de nenhuma delas, afinal são elas que integram quem sou.

— Você está bem? – o segurança pergunta pela milésima vez e me resigno a

lhe dar a mesma resposta que o dei a cada vez que repetiu a mesma pergunta.

— Sim, estou bem.

Então ele suspira e desce seu olhar para minha mão, mas dessa vez seus olhos se arregalam, dando-me a entender que de fato está chocada.

— O fluxo do sangue... está aumentando!

Pisco e reprimo uma forte vontade de bufar. Esse homem parece que nunca viu sangue na vida dele mesmo estando nesse emprego de segurança. Nem deve imaginar que sou uma assassina que vive com as mãos inundadas de sangue por onde passa, tampouco deve pensar que já estive em situações piores que essa, mas que sozinha consegui superar as feridas do meu corpo, porque atualmente sou mais familiarizada com o meu corpo físico do que com a minha mente e os meus sentimentos que estão em uma montanha russa subindo e descendo sem parar. Isso sim está realmente me deixando completamente louca por dentro e fora.

O carro para e só então posso levantar o meu olhar para ver que estou em frente à entrada de ambulâncias do hospital. O primeiro a sair do carro é o segurança, que abre a porta e corre para dentro do hospital indo diretamente para a mesma sala em que um paciente acabou de sair. Em seguida é a vez do taxista que aborda o enfermeiro que sempre tirava brincadeiras comigo onde quer que me encontrasse. Eles correm até onde estou e quando o enfermeiro me vê, os seus olhos parecem que vão acabar pulando dos seus olhos diante sua surpresa.

— O que é que aconteceu, Zayxa? – perguntou entrando no táxi.

Ele toca minha mão, seus olhos permanecem ansiosos e noto um pouco de choque no seu rosto.

— Eliza me esfaqueou.

Bem, agora eu acho que ele pode ter um colapso nervoso, porque está branco e ao tocar minha mão ensanguentada, percebo que está trêmulo. Acho que esse é um trauma que carregará consigo pelo resto da sua vida.

— Como ela fez isso? Por que ela fez isso?

Sorrio afastando minha mão da ferida, deixando-a disponível para que ele veja sua profundidade e à medida que a examina, mais seus olhos se arregalam. Considerei que desmaiaria quando viu o estado da minha blusa, mas até que segurou bem ao afastá-la o suficiente para observar e mexer no machucado.

— Isso deve ser engano, Zayxa. Você tem certeza que foi ela?

— Sim, eu tenho. Ela me abraçou por trás e disse que esse era o seu presente para mim. Quando me virei, ela fez isso.

Uma comoção acontece do lado de fora e quando menos espero, ele é puxado para fora do táxi para ser substituído por um Adiel completamente chocada e afobada. De início não diz nada. Ao se sentar ao meu lado, desce seu

olhar para a minha blusa e eu vejo seus olhos se arregalarem, antes que suba seu olhar para o meu rosto para que assim eu possa ver com perfeição o que está acontecendo com os seus sentimentos. A perturbação que vi ali não poderia ter me deixado me sentindo mais culpada, um sentimento que poucas vezes bate na minha porta.

O tempo parece que para, quando sem perguntar nada, ele me arrasta para fora do táxi e ao me colocar nos seus braços, leva-me diretamente para o seu consultório passando por todos os pacientes que esperam para serem atendidos, esses que nos observam com atenção extraordinária como se nunca tivessem topado com nenhuma outra pessoa machucada mesmo que estejam em um hospital, em uma ala de emergência, onde pessoas com machucados como o meu passam direto.

Ele entra na sua sala e me coloca em cima da maca.

Não diz nada, não pergunta nada, apenas me coloca ali antes de levantar minha blusa e começar a examinar a ferida. Suas mãos estão trêmulas e o seu nervosismo acaba se tornando o meu, assim como a culpa que se instala no meu peito, porque quando pensei em vir até aqui para deixá-lo ciente do que aconteceu, não passou por minha cabeça que estaria dessa forma, assim como também não pensei que eu ficaria com esse sentimento massacrante no meu peito. A cada suspiro nervoso, a cada tremor das suas mãos e a cada olhar cheio de medo que ele me lança, sinto que vou sumir para nunca mais voltar.

Ele começa com os procedimentos e quando tenta aplicar anestesia, o impeço porque esse é o último lugar do mundo que eu possa escolher e me dar o luxo de estar desacordada e sozinha, afinal tenho uma arma apontada para a minha cabeça e em breve terei mais que uma simples furada.

— O que? Por quê?

A sua confusão me faz sorrir tentando tranquiliza-lo, mas eu acho que não funcionou bem, porque ele semicerrou os olhos antes de suspirar.

— Não posso.

Ele suspira profundamente antes de acenar.

— Vou precisar dar os pontos e isso pode doer...

— Não se preocupe com isso. Posso fazer isso sozinha.

Ele cerra o maxilar e então se vira se afastando de mim. Suas mãos se fecham em um punho forte exibindo suas veias cobertas por tatuagens e o que era para ser observado com admiração, está sendo feito com tensão.

— Por que você faz isso? – rosna e eu sinto que ele vacila na última palavra, fazendo-me suspirar. — Você não me deixa cuidar de você. Por que faz isso comigo?

Porque é o certo a se fazer. Porque eu posso fazer isso sozinha. Porque não

preciso da ajuda de ninguém. Porque essa é a minha realidade. Porque não quero ser dependente. Porque sou habituada a isso. Porque quero que seja assim. Porque não estou acostumada com algo contrário a isso.

— Prefiro que seja assim.

Ele ri virando seu corpo e ficando de frente para mim.

— Isso me incomoda em você e me deixa confuso, porque não sou capaz de te entender.

Mordo meu lábio inferior, sentindo que as coisas aqui dentro de mim só estão se complicando e talvez agora eu esteja conhecendo mais uma face de Adiel, uma cruel que eu não tinha conhecimento e que de fato seria interessante de se descobrir se ele não estivesse a destinando a mim.

— Por que continua comigo, então? – pergunto descendo meu olhar para a linha e a pinça. Pego-as e começo com o que sempre fiz sem necessitar da ajuda de ninguém.

— O que? O que você quer dizer com isso?

Não lhe dou uma resposta porque estou concentrada em controlar as batidas do meu coração, assim como os meus sentimentos que permanecem da mesma forma loucamente aqui no meu peito, enquanto só preciso me concentrar para costurar a minha própria pele.

Passei tantos anos da minha vida fazendo isso para não morrer. Fazia em mim, em Tércio... não tenho problema algum em continuar assim por mais tempo.

— Você não precisa se preocupar com isso, Adiel. Tenho certeza que já viu a infinidades de cicatrizes no meu corpo. Quem você acha que as costurou e as cuidou? Sou profissional nisso e prefiro eu mesma cuidar dos meus machucados, assim não perco o conhecimento que tenho nas reações do meu corpo.

Sim, essa foi a desculpa mais esfarrapada do mundo inteiro, mas sei que se eu permitisse que ele o fizesse talvez acabaria mais aflito do que já está, levando em consideração que suas mãos estão trêmulas demais para fazer esse procedimento.

Ele suspira profundamente.

— A maioria delas são bastante profundas e eu não acredito que você as tenha conseguido casualmente.

Sorrio porque eu gostaria de tê-las conseguido assim, como uma criança normal qualquer que se machuca brincando.

— Você está certo – sussurro dando mais uma volta.

Diante a todos os outros que possuo no meu corpo, esse é o mais supérfluo e isso somente porque me afastei a tempo.

— Não consigo imaginar o que você fez para tê-las conseguido.

Paro meus movimentos e levanto minha cabeça para olhar o seu rosto triste.

— Algumas delas, principalmente as das minhas costas e as das coxas na parte de trás, eu não fiz nada merecê-las. O fato de eu existir foi o suficiente para que elas fossem causadas. Muitas delas estão cobertas por tatuagens... as mais profundas principalmente.

— Seus pais fizeram isso em você?

Mordo meu lábio inferior considerando que isso já é o suficiente. Ele não precisa saber o que me cerca, tampouco do meu passado.

— Isso está muito enterrado junto com as cicatrizes. Você não precisa saber disso, mas essa de hoje foi causada por Eliza. Tome cuidado com ela e mantenha os demais alertados também.

Volto meu olhar para o meu serviço aqui e agilizo meus movimentos, ponderando tudo que ainda tenho de fazer hoje. Não poderei permanecer aqui por mais tempo, porque tenho armas a comprar e um arsenal para reabastecer.

— Co-co-co...

A porta se abre o interrompendo e me fazendo fugir meu olhar do que tenho de fazer. Martin está parado e assustado com seu olhar alternando de mim para Adiel.

— Temos uma emergência e preciso que você venha agora.

— Vá, eu cuido disso sozinha.

Ele hesita, bufa, coça sua cabeça, mas com uma pressão final de Martin, ele não pode simplesmente negar e assim se vai, fechando a porta logo atrás dele. Então eu só preciso terminar com esses pontos para que eu possa ir embora, mas a porta volta a se abrir e dessa vez quem entra é o mesmo médico do cabelo de tamanho médio negro, o mesmo que estava preparando uma armadilha boba.

— Precisa de ajuda?

Arqueio minha sobrancelha sorrindo de lado.

— Sua? Óbvio que não.

Ele sorri e acena, mas antes de sair da sala me encara por longos segundos como se estivesse temeroso com algo. E eu tenho certeza que foi exatamente isso que vi mesmo que ele tenha saído instantes depois como se não tivesse entrado aqui. Mas não excluo o fato de que eu o vi me encarando com medo de alguma coisa e essa é a deixa que necessito para sair logo daqui.

Espero que Adiel não fique louco de raiva quando voltar para sua sala e não me encontrar aqui.

Capítulo 44

Íris Sensit/Zayxa

Vilk está nervosa desde o instante que nos encontramos.

Assim que saí do hospital, a liguei e pedi que me encontrasse em um local próximo dali, porque iríamos até o distribuidor de armas, afinal só tenho até hoje à noite para me preparar. Eu sei que Júlio irá de encontro a mim, quando tudo que desejo é acabar com a sua existência. Usarei a sua ganancia em querer me matar e farei pessoalmente da sua vida um verdadeiro inferno.

Acredito que hoje é plantão de Adiel, assim como foram os outros dias e espero que realmente seja. Sinto vontade de gritar de pura frustração com o arrependimento batendo na minha porta mais uma vez, porque não me certifiquei de obter a resposta verdadeira sobre isso. Não posso deixar que ele pague por algo que não tem nada a ver consigo, mas eu sei que Júlio não o usaria de isca, porque ele sabe o quão fria sou e como costumo agir nas minhas missões.

É padrão nosso, enquanto assassinos ativos em uma missão, que um falso romance nos ajude a concluir o que nos incomoda e Júlio sabe disso, logo Adiel não é uma preocupação tão grande, mas não consigo deixar de pensar que a possibilidade de ele ser atingido seja enorme, então não posso simplesmente excluir isso da minha mente.

Liguei para Tércio e pedi para que ele comesse a reforçar a nossa segurança em casa, já que tudo foi destruído. E eu acho que essa é a punição que Marinho disse mais cedo. Espero do fundo do meu coração que ele não esteja esperando que não enviarei uma para ele também, porque estarei sim o fazendo, além do que sou uma mulher muito vingativa e não poderia deixar que isso ocorra com um aviso prévio, certo?

Vilk e eu andamos pelas ruas abandonadas de um bairro sem moradores. Tudo destruído, os prédios estão desfeitos, as casas derrubadas, plantações mortas, o ar é cheio de mal cheiro e considero que esse é o melhor lugar para revendas de armas, afinal quem pisaria em uma propriedade como essa para fazer outra coisa? Os crentes afirmariam que é um lugar devastado pelo diabo e que com certeza deve ser mal-assombrado, já eu afirmo que só é um local comprado e devastado para abrigar um sistema maior que há na imaginação de uma pessoa.

À nossa frente, um portão de metal desgastado nos espera e ao seu lado, em uma mureta semi derrubada, há uma câmera de segurança que me faz sorrir. Vilk se aproxima e a encara antes de sorrir e levantar os dois dedos em um sinal de

arma. O dedo polegar para cima, o indicador apontado para frente e os demais dobrados. Que sinal de reconhecimento mais peculiar... nunca imaginei, estou surpresa e com os olhos revirando quando a porta se abre automaticamente.

Entramos e VilK sorri, mas só consigo respirar fundo considerando tudo isso uma grande e pomposa merda.

— Radical — ela sussurra e não consigo encará-la com uma expressão diferente da incredulidade, porque realmente não acredito nesse pequeno absurdo.

Por que não possui um aparelho de reconhecimento digital? Por que não tem um aparelho que reconhece as pupilas? Por que não é lugar mais confortável e menos desgraçado que esse? Por que tudo isso e com um sistema de segurança tão escroto?

Ela para de caminhar e me encara. Seus olhos brilham com lágrimas não derramadas e eu sei que isso é mais importante para ela do que qualquer outra coisa. Acho que a compreendo. Então quando entrelaça seu braço no meu, a permito e a ajudo a continuar, porque eu sei o quão difícil deve ser. E assim nós continuamos em frente até um galpão com um enorme portão enferrujado bem à nossa frente.

Outra câmera está ao seu lado e dessa vez, ela faz alguns movimentos com as mãos, acredito que seja em libras porque ao gesticular com os dedos ela faz algumas expressões com sua boca que me deixam intrigada, já que não tenho um mínimo conhecimento que seja dessa língua.

A porta abre sozinha e eu entro junto com ela tendo sob meu campo de visão alguns homens armados com rifles e coletes a prova de balas, mas na frente deles está um homem grande, forte, vestido à terno e gravata perfeitamente alinhados ao seu corpo. Sua longa barba e o seu cabelo penteado amarrado para trás em coque samurai é o que chamam mais atenção dentre todos os outros e os seus olhos são os mais frios e bonitos que já vi na minha vida inteira.

— Quanto tempo, Lince.

Ele é o amor da vida dela, então. Definitivamente tem um bom gosto tremendo. O homem é bonito e completamente charmoso, um sócia do Can Yaman, ator de novelas e séries turcas, só que esse aqui na minha frente é maior e aparenta ser frio e metuculoso, mas ao final das palavras de VilK eu vi que ele vacilou. Mesmo que quisesse se manter intacto e estável, eu vi que ele piscou um dos seus olhos e esse é o sinal mais que claro que ele estava se segurando para não o fazer.

— Quanto tempo, VilK — ele sussurrou com a sua voz rouca e grossa se fazendo presente diante a esse local enorme.

— Eu estava tão curiosa para descobrir o que meu noivo fazia sem a noiva ao seu lado. Estava mais curiosa ainda para descobrir o motivo de ele não ter procurado pelo amor da sua vida. Fiquei chocada, confesso.

Ele puxa uma longa respiração e ela sorri confiantemente, nem parece que está se tremendo toda com a sua mão apertando meu braço com uma força absurda.

— Acredito que não conheço o seu noivo, tampouco desejo saber sobre a sua vida amorosa. O que te trouxe até aqui? E como descobriu sobre esse lugar?

Ela sorri ao mesmo tempo que o aperto no meu braço aumenta. Ele engole com uma dificuldade que está sendo muito interessante de se observar e ela, ao meu lado, permanece inabalável.

— O que é possível de se comprar aqui, Lince? — Ela arqueia sua sobrancelha mantendo o sorriso constante nos seus lábios. — Obviamente precisamos de armas.

Ele morde o canto do seu lábio inferior e então, levanta seu braço direito e o leva até a cabeça, onde puxa o seu cabelo castanho ao mesmo tempo em que desvia o seu olhar para cima. Esse é o sinal perfeito de que sim, ele está abalado com a presença dela aqui.

— Não sei o que diabos essa mulher quer aqui com isso agora — ele sussurra, mas todos escutam o que ele diz e isso me faz rir. Volta seu olhar para ela e desce a sua mão, rendendo-se ao que está na sua frente determinadamente. — Por que não foi a qualquer outro distribuidor de armas?

— Me disseram que um tal de Lince era o melhor dessa região e nós não tivemos muitas escolhas.

Ele acena, desvia seu olhar para outro lado e então respira fundo novamente antes de voltar o seu olhar para nós.

— O que desejam?

— Um arsenal atualizado.

— Não consigo imaginar o que você faria com um arsenal — ele sussurra novamente e eu tenho certeza que ele não é um homem que sabe mascarar suas emoções tão bem como urgentemente necessita. — Sigam-me.

E sem dizer mais nada, ele se vira e abre uma porta de metal atrás dele, dando-nos a passagem.

Sou cliente assídua de diversos distribuidores de armas do mundo inteiro, mas dessa região confesso que não tenho muitos contatos, porque aqui era o meu local de descanso antes de viajar para onde quer que o serviço me chamasse, mas acontece que esse lugar é completamente diferente dos demais. Por que ele venderia suas armas em um escritório onde diversas pessoas estão concentradas nos seus respectivos computadores? A nossa frente há um elevador e ele para

bem ali, apenas para o chamar, ficando ao meu lado.

— Lugar enorme. Tenho certeza que meu noivo é um homem de muitos negócios – ela sussurra ganhando a atenção dele novamente que semicerra os olhos.

— Ninguém quer saber sobre isso.

— É mesmo? Vamos ver.

As portas do elevador se abrem e ela solta o seu aperto do meu braço, sendo a primeira a entrar no elevador. Ele a observa mantendo os olhos semicerrados e a respiração mais desgastada que o local que nos ronda. Nunca pensei que minha promessa fosse tão divertida assim.

Estou amando esse drama...

— Ela vai acabar comigo, merda – sussurra mais uma vez antes de entrar no elevador e eu o sigo, ficando ao lado de Vilk, enquanto ela está ao lado dele.

As portas se fecham e a atmosfera fica abafada com a troca de farpas que nos cerca, mas um toque de celular nos interrompe completamente. É o de Vilk e ela o atende.

— Sim, Tércio? Ok, ok, aplique só mais uma dose.... não, ela parece estar bem... a ferida? – E sem dizer nada agarra meu braço e me puxa para o lado antes de levantar minha blusa e conferir o meu machucado. — Sim, está com pontos... febre? – Baixa minha blusa e leva sua mão a minha testa fazendo-me semicerrar os olhos incrédula. — Não está com febre. Acho que demoraremos um pouco... Não, não tenho.

As portas se abrem e ele é o primeiro a sair, sendo seguido dela e depois de mim. Após confirmar mais alguma coisa que não prestei bem atenção, ela desliga o celular. Estamos em um andar que aparenta ser luxuoso o bastante para receber qualquer empresário. Muito interessante e peculiar.

— Lince, Lince, Lince! Temos que ir à um encontro em alguns minutos – uma mulher que acredito ser sua secretária diz, surgindo na nossa frente, antes que ele continue andando até uma porta de madeira.

— Apareceu um imprevisto. Aguarde um pouco mais.

— Mas...

— Imprevisto? – Vilk pergunta antes de bufar. — Acontece que a noiva dele está de volta e bem, ela é mais importante do que esse encontro. Tenha isso em mente, porque a noiva dele é completamente louca e não tem limites.

E com isso, ela entra logo depois dele na sala, mas para no segundo passo ficando de frente para ele, que parado a observa chocado.

Estou amando esse drama e só desejo um balde com pipocas.

— O que é que você está fazendo? – ele rosna e ela sorri, saindo da sua frente para se aproximar da enorme mesa de vidro que há no meio da sala. Ela se

senta ali e se inclina para trás com seu olhar ainda nele.

— Marcando o meu território. O que mais você acha que eu faria? — ela diz arqueando as sobrancelhas e ele se vira, dando-a suas costas e ficando de frente para mim, mas ele nem parece notar que estou aqui o observando, porque fecha os olhos e respira fundo novamente colocando sua mão no seu peito.

E eu acho que eles dois se gostam mais do que podem imaginar. Os sintomas não negam como ele faz com a sua grosseria e eu sei que bastaria poucos charmes dela para que ele ficasse completamente rendido.

Não sei o que aconteceu, tampouco como os dois se conheceram, mas eu sei que essa é uma tentativa que vale sim a pena de ser feita. Bem, Vilk Jane tem o amor dela na palma da sua mão e eu espero que ela não o deixe escorregar, todavia essa não será uma tarefa tão fácil e eu sei que ela não vai desistir.

Ele volta a se virar, ficando de frente para ela.

— Profissionalismo. Mantenha-o.

Ela morde seu lábio inferior e acena para que só então ele se aproxime da mesa e a rodeie. Abre uma das gavetas e dela retira uma chave.

— Vamos.

Ela sorri e ele semicerra os olhos, enquanto eu permaneço sorrindo e os seguindo.

Isso aqui vai ser intenso, estou pressentindo.

Capítulo 45

Adiel Gaspar

Ela vai me enlouquecer e ninguém será capaz de me apresentar uma cura.

Não consigo entender como uma mulher pode ser tão orgulhosa, independente e cheia de si como Zayxa é. Não consigo encontrar uma justificativa para que ela não permita que eu me aproxime o suficiente para fazê-la se sentir bem. Como uma pessoa pode se manter por tanto tempo solitária cuidando de si? Eu jurava que as mulheres desejavam um homem para cuidar delas e as tratar como Rainhas, mas ao que pude observar dessa mulher isso não é o que ela deseja ou precisa, porque ela está mais que focada em se manter sozinha em todos os seus passos. Sinto-me como um simples travesseiro ao qual ela só deseja dormir agarrada por um instante até que no dia seguinte ela tenha de acordar e o deixar para retornar e o abraçar só na noite daquele dia e assim por diante.

— Você falou com ela? – pergunto novamente a Tércio, que apenas acena.

— Fique despreocupado, Adiel. Ela já lidou com ferimentos mais perigosos e sempre ficou bem – ele diz e eu não consigo deixar de ficar chocado, porque os dois falam isso casualmente como se fosse normal, como se eles estivessem realmente habituados aquilo.

— Ela está cuidando de assuntos importantes, Adiel. Talvez nem esteja sentindo tanto como você imagina. Volte para o hospital e fique tranquilo – Yanne fala surgindo na sala segurando uma caixa de papelão.

Como é que ela pode não estar sentindo dor com um ferimento profundo como aquele? Por sorte do destino não atingiu alguma veia ou o seu fígado. Não compreendo, não consigo mesmo entender como eles podem reagir dessa forma mesmo sabendo como ela está. Como ela pode me pedir para voltar ao hospital sabendo que a mulher que eu estou apaixonado está sofrendo em algum lugar da cidade, sentindo dor e eu não posso fazer nada para ajudar, porque ela não deixa que eu me aproxime para o fazer?

Não consigo lidar com isso!

— Um amigo está me substituindo no hospital. É claro que não vou embora!

Tércio sorri enquanto desfia um pedaço do peito de frango parecendo inabalável na mesa da cozinha.

Tudo está mudado, tudo. E eu não sei o que aconteceu, porque eles não me deram uma explicação plausível para tal.

— *Yanne brigou com Tércio.* – Foi o que Zayxa me respondeu quando a questioneei sobre o fato de estarem carregando as coisas quebradas da casa dentro de diversos sacos de lixo e sendo seguidos de móveis novos.

Como eles podem ter brigado e assim quebraram todos os móveis da casa?

Realmente não consigo compreender o que pode se passar com essa família. Estou cada vez mais confuso, porque ela só me conta as coisas por metade e as minhas suposições estão me enlouquecendo.

Ela disse que seu passado é obscuro demais para que o dividisse comigo, então o que ela espera que passe na minha mente depois de escutar uma coisa dessa e comparando com as suas cicatrizes, tatuagens e a declaração de hoje mais cedo? É muito para a minha cabeça e eu simplesmente não consigo me concentrar em mais nada porque isso está me consumindo por completo. Não consigo prestar atenção em mais nada porque a possibilidade de ela ter sido abusada pelo pai ou pela mãe está me deixando louco. Tércio, como irmão, deve estar mais que ciente disso tudo e eu quero perguntar, mas temo que ele não vá me enviar muitas respostas assim como ela.

Como eles podem estar tão desprovidos de preocupação quando ela está machucada?

Sinto que minha cabeça dói com meus neurônios sendo cozidos por todas essas possibilidades e falta de respostas.

— Quer ajuda? – pergunto e ele sorri acenando positivamente.

Entrega-me o pedaço do peito de galinha que ele desfia.

Respiro fundo enquanto que ele continua sorrindo ao meu lado.

— Fico feliz que você se preocupe com ela – ele diz e eu desvio meu olhar para ele.

Está vendo? Novamente ele me vem com isso dando-me a margem para o pensamento de que ela não tinha mais ninguém além dele para se preocupar ou cuidar dela. E eu não faço ideia do que pode ter acontecido para que ela tenha que se defender sozinha, para que ela possa cuidar de si sem aceitar a ajuda de mais ninguém.

Vou enlouquecer.

— Onde estão os pais de vocês? – pergunto sem conseguir evitar.

Ele fica sério, como se esse fosse um assunto delicado demais para se tocar.

— Não temos pais.

Isso eu já sei, ela já disse, mas não é isso que desejo saber. Quero saber o que aconteceu com eles, como ficaram sem eles... como isso é difícil!

— O que aconteceu com eles?

Ele suspira antes de me observar e eu vejo o quão marejados estão os seus olhos. Arrependo-me imediatamente por pressioná-lo. Acho que estou tão louco

que não estou conseguindo me controlar para não fazer perguntas delicadas como essas.

— Nunca faça essa pergunta para Zayxa. Nunca. E é melhor que você não saiba... nem você, nem ninguém.

Ele desvia seu olhar para Yanne que permanece no mesmo lugar nos encarando com bastante atenção.

— Isso me inclui? – ela pergunta arqueando as sobrancelhas.

— Não quero falar sobre isso. Você pode só continuar com o que estava fazendo?

Ela rosna derrubando a caixa no chão e eu sinto como se estivesse apertando um ferimento que está longe de ser cicatrizado.

— Detesto que me dê ordens, então pare!

Ele suspira e volta sua atenção para o frango.

— Não sei como você consegue lidar com a minha irmã, mas eu preciso de dicas urgentes ou vou acabar morrendo antes que completemos dois meses de namoro.

Sorrio porque foi quase impossível que não o fizesse.

— A sua irmã não é tão irritada assim.

O olhar que ele me envia é de completa incredulidade com um misto de surpresa.

— Já devia imaginar que com o amor ela não seria tão carrasca. Devia ser assim com o irmão dela também – sussurra me fazendo rir.

— Se o irmão não fosse tão irritante, talvez ela fosse diferente com ele!

Após essa resposta de Yanne, os dois travaram uma discussão, onde Tércio defende que as duas são muito perversas com ele, enquanto Yanne afirma que ele é o mais irritante dos homens, logo é completamente aceitável que estejam sendo assim com ele gratuitamente.

E o tempo passa, as questões na minha cabeça são esquecidas e a preocupação resumida a risos porque os dois perto de mim enquanto brigam é um belo espetáculo, principalmente quando travam uma luta corpo a corpo que com certeza não é de dois amadores. Já vi isso diversas vezes nas academias que frequentei, mas o nível que os dois lutam está muito além de uma faixa de uma modalidade isolada e eu não consigo deixar de me perguntar se Zayxa também sabe lutar como estes dois e o que aconteceu no passado para que eles pudessem aprender tudo isso. Isso me corrói, a pergunta está na ponta da minha língua e eu sei que tenho todo o direito de saber, afinal não estou na vida dela de passagem. Jamais a deixaria, não conseguiria me afastar e isso está me enlouquecendo novamente.

Quando eles se separam e se afastam, eu pisco considerando que não posso

deixar de fazer essa pergunta e talvez, após fazê-la eu irei me arrepender, mas não posso fazer mais nada quanto a isso. Ou eu fico sabendo da verdade ou ficarei completamente louco.

— Onde aprenderam a lutar assim? – pergunto e Yanne sorri.

— A vida não é um mar de rosas, doutor. E a minha nunca chegou nem perto disso. Lutar foi o mínimo para a minha sobrevivência.

Ela acha que a minha vida é um mar de rosas? Quem ela pensa que é para me dizer isso?

Tárcio respira fundo e se vira para mim.

— Eu não aprendi a lutar porque eu quis. Fui forçado a isso, assim como a minha irmã, mas acho que esse assunto deve ser deixado enterrado.

E eu estou enlouquecendo.

Como eles têm essa audácia? Como desejam que eu permaneça ao lado de uma pessoa que não sei nada? É um crime que eu esteja curioso sobre a origem da minha mulher? Fico chateado que isso esteja sendo jogado na minha cara assim.

Quer dizer, então, que os dois foram forçados a aprender a lutar..., mas por quê? Por que isso? Foram abandonados muito cedo e precisaram cuidar um do outro? Não consigo pensar em mais nada, porque a minha mente está cheia de coisas.

Opto por deixar de lado o frango e as perguntas, então lavo minhas mãos e pego uma bebida na geladeira antes de me encaminhar para o sofá, onde fico sentado o resto da manhã e até o começo da tarde, quando a porta se abre e a deusa dos meus sonhos entra por ela, parecendo pálida e suada como se tivesse corrido por léguas e isso não é o que me deixa mais magoado e chateado. O fato de que tenho que lidar com isso tudo sem poder fazer um questionamento porque é certo que eles não iriam me responder ou diriam que é melhor que eu não saiba, me parte o coração. Meus sentimentos são resumidos a nada quando percebo que ela não confia em mim o suficiente para compartilhar um pouco sobre a sua vida.

Ela me encara e quando isso acontece, não foge das minhas vistas o quão surpresa aparenta estar e isso é mais uma facada no meu peito.

Sinto-me como um idiota, porque mesmo com todo o chateamento que escorre por cada poro meu, me sinto feliz somente por tê-la aqui na minha frente, olhando nos meus olhos e intacta.

Gostaria de me levantar e gritar tudo o que estou sentindo, mas escolhi guardar tudo dentro do meu peito, porque ao que indica essas informações são irrelevantes demais para serem compartilhadas e ao julgar a expressão magoada de Tárcio mais cedo, esse é um assunto mais delicado que qualquer outra coisa

na vida dos dois. Mesmo que eu queria saber, escolho deixar de lado e aceitar que ela venha até mim do jeito que está, porque foi assim que a conheci, foi assim que me apaixonei e é assim que quero passar todo o resto da minha vida.

Ela se aproxima de mim e logo atrás dela, uma mulher a segue, fechando a porta atrás de si. Ambas parecem cansadas, mas Zayxa é a primeira a se sentar ao meu lado. Repousa a cabeça no meu ombro e juro que esse é o momento ao qual o ar se torna mais puro e melhor de se tragar sem danificar o meu peito.

Ela suspira e eu pego sua mão para entrelaçar nossos dedos, assim eles estão perto o bastante de mim, sob o meu toque, sob as minhas vistas.

— Como você se sente? – É primeira coisa que sou capaz de perguntar.

— Bem o suficiente para dormir a tarde e a noite inteira, mas infelizmente isso não será possível – diz apertando sua mão na minha.

Se eu perguntar onde ela estava ou o que sua resposta significa, ela vai responder que é melhor que eu não saiba também?

— Você deve descansar e tomar um remédio.

— Não posso descansar, nem tomar um remédio.

Suspiro sentindo a exasperação tomar conta do meu corpo.

— Não teria plantão hoje? – ela pergunta ao mesmo tempo que a campainha da casa toca e a mulher que veio com ela se adianta para atendê-la.

— Substituí com Martin.

A porta se abre e um homem é revelado ao mesmo tempo em que o aperto sob minha mão aumenta. Zayxa se levanta imediatamente afastando-se de mim, o que me leva a fazer o mesmo tocando no seu braço e a afastando para ficar atrás do meu corpo. Não sei quem ele é ou o que ele representa aqui, mas não a deixarei lidar com isso sozinha por mais que seja exatamente isso que ela deseja.

— Sai – o homem rosnou e abriu a porta de uma vez.

— Como você tem a coragem? Como? Só me explica... como?

A mulher está paralisada na porta encarando-o e eu sinto Zayxa ao meu lado ficar cada vez mais tensa.

— Minha conversa não é com você – ele diz mantendo a voz forte, dura e então, ele desvia o seu olhar da mulher ali na entrada para a mulher que está atrás de mim, pulando logo em seguida para o outro lado, em direção onde Tércio está com Yanne.

Quem diabos é esse homem? Será que é alguém do passado dos dois?

— Você?

O homem puxa uma longa respiração somente para ser interrompido por outro, que segue entrando pela porta de entrada. Esse é mais jovem, possui o cabelo loiro, um corpo malhado e cheio de tatuagens. Logo ao lado dele outro

homem o segue. Esse é maior e a sua semelhança com Zayxa é incrível, confesso que estou um pouco chocado. O mesmo olhar, os lábios na mesma proporção e a única coisa que separa o rosto dos dois da mais pura semelhança é uma cicatriz que marca um lado do seu rosto masculino.

— Estou passado com esse clima pesado nessa sala. Um encontro familiar deveria ser mais amoroso, vocês não acham? – ele perguntou antes de gargalhar alto.

— Adiel, por favor, vá embora – ela pediu com seu tom de voz tão diferente do habitual, que me causou calafrios.

Viro-me para vê-la encarando o homem mais velho com uma atenção absurda. Estou chocado, não consigo mexer um só músculo e ela parece que vai explodir a qualquer instante.

— Oi? – pergunto chocado e surpreso.

— Deixe meu cunhadinho aqui, maninha. Você não pode esconder dele o que é por tanto tempo. Tenho certeza que ele vai te amar do mesmo jeito, assim como a minha mulher me ama.

Ele é irmão dela? Agora estou mais confuso ainda.

— Acho melhor que mantenha a formalidade enquanto estiver dentro da minha casa. Eu não te conheço, não sei de onde veio, mas se quiser sair vivo cale a boca.

Meu deus, o que é isso?

Quando é que essa mulher se tornou tão sombria assim?

— Estou passado com a seriedade da ameaça – o mais novo diz antes de rir. — *Meu Jeová*, colocar fogo em um convento é fichinha perto dessa voz e desse olhar. Jeová que me livre de ser inimigo dessa mulher. Papaizinho, você está ferradinho.

Nem tenho tempo de filtrar o que está sendo dito, porque ela agarra o meu braço e me empurra para trás, fazendo com que meu corpo caia no sofá para que só então, ela tome a frente.

— Adiel, você tem certeza que quer continuar aqui? – ela pergunta e eu não consigo responder, porque meu coração está acelerado demais e eu estou nervoso demais para formular uma resposta e mesmo que eu fosse a responder, a resposta seria que eu não sairia daqui nem por um decreto. Não vou abandoná-la por nada. — Ok, essa foi a sua escolha e não sabe como me dói o que vai suceder devido a ela. – Pisco olhando para as suas costas, mas a mancha de sangue na sua camisa é o que está me deixando ainda mais louco. — Meu nome verdadeiro é...

— Íris Sensit e eu sou teu irmão mais velho – o homem loiro diz antes de sorrir largamente. Ela dá um passo para trás e eu estou chocado demais com isso

aqui.

Como assim o nome dela não é Zayxa?

— Avisei para ficar calado – ela rosnou e Tércio tomou o lugar ao seu lado. Ele colocou a mão nas costas dela e eu estou me sentindo perdido. — Eu não sou uma enfermeira, eu...

— Ai que suspense chato! Que clima chato! Revelações chatas. Ela é assassina, é contratada para matar e estava fazendo isso no hospital esse tempo todo. É isso, pronto. Besteira isso tudo.

— Eu vou matá-lo!

E eu acho que o mundo para à medida que tento auxiliar tudo que está acontecendo. Acho que uma luta é travada na minha frente, mas não consigo focar em nada mais que as revelações que acabei de receber.

Fui enganado esse tempo todo? Ela não é quem eu pensei que era? No final, eu realmente não sabia nada sobre ela? O que é que acontece comigo e com o meu coração? Por que sinto como se estivesse sendo jogado para fora da órbita terrestre?

Isso pode ser um pesadelo?

— Por favor, pare, Íris! – grita Tércio separando-a do homem que ri, limpando o sangue que escorre do seu lábio inferior.

— Você viu o gancho de direita dela? Jeová que me abençoe, mas já amo minha irmãzinha!

Ela silva tentando avançar no homem novamente antes de Tércio a afastar novamente.

— Como ousa entrar na minha casa? Como ousa entrar aqui e me desafiar enquanto debocha da minha cara? Quem você pensa que é? Eu vou te matar e quando eu terminar de fazer isso, acabarei com você, seu maldito!

Tércio vira seu corpo para trás, deixando Zayxa... ou Íris, de frente para mim e o olhar que capturo ali, com certeza não é da mulher que me apaixonei, tampouco da que amo. Isso tudo só pode ser alguma pegadinha do destino que está me deixando louco, só pode.

— O que você quer dizer com cunhado e maninha? O que quer dizer com irmão mais velho? O que quer dizer com tudo isso? – ele perguntou e quem respondeu foi o homem mais velho.

— Ela é minha filha, assim como esses dois.

Os olhos dela se arregalam e se antes o rosto dela já estava pálido, agora não sei nem dizer como pode estar e mesmo sabendo de tudo isso, ponderei me levantar e a tomar nos meus braços, mas eu não conseguiria me manter intacto com tudo isso.

— Qual é o golpe dessa vez, Nicolas? Com que direito você vem até aqui

jogar essas coisas na gente? O que você deseja? É simples, você poderia somente dizer o que quer, o que deseja e assim, isso acabaria. Por que veio aqui estragar o pouco de felicidade que recaiu nas nossas vidas?

Ela se livra do aperto de Tércio e se vira, dando-me suas costas novamente.

— Eu vou matá-lo – diz apontando para o homem loiro que arregala os olhos sem conseguir disfarçar o sorriso.

— Eu sei que essa é uma frase muito comum entre irmãos que são criados juntos e tal, mas é meio estranho e assustador que isso seja dito entre irmãos assassinos...

— Você vai morrer!

Ele suspira com o humor fugindo das suas vistas, enquanto o outro homem inclina a cabeça para o lado encarando-a, mas logo ele volta a olhar o homem loiro que apoiado na parede limpa o sangue que escorre por seu lábio.

— Por que não a abordou como fez comigo? Seria mais fácil. Ela vai te matar mesmo e não vou fazer nada porque você é irritante com esses risos frouxos – o outro homem que se parece com ela diz pela primeira vez após entrar aqui.

Yanne corre até que está do outro lado e então segura o braço de Zay... Íris.

Onde fui me meter? Por quem fui me apaixonar?

— Eles... eles... vocês são iguais!

— Oh, sim, são gêmeos – o loiro diz antes de rir novamente. — Como é olhar para outra pessoa que é a sua cara só que de sexo diferente?

— Se você abrir a boca novamente para falar, eu juro que não vai sair daqui com um dente para contar história.

Ele pisca e sorri enrolando os lábios para dentro da boca, mas ele não a leva a sério e eu acho que vou pirar.

— Eu não sabia que era teu pai quando os treinei. Eu não sabia que era pai de Luciano quando o treinei, eu não sabia que tinha filhos até uns meses atrás. Se eu soubesse, eu... eu...

— Se eu soubesse, eu teria te matado na primeira chibatada. Considere-se sortudo, filho da puta.

Arregalo os olhos com o seu tom duro de voz e eu sinto que vou morrer.

— Eu não acredito em nada disso – diz Tércio sacudindo sua cabeça.

— Vocês irão compreender quando verem as provas e eu espero que um dia sejam capazes de me perdoar.

Ao contrário de tudo o que pensei que ela poderia fazer, ela começa a rir alto ao mesmo tempo que joga a cabeça para trás.

— Eu sei que pode ser difícil agora, mas nós não estamos contra vocês. Nós sabemos os boatos que estão correndo e estamos aqui para lutar com vocês

mesmo que não saibamos quem está no controle dessa armação. Ele é Luciano Monteiro, acredito que saibam quem ele seja e está no lugar de Malaquias. Estamos a...

Ela continua rindo histericamente enquanto o homem diz tudo isso e ao lado dela, Tércio a observa com medo. Ele toma dois passos para trás, afastando Yanne consigo e eu ainda não entendo o que é que está acontecendo aqui.

— Eu vou matar vocês. Cada um de vocês e vou começar por ele.

Aponta para o loiro que desenrola os lábios antes de rir.

— Eu fiquei calado e nem disse que você está sendo seguida por capangas de Júlio e que dentro da casa do teu amado há dez homens escondidos esperando que ele apareça, assim como no hospital. Também não disse que você está encurralada sem ter para onde fugir. E que já resgatei Inseto e os outros dois homens que você manteve preso esse tempo todo. E, por obséquio, quem era o homem que você encontrou aquele dia, antes de desocupar o lugar onde estava com Vilck Jane?

Ela não responde, ela apenas avança na sua direção e então, trava uma briga com ele. Ela tenta o acertar no rosto, mas ele desvia, então ela muda o seu alvo para o abdômen, onde ele tenta proteger enquanto sorri e ela aumenta o grau de dificuldade ao derrubá-lo no chão e é nesse momento que ele responde, acertando no mesmo lugar dos pontos, no mesmo lugar que ela foi ferida mais cedo. Ele a acerta ali mais três vezes antes que ela saia de cima dele e aperte o ferimento.

— Help me fez prometer que eu não iria responder os seus golpes, caso isso acontecesse, mas olha aqui... você sabe o que eu terei de enfrentar mais tarde? A culpa é sua, toda sua.

Ela gargalha alto, mas é interrompida por um arquejo alto de dor.

— Pare, por favor, pare! – pede Tércio tomando a frente e eu não sei de onde, mas retiro uma grande quantidade de força para me levantar e tomar um passo à frente.

Certamente meus pensamentos não estão certos. Não estou raciocinando bem o suficiente para fazer isso, mas não sou homem de ficar quieto vendo uma mulher apanhar, logo ela sendo a que estou apaixonado, mesmo que eu já nem saiba quem ela seja.

— Eu não gostaria de tomar medidas tão severas para que nós dois fiquemos bem, mas você me forçou a isso.

Então, ele retira uma pistola da sua cintura e aponta para ela antes de atirar. Fez o mesmo com a mulher que a seguiu, que caiu no chão segundos depois, alterou para Tércio, Yanne e depois para mim. Quando a tontura me tomou, eu a vi em pé do mesmo jeito e quando a escuridão tomou conta do meu mundo, a

última coisa que eu fui capaz de ver foi o seu corpo caindo no chão.

Capítulo 46

Íris Sensit

Minha ferida dói, minha cabeça dói e estou presa em um quarto que mais parece um calabouço antigo, trancada e sob a ameaça pungente de que acabarei tendo de me matar, porque a forma como ele me olhou quando Tércio me virou foi a coisa mais cortante do mundo inteiro. Eu não podia contar com o fato de que ele olharia daquela forma após saber quem eu sou e o que eu faço. Na verdade, eu poderia imaginar que ele ficaria horrorizado e que se afastasse, mas aquele olhar, aquela expressão cortou completamente o meu coração.

O que um salvador de vidas faria ao estar frente a frente à quem as tira?

Sou aquela que as tira e ele as salva. Como isso daria certo? Como eu faria isso valer mesmo sabendo que não poderia ser escondido por tanto tempo?

— Você está acordada? Onde estamos? E por que nos colocou aqui? É burra?

Abro os meus olhos, mas tudo está desfocado, confuso e sinto que minha cabeça vai explodir. Volto a fechar meus olhos e concentro apenas a minha audição nos sons ao meu redor, assim como o cheiro. O lugar fede a lama podre e o barulho de correntes está se fazendo presente. Tento mexer minhas mãos, mas quando o faço, sinto metal ao redor delas e isso é o suficiente para que eu abra os meus olhos instantaneamente baixando meu desfocado olhar para as minhas mãos e o pouco que consigo ver, faz com que arrepios subam por minha pele.

— Ei, não se desespere. — Escuto o sussurro de Tércio e então, subo meu olhar, mas não consigo ver muita coisa. — Você consegue enxergar?

Tento respirar fundo um par de vezes e apenas me concentro em recuperar minha visão, mas ela parece que quer fugir de mim cada vez mais. O mundo parece girar, minha cabeça se torna pesada, assim como os meus membros e minhas pestanas estão fechando, por mais que eu lute para que elas permaneçam abertas.

Minha cabeça pende e a inconsciência me domina.

Sobre isso não posso fazer nada.

— Se eu conseguir me soltar, juro que a mato!

— Você não conseguiria. Antes de você levantar o braço para tal, ela já

estaria te forçando a engolir as algemas.

Um riso alto domina o local e eu sinto como se pudesse enlouquecer. Parece que acabei de chegar de uma longa corrida para sobreviver. Meus membros estão tão cansados e eu me sinto esgotada de toda essa falação, mas ao contrário do que meu corpo deseja, vou contra e tomo o controle dele. Abro os meus olhos tentando focar no que há na minha frente e a primeira coisa que vejo assim que consigo focar é o rosto pálido de Kaique, assim como o do segurança de Marinho. Eles me encaram com atenção e ódio, mas o olhar mortal de Kaique é o que faz com que eu semicerre os meus olhos.

— Eu só queria saber o que ele faz aqui – rosnou encarando o meu rosto, mas eu desviei o meu olhar para o outro lado, encontrando Tércio acorrentado ao lado de Yanne que suspira me observando, assim como Vilk que permanece séria.

Ao meu lado, uma presença forte e conhecida o suficiente me força a encará-lo, mas o olhar e a atenção dele estão perdidos demais. Encontro-me incapacitada de enfrenta-los, porque eu não seria capaz de lidar com a sua raiva, indiferença, medo e talvez, repúdio. Não sei o que eu seria capaz de fazer se ele me olhasse assim.

Já me dói o coração só a lembrança do seu olhar na minha casa depois de saber a verdade.

— A madame acordou... o que fará para nos tirar daqui?

Suspiro considerando que o melhor é não me focar nele por tanto tempo se o que desejo é sair daqui.

Olho para o teto e uma parte gradeada chama minha atenção, enquanto permaneço avaliando o local desgraçado em que estou. É muita porcaria que não me traz boas lembranças e eu sinto que posso começar a enlouquecer a qualquer instante.

— Eu espero que você o tire daqui ou as coisas estarão complicadas demais para o teu lado – Kaique me ameaça, fazendo-me suspirar novamente e eu sinto que posso enlouquecer.

— Você não está em condições de me ameaçar e para o seu bem é melhor que permaneça calado. Minha paciência é muito oscilante – digo o encarando, vendo-o travar o maxilar.

Espero que permaneça calado e com uma enorme quantidade de controle dentro de si, porque não serei capaz de permanecer o escutando por muito tempo.

Levanto minha mão e avalio o bracelete que está ao redor do meu pulso, esse que conectado a corrente me mantém presa, mas claro que não por muito tempo. Em situações como essa, geralmente opto por esperar tempo o suficiente

para que eu esteja em contato com os demais, então assim consiga avaliar o perigo que me cerca, todavia esse momento é crítico demais para apenas esperar.

Desvio meu olhar para Tércio e suspiro.

— Você sabe o que temos que fazer, certo? – pergunto e seus olhos marejados me partem o coração mais uma vez. Sinto como se isso fosse me deixar cada vez mais louca ao mesmo tempo em que meu peito se mantém mais angustiado.

— Sim. Estou me preparando emocionalmente desde o instante que acordei – diz e aceno.

Relaxo minhas mãos sob minha perna e com o meu olhar no dele, faço o que me foi ensinado. O que já fiz um par de vezes quando em dívida conseguiram me pegar e me manter trancada. Fecho minhas mãos cobrindo o polegar com as demais e então, aperto até que consigo o que desejo. A dor faz lágrimas caírem dos meus olhos e eu vejo o mesmo acontecer com Tércio, que sempre lutou para nunca ter de usar o seu aprendizado nessa área, mas que com o destino que nos foi traçado é praticamente impossível de não usar cada um deles em algum momento da nossa vida.

Sinto por não poder fazer com que ele não faça isso, mas esse é o único jeito de sair daqui e manter todos a salvo.

Devagar e com toda a concentração que os olhos de Tércio me proporcionam, consigo me livrar de um dos braceletes para que só assim, eu possa fazer o mesmo no outro. Quando minhas mãos estão livres retorno com o osso do meu dedo para o mesmo local, sentindo ainda mais dor. Tento me concentrar em qualquer outra coisa, mas quando a dor dos meus dedos se intensificam, sinto que a da minha cintura começa a apontar. Preciso de foco no que preciso fazer que é tirar Adiel daqui.

Levanto-me assim que Tércio faz o mesmo. Aproximo-me das grades como a de uma cela de prisão e em frente a ela vejo outra, mas o local está vazio. É estranho que estamos presos em uma quase prisão antiga?

— Íris – escuto o sussurro de Vilk e então me viro para vê-la me observando como se estivesse perdida. — Eu preciso te contar uma coisa.

Pisco franzindo meu cenho.

— O que?

— Eu conheço Nicolas – sussurra com seus olhos marejados e eu estou confusa, sentindo-me um pouco presa. — Foi ele quem me ensinou parte do que sei e foi ele que me ajudou a sair, quando perdi a minha filha.

Meus olhos se arregalam e eu sinto que o ar está fugindo de pouco a pouco enquanto me sinto cada vez mais presa e cercada de algo que não tenho conhecimento, que não sei como escapar, tampouco como lidar e isso é o que

realmente me apavora.

— Você teve uma filha? O que você fazia aqui? – Tércio perguntou alarmante, tomando a minha frente e se aproximou dela, ficando de joelhos na sua frente.

— Fui forçada a estar aqui depois de matarem o meu pai. Tinha cinco anos quando isso aconteceu e desde então, minha infância, adolescência e início de fase adulta foi preenchida apenas de torturas e treinamentos. – Ela suspira antes de levantar seu olhar para mim. — Foi então que conheci Lince, quando surgiu a minha paixão por ele e foi quando quase tiraram a minha vontade de viver.

Ela pisca com as lágrimas escorrendo por seu rosto vermelho.

Essa história... essa... ai meu Deus. A dor de cabeça está voltando cada vez mais forte à medida que essa história se junta e combina com uma que eu descobri há alguns meses. Viro-me ficando de frente para Kaique que pisca com o cenho franzido tentando estabelecer um foco entre Vilc e Adiel.

Por que alguém faria isso com crianças que tem tanto a viver?

— Comigo e com Íris foi da mesma forma, mas quem fez isso conosco foi o meu próprio pai. Deixaram-na na academia que ele mantinha. Desde aquele dia, passamos por experimentos em torturas que ninguém nunca seria capaz de imaginar.

Fecho meus olhos tendo em mente alertar a Tércio para não baixar sua guarda quando está em uma situação crítica como essa.

— O seu pai? O que? Como? – questiona Yanne e eu acho que, mais uma vez, estarei ficando louca com lembranças desnecessárias como essas.

— Ele nunca foi bom, sempre me punia pelas coisas mais pequenas possíveis. – Bufa, fazendo-me suspirar. — Matou minha mãe na minha frente e a deixou ali por um mês. Vi seu corpo em um estado que até hoje me assombra. O odor ainda faz parte da minha imaginação, sabe? Para garantir que eu não fugisse do lugar em que deixou minha mãe morta, ele me amarrou e quando não suportou mais o odor que estava na casa inteira, forçou-me a enterrá-la no quintal da nossa casa. Desde então, não pude ter contato com o mundo exterior.

— Que monstro! Meu Deus...

Permaneço encarando Kaique e eu vejo o quão chocada ele parece ao escutar todas as revelações de Tércio. Está juntando as semelhanças assim como eu e eu acho que não estou tão louca como penso.

— Nem precisaram do Lulu aqui para que comesçassem a juntar as pecinhas. Como estão depois de receberem um pouco de tranquilizante? Ninguém poderia imaginar que eu andaria agora com pistolas tranquilizantes, certo? Sou um gênio!

Viro-me quando a voz alta do irritante homem loiro se faz presente atrás de

mim. Está sorrindo com o mesmo ar debochado que estava na minha casa e eu só consigo nutrir ódio por ele, por falar a minha identidade para Adiel.

— Eu vou sair daqui e quando isso acontecer...

— Passei a minha vida em um inferno como vocês – começa, mantendo o semblante sério e eu semicerro meus olhos. — Não lembro de um pingo de ar de felicidade na infância, na adolescência ou na vida adulta. Vocês sabem por quê? – Arqueia as sobrancelhas e eu o observo, atenta a qualquer sinal de mentira que eu possa capturar. — Eu sei que não e eu vou dizer o porquê. Malaquias, o mesmo que alguns de vocês conhecem, comprou todos ao meu redor para que minha vida se tornasse um inferno, para que assim eu me tornasse um homem amargurado, sem sentimentos ou esperança para qualquer outro ser humano, assim eu seria um assassino impiedoso que mataria de bebês inocentes até velhotes impossibilitados. E ele conseguiria isso, já que na minha adolescência eu estava louco para o conhecer, porque na minha cabeça ele seria a minha tábua de salvação. Ele deveria ser a única, mas ele não contou que Nicolas estivesse tão cansado de tudo.

Ele sorriu e então voltou o olhar para Adiel, que o encarava com os olhos arregalados, parecendo estar pálido e chocado.

— Sabe por que os teus pais morreram naquele incêndio? – Esperou uma resposta, mas ela não veio. Adiel o observa com o choque ainda mais profundo e eu sinto uma vontade suprema de o abraçar, mas temo que me expulse para o mais longe possível. — Malaquias ameaçou a esposa de Severino, um vizinho teu. A casa dele ficava por trás da tua. A mulher dele e os filhos morreram quando ela negou a proposta que Malaquias o fez para me torturar. O fogo que ele provocou na casa dele se alastrou para a tua e isso não foi acidental. Severino levou toda a culpa pela morte da esposa e dos filhos. Eu acredito que teus pais foram assassinados antes de serem queimados, mas isso podemos confirmar com os teus irmãos.

Sinto vontade de o fazer ficar quieto, mas não quero que ele permaneça nesse espaço de tempo sem saber o que realmente aconteceu com a família dele.

— Você está enganado. Não sei como descobriu tud...

— Kaique, nos confirme a verdade ou vai escolher permanecer no escuro? Seguindo e vigiando o teu irmão o resto da tua vida? – diz ao cortar o que Adiel tentou falar, mas também não esperou que Kaique o respondesse. — Os teus irmãos estão vivos. Malaquias os levou para algum lugar depois de matar os pais de vocês. Cyntia com três anos conheceu o pior dos infernos e com Kaique não foi diferente. Você sabe que ela está viva, não é?

Ele puxa uma longa respiração ao alternar o seu olhar dos dois homens. Adiel permanece chocado e Kaique não está muito diferente, enquanto as

lágrimas escorrem por seu rosto. O clima pesa, tudo fica pesado para ser suportado e eu juro que posso chorar junto com Adiel quando ele baixa o seu olhar.

— Como eu posso acreditar nisso? Carreguei as cinzas dos meus pais e dos meus irmãos a minha vida inteira...

— Fofo, teu irmão está na tua frente. Só olhar e perguntar, eu ein. – Quando ele revirou os olhos demonstrando o quão impaciente estava, considerei avançar e o esmurrar até a morte, mas levei em consideração que estou em desvantagem e por trás das grades. — Quem você acha que bancou a tua faculdade quando você pensou que era uma simples bolsa? Quem você acha que te garantiu um emprego, quando você rastejou na mesmice? Exato, querido! Kaiquinho, o morto-vivo assassino mais respeitável dentre todos. Uma gracinha, ele.

Ele riu e eu avancei um passo antes de parar.

Estou tentando me controlar, eu juro que estou.

— Só não entendo o porquê de ele não ter levado você também. Não acho justificável o fato de você não estar em casa. Ele esperaria que voltasse para que assim te pegasse também. Preciso encontrar os outros papéis, mas sinto que estão espalhados em outro lugar. Droga.

Suspira novamente antes de sorrir, voltando a me observar.

— Facilitei muito para você, não é? Essa é a minha maneira de me desculpar por mais cedo, ok? E... eu preciso conversar...

— Ainda vou matá-lo.

Revira os olhos e bufa.

— Então, terei de falar aqui mesmo... – Suspira demonstrando cansaço. — Acho que Júlio deseja te fazer esposa dele, assim seria mais fácil para que ele conseguir tudo de Malaquias, afinal é necessário um de sangue legítimo para fazer dele um líder respeitado pelos demais. Enfim... garanto a segurança de todos eles, exceto o engravatado fedorento, se você escutar o que Nicolas tem a te dizer.

Ainda não consigo entender como ele consegue ser assim, tão imprevisível e direto. Fico tonta a cada instante que ele abre a boca para falar seja o que for.

Não tenho outra escolha, tampouco para onde correr.

Mesmo que ele tenha acabado com o meu relacionamento, ainda sim desejo que Adiel viva anos e mais anos sendo feliz, mesmo que não aconteça ao meu lado. Mas, se depender de Marinho e Júlio, isso não vai acontecer e é somente por esse motivo e por ter de proteger Tércio, que eu vou aceitar essa proposta.

— Quero respostas – digo e ele sorri.

— Nicolas irá responder a todas.

— Você ainda não sabe quem é o líder? – pergunto e ele franze o cenho

claramente confuso. — Marinho. Foi ele que encontrei aquele dia e me propôs para me juntar a Júlio para que assim tomássemos o teu lugar.

Ele pisca e sorri novamente.

Afasta-se das grades e coloca as duas mãos na cintura ainda rindo.

— Aquele maldito... Como eu pude me esquecer de matá-lo? Como?

— Se o que você me disse é verdade, a essa hora ele já deve estar bem longe daqui quando soube que você me sequestrou.

Ele acena antes de levantar o seu olhar.

— Eles irão até Lince agora, porque é o único que pode se juntar aos dois, já que é o nosso irmão do meio – diz e não posso impedir que a surpresa me faça dar dois passos para trás.

— Que Lince? O meu Lince? – pergunta Vilk enquanto pondero o que está acontecendo.

É difícil de engolir todas essas revelações e sem mais nada para confirmar a verdade e é por isso que pondero baixar a minha guarda para que só assim eu possa ser menos infeliz aqui.

— Quero ver esses papéis. Mostre-me tudo.

Ele inclina sua cabeça e me encara cético.

— E eu sou mesmo otário, não é? – Bufa sorrindo. — O que me garante que você não vai tentar me matar?

Pisco o observando, tentando do fundo do meu coração controlar as emoções que estão completamente eufóricas dentro de mim.

— Você tem pessoas importantes para mim nessa cela.

Em outra circunstância eu não diria tal coisa, porque eu sei que colocaria a vida deles em risco, ainda mais tendo Nicolas no mesmo espaço que eles. Ele não é um inimigo, mas também não é um aliado. É só um homem que nos deu esperança, mas a rasgou do nosso peito no momento em que eu não poderia esperar.

— Uma boa apólice de seguro, querida – ele diz e eu semicerro meus olhos.

— Para te mostrar o quão aliado eu sou, vou te apresentar uma pessoa muito importante para mim, ok? Assim estaremos quites.

Calada, aguardo que ele abra o diabo da cela, mas ele apenas sorri, o que me irrita ainda mais. Permanecemos nos encarando por um longo tempo até que ele finalmente empurra a porta da cela aberta, o que me faz bufar com ódio.

Eu só precisava empurrar essa droga para que ela abrisse?

— Eu sei, sou imprevisível – fala sorrindo e eu bufo novamente, antes de empurrar a grade completamente aberta e passar por ela vendo esse corredor escuro e completamente angustiante.

Acho que posso morrer a qualquer instante e eu não sei o que fazer para

controlar o meu lado claustrofóbico, à medida que me sinto encurralada sem um lado seguro para correr ou um escudo para que eu consiga me proteger dos ataques iminentes que virão.

Ele começa a caminhar e eu o sigo, observando tudo com atenção.

— Preciso te falar uma coisa antes de te deixar passar – ele diz olhando com atenção para o meu rosto e eu estou tão impaciente que poderia derrubá-lo agora mesmo. — Do outro lado desse lugar há uma casa grande, a minha casa. Nós vamos até ela agora e quando entrarmos você irá se deparar com diversas crianças... são vítimas do ato de perversidade de Malaquias. Assim como nós, elas não têm pai nem mãe, nem família para correr e eu me intitulei o pai de cada uma delas, assim como minha mulher é a mãe. Se você tem alguma intenção de se vingar usando-as para isso, não serei capaz de perdoar e independente do que Nicolas sentir por você, eu jamais deixaria que vivesse após ameaçar o bem-estar de algum deles. E não estou brincando ao falar isso. Espero que entenda e que não me force a tomar essa medida, porque eu não hesitaria, entendeu?

— É uma ameaça? – pergunto arqueando as minhas sobrancelhas.

— Considere como bem entender. O mesmo foi apresentado para Laureano, o teu irmão gêmeo. E... se você ainda está oscilante acho melhor que permaneça aqui, porque ao contrário de nós dois, ele é uma bomba com um contador regressivo prestes a ser ativado a qualquer movimento contrário do que considere seguro. Ao sair daqui, tenha em mente que ou você será nossa aliada, parte da nossa família ou uma inimiga com os segundos contados. Não colocarei a vida de quem é importante para mim em perigo, por causa de laços sanguíneos. Não te conheço e você não me conhece, isso está claro. Se você está aqui agora é porque Nicolas me garantiu o seu caráter e o quão de confiança pode ser, assim como Tércio. — Respira fundo antes de levar a mão até a sua nuca e a coçar aparentando estar desconfortável. — Detesto mostrar fraqueza assim, mas não tenho outra saída, já que sem ela eu não serei capaz de te mostrar que estou realmente sendo sincero e que não estou contra você.

Aceno, acreditando nas suas palavras. Não demonstrou vacilar em nenhum momento, não hesitou em nenhuma das suas palavras e isso me convenceu. E é difícil que algo desse tipo aconteça comigo já que eu só encontro inimigos na minha vida. Um aliado, sendo ele meu irmão é com certeza, algo completamente curioso.

— Aliada ou inimiga? – ele pergunta e eu o observo com atenção.

— Você tem as únicas pessoas importantes no mundo para mim sob sua custódia, além do que o meu inimigo é o teu inimigo, acrescentando o fato de que todos eles estão em perigo, logo não tenho saída. Se você garantir que Adiel, Tércio, Yanne e Vilk Jane estejam em segurança, então serei a sua aliada.

O que antes pareceu estar em desconfiança e falta de conforto, agora parece que seus ombros podem finalmente relaxar. Olha nos meus olhos, depois muda para o meu rosto e o analisa com muita precisão antes de sorrir largamente.

— Prazer, sou Luciano Monteiro, mais conhecido como o diabo em uma versão melhorada e completamente gostosa.

Estende sua mão ainda me mostrando um largo sorriso, enquanto eu apenas pisco.

Suspiro, considerando essa a única forma de passar por essa avalanche e encontrar um definitivo lugar para mim, quando Adiel me deixar, porque eu sei que ele o fará na primeira oportunidade de conversa que tivermos.

— Prazer, eu sou Íris Sensit, mais conhecida como a morte.

Estendo a minha e aperto a sua.

— Esse é o início do fim do que quer que Malaquias ainda mantém.

Capítulo 47

Adiel Gaspar

Ele me encara e eu só consigo piscar sem conseguir compreender o giro que a minha vida deu.

O amor que estava no meu peito acompanhado da felicidade que rondava o meu coração acabaram de serem trancados e encontram-se presos, totalmente confusos. Quem eu amo não é quem imagino. Ao invés de uma enfermeira misteriosa, na verdade é uma assassina disfarçada que estava me enganando esse tempo todo?

Não, não.

Ela foi uma criança vivendo uma infância difícil, assim como os demais e isso tudo a levou a ser quem é. Ela me disse que seu passado era obscuro, que o significado das suas tatuagens também o eram, mas eu só estava focado em abstrair tudo o que eu podia dela, enquanto tinha tempo para tal, só que as coisas foram mudando, os sentimentos se intensificaram e agora, estou louco e apaixonado por ela, mas não consigo lidar com as descobertas que acabei de encontrar na minha frente. E apesar de tudo isso, de estar machucado e desapontado ao extremo, não consigo deixar de pensar na sua condição e na sua segurança.

Ela fez um combinado com o outro homem e nem ao menos perguntou se aceitaríamos também. Todos escutaram a conversa que trocaram fora da cela e a lágrima que correu pelo rosto de Tércio ao encarar as grades foi o suficiente para que eu entendesse a profundidade da relação de ambos, mas ainda não entendi se eles são irmãos ou não. Eu só desejo que tudo isso seja um mal-entendido onde em alguns instantes eles acabarão revelando que é apenas uma pegadinha. Ela não é uma assassina, ela não me enganou, nosso amor não é mentira, meus irmãos estão mortos e a minha família não morreu por causa de um monstro. Aquilo foi um acidente e tudo foi resolvido. Essa é a verdade e eu não desejo que ela seja mudável como está acontecendo agora.

Olhando bem para o rosto do homem que afirma ser o meu pequeno irmão morto, consigo notar algumas semelhanças e não posso fingir que isso não está acontecendo por mais que eu deseje que esse momento não tenha existido. Ele me encara com lágrimas e eu sinto como se meu coração estivesse querendo sair do meu peito a qualquer instante.

— Desculpa... desculpa – ele sussurra e eu não entendo o motivo.

Ele não fez nada, nem me conhece, então por que pede desculpas?

— Juro que tudo que fiz até agora foi para proteger você e Cynthia. Eu juro!

Pisco liberando o que sobrou de lágrimas nos meus olhos para deixá-las transbordar loucamente pelo meu rosto, como uma cascata de dor, mágoa e decepção. Não consigo dizer muitas coisas porque ainda não construí nada de válido na minha mente para que eu consiga repassar em forma de palavras e isso está me deixando ainda mais louco.

Agora já não tenho que fazer suposições sobre o que aconteceu na vida dela no passado porque já tenho tudo escancarado na minha frente e eu escolheria não ter escutado nada disso, ao menos assim ficaríamos bem no final.

Terminaríamos juntos e eu não me sentiria tão perdido como me sinto agora.

— Eu não pude fazer nada para impedir. Eu não consegui... me desculpa!

As algemas parecem pesar cada vez mais ao redor dos meus pulsos. Sinto vontade de sair daqui e nunca mais voltar. Só desejo possuir uma máquina do tempo para fazer com que esse dia nunca tenha existido, assim como a minha ânsia de descobrir sobre um passado tão doloroso que não deveria me fazer vacilar em ficar desapontado ou magoado, mas estou começando a nutrir um pouco de entendimento sobre como ela é e como sempre agiu.

Quando a conheci, nunca demonstrou ser doce, fofa ou atenciosa como as demais, mesmo que tentasse. E eu entendi que aquilo era parte da sua personalidade, parte dela como Zayxa, mas acabei de descobrir que seu nome não é esse.

Na verdade, ela se chama Íris Sensit.

Quando eu poderia pensar que ela se chamaria assim?

— Adiel, sinto muito por você estar sabendo disso tudo. Eu não me orgulho do meu passado e tenho certeza que ninguém aqui sente orgulho dos seus. Estou chocado com tudo, mas estou mais preocupado com o que Íris vai fazer para nos manter a salvo. — Suspira ao se sentar no chão deixando os ombros caídos. — Não se preocupe com nada, ok? Ela fez isso a vida toda. Lutou contra tudo somente para me proteger do radar de Malaquias, que me considerava fraco por ser tão sentimental, por não conseguir matar ninguém. — Uma lágrima escorre dos seus olhos e eu sinto um pouco mais de compreensão dessa história. — Ela foi castigada no meu lugar diversas vezes quando meu pai o decidia fazer.

Como ele espera que eu reaja quando ele me diz tudo isso? Como devo agir? Deveria tentar arrancar essa corrente do meu braço como ela fez ou eu deveria apenas virar a cabeça e começar a pensar no meu discurso de como isso tudo chegou ao fim?

— Só não nutra ódio por ela, por favor. Minha irmã de alma e coração já

passou por muita coisa ruim na vida e esses meses foram os únicos que a vi sorrindo e andando levemente mesmo com a ameaça de Júlio sob a cabeça dela. Por favor, a perdoe. Eu sei que o sentimento dela por você é verdadeiro.

Suspiro, sentindo que isso tudo vai acabar me enlouquecendo cada vez mais.

Senti a sua indiferença quando se soltou, quando nem olhou para o meu rosto ou buscou o meu olhar como sempre fazia e eu estou ainda mais louco por dentro por não saber ao certo o que devo fazer, qual rumo devo tomar.

Mas, as coisas nunca são como imaginamos, não é?

Mais cedo jurei que ela estaria deitada no meu peito enquanto dormia para descansar um pouco do seu machucado, mas olha só onde e como estamos.

— Aqui tem um médico, não tem?

— Não sei informar, senhora...

— Eu sei que tem, porque escutei Luciano falando algo sobre isso! Onde ele está?

— Senhora, eu não posso...

— Abre essa maldita porta! Não tenho tempo para isso.

Um conjunto de gritarias acontece não muito longe de nós e eu estou alarmante, temeroso. Sinto que se eu não for enlouquecer pela quantidade de informação que recebo é certeza que irei enlouquecer por causa das minhas emoções que não param instante algum de se intensificar ao mesmo tempo dentro do meu peito.

Escuto a porta ser aberta, da mesma forma que aconteceu mais cedo quando Zayxa ou Íris saiu junto com o loiro daqui. E logo, passos rápidos estão se aproximando de mim, acompanhados de respirações rápidas. Em questão de segundos uma ruiva com os olhos arregalados encara por dentro da cela.

— Quem é o médico? – pergunta vagando o seu olhar por cada um de nós.

— Por que a pergunta? – Tércio a questiona ao se levantar. — Por que quer saber?

Ela semicerra os olhos, com o seu rosto ficando completamente vermelho.

— Você é o médico? – Empurra a grade da cela ainda mais aberta e então, entra. — Eu sou Eve, esposa de Luciano. Desculpa essa confusão toda, mas preciso de um médico agora mesmo. Um dos meus filhos está passando muito mal e eu acho que seja por causa dos medicamentos que estavam sendo administrado neles há algum tempo. Preciso de ajuda, por favor!

Arregalo os olhos sentindo meu rosto esquentar quando Tércio vira o seu rosto na minha direção e me encara.

— Eu posso não usar uma arma, mas sei me defender perfeitamente em uma luta corpo a corpo. Se você quiser atende-lo, vou com você e irei te

proteger, porque eu sei que minha irmã ficaria louca se soubesse que você saiu sozinho em um lugar desconhecido como esse.

Apenas o encaro porque não sei o que devo realmente fazer nesse caso, com algo assim bem na altura dos meus olhos. Acho que posso começar enlouquecendo e prosseguir ficando ainda mais louco que eu já estava.

— Por favor, ajude-o! Ele é tão pequeno e eu não consigo o ver sofrendo daquela forma. Eu sei que é namorado da irmã do meu Luciano. É a única opção que tenho no momento. Não posso chamar qualquer um, porque nunca sei de onde virá o golpe para o matar definitivamente. Por favor!

Pisco e aceno.

— Preciso que me solte primeiro – digo e antes que eu termine, ela já está saindo da cela correndo.

— Solte-o!

— Não posso, senhora. Não tenho ordens para isso.

— Se você não o soltar e meu filho acabar morrendo, eu juro que o próximo morto será você.

Arregalo os olhos ao escutar a sua ameaça.

Existe alguém normal por aqui ou estou preso em um ninho de violência e mais violência?

— Sinto muito, senhora.

Ela grita e com os olhos cheios de lágrimas, volta correndo para a cela.

— Vocês não sabem como se soltar dessa droga? – pergunta me olhando e eu nego, balançando a cabeça e logo ela volta a encarar o segurança. — Você não disse que sabe se defender? Derrube-o, então!

Enquanto ela formava uma confusão entre Tércio e o homem que eu não conseguia ver, mas que estava firme em negar que ela deixasse nos soltar, um grito gutural calou a todos tanto na cela quanto fora dela. E ao olhar para o meu lado direito, pude ver que era a mesma mulher que chegou com Zayxa hoje mais cedo. Ela pressiona a parte de trás da sua cabeça contra a parede atrás dela, enquanto empurra o bracelete para fora da sua mão. Com a outra mão ainda presa, ela faz da mesma forma que Zayxa o fez. E assim repete o ato na outra mão, livrando-se das algemas. Respira fundo por alguns segundos, antes de abrir os olhos, limpar suas lágrimas e só assim, conseguir se levantar.

— O que é? Passei anos sendo torturada, vocês acham que eu não saberia nem ao menos me livrar de algemas? Me poupe – disse antes de avançar para a frente e sair da cela, ficando ao lado da outra mulher que se intitulou por Eve. — Você tem a opção de entregar a ela a chave das algemas ou pode escolher a opção em que eu irei tirá-la de você, resultando na sua cabeça perfeitamente quebrada. Você tem dois segundos para se decidir, caso não o faça, estarei feliz

em escolher a segunda.

Eu não sei o que o homem fez, porque ela levantou a sua mão e então, levantou o seu dedo indicador, sendo seguido pelo dedo do meio. Os deixou deixando-os na vertical e na altura da cabeça dele e exibindo um largo sorriso, ela os aproximou do rosto dele.

O que se seguiu foi um grito altíssimo e logo depois, o barulho de algo sendo quebrado.

— Porra... – sussurrou o homem que está na minha frente com a sua boca entreaberta, observando a cena que eu acredito estar completamente visível para ele.

Um segundo depois, ela entra na cela com uma chave na mão e então, se aproxima de mim e destrava as minhas algemas, seguindo logo depois para Yanne, que sorri satisfeita.

— Eu não conheço vocês, mas aprecio o que fez agora e espero que não façam nenhuma besteira, porque esse lugar é um campo minado. Qualquer passo em falso vocês estarão explodindo. Se são parte da família, espero que estejam agindo como tal. E vamos logo, porque ele está tremendo e com uma febre altíssima.

Aceno e me levanto, seguindo-a quando ela começa a se afastar.

Ao saímos da cela, vejo que Yanne pega as armas que o homem tinha na cintura para que só assim, entregasse uma delas para VilK e seguissem em frente. Pensei no homem que se intitulou meu irmão e ponderei a possibilidade de trazer conosco, mas a mulher começou a chorar baixinho enquanto corria e eu não pude deixar para trás o meu princípio de atender a criança. Saímos desse lugar que mais parecia uma prisão antiga e ao ter a luz do sol sob minhas vistas pude respirar um pouco melhor, mas preendi novamente o que achei ser puro, porque um conjunto de homens vestidos de preto e com armas nas mãos estavam espalhados por todos os cantos e isso foi o suficiente para que eu lembrasse do lugar em que eu estava.

Ela entrou e nós fomos logo atrás.

— Fugir está fora de questão – VilK sussurrou atrás de mim. — Estou reconhecendo alguns rostos e eles não são nada agradáveis. Merda!

— Também estou.

E então, elas se calaram.

Crianças estavam sentadas em frente à televisão enquanto outras se isolavam em cantos da casa. E eu percebi isso porque a parte de baixo em que passamos era enorme e bem ampla. Logo tivemos que subir escadas até que ao chegarmos no topo delas, na primeira porta a direita, ela parou e respirou fundo algumas vezes antes de encarar VilK.

— Por favor, não entre. Você tem sangue e eles são muito sensíveis a visão dessa quantidade toda escorrendo do teu pulso. O homem que sabe se defender pode entrar com o médico. E por favor, não encare as cicatrizes tampouco façam comentários sobre elas, ok?

Concordei mesmo sentindo medo, pavor e qualquer outra coisa aqui dentro do meu peito. Ela abriu a porta e eu entrei, todavia ponderei voltar no instante em que vi a pequena criatura deitada no centro da enorme cama. Ele estava deitado todo encolhido, as costas para a porta enquanto outro menino chorava e eu acho que aquelas lágrimas e as cicatrizes profundas nas costas daquele pequeno menino foi o que me fizeram correr na direção dele.

E eu não sabia que aquela seria a minha primeira raiz naquele lugar.

Capítulo 48

Íris Sensit

As lágrimas estão ali nos seus olhos e eu não sou capaz de controlar a mesma quantidade que brota aqui nos meus, porque sinto que ele não mente, porque os papéis nas minhas mãos dão a pura confirmação. E eu sei o quão verdadeiros eles são, porque a tinta é antiga e se fundiu no papel com a ajuda de muito tempo. A letra é claramente de Malaquias e eu jamais a esqueceria já que a tenho no meu pescoço. Escrita como se eu fosse um animal, uma propriedade de um doente mental.

Os papeis têm roteiros dignos do óscar, escritos e planejados como se quisessem fazer da vida de uma pessoa, um perfeito drama repleto de dor e sofrimento. Aqui não há reviravoltas, não há felicidade tampouco um fim. Os arquivos com fotos minhas na infância estão aqui aos montes e eu sinto como se fosse manipulada a vida inteira. Se até agora mantive vívido na minha mente momentos agradáveis naquele prostíbulo, agora estou os apagando por completo.

— A falha de Malaquias começou quando me isolou distante, no mesmo lugar em que jogou meu filho. E persistiu ao matar a mulher que amei com tudo de mim. Vivi dias de inferno com essa maldição de juramento rolando a minha cabeça e estou feliz que o mesmo não se aplicou a Laureano, já que ele acabou matando o general que o fez tanto mal. — Ele suspirou parecendo derrotado e ao seu lado Luciano olha para o teto, vendo o ventilador girar. — Sinto muito por tê-la feito sofrer. Por tê-la ensinado a não confiar em ninguém, mas espero que eu tenha plantado, em meio ao sofrimento, algo sobre o amor. Tentei em todos aqueles que treinei.

Aceno, recostando-me contra a cadeira.

— Você deseja me pedir desculpas, então? — pergunto subindo meu olhar para o seu.

— Eu era o escravo dele. Me desculpa, me perdoa.

Aceno e suspiro.

— Preciso de tempo. Isso é muito para processar, mas não me peça perdão, porque isso você não me ensinou a nutrir.

Agora sou capaz de entender o circo ridículo daqueles homens naquele dia na cafeteria. Como Malaquias pensou que eu cairia naquela idiotice? Ele pensava mesmo que depois de matar Tércio, eu estaria me ajoelhando na sua frente e pedindo para ser sua assassina exclusiva?

Ele é louco? Se isso acontecesse, a última coisa que eu iria querer era

permanecer viva.

— Ainda não consigo acreditar que ele armou esse teatro ridículo.

Luciano ri pela primeira vez depois que entramos aqui, desviando seu olhar do ventilador para o meu rosto.

— Você viu como deveria terminar? Decidi não levar tão adiante porque eu sabia que você acabaria matando meus homens e Nicole, que é segurança da minha pequena princesinha. Jeová abençoou minha mente. Eu só queria saber qual o sentimento de estar por trás de uma coisa como essa, mas não senti nada mais que nojo e da doença maldita que ele cultivava.

— Onde ele está? – pergunto arqueando minhas sobrancelhas.

— Agora? Sob uma sessão de tortura. Você quer participar, não é?

Sorriso, mordendo meu lábio inferior.

— Talvez depois que conversar com Adiel e ele decidir que não sou o que ele imaginava, que sou o contrário do que ele espera como mulher e que não deseja uma assassina perto dele. Bem, depois disso tudo com meu ódio direcionado todo para ele, então posso ir visita-lo para mostra-lo uma maneira muito mais eficaz de tortura, onde o farei sentir muita dor sem ter de o bater, tampouco abrir sua pele. Essa é a tortura que desejo que ele sinta. Irei amar escutar seus gritos.

Já até consigo imaginar as agulhas fincadas em cada um dos seus órgãos, enquanto os mexo com todo sadismo que me foi dado por Tim. Espero que chore por horas a fio e o mesmo destino será dado a Marinho e a Júlio, porque ambos merecem só o que há de melhor e esse é o melhor método de tortura que eles irão receber.

— Ele não pode gritar mais.

— O importante é vê-lo chorar.

Luciano sorriu e eu o acompanhei.

— Como deixei Marinho escapar? Aquele cagão do caralho não deveria chegar tão longe!

Sorriso novamente deixando os papéis sob a mesa em que estamos ao redor.

— Ele não vai, porque vou matá-lo, assim como Júlio.

Com a menção e a lembrança da morte deles, acabo lembrando também dos armamentos que encomendei com Vilk na indústria de Lince.

— Preciso ir até minha casa. Algumas armas serão enviadas para lá. Encomendei com Lince, o amado de Vilk.

— Arias? Lince Arias? – Nicolas perguntou arregalando os olhos e eu acenei.

— Somos irmãos. Você sabe, certo?

Aceno, antes de levantar.

— Você já disse – digo sentindo o cansaço abater o meu corpo e a dor voltar a pulsar no meu ferimento. — Você tem uma banheira aqui?

Ele me encara por alguns segundos antes de sorrir e se levantar.

— Você gosta de banho gelado?

— Vivo deles.

— Imaginei.

Ele se encaminha para a porta, mas antes que possa aproximar seu braço da fechadura, a porta se abre e uma pequena menina aparece. Está com o rosto vermelho e os olhinhos cheios de lágrimas prontas para serem libertas.

— Papaaaaai! Tem uma mulher sangrando lá em cima, papai. Deve estar doendo tantooo.

Eu vejo quando os olhos dele se arregalam e a palidez toma conta do seu rosto, quando ele pega a menina nos braços e a abraça, descansando o queixo sob o seu ombro.

— Está tudo bem, ok? Vai já passar a dor dela – ele disse no exato momento em que Nicolas se levanta e corre para fora do escritório, fechando a porta logo atrás dele.

Não demorou muito e uma outra criança abriu a porta. É um menino e ele aparenta ter seus quatro anos. Suas feições não estão diferentes da pequena menina que Luciano mantém nos braços.

— Papai... tem sangue no tapete.

Ele soluçou antes de correr em direção a perna dele e o agarrar como se sua vida dependesse disso.

Luciano fechou os olhos e eu percebi que buscava por controle, mas estava difícil. De algum lugar aqui dentro do meu inconsciente, algo me disse que ele não estava assim porque as crianças estavam chorando e isso o incomodava. Ele está assim, porque eles estão chorando e isso o causa dor. Está tão claro, porque ele aperta a menina com força considerável o suficiente para enviar conforto.

— Vocês sabiam que o papai tem uma irmã?

Arregalo os olhos quando a menina afasta a cabeça do ombro dele para olhar o rosto do homem que considera como pai.

— Sério? – perguntou limpando os olhos com o dorso da sua pequena mão e ele acenou.

— Papai, é ela? – o pequeno menino perguntou apontando na minha direção e assim que Luciano desviou o seu olhar para mim, pude ter a certeza que ele estaria jogando aquela responsabilidade para mim.

O seu olhar implorou por ajuda e eu não pude dizer “não” quando ele se aproximou de mim, arrastando o pequeno menino na sua perna e a menina nos seus braços.

— Sim, ela é a tia Íris – diz e eles voltam o olhar curioso na minha direção. De alguma forma os olhos grandes e azuis da pequena menina me fizeram suspirar e sorrir. — Vocês querem ficar com ela um pouquinho enquanto o papai vai saber o que está acontecendo com a mamãe?

A pequena menina acenou e o menino se afastou da perna dele. Ele a colocou no chão e quando se sentiu livre, começou a dar alguns passos para trás encarando-me com um pedido manso e claro de socorro. Quis semicerrar os olhos e o ordenar a lidar com isso sozinho, mas os olhos cheios de lágrimas do pequeno menino me fizeram parar. A sua orelha estava marcada, como se a tivessem queimado com um ferro de marcar animais.

Senti meu interior ferver com a lembrança de Tim fazendo o mesmo comigo e juro que quase gritei, todavia ainda tenho controle. Por mínimo que seja...

— Qual o nome de vocês? – pergunto e eles piscam sem intenção de me darem uma resposta e isso me faz sorrir. No canto do escritório há um sofá de couro e eu me viro, indo até ele e então me sento no chão, encostando minhas costas nele.

Olho para os dois pequenos e os chamo para se aproximarem.

Hesitantemente eles o fazem. Percebo que o menino está com as mãos trêmulas e mesmo assim, ele se senta ao meu lado, assim como a pequena menina que faz o mesmo, mas se senta próxima demais esticando suas pequenas perninhas, enquanto mantém suas costas repousando contra o sofá.

— Hoje sou a Vampira – diz desviando seu olhar para o meu.

— Eu sou o super choque!

Sorrio alternando meu olhar de um para o outro, enquanto eles me observam com atenção.

— Você está bem? – a pequena menina pergunta ao desviar seu olhar na minha direção.

Franzo o cenho não conseguindo compreender o que ela quer dizer com essa pergunta.

— Sim, estou e você?

Ela sorri e desvia o olhar para o menino que acena positivamente e com um ar de pesar o que me deixa um pouco intrigada, mas isso demora pouco, porque o menino se levanta e se aproxima da mesa. Por ali ele fica alguns instantes antes de voltar na minha direção com uma caixa branca.

Senta-se e coloca a caixa sob minhas pernas.

— Vocês querem brincar? – pergunto e ele nega, sacudindo sua cabeça.

— Você está sangrando.

Arregalo os olhos com a lembrança do machucado e de que não troquei de

roupa ainda desde que cheguei aqui. Por estar doendo, eu não deveria ter esquecido que o sangue continua na minha roupa e isso me deixa um pouco fora de foco.

Percebi o quanto ela estava traumatizada ao abraçar Luciano e eu não gostaria de a deixar ainda mais chocada.

— Você deve se limpar direito. Quer ajuda? – ele pergunta e eu arregalo os olhos, balançado a cabeça.

— Não, está tudo bem – digo, mas ele suspira.

— Tudo bem não estar bem. Dói?

Como um pedaço de gente desse sabe para dizer isso? Tudo bem não estar bem?

— Papai sempre diz que devemos ser sinceros e nunca mentir quando estivermos sentindo dor ou medo. Tudo bem não estar bem – a menina diz e eu sinto meu coração se apertar mais um pouco. — Dói o machucado?

Ela me observa com preocupação e ele me encara com tanta atenção que não consigo impedir que um pouco de carinho acabe nascendo aqui no meu peito por eles. Seu pulso é cheio de cicatrizes e a orelha dele não é diferente. E eu imagino que ambos devem ter passado por coisas indevidas para a idade que ambos têm. Me dói profundamente que isso tenha acontecido e eu sinto como se estivesse voltando no tempo, presenciando a dor no olhar de alguma das meninas do prostíbulo em que vivíamos.

Às vezes, as coisas não corriam de uma forma que as agradavam e isso as faziam chorar. Eu via cada dor que elas sentiam e mesmo que quisesse fazer aquilo ir embora, sabia que não podia, mas eu ficava ao lado delas, porque na minha cabeça o fato de não estar só, já era o suficiente para fazer aquela dor passar e descobri mais tarde, que não é bem assim.

A dor física é o inferno que detesto me afundar, mas na profissão que sigo ela é inevitável. E ainda pior que senti-la é ver alguém que amo a sentindo. E para minha pior desgraça fui obrigada a ver Tércio passando por momentos como esse, mas acho que a sua dor era multiplicada quando eu o via sentindo-a.

O seu corpo machucado era o suficiente para não me deixar dormir, porque eu tinha medo de não o ver acordar na manhã seguinte. O sangue escorrendo por sua pele rasgada era o que fazia meu apetite sumir, porque eu sentia medo que algo pior o acontecesse e em decorrência disso, acabaria ficando sem ele. Não é que eu tinha medo de estar sozinha. Tinha medo de não o ver novamente, me preocupava o fato da sua respiração não estar tão profunda como deveria estar, eu tinha pesadelos em vê-lo estático e pálido, porque aquela era a minha visão de morte. Morte para mim sempre foi perdê-lo, a única pessoa que eu me importava, mas agora de alguma forma, peguei-me nutrindo preocupação por

Yanne e Vilck Jane. Adiel está em um outro nível de preocupação, acho que essa se iguala com a preocupação que sinto por Tarcio e isso está me enlouquecendo, porque eu sei que a qualquer instante ele estará rompendo o que temos, já que descobriu a minha mentira e o meu segredo.

— Eu acho que dói, mas ela é adulta e não quer dizer.

— Típico.

Ela revirou os olhos e eu não pude não rir dela. Os dois são tão cativantes que eu nem percebi, mas me deixei levar por suas críticas e palavras maduras para uma idade tão pouca. O que poderiam fazer com quatro anos? O que poderiam ter sofrido com essa idade?

Isso me dói, mas não posso demonstrar, porque seria pior.

A porta se abre e Tarcio entra com uma pinça, algodão e uma linha.

Arregalo os olhos ao vê-lo ali.

— Tia, por que ele está segurando aquele negócio? Por que, tia? – a menina perguntou agarrando meu braço e isso me fez observá-la com mais atenção.

— Ele vai me machucar, titia? Deixa não, tia, por favor. Deixa não – o menino suplicou se aproximando mais do meu corpo, até que ele pulou no meu colo e abarcou a minha cintura, ao mesmo tempo em que afundou a sua cabeça no meu peito.

O pequeno está trêmulo e a sua reação me parte o coração ainda mais, porque não quero ser capaz de criar um entendimento para o que aconteceu com a cabeça dele para que tivessem medo de pinças e sangue.

— Ele não vai machucar vocês, pequenos. Aquele é o tio Tarcio. Ele é meu irmão.

Sinto-o relaxar e nesse momento, desvio meu olhar para Tarcio que me encara com seus olhos arregalados, devido ao susto que acabou de sofrer por causa desses dois pequenos medrosos.

— Vampira e super choque, vocês não vão falar com ele?

Devagar ela diminui o aperto em volta do meu braço e sobe o seu olhar para Tarcio, que continua parado sem conseguir mexer um músculo sequer. Outra pessoa entra. É a ruiva que vi ao entrar aqui, a mesma que Luciano me apresentou como sua mulher e que estava sendo puxada por mais dois meninos pequenos.

Ela olha para a mão de Tarcio e rapidamente toma a pinça e a linha das mãos dele, ao ver o estado em que as crianças se encontram aqui.

Coloca no bolso e então sorri largamente.

— A vovó está vindo visita-los e o vovô também.

O aperto do menino aumenta e eu sinto que vou morrer, porque ele está pressionando em cima da minha ferida.

— Acho que essa não foi uma notícia que causou muito agrado – digo com um sorriso forçado e ela suspira.

— Eu sei. A mulher do meu pai é uma bruxa demoníaca. Eu a odeio tanto, por isso estou aqui com meus pequenos brotinhos para que ela não ouse chegar perto deles e os dizer suas grosserias. Super Choque parece gostar muito de você – ela diz e ele se afasta do meu peito para a olhar.

— Ela está machucada, mãe – ele diz, antes de sorrir e se aproximar de mim.

— Solte-a e deixe a mamãe cuidar dela, tá? – ela pergunta e ele acena.

Sai de cima de mim e então, pega a mão da menina ajudando-a a levantar e assim, juntos, saem da sala andando calmamente como se nada tivesse acontecido. Daqui estou completamente chocada com o comportamento deles.

Eve fecha a porta e Tércio suspira alto.

— Nunca vi você segurar uma criança. Para falar a verdade, nunca te vi ajudando uma criança. Esses dias estão sendo cheios de surpresa – ele diz e eu reviro os olhos.

Aquiles é um caso à parte.

— Se você nunca segurar terá de aprender – ela diz tirando a pinça do seu bolso, assim como a linha. — As crianças que estão aqui são carentes de todo tipo de cuidado. Se vocês não estiverem aqui para ficar e ajudar, peço que nem se aproximem.

Pisco, quando ela se aproxima ainda mais e então se ajoelha.

— Onde está machucado? – ela pergunta e eu permaneço a observando. — Mostre-me logo. Meu filho está sob os cuidados do teu namorado, mas ele está apavorado demais com as cicatrizes.

Franzo as sobancelhas, não compreendendo.

Como assim meu namorado?

— Adiel não está preso?

Ela sacode a cabeça e se inclina observando o meu corpo.

— Não. Fui soltá-lo, porque meu filho estava passando muito mal, mas agora ele disse que está tudo sob controle.

— Como Adiel estava?

— Apressado para salvar a vida do menino. Acho que isso se tornou um pouco pessoal demais para ele. Você tem sorte.

Encaro-a sentindo vontade de sorrir orgulhosa por tê-lo como namorado, mas quando me lembro que nosso amor terá um final mais trágico que o de qualquer outro casal, então resolvo apenas permanecer neutra por fora, por mais que por dentro eu esteja devastada.

Meu coração vai aguentar perdê-lo?

É uma pergunta que eu não consigo parar de me fazer, mas sinto que necessito me preparar para quando ele decidir dar um fim para tudo.

Capítulo 49

Íris Sensit

O alto dessa casa é o melhor para quem deseja usufruir de um instante em que a natureza esteja conectada diretamente a mente e estou feliz que essa seja eu.

Trago um pouco do meu cigarro e sinto como se eu conseguisse ter um pouco mais de calma, como se eu pudesse voltar no tempo para o dia em que estive frente a frente com ele, com o homem que estou loucamente apaixonada.

Já fazem dois dias que estamos aqui, mas em nenhum instante fomos capazes de trocar uma só palavra. Em um instante, topei com ele em um corredor estreito. Encarou-me como se fosse a primeira vez, como se eu fosse a melhor das mulheres e por um instante nutri a esperança de que ficaríamos bem, que o nosso amor tinha uma segunda chance, mas isso foi apagado no instante em que ele desviou o seu olhar para a porta na sua frente e sem nenhuma hesitação, entrou e a fechou com um baque, devido a sua pressa.

Se o meu coração já estava machucado, naquele instante acho que foi a primeira apunhalada para a sua morte.

Em outro momento, ontem, o vi aferindo a pressão de um menino de seis ou oito anos. Observei-o por instantes, vendo-o alisar o cabelo do pequeno garoto com um afeto que eu nunca vi antes, mas que reconheço como sendo parte da sua característica mais apaixonante, disso tenho certeza. Quando estava se levantando, de alguma forma mágica, seu olhar cruzou com o meu e ele me observou por um instante que pareceu uma eternidade, mas eu fui fraca. Estava com medo que aquele fosse o momento em que ele iria romper com o que tínhamos e preferi ser uma covarde. Saí correndo para fora da casa e fui ajudar no tratamento das plantas.

Jurei diante a minha imagem no espelho que iria fazer de tudo para esquecê-lo e até tentei, mas se passaram dois dias e ele não sai da minha cabeça, assim como o medo do fim.

Tentei fugir o tanto que pude, mas quanto mais eu fugia, mais eu desejava estar correndo para perto e isso estava me matando.

O machucado ainda estava no mesmo lugar e as melhoras vinham devagar, mas a dor persistia sempre que eu fazia um movimento brusco. Busquei não fazer nada que pudesse romper os pontos para não assustar as crianças com o sangue que estaria se mostrando vívido e assim continuei.

No primeiro dia após chegar aqui, estive em contato ainda maior com a

pequena menina que ainda mantinha o nome de Vampira. Passou grande parte do seu dia ao meu lado e eu amei sua presença sapeca. Contava-me dos seus tios loucos que ela adorava, mas que tiveram de viajar para buscar mais dos seus irmãos. Não entendi nada sobre isso e quando questionei Luciano, me explicou que haviam mais instalações onde crianças estavam sendo mantidas em cativeiro servindo como objetos para serem assassinos de sangue frio mais tarde. Estava chocada que até aquele momento eles não tinham chegado. O homem que prendi ainda estava se recuperando dos medicamentos administrados por Vilk, o que não gerou um encontro nosso ainda, mas a pequena menina afirmava continuamente estar sentindo falta deles.

No segundo dia, hoje, após um longo dia em contato com mais crianças, descobri mais cicatrizes, mais machucados e mais dor psicológica, uma que me peguei completamente incapacitada ao estar perto deles. De algum lugar aqui dentro senti vontade de ajudar, porque lembrava de menina que fui. Lembrei dos dias em que desejei alguém, mas ninguém me ouvia. Eu quis ser essa pessoa para eles, juro que desejei, mas estava tão difícil de conseguir, porque ao que parece alguns deles não estavam desejando serem ajudados e isso me partiu ainda mais o coração.

Adiel estava focado em cuidar das crianças e quando o estava fazendo concentrado, eu me apaixonava mais, porque o tinha sob minhas vistas, mesmo que o meu coração ordenava para que eu fugisse dali, porque tinha de me acostumar em não o ver mais, em não estar perto. Mas a angustia e a saudade me forçaram a estar ali. Por mais que eu tinha a obrigação de ser egoísta, de pensar em mim e nos meus sentimentos, escolhi pensar nele e estar perto dele, porque o seu ato de respirar se tornou o maior fenômeno do meu mundo, mas sempre que ele me via, eu tinha que fugir, porque sou covarde e não estou preparada para dizer adeus.

Então, nesse meu ímpeto de fugir, fui para qualquer lugar e esse acabou sendo um ginásio, que ficava há alguns metros da casa. Luciano estava vestido com apenas um calção e aquilo me chamou atenção, porque pensei que seria uma academia ou algo do tipo, mas era um enorme ginásio ao ar livre onde treinavam. E lá fiquei o resto da manhã e da tarde treinando. Não almocei, porque para isso eu teria de ir à cozinha e para passar pela cozinha, eu teria de entrar na sala e Adiel estaria lá.

Eu não poderia conversar com ele agora, porque não quero que acabe.

É noite e aqui fico com meus cinco maços de cigarro, enquanto observo a lua no alto iluminando e clareando minha visão sob o resto desse lugar. Tão calmo, tão bem protegido, mas tão perigoso. Uma verdadeira mina de perigo e eu acho que estou no lugar certo.

A noite logo vira dia.

A lua logo é substituída pelo sol.

E eu permaneço no mesmo lugar tragando do último cigarro que restou.

Desejava ao menos beber um gole do whisky mais forte do mundo, talvez eu me sentisse um pouco mais dormente e menos dolorida.

O amor é tão complicado assim mesmo? Ou é porque eu estou amando? É por isso que ele é tão difícil?

Resolvo me levantar e descer daqui, já que ainda está cedo e provavelmente Adiel estará dormindo e isso é bom, porque assim não o verei. Desço degrau por degrau até que o chão é o meu apoio. Não desejo entrar na casa agora e é por isso que quando vejo Luciano e Nicolas andando em direção a outra parte desse enorme lugar, os sigo.

Parecem estarem apressados e acho que o melhor é me meter entre eles para que não estejam vindo com surpresas para mim.

— Para onde estão indo tão cedo? – pergunto e Nicolas se vira ao mesmo tempo em que para de andar.

— Recebemos uma chamada. Ao que parece alguém está te procurando. Acho melhor esperar aqui – ele diz e eu arqueio minha sobrancelha. — Imaginei que ficaria cética mesmo, mas não sabíamos onde você estava.

Aceno e fico ao lado deles para que assim possamos continuar a caminhada. Não pude deixar de observar algumas casas demolidas, a terra aberta com uma cratera enorme, que chamou minha atenção, mas que preferi não dizer nada enquanto nos aproximávamos do tal local, que parecia longe já que Luciano quase corria com uma pistola na sua mão.

Então, um minuto ou dois depois, estávamos de frente para uma parede de homens vestidos de preto até o pescoço. Armas estavam nas suas mãos e nós estávamos atrás, quando uma pequena brecha entre dois homens se abriu e a visão de uma criança estendida chamou a minha atenção. E o que estava me deixando gelada da cabeça aos pés era a semelhança que já vi antes. O reconhecimento bateu tão rápido quanto uma avalanche em mim, então corri o mais rápido que pude empurrando todos que impediam minha visão, que não permitiam que eu me aproximasse.

Nada faz sentido, exceto o seu corpo estático e sem vida. A camisa que estava vestido estava encharcada de sangue e ao verificar seus batimentos cardíacos, percebi que ele ainda possuía um pouco, mas por mínimo que fosse eu deveria tentar.

— Acordem Adiel, agora – disse. — Temos uma emergência.

Um dos soldados saiu e eu peguei o pequeno menino nos meus braços. Cada passo apressado em direção a casa foi cheia de arrependimentos. Cada

respiração acelerada foi um pedido de desculpas. Cada lágrima que escorria por meu rosto era uma promessa de vingança.

Deitei-o na cama de um quarto daquela casa e então, Adiel apareceu. Não fiquei no seu caminho. Ele fez todos os atendimentos possíveis e impossíveis que sem os equipamentos de um hospital seria quase impossível, mas ele tentou.

Tentou reanimar a criança, mas eu sabia que milagres não aconteciam.

De alguma forma Júlio descobriu sobre Aquiles e eu tentei dar um pouco de conforto ao menino, mesmo que eu tenha sido aquela a deixá-lo sem a mãe. Nunca vou ser capaz de me perdoar por fazer com ele o mesmo que Malaquias fez comigo e com as demais crianças que residiam naquela casa.

A cada esforço de Adiel, pedi a algum ser acima de mim que o protegesse e o guiasse pelo caminho mais abençoado e florido. Eu sabia que ele não conseguiria sobreviver, mas eu o trouxe até ali, porque não era certo desistir sem nem ao menos tentar. Eu não daria a sua sentença de morte mesmo sabendo que havia uma chance de ele conseguir viver.

Saí do quarto assim que a minha vista ficou turva e o meu mundo quis escurecer. Quando estava no corredor o primeiro rosto que vi foi o de Nicolas e a sua expressão estava mortal. Na sua mão estava um celular e eu reconheci aquele como sendo meu, mas não me lembro de tê-lo trazido junto comigo.

— Estava junto com o corpo do menino, quando um dos soldados o encontraram – ele disse e eu o encarei, antes de tomar o celular da sua mão e o desbloquear.

Nesse mesmo instante a imagem congelada de um homem que não deveria estar na minha frente, apareceu. A sua imagem estava diferente, ele exibia cabelos brancos, rugas abaixo dos seus olhos e o mesmo sorriso sádico que me lembro.

Apertei no play e ele começou a falar.

— Pensou que eu estava morto, Sensit? Para a sorte inexistente que você possui, não estou e você não sabe o quão grande foi a minha surpresa ao descobrir que você estava por trás do desabamento do prédio em que o meu filho mais novo vivia. – Riu sacudindo sua cabeça. — Você não sabe o quão surpreso fiquei ao saber que a mãe inútil morreu e isso eu agradeço a você, somente isso, mas ele se machucou... se machucou e eu não sou capaz de perdoar isso. Não hoje, não agora. Hoje fiquei sabendo de uma notícia que desestabilizou o meu futuro triunfo com o meu sucessor que tomaria meu lugar nos negócios. – E então ele riu, no momento em que pensei que iria desmaiar. — Eu estava observando você de perto, tola garota, assim como o fracote do meu filho. Outro inútil... ou nem tão inútil assim, já que ajudou o papai a tomar um negócio maior, um negócio mais forte e mais sólido. É, para alguma coisa ele serviu – disse

sorrindo, mas logo isso morreu quando os seus olhos semicerraram e o ódio foi lançado. — Cheguei nessa casa agora a pouco e tudo está bagunçado. A avó inútil e o meu sucessor estão mortos, mas sabe de quem é o nome que brilha naquela parede? Isso mesmo, o teu. — O seu rosto sai da tela e a parede é o foco da vez, onde uma frase preenche toda a parede. “*Esse é o terceiro castigo, Sensit. Junte-se a mim ou o próximo será o nerd.*” — Viu? Morto e por culpa tua, não minha. Não é o meu nome que está ali, desgraçada. É o teu! E por isso — volta com o foco para o seu rosto, enquanto exhibe um sorriso cínico e cheio de maldade —, vou tirar o teu chão. Me aguarde!

O celular cai da minha mão e então, busco um foco, algo que não me faça cair e chorar agora mesmo.

Tim está vivo, Aquiles morto e Tércio me traiu.

Travo o meu maxilar sentindo vontade de destruir tudo que estiver ao meu alcance, mas preciso resolver uma questão que será o estopim para todo esse meu sentimento. Eu não consigo pensar em mais nada a não ser isso, a não ser em uma pessoa, em um nome, em um rosto.

— Providencie agora um colete, uma calça jeans preta, regata preta, botas, cinco pistolas carregadas, um cinto com facas e um vidro com veneno. Providencie tudo e deixe em cima da cama do quarto que estou ocupando. Agora — digo e ele acena, mas antes de se afastar ele me observa.

— Eu vou te ajudar a encontra-lo. Você não precisa fazer isso sozinha, você não está sozinha.

Sorrio.

Eu sempre estarei sozinha mesmo que me iluda com o pensamento de que isso não acontecerá.

Abaixo-me e pego o celular do chão para que só então eu possa me levantar e me encaminhar diretamente para o quarto que ele está ocupando. Ao parar de frente a sua porta, respiro algumas vezes profundamente e só então, abro a porta.

Ele está deitado com Yanne ao seu lado, mas eu realmente não me importo com isso, porque estou me sentindo tão magoada, tão decepcionada e agora, acho que entendo o sentimento que Adiel nutre por mim, agora eu sei e eu não me perdoaria se fosse ele.

Observo-o abrir os olhos e não consigo acreditar que foi capaz de fazer uma sujeira como essa comigo. Não consigo acreditar que ele pôde realmente me trair e me deixar em um universo sem chão como esse, mas eu não desejo acreditar em nada que Tim disse, por mais que eu saiba que ele não mentiria em vão. Quando ele abre os olhos por completo, então eu entro e fecho a porta atrás de mim.

— O que houve?

Uma pergunta que certamente não precisa da minha resposta e que não a terá.

Seleciono o vídeo, dou play e jogo em cima dele.

Cada reação que passa por seu rosto é o suficiente para que eu saiba que o que Tim disse é verdade, que Tércio me enganou e que agora, estou sob a mira daquele desgraçado. Aquiles é filho de Tim e estou no meio de uma novela mexicana em que sou uma das personagens.

Isso é um pesadelo, com certeza!

— Ele confessou estar arrependido, disse que estava doente e que precisava se tratar... eu acreditei!

Bufo não precisando escutar mais nada. Isso já é o suficiente para hoje e para o sempre. Infelizmente sou incapaz de causar dor para ele, porque o amor que sinto é maior que qualquer outra decepção, mas a partir de hoje, a partir de agora, não tenho mais ninguém. Um irmão? O único que eu poderia confiar no mundo inteiro? Um que sabe todos os meus defeitos?

Fui enganada, traída e estou pronta para descarregar tudo isso, mas antes... antes eu preciso de um banho.

Capítulo 50

Íris Sensit

Pétalas de rosas preenchem a parte de cima da água da banheira me fazendo sorrir. Meu corpo desnudo é coberto pela água, pelas pétalas que arrancadas dos seus galhos estão aqui para servir ao propósito de me ajudar a manter a concentração e a relaxar o máximo possível. E pensando bem, a relação das pétalas comigo é bastante parecida. Assim como eu, foram arrancadas do seu local para servirem a um propósito. Não tiveram escolha, assim como também não tive. Ninguém perguntou a minha opinião, assim como não perguntaram a delas.

Que destino cruel esse traçado para nós, não é?

A janela à minha frente ilumina o meu rosto e o ambiente.

Por estar aberta sou capaz de vislumbrar o céu azul que recebeu mais uma estrela hoje. Aquiles morreu e levou consigo um pouco da humanidade que restava dentro de mim. Tim voltou e consigo trouxe tudo de ruim que pôde ser plantado aqui dentro. Tércio me enganou e assim, transformou-me em uma pessoa perdida e sem esperanças. E todos esses acontecimentos estão interligados e ligados em três pessoas: Malaquias, Júlio e Íris.

Isso quer dizer que não devo hesitar nas decisões que preciso tomar.

No passo milimetricamente calculado que preciso tomar.

Ou assumo uma posição, ou isso vai se alastrar e não desejo que isso aconteça para nenhuma dessas crianças, tampouco para as demais que estão prestes a chegar ou para as que ainda não foram encontradas.

Meu celular pesa sob minha mão enquanto continuo observando o rosto daquele que por anos fez da minha existência um completo inferno, porque ele se designou o diabo chefe para reinar em todo aquele ambiente, mas agora estou tomando a posição de justiceira, de vingadora, mas esquecendo o peso de há por trás desses nomes. Não sou uma heroína, tampouco desejo ser. Sou uma assassina que não importa o quê, fará o necessário para obter o seu alvo aos seus pés morto e completamente acabado.

Essa sou eu.

Nem mocinha, nem vilã.

Nem inocente, nem culpada.

Não, não.

Talvez eu seja uma vilã cheia de culpa. É, isso se encaixa melhor que mocinha inocente.

A porta se abre e escuto o barulho de passos, até que eles param. Passos suaves demais para serem reconhecidos, calculados demais para serem de um mero cidadão sem nenhuma lição de defesa ou de disfarce. Um longo suspiro do outro lado da porta me faz ter a certeza que alguém hesita para a abrir e entrar. Talvez por medo, provavelmente por sentimento de impotência. O peso e o volume do som do suspiro me levam a entender exatamente isso, assim posso identificar quem deve ser, já que estou habituada com seus suspiros pesados ao redor do meu quarto ou do meu banheiro ou da minha vida. Isso me faz sorrir, mas é um sorriso tão triste que me faz sentir patética.

Imagino que esteja mordendo seus finos lábios, enquanto mantém uma mão na cintura e a outra cabeça. Deve estar pensando na besteira que fez e que nunca será perdoado e é com muita tristeza que confirmo seu pensamento. Ele não precisa que eu o diga isso, porque me conhece tão bem quanto o conheço. Tanto que acredito que estará saindo desse quarto em alguns segundos.

Escuto outra puxada de respiração antes que a porta seja empurrada aberta e então, quem eu imaginava entra comprovando que eu não o conhecia tão bem como eu imaginava.

— Qual é o plano que você traçou?

Fecho meus olhos apreciando apenas as ondulações suaves da água enquanto movimento meus pés. Toco algumas pétalas e as uso como meu pequeno porto para que eu não acabe fraquejando na frente dele e de todos os outros, assim que eu estiver com Tim nas minhas vistas. Juro que o farei sofrer cada segundo que ele me maltratou e não terei um pinga de piedade. Isso será tão lento... jamais faria com que o seu sofrimento fosse passageiro. Não posso permitir que morra, antes de sofrer.

— Você sabe que é perigoso confrontar Júlio assim, não é? – ele pergunta e eu sorrio suavemente, porque eu sei que a sua preocupação é apenas que eu morra nesse confronto, porque que não estou o dando uma resposta, um abraço, uma palavra sequer e essa é a minha vingança.

Morrer sem dá-lo uma resposta.

Após alguns dias ficará bem, tenho certeza.

— Nicolas me disse que para invadir esse lugar, eles juntaram mais de quinhentos homens. Os primeiros levaram as defesas mais pesadas e assim quando entraram as coisas não estavam tão pesadas para lidar.

Pobre Tarcio... ele não entende que não foi essa a garantia de Luciano. Ele mesmo me disse quando cheguei, que a sua maior garantia foram os aliados que juntou e só com isso pôde juntar tantos homens e somente com os homens, pôde juntar as influências de cada um ao seu favor. Simples e limpo, nada de errado. O que ele acha que eu vou fazer? Que irei simplesmente até Júlio sozinha, sem

mais nada para me parar? Ele acha que sou boba e burra?

Essas pessoas que me subestimam... sinto tanto ódio.

— Eles estão dispostos a te ajudar, então não faça nada estúpido, afinal eu não sei viver sem você.

Então, acho melhor começar a aprender, já que fez questão de me trair quando eu só tinha você para ser minha tábua, o meu chão.

— Deixei um celular em cima da cama com os contatos que você precisa para encontrar Júlio, assim como um cartão pré-pago com vinte mil reais. Eu não sei o que está pensando agora, mas aquela foi a única forma que tínhamos para sair daquela casa e ele me disse que se eu não aceitasse, teria de te matar, porque ou você morreria com a intensidade daquelas descargas elétricas, ou eu teria de finalizar o teu sofrimento com uma bala no meio da cabeça. Desculpa por ser fraco e eu sei que nada que direi fará com que desista, então por favor, tome cuidado e volte intacta, ok?

— O que farei com vinte mil reais? – sussurro lentamente antes de suspirar suavemente.

Ele se agita ao meu lado e então se levanta.

— Vou providenciar outro com mais dinheiro, eu juro.

— Não volte aqui.

Ele funga e não me dá uma resposta quando sai do quarto e me deixa mais uma vez sozinha. Não posso me focar no passado, preciso estar concentrada nesse presente onde tenho uma sentença e dois alvos para eliminar. E eu sei perfeitamente duas pessoas que sabem onde ele está. Por mais forte que tenha sido o seu treinamento, eles não conseguirão passar por isso sozinhos.

Mas o sol brilhando chama minha atenção novamente e eu acompanho sua caminhada para longe, dando lugar para a lua e o céu azul escuro limpo.

A porta se abre novamente e então, passos pesados se aproximam do banheiro.

— Você está sendo muito dura com o menino – diz com a sua voz grossa, arrastando uma cadeira até que se senta ao lado da banheira.

Afinal, quem o chamou aqui?

— O que vai fazer? – pergunta e eu abro os meus olhos só para vê-lo encarando meu rosto com seriedade.

Nicolas sempre foi assim e talvez seja por isso que gostei tanto dele. Talvez seja por isso que o considere mais que um simples Mestre. Foi a esperança de um futuro diferente, mas que foi rasgada no segundo seguinte.

Nada que eu não tenha lidado antes, certo?

Certo.

— O que acha que farei? Mas já adianto que não serei previsível como

imagina.

Ele acena, desviando seu olhar para a janela.

— Laureano interrogou o homem que você mantinha em cativeiro, assim como o irmão do teu namorado e descobriu onde Júlio está.

Travo minha mandíbula sentindo meu controle se esvaír junto com as suas palavras.

— Essa vingança é minha e eu não...

— Ninguém se vinga sozinho, sua idiota. Se você quer conseguir êxito precisa de reforços, de aliados e de pessoas que estarão ao teu lado para te ajudar, pessoas que querem realmente te ajudar, não aliados por conveniência que podem se virar contra você no próximo segundo. Luciano não pode ir, mas eu acho que você estará bem com Laureano. As crianças precisam de nós e para ser sincero não tenho coragem de sair e deixá-los sozinhos. Minha mulher me mataria se eu o fizesse, então...

Sorrio sacudindo minha cabeça.

— A mulher que você falava...

— Sim, ela existiu e aquela história era minha. Todos aqueles que treinei sabem dela.

Aceno não desejando lembrar do passado e de como ele alimentou um lado completamente frágil dentro de mim, para que depois pudesse puxar meu tapete, mas é impossível que as lembranças não rondem minha cabeça.

Haviam noites em que ele sempre se deitava no telhado da casa em que estávamos ou na grama verde de entrada. E eu sempre o observava, porque estava curiosa e desgastada demais para dormir. Então, em todos esses momentos, eu ia até ele e o escutava contar mais alguma história sobre o amor. Via as lágrimas pingarem dos seus olhos e as limpava, então ele me abraçava com força, como se buscasse conforto e eu o deixava, porque de alguma forma eu me sentia confortada. Passei por tanto e não pude fazer nada para impedir. Nicolas foi a ameaça de um porto seguro para mim e para Tarcio. Um tempo depois, começamos a ponderar a ideia de que ele poderia ser um pai para nós, mas em um dia em que tudo parecia normal, ele quebrou toda a casa e afirmou com o dedo indicador apontado para nós dois que não podíamos criar laços de afeição por ele. As próximas horas foram dedicadas a fazer com que lágrimas e mais lágrimas caíssem, mas não tínhamos para onde correr.

Em um dia fomos mais quebrados do que em anos e no outro, eu estava qualificada para assumir uma posição adequada de assassina dentro do sistema. Comigo, Tarcio não poderia ficar, foi o que pensei inicialmente já que estaria me metendo em coisas perigosas e pesadas, então ele ficou em uma cidade afastada, onde poderia levar um a vida pacata e normal.

— Espero que o tempo em que você estará passando com Laureano seja o melhor para se conhecerem um pouco mais.

Esse cara só pode estar de brincadeira comigo, não é?

— Quem disse a você que ele virá comigo? – pergunto e Nicolas sorri.

— Seja boazinha com ele e tenha em mente que ele não recebe ordens, assim como você também não o faz. Ele é mais parecido com você do que pensa e não sei se isso é bom ou ruim.

Bufo reprimindo o desejo de revirar os olhos.

Ele me subestima demais...

— Não pense em sair sem Laureano, ok? Somente ele sabe a localização de Júlio.

Suspiro fechando os meus olhos, enquanto tento otimizar meu tempo em apenas drenar a raiva que ele acabou de me fazer passar. Não preciso disso, não preciso de ninguém, ainda mais esse sendo um desconhecido.

Nicolas se levanta e sai do banheiro, o que agradeço profundamente já que não tenho tempo para o escutar falar sobre qualquer coisa, mas depois que isso acontece eu só consigo me concentrar na raiva e no desejo de vingança que se intensifica a medida que os segundos se passam e eu permaneço aqui. Tinha planejado ficar aqui por dois dias planejando meus próximos passos com todo o cuidado que posso, mas isso foi rasgado do meu peito por causa desses dois idiotas que não possuem nada melhor para fazer no dia e por isso, permanecem a me importunar.

Saio da banheira e me encaminho ao quarto, vendo as roupas que pedi em cima da cama.

Bem, agora não tenho em quê pensar e levando isso em consideração, cuido de me vestir logo, colocando as armas em seus devidos lugares e conferindo tudo que tenho de usar.

— Achei que não sairia tão rápido assim – uma voz grossa verbera no local e eu franzo o cenho, considerando-a desconhecida. Olho em direção de onde veio e encontro o dono dela sentado no chão me observando atentamente. — Estarei com você nessa missão. Sinto falta de estar em ação, mas agora é diferente, porque estarei protegendo quem eu quero, mesmo que não conheça perfeitamente.

E ele se parece tanto comigo que quase não sou capaz de respirar. Claro que fisicamente. É como se eu estivesse enxergando uma face masculina minha...

Por que nos separaram?

— Antes de chegar aqui, um senhor no Iraque me disse para encontrar a minha outra metade e que eu precisava fazer de tudo para protegê-la, porque minha localização estaria comprometida. Ele me deu um nome, mas eu quero

descobrir mais a fundo.

Pisco, encarando-o com atenção.

— Qual era o nome?

— Nora, foi esse o nome que ele me disse.

Engulo em seco, piscando quando meus olhos começam a arder.

— Nora Pereira?

— Ele só me falou em Nora.

Aceno e me sento na cama, deixando minha pistola de lado.

— Esse é o meu nome, meu nome antes de virar isso.

— Eu sei.

Arqueio uma sobrancelha e ele permanece sério completamente impenetrável e eu acho que posso enlouquecer sem saber o que sou, de onde vim ou o que estou fazendo aqui com tantas coisas para cuidar, mas com tantos mistérios para serem desvendados.

— Seja quem for aquele senhor, ele sabia sobre mim e sabia sobre você, mas ele morreu assim que fechou a sua boca com uma bala precisa. A minha dúvida morreu junto com ele e você está aqui. É minha gêmea, parte de mim e eu vou protegê-la não importa o que diga. Termine de se vestir, não é agradável observar os seios nus da sua irmã gêmea – ele diz e se levanta para que só assim possa sair do quarto, mas o escuto sussurrando no final. — Então, essa seria minha versão feminina? Poxa, eu seria muito bonito.

Ele me fez sorrir ao mesmo tempo em que me fez chorar.

A cicatriz que marca parte do seu rosto me desestabilizou, mas a profundidade da sua voz, das suas palavras me deixaram completamente sem chão, mesmo que eu não nutra sentimentos por ele, tampouco afeição.

Mas agora... quem é esse senhor? E por que ele morreu depois de o contar isso?

Suspiro sentindo minha cabeça doer.

Ok, Júlio.

Ok, Tim.

Ok, Marinho.

Chegou o momento em que vocês irão agonizar enquanto protagonizam suas mortes.

Estou chegando.

Capítulo 51

Íris Sensit

— Esse é o lugar em que vendem armas? – Laureano perguntou assim que estacionei o carro na rua deserta mais próxima. Sorri abrindo a porta e então, saí do carro. Ele me acompanhou enquanto observava tudo ao seu redor. — Teremos de matar quantas pessoas, ein?

Suspiro me afastando do carro e seguindo a mesma rua que tracei com Vilk em direção ao portão de entrada, mas dessa vez para minha surpresa a pessoa que desejo encontrar está perfeitamente parada atrás do enorme portão. Ao seu lado vários seguranças estão enfileirados com armas em punhos e concentrados tanto em mim, quanto em Laureano.

— Ele é Lince, não é? Vi umas fotos... deve ser gêmeo de Luciano.

Sorrio, mas continuo seguindo em frente sendo seguida por Laureano, que permanece sempre um passo atrás de mim.

— Vilk Jane me avisou que vocês viriam até aqui buscar a encomenda – ele diz me observando e eu aceno.

Um dos seus seguranças dá um passo à frente para que assim possa abrir a portinha. Encaminha-se até mim e me entrega a maleta contendo as armas que pedi, mas antes que ele se afaste, viro-me e apoio a maleta nas mãos do meu gêmeo de aparência trevosa. Abro-a e assim que estou satisfeita, posso me dar o luxo de sorrir largamente.

— Acredito que Luciano tenha feito o pagamento – digo ao me virar para o observar.

— Sim, está feito.

— Obrigada – digo com um sorriso sutil.

Quando me impulsiono para sair daqui com Laureano, ele me chama e quando viro minha cabeça para o observar com atenção, percebo que está aflito, perturbado e com um misto intenso de emoções bolando por seu rosto. Vai me fazer um pedido ou me dará um aviso ou uma ameaça. O que virá primeiro? Eu deveria dizer que ele é meu irmão de sangue?

— Diga a Vilk Jane para não me procurar novamente. Vou descartar esse número, então avise a ela para não fazer contato comigo. Diga para me esquecer, porque para mim, ela é passado.

A fragilidade das suas palavras fez com que eu arqueasse uma das minhas sobrancelhas, porque ele não está sendo racional o suficiente para me convencer disso. Na verdade, sinto a sua determinação tão forçada e sem sentido que não

sou capaz de apenas acenar e ir embora.

— Você está tentando mentir para quem? – pergunto cruzando meus braços.
— Acredita mesmo que eu faria isso com ela, que nutre todos os dias a ansiedade de te reencontrar? Acha que está fazendo bem para ela? É isso o amor para você? – Sorrio vendo que ao nosso redor os outros apertam suas mãos ao redor das armas. — Deveria rever o seu conceito e o seu tom de voz não foi nada convincente, ok? Acredito que está tentando manter aparências ou que está sendo ameaçado por alguém.

— Aposto que é ameaça – Laureano diz ficando ao meu lado. — Ele quase morre para dizer a última frase, mas também não acho que ele a ame.

Encaro o rosto de Lince acompanhando o momento em que ele se torna vermelho e depois suas mãos se fecham em punhos apertados, dando-me a confirmação do que suspeitei.

— Você não conhece Vilk Jane.

E essa é a última coisa que digo antes de sair dali, trazendo Laureano junto comigo.

Realmente Lince está com uma corda apertada ao redor do seu pescoço. Está claro, mas o que me deixa ainda mais intrigada é o fato de que ele foi nos receber do lado de fora e não na parte de dentro, como estava aquele dia. Com esse pensamento ainda na minha mente, ligo o carro e dou partida para fora dali, mas a lembrança dele nos aguardando aquela vez do lado de fora é o que me faz parar o carro, assim que estou fora desse lugar abandonado. O deixo parado perto de uma calçada em frente à um prédio luxuoso, mas isso não prende minha atenção por muito tempo, porque sinto que tem algo errado.

Tanto ele quanto os seguranças estavam visivelmente tensos hoje. E tenho certeza que eles não apertaram as armas por causa do que eu disse, isso não deveria os desestabilizar assim.

— Por que parou? – Laureano pergunta e eu só consigo soltar um suspiro exasperado.

Ele estava escondendo algo lá dentro?

Aquele dia, quando fui até ali, ele estava dando tempo o suficiente para que quem quer que seja que estivesse ali tenha saído? Ele estaria protegendo alguém? Não duvido, mas algo aqui dentro de mim me avisa que tem algo estranho nesse angú.

— Acho que ele está escondendo alguma coisa – sussurro mordendo meu lábio inferior.

Acho que tenho certeza, porque estava tenso demais para estar certo e sem nenhuma culpa no cartório.

— Talvez seja o dono da limousine que estava parada em frente à um

portão de ferro.

Arregalo os olhos voltando meu olhar para ele.

— Você disse que viu uma limousine? – pergunto e ele acena positivamente, encarando-me. — Marinho estava lá esse tempo todo e essas armas podem ter localizadores.

Esperto demais para um mosca morta que vive de comer e ordenar as pessoas. Se ele soubesse o quanto o odeio, jamais entraria no meu caminho novamente, porque estaria ocupado demais cagando nas calças enquanto tremia de medo e eu sei que ele é o tipo que faz exatamente isso. Só que agora se sente seguro, porque está em um lugar em que a segurança é realmente reforçada.

Mas se ele quisesse fazer algo contra mim teria feito ali mesmo, já que eu estava em desvantagem junto a Laureano.

— Vamos seguir com o que você planejou. Uma coisa de cada vez. Por hora vamos nos priorizar em estourar apenas uma cabeça, ok? – ele diz e eu pisco sorrindo.

Por que estourar uma, se podemos fazer isso mais fácil e acabar com as duas ou com as três em apenas uma tacada?

A imagem do corpo paralisado de Aquiles volta para a minha mente e então, deixo o carro em movimento novamente. Irei vingá-lo e de quebra, farei com que Júlio pague por tudo o que me fez, enquanto me perseguia para me forçar ser sua esposa.

Será que ele planeja isso desde o início? Esse plano não surgiu agora e sim há mais tempo do que eu possa imaginar?

Vou enlouquecer, sinceramente!

O primeiro destino que planejei após estar com as armas em mãos, foi para o cativado onde um dos inimigos de Júlio está escondido. Logo em seguida, estarei contatando outro e depois outro, para que só então possamos ir até o local onde ele está escondido.

São três inimigos poderosos que fazem o que for preciso para acabarem com Júlio e que conheço bem, já que tentaram me matar por pensarem que eu teria algo com ele e que havia sentimentos entre nós dois. Esses foram os dias em que eu mais me diverti, com certeza. Hoje é o nosso reencontro e espero que a raiva que sentiam de Júlio ainda estejam vivas e mais intensas que antes.

— Ele assumiu um negócio grande – disse o primeiro homem que jurou estourar os miolos de Júlio quando tivesse oportunidade.

— Imagino a quantidade de dinheiro que esteja circulando – digo e ele

rosna antes de se levantar e bater com as duas mãos sob a sua mesa.

— Desgraçado! Deve estar usufruindo de tudo que me roubou!

— Aposto que sim e ainda desestabilizou o mercado, tirando todos os assassinos de circulação – digo vendo todas as emoções que rondam o seu rosto enquanto que um sorriso começa a rodear os meus lábios.

Esse aqui já está garantido, nem preciso fazer nada para convence-lo.

— Típico de um maldito como ele!

Até a respiração está descompassada e eu não posso deixar de adquirir um relaxamento instantâneo. Uma notícia esplendorosa como essa não é de se jogar fora assim tão fácil.

— Você sabe onde ele está? – pergunta semicerrando os olhos e me observando.

Eu iria abrir minha boca para o responder, mas o meu celular vibrou no instante que eu iria fazer isso. O nome “*Diabo bonito*” estava brilhando na tela, enquanto o aparelho tocava e isso quase me fez revirar os olhos antes de atender. Quando ele mexeu no meu celular?

— Sim? – digo ao atender só para escutar um riso alto do outro lado da linha.

— Gostou do nome de contato? Sou eu, o Luluzinho – diz e devido o meu bom humor ao coletar tão boa recepção a esse lugar, acabo sorrindo suavemente mesmo que não tenha um pinga de humor nas suas palavras.

— Ligou para dizer isso?

Ele gargalha e meu sorriso se desfaz quando pondero que ele deve ter algum problema mental ou deve ser bastante carente para estar assim rindo tão desesperadamente.

— Você é tão impaciente quanto o gêmeo macho – sussurra antes de sorrir novamente. — Você deve saber que eu tenho muitos contatinhos, não é? Então, com uma ligação aqui e outra acolá, entre um sistema de segurança e outro, acabei descobrindo onde Júlio ficará no resto da semana. Você quer me perguntar como sei disso?

Suspiro profundamente me recostando contra a cadeira.

— Não vai, não é? Tudo bem, respondo mesmo assim. Diego, meu querido demônio *top*, tem o mapa do lugar, assim como o acesso ao sistema de segurança, porque ele foi instalado pela empresa que ele ocupa a presidência hoje. Sabe como descobrimos isso?

Fecho meus olhos considerando-o ainda mais louco do que eu imaginava.

— Júlio fez uma proposta para Diego para que ele o vendesse a empresa e passasse para o seu lado até o fim de semana. Diego topou e eles vão se encontrar no domingo... ou seja, você tem tempo o suficiente para armar o seu

bote.

Ótimo, agora tenho uma ótima vantagem.

— Não sei se quer saber, mas o médico não para de perguntar por você, assim como o nerd. Posso explodir a cabeça dos dois, caso prossigam nisso?

Nem preciso pensar antes de responder.

— Se ao menos pensar nisso novamente, farei com que entenda o verdadeiro significado de estar fodido. Você quem sabe.

E sem mais, desligo o celular.

Subo meu olhar para o homem que ainda me observa com atenção, em busca de alguma falha ou de alguma outra coisa, mas além disso, vejo curiosidade. Isso não será tão difícil de ser conseguido, tenho certeza, mas não posso entregar o jogo de uma forma tão gratuita como essa. Por isso eu me levanto e sorrio suavemente.

— Voltaremos a conversar mais tarde – digo, mas ele não ousa me dar uma resposta e isso é o que mais estranho diante a tudo.

Viro-me e me encaminho até a porta, mas antes de chegar, ela se abre e quem eu estava ansiosamente planejando destruir, surge na altura das minhas vistas. Aderindo um sorriso suave, ele entra na sala, enquanto a surpresa banha completamente minhas feições. Tentei desfazer a surpresa que sustentei no meu rosto, mas quando o outro ser repugnante apareceu logo atrás de Júlio, foi instantâneo o passo para trás que tomei. Por mais que Laureano tenha colocado sua mão no meu ombro, ainda sentia o pânico subir por minhas veias.

Então, eles confabularam essa armadilha e eu caí como uma patinha.

É tão previsível assim que eu buscaria um dos inimigos dele?

— Ora, ora, se não é a minha ex noiva.

Tentei respirar, mas estava tão difícil... complicado demais. Meu celular vibrou novamente e sem olhar para a tela, simplesmente atendi, porque estava automática demais para não fazer outra coisa.

— Você tem que sair daí agora mesmo! É uma armadilha! – Luciano gritava do outro da linha, mas ele estava atrasado demais para me tranquilizar ou me dar uma saída. — Íris. – Ele respirou fundo tentando buscar calma e eu quase sorri. — Acabei de rastrear a tua localização por meio da nossa ligação e assim, fizemos o mesmo com ele. Ao que tudo indica fomos enganados ou meu Dieguinho é incompetente demais para não saber diferenciar a cor de um maldito carro!

— Você está atrasado – digo com a amargura presente no meu tom de voz.

— Ele está com você, não é? – Pragueja e então, puxa outra respiração forçada. — Estou indo atrás de você agora mesmo. Não faça nada que irá comprometer a você. Onde está Laureano?

— Comigo.

Outra série de xingamentos acontecem do outro lado da linha e eu me restrinjo a baixar minha mão e colocar o celular no bolso da calça de Laureano.

Tim me observa com uma gana aterrorizante e eu estou familiarizada demais para não devolver o mesmo olhar para ele. Foram anos me rendendo a esse olhar e décadas servindo de seu objeto para suprir seus desejos sádicos e agora, tenho a chance perfeita de iniciar o meu plano, o início do seu fim.

— Não esperava tê-la no meu campo de visão assim tão cedo – Júlio diz sorrindo e eu continuo parada o observando.

Tenho certeza que aquelas armas tinham mesmo localizadores ativados e eu não sei muito bem o que farei com o meu querido irmão, quando eu sair daqui e destruir esses dois. Talvez não morra, porque Vilk o ama e jamais me perdoaria caso algo o acontecesse, mas estou nutrindo tanto ódio, assim como o desejo de vingança que me corrói.

— O acerto de contas veio tão cedo... mais cedo que eu imaginava – Tim disse e eu desviei meu olhar para ele.

Nem imagina quantas fases ainda passará até que a vingança seja efetivada... nem imagina, coitado. Não precisei pensar tanto para saber exatamente o que eu faria.

— Quem permitiu a entrada dos dois aqui? – o homem por trás de mim perguntou e eu quis sorrir, porque é obvio demais que ou ele tem traidores no meio do seu sistema ou eles estão do mesmo lado.

— As portas sempre se abrem para mim. Esqueceu?

Sorrio e me encosto na mesa do futuro aliado mais potente que pode deter todas as transações comerciais que Júlio pode manter, assim como pode fechar todas as entradas de todos os aeroportos para Tim... Às vezes é muito bom criar esses tipos de aliados, principalmente quando tenho sob nossas vistas os inimigos que serão destruídos em breve.

— Vim aqui fazer um acordo, mas acho que cheguei tarde – disse com os olhos semicerrados ao me encarar e me senti com mais gás que eu já estava.

— Você não sabe o que descobri recentemente – digo sorrindo e ele cruza os braços mantendo os olhos semicerrados. — Sou irmã de sangue de Luciano Monteiro, olha só que coisa...

Deixo que uma gargalhada alta verbere por todo o local e antes que eu possa ao menos pensar, ele está avançando na minha direção. Eu poderia estar completamente nocauteada agora, mas com uma graça que eu desconhecia, Laureano impediu seu golpe torcendo o braço dele até que um barulho de osso quebrado preenche o ambiente, sendo seguido de gritos. Com a perna direita, Laureano o chuta na barriga, jogando-o contra o chão.

— E também sou irmã de Laureano, meu gêmeo do mau. Acho que estou amando descobrir essa família. Você contava com isso, Tim? – pergunto sorrindo, vendo-o com o maxilar travado.

— Esqueceu do vídeo? Não teme que eu acabe com a tua festinha, maldita? – ele pergunta e mais uma vez, sorrio.

Acho que estou me saindo uma debochada de primeira e olhe, que tive poucos encontros com Luciano, mas essa arte está pegando em cheio comigo.

— Você está olhando bem para a minha cara de medo? Estou completamente temerosa, como bem pode ver.

Sorrio, ainda o encarando e ele sorri me enviando uma confiança que detesto abstrair. A minha felicidade se resume a vê-lo desestabilizado. Sonhei tanto em vê-lo assim e completamente imóvel, que vê-lo sorrindo me irrita, porque tudo que ele merece é estar com o sofrimento constante na sua vida. É a isso que ele deveria estar destinado pelo resto da sua existência, mas ainda tenho que lidar com coisas que não são de grande importância.

— Então, já que estamos aqui reunidos... me responde aqui. Por que você me mandou para o hospital? Por que tenho que matar Teófilo? Por que se envolver em uma questão que não é da sua conta, já que envolve outra pessoa?

Júlio ri e a raiva só aumenta dentro de mim, enquanto tento do fundo do meu coração não matá-lo rapidamente. Um celular toca e logo, Tim atende. Não diz uma única palavra, o que eu acho completamente estranho, mas também não digo nada e só espero. Quando ele desliga, ele sorri.

— Dessa vez você está com vantagem – diz, antes de se virar e correr para fora da sala.

Minha vontade é de correr atrás dele para que assim, eu possa destruí-lo de uma vez por todas, mas o meu desejo de vingança está muito além de qualquer outra coisa. Morrer é muito simples, se ele não puder sofrer o suficiente antes disso acontecer. Provocar dor física nesse maldito é o mesmo que causar cócegas, ou seja, não serviria de nada e os meus planos para o que ele me fez estão em um nível tão evoluído que ele jamais será capaz de imaginar e é por isso que ele está fugindo, porque eu quero que ele o faça, porque eu não quero o tocar, porque o meu meio de vingança será completamente desgraçado.

Júlio geme no chão e logo, as coisas estão ficando selvagens. Diversos seguranças invadem o escritório desse aliado e então, nos deixa sob a mira das suas armas. Permaneço tranquila sem mexer um só músculo. Eles o levantam e o levam para fora daqui, enquanto ele sorri alto se sentindo vitorioso.

Qual seria a medida mais eficaz?

Matá-lo rapidamente com um único tiro ou matá-lo lentamente tirando tudo de mais precioso que ele acredita ser dele?

Oh, eu sou sádica demais para escolher a primeira opção.

Capítulo 52

Íris Sensit

Eu estava sorridente, confiante. Luciano sustentava um plano que considerei tão perfeito quanto o sorriso estonteante que exibia. Sim, estou com um bom humor tão perverso que quase não sou capaz de lidar com isso. Todos estão certos que isso vai dar super certo e eu estou da mesma forma, mesmo que eu saiba que tudo pode dar errado. O meu plano tem tudo para acabar com a minha vida, mas preciso lembrar que não estarei sozinha.

Estarei com as pessoas certas para o que planejo.

Desde o encontro com Júlio e Tim passaram-se vinte e quatro horas. Então, Luciano se infiltrou ao meu lado e está me conduzindo a todos os caminhos possíveis para fazer minha vingança cada vez mais cheia de êxitos. Traçou acordos com os possíveis aliados e com pessoas que nunca vi durante toda a minha vida. Rompeu o sistema de segurança do galpão em que Júlio se esconde e nos deixou no controle de tudo. Bem, agora temos tudo sob o nosso controle.

Por saber que Tim está no mesmo local que Júlio, tenho certeza absoluta que, se eu estiver com sorte, acabarei com dois coelhos ao mesmo tempo, contudo, se não estiver com tanta sorte assim, terei de escolher apenas um... e, é claro, que o meu plano gira em torno de Tim. Logo, para que eu o coloque em prática, ele deve ser o único a ser atingido.

Os milhões da conta de Júlio foram transferidos para a conta de Luciano, que não parava de sorrir ao pensar que conseguiu tal proeza, mas o que Júlio poderia fazer se Luciano possui contatos até dentro de bancos?

É, eu sei, nada.

O rosto de Tim circula por entre todos os aeroportos e rodoviárias com uma carta de procurado e valendo recompensa para quem o achar e o entregar primeiro, ou seja, não pode sair nem do país, nem da cidade. Enquanto isso, Júlio perde contratos, aliados e chora em posição fetal no seu quarto por toda noite. *Ou ao menos é como espero que esteja.* Armamos uma emboscada para ele em quatro horas. Nesse instante é certo que o primeiro grupo de soldados estejam derrubando toda a segurança que Júlio mantém ali. Os assassinos do sistema que estiverem com ele, com certeza estarão morrendo a partir de agora e eu não sinto um pinga de remorso por isso, porque em breve Tércio e Adiel estarão livres de todo o perigo.

— Vamos nos preparar – ele disse e então se levantou.

Estamos em um dos territórios em que ele mantém a maioria dos aliados.

— O filho da Cabeça virá conosco? – Nicolas pergunta e ele nega.

— Ele não tem treinamento o suficiente para lidar com isso – Luciano disse ao tirar a camisa que estava vestido.

Iríamos substituir nossas roupas por outras adequadas para o confronto que teremos em alguns instantes. Laureano está sorridente observando algumas crianças que brincam ali próximo e de alguma forma, sinto curiosidade em saber como foi a sua infância, por mais que eu tenha certeza que não foi menos torturante que a minha, julgando o seu modo de ser e a cicatriz que marca o seu rosto. Não deixei passar suas tatuagens, onde a maioria são números, principalmente as dos braços e as do pescoço.

Mais cedo pensei ter visto uma foice tatuada nas suas costas quando ele levantou a blusa cavada que está vestindo por baixo da jaqueta de couro. Esse lugar por ser muito quente, tende a nos fazer tirar metade das nossas roupas.

— Você vai se trocar aqui? Na nossa frente? – Luciano pergunta com seus olhos arregalados me encarando.

— Por que? Desconhece o corpo de uma mulher, querido? – Arqueio minhas sobrancelhas ao mesmo tempo em que tiro minha blusa permanecendo apenas de sutiã na sua frente.

Ele grita e fecha os olhos tampando-o com as mãos.

— Sua despudorada! Como ousa? Não quero ver o corpo da minha irmã! Que nojo! Socorro, socorro, socorro! Ela vai me deixar cego!

Pisco confirmando o quão idiota ele pode ser, não é? Que tipo de homem fica como um frangote fresco somente porque a irmã mais nova tirou a roupa na frente dele? Não é como se ele nunca tivesse visto o corpo de uma mulher nu. Homens são tão idiotas.

Troco de roupa calmamente, enquanto ele grita e finge um choro completamente sem sentido não muito longe de mim. Quando por fim coloco o colete a prova de balas e as armas no coldre que adicionei na minha coxa direita, só então saio dessa tenda onde ele está dando um chilique sem motivos aparentes.

Fico ao lado de Laureano e ele sorri virando sua cabeça na minha direção.

— Você não pode tirar a roupa na frente dos outros, criança – ele sussurra e eu reviro meus olhos.

— Por que eu não poderia? O corpo é de quem?

Ele me encara de soslaio e sorri ao desviar seu olhar. Observa as crianças correndo de um lado para o outro e sorri novamente. Espero que fale algo, mas sinto que ele não é um homem de muitas palavras, tampouco de estar revelando seu passado de tão boa vontade.

— Ela é louca, Nicolas. Completamente louca! Como pode fazer isso? –

Escuto o sussurro de Luciano e logo estou virando o meu rosto para o encontrar usando apenas uma cueca. — Por que está me olhando? Por que ela está me encarando? Por que?

Meio que chora, meio de rosna e eu estou sorrindo, porque acho que mesmo com essa sua tendência implicante e debochada, mesmo que seja tão sujo como eu, estou começando a gostar dele. Ele me parece familiar e uma pessoa muito convidativa para se gostar e bem, esse irmão recém descoberto está me cativando assim como esse gêmeo calado e irritado, mas que sorri vendo crianças brincarem. De fato, não tenho uma família convencional e eu não gostaria que fosse de outra forma.

Nicolas sorri e eu não consigo nutrir raiva ou ódio por ele, porque apesar do golpe fatal que me deu, ele não me fez tão mal quanto os outros. No caminho até nos ensinou um pouco sobre o amor. Tércio está com Yanne e ambos compartilham de uma química magnífica. Eu conheci e me deixei envolver com Adiel e, antes de ele descobrir quem sou, também éramos felizes e... eu o amo. Espero que quando isso aqui chegar ao fim hoje, ele possa ser feliz com outra pessoa e que tenha uma família enorme.

Pisco tentando ignorar o marejar dos meus olhos enquanto a lembrança do seu sorriso volta a minha mente e então, mesmo que eu não possa me deixar levar por emoções acabo sendo presa e encurralada nessa teia de sentimentos. Aguardo o momento em que tenhamos que sair e, enquanto isso, ele está voltando para a minha cabeça. O seu corpo forte deitado sob a cama me dando a perfeita visão para que assim eu pudesse desenhá-lo. Laureano me avisa que irá se aprontar para o confronto e eu aceno, ainda pensando nos momentos divertidos em que tive ao lado do meu médico rústico. Nicolas surge e me oferece a sua mão e quando eu a aceito, ele me conduz até o carro estacionado em uma calçada, nos aguardando. Adiel sempre estará marcado no meu coração como o homem da minha vida, mas também espero não ser uma vaga lembrança, assim como também não desejo dominar a sua cabeça de um jeito que ele não consiga se envolver com outra pessoa para fazê-lo feliz.

Para ele, desejo toda a felicidade que o mundo é capaz de reservar, assim como para Tércio, Vilck, Yanne, Laureano, Luciano e até Nicolas.

Suspiro no instante em que Laureano se junta a mim no carro, ficando ao meu lado.

Ele me encara e pisca sério.

— Você não está feliz por estar conseguindo sua vingança? – ele pergunta e eu aceno positivamente, mas ele sorri com tristeza no olhar. — Gostaria de ser feliz com uma vingança, mas o seu olhar me diz o quão triste está. Isso não mudará quando conseguir o que deseja.

Ele está falando de si ou está querendo me dar uma lição? Não acredito no que escuto, mas não gasto segundos em um debate onde isso não levará a lugar algum. Mesmo que essa vingança não me traga satisfação, ao menos estarei feliz em saber que em resultado dela aqueles que me importo estarão bem, tranquilos e felizes.

Quem eu me importo estará bem e seguro.

A porta do motorista se abre e Luciano entra, sendo seguido por Nicolas que toma o banco do passageiro. O diabinho sorri observando seu relógio. E essa visão me lembra que meu tempo aqui está se esvaindo. Por mais que a segurança que ele armou seja alta e forte, sei que o instante em que eu estiver frente a frente com Tim, apenas um sairá perfeitamente vivo aos olhos da sociedade.

Hoje é o dia em que a minha vingança começará e de alguma forma, estou muito feliz. Todos que me importo estarão bem.

Luciano liga o carro e o coloca em movimento, mas meu coração ainda se contorce em dor, porque me lembrar de Tarcio me deixa assim. Ele poderia ter me dito a verdade assim que fugimos, mas preferiu guardar aquilo para ele, colocando-nos em perigo. Optou por confiar em um homem que nos fez mal desde o início e me deixou no escuro, acreditando que estava livre.

Luciano segue por uma avenida pouco movimentada usando uma velocidade segura até que estamos estacionando na garagem que fica um pouco distante do galpão principal de dois andares, o local que Júlio escolheu para se esconder enquanto tomava para si os negócios de Malaquias. Espero que esteja muito bem escondido no sólo e embaixo de uma mesa de madeira, para que quando eu chegue até lá, consiga lidar perfeitamente com a questão que é a sua vida.

Abro a porta e sou a primeira a sair do carro, assim que ele é desligado. Três carros enfileirados estão pegando fogo sob o chão de areia. Mais à frente o portão foi derrubado, mas eu não me aproximo, porque os jipes blindados de Luciano estão tomando a liderança entrando e deixando claro o quão bem treinados eles estão.

— Acho que meus homens voltarão intactos para suas casas – ele diz e eu aceno, sentindo-me um pouco mais tranquila, quando eu não deveria estar assim.

Não muito longe de mim, um homem correndo chama a minha atenção.

O cabelo grisalho e corpo mais forte, assim como o boné de beisebol é o que me deixam ainda mais atenta.

Então, uma decisão tem por obrigação de ser tomada. E essa que ronda a minha cabeça agora é a que eu vim pensando na banheira na passagem do dia para a noite. Por mais que eu torcesse para não me afastar dos meus dois alvos, agora tenho na minha frente a certeza de que a escolha é inevitável. Vou apostar

no que tenho na minha frente e não hesitarei no que pede meu coração cheio de dor.

Penso em Adiel, Tércio, Vilk, Luciano, Laureano, nas crianças... eles estarão melhores protegidos se eu seguir com esse plano, se eu fizer exatamente o que meu subconsciente me ordena. Meu coração se aperta, porque não quero dizer adeus para nenhum deles, meus olhos se enchem de lágrimas porque já sinto saudades de Adiel sem nem ter concretizado com o que tanto pensei.

— Laureano – o chamo sem desgrudar o olhar daquele maldito que corre o mais rápido que pode. — Mate Júlio da pior forma possível. Estou te dando a minha vingança e faça dela, pensando em mim, entendeu? – digo semicerrando os olhos quando o maldito tropeça e cai.

— Se a vingança é sua, então por que eu tenho de fazê-la? – ele pergunta e eu sorrio, desviando meu olhar para ele que ainda me observa com atenção.

— Por que tenho um outro assunto mais perigoso e muito mais pessoal para tratar – digo e avanço em frente, arrancando o colete do meu corpo, assim como a arma, que miro para o indivíduo nojento que caiu e então, quando a sua perna está na minha mira, eu atiro.

Seu grito alto verbera por todo o lugar e eu avanço correndo na sua direção.

Escolhi abrir mão de uma vingança para lidar com outra. Essa foi a escolha que irá salvar a vida de todos aqueles que amo. Tércio estará bem, Adiel poderá levar sua vida como se nada tivesse acontecido, Vilk poderá ser feliz ao lado de Lince, Laureano seguirá o seu destino, Yanne ficará com meu irmão. Todos estarão livres do pesadelo que seria Tim em busca de vingança e usando todos ao meu redor para consegui-la.

Quando estou perto o suficiente e ele percebe minha presença, só então levanta o seu olhar e quando me vê, começa a sorrir. Apoia as mãos contra o chão tentando se levantar e quando está em pé, o empurro com meu, mas ele, como um nojento venenoso que é, me puxa e acabo caindo ao seu lado.

Ele ri enquanto desfere socos na minha cintura e eu o deixo fazer isso, porque esse é o caminho mais lento e correto para conseguir exatamente o que eu quero. Cada golpe na minha costela, no mesmo local em que fui atingida com uma facada, faz-me chorar internamente, mas não o suficiente para me render sem o deixar sofrer.

Para ele, perder para mim será o motivo da morte, porque eu sei o quanto detesta ser o perdedor em uma luta e aqui, hoje e agora ele estará perdendo uma luta para mim, mesmo acreditando no contrário.

Seguro seu pescoço e com um sorriso forçado nos lábios o trago de encontro a minha cabeça, fazendo com que elas se choquem e quando tudo dentro de mim roda com a chegada de uma dor de cabeça arrasante, afasto-me.

Cada respiração puxada é uma dor mais forte. E a cada fisgada delirante, é em Tércio que penso, na sua liberdade.

Ele ri novamente e eu me levanto, tentando expulsar da minha cabeça essa tontura que só irá me atrapalhar. Avanço, aproveitando que ele ainda está no chão e desfiro chutes nas suas costelas, da mesma forma como ele fez em mim e o que mais me irrita é que a cada chute mais forte, ele ri alto o suficiente para me causar ainda mais fúria. Então, eu o monto e é a vez dos meus punhos acertarem no seu rosto vezes o suficiente para fazer com que sangue escorra por sua pele rasgada.

Mas ele reverte a nossa situação e com sua perna direita, me prende no chão novamente, enquanto descarrega sua raiva no mesmo lugar, no mesmo centro. A dor que me rasga é torturante. Tão dolorida que por mais que eu deixe ele me bater, eu sei que ele acredita que isso está acontecendo porque eu sou fraca demais para lutar contra ele e é nesse exato momento, que resolvo deixar de lado minha vingança, para o dar realmente o que merece.

O seu braço me segura no mesmo lugar, assim como sua perna que me prende contra o chão e isso é o suficiente para que eu possa pressionar o lugar em que acabei de atirar, fazendo-o rir mais alto ao mesmo tempo em que grita de dor.

— Já... se... esqueceu... quem... eu... sou... sua... vadia...

E ele ri alto novamente, mas quando avança para me dar outro golpe, paro o seu punho e o torço para trás, quebrando-o e vendo seus olhos se arregalarem de terror e dor. Então, ele grita e eu me livro do seu aperto para montar na sua cintura e desferir mais uma série de golpes no seu rosto enquanto alterno para o seu peito. Cada golpe é uma lembrança vívida dos gritos de dor que dei no passado, quando era uma garotinha. Isso é tão pouco... é tão pouco.

Ele me derruba e faz uma careta ao se afastar. Sorrio e mesmo com a dor rasgando o meu corpo, levanto-me e ele faz o mesmo. Limpa o sangue que escorre no canto da sua boca com a língua e eu me torço de nojo, repulsa e dor, porque o meu ferimento dói mais que qualquer outra coisa no mundo inteiro.

Com a outra mão, ele saca uma arma tão rápido quanto acha necessário e a aponta para mim. Sorrio e abro meus braços, deixando meu peito livre.

— Atira – digo sorrindo e ele semicerra os olhos novamente.

— Acha que não tenho coragem? – ele diz e então, sorri alto.

Quando penso que vai recuar, então levanta o braço e atira.

Foram dois tiros. Duas balas penetrando o meu corpo, duas balas fazendo com que o meu mundo escorra por meus olhos.

Só consigo dar dois passos para trás, antes das minhas vistas nublarem e eu perder o controle sob minhas pernas, caindo no chão, enquanto tento apertar o

ferimento o máximo que consigo.

De alguma forma que não faço ideia como seja, Nicolas aparece no meu campo de visão e só assim, posso sorrir.

— Me promete... — peço tentando falar entre a dor que o meu corpo está se rendendo.

Ele arregala os olhos e eu vejo lágrimas brotarem ali.

— Cuide de Adiel... proteja Tércio... e.. e... me deixa mor... rer. Deixe Íris descansar nesse local.

Suspirei, tentei lutar para que meus olhos permanecessem abertos e focados nos seus, mas acho que a dor estava se alastrando tão rapidamente, burlando a adrenalina e quebrando o meu controle, que não consegui impedir que ela se instalasse tão rápido dentro de mim. Fechei os meus olhos, porque não consegui fazer com que outra coisa fosse válida aqui dentro. Adiel veio a minha imaginação. Seu rosto sério, depois sorridente. Sua mão tocando o meu corpo, seus lábios dizendo em um silêncio tão condizente com a minha vida:

— Eu te amo.

Mas logo ele sumiu, porque o escuro me dominou e a solidão se fez presente na minha nula existência.

Esse é o fim, ou o início dele.

Capítulo 53

Adiel Gaspar

Por mais zangado que eu esteja nesse momento, tudo que quero é vê-la na minha frente. Séria, sorridente ou do jeito que for, só desejo tê-la no meu campo de visão.

A última coisa que escutei sobre ela foi que estava encurralada e que estavam indo ajuda-la e então, desde que isso aconteceu nada mais pôde ser escutado. Tércio me disse que o que ela estava indo enfrentar era perigoso e que como sempre enfrentou o perigo de perto, seguiu esse caminho sem ao menos pensar duas vezes.

Sim, estou chateado, magoado e me sentindo a pior das pessoas no mundo inteiro por ter sido enganado de uma forma completamente imperdoável, mas eu já jurei perante todos os santos do mundo inteiro que se ela surgir aqui na minha frente, meu coração dolorido a perdoaria de tudo, de toda as mentiras, porque mais forte do que qualquer mentira é a dor da perda e o meu coração está tão apertado com essa possibilidade que quase não estou conseguindo respirar.

Sinto muito por tudo, juro que sinto.

— Por que eles não estão dizendo nada? Por quê?! – Tércio rosna antes de se jogar contra o sofá da sala da enorme casa em que estamos.

As crianças que precisam de cuidados estão tendo a assistência necessária por mim, porque não consigo dar as costas e sair, por mais errado que eu saiba que sejam as pessoas que moram aqui, mas de certa forma agora sou capaz de entender. Eles não estão aqui porque querem ou porque escolheram. Assim como aconteceu com a minha família, com a deles não foi diferente. Perderam os pais de uma maneira tão grotesca quanto eu e juro que as horas que remoí sobre as palavras ditas por Kaique estavam me deixando louco. E, porra, meus irmãos estão vivos! Isso já é motivo suficiente para que eu deite minha cabeça contra o travesseiro e durma sem sentir tanta dor no peito, mas não posso deixar de sofrer por meus pais que foram assassinados de maneira desumana por pessoas que só desejavam raptar duas crianças inocentes com o propósito de fazê-las sofrer por anos a fio para no final se tornarem assassinos malditos.

Meu peito contorce a cada vez que me lembro de palavras cruas e odiosas como as de Kaique.

Ele permanece preso na mesma cela e por mais que eu tenha pedido a Eve para soltá-lo, ela afirmou que ele estava do lado do inimigo e além disso, me mostrou algumas provas completamente chocantes de onde estão se metendo.

Diversas pastas do que foi traçado para Zayxa ou Íris sofrer para que se tornasse, assim como meus irmãos, uma assassina.

Puxo uma longa respiração quando um dos meninos que escolhe ficar isolado, se aproxima de mim. Ele me observa com medo e o canto da sua boca com um corte severo me faz doer ainda mais.

Eu não quis sair daqui. Na verdade, nem ao menos ponderei essa ideia e tudo isso por causa dessas crianças. Eles foram o início da minha vida aqui e estou completamente do lado deles para o que precisarem. Por mais que eu não seja um profissional em psicologia, meu coração e os meus princípios gritam para que eu fique e os ajude.

Help, amiga de Eve, falou-me de todas as dificuldades que eles enfrentavam aqui, da ajuda que precisavam para lidar com as crianças, mas que não poderiam pedir ajuda para pessoas de fora, já que não podem confiar em qualquer um. Os inimigos estão a espreita, não é fácil confiar e os deixar entrar.

Mas, antes que o menino se aproxime o suficiente de mim, a porta se abre e Luciano entra. A blusa encharcada de sangue e os olhos cheios de lágrimas chamam minha atenção. Ele corre escadas acima, acredito que para as crianças não verem, mas eu me levanto o mais rápido que consigo e o sigo, assim como Tércio.

Tropeçamos cada escada e a cada degrau alcançado, até que entramos no quarto dele, onde se encontra parado no seu meio. As duas mãos na cintura e o olhar voltado para o teto. Parece puxar uma longa respiração e isso está me deixando mais nervoso do que já estava quando o vi entrar por aquela porta.

— Luciano — chama Tércio aproximando-se dele. — Onde ela está? Onde está a minha irmã?

E eu espero pela resposta.

Espero que seja uma resposta positiva.

Quero ouvir dos seus lábios que ela está bem e a caminho daqui, então, dessa forma irei vê-la novamente. Poderei chama-la, conversaremos e tudo irá se encaixar para que sigamos com as nossas vidas juntos, superando todas as dificuldades que irão nos assolar dia após dia, porque não espero que o nosso relacionamento seja normal e tranquilo.

— Ela... — Ele para, a voz embargada, mas ainda puxa uma longa respiração antes de se virar e, com os olhos marejados, as lágrimas escorrendo por seu rosto, entrega-me o que pressinto que me deixará em pedaços. — Não resistiu.

Fecha os olhos e baixa sua cabeça, então eu sinto que... não sei, permaneço o observando. Quando ele puxa uma longa respiração, penso que ele não está querendo dizer que ela está morta, porque isso não faria sentido.

Não faz sentido, porque nós ainda não nos acertamos, não conversamos

sobre o nosso futuro, não fizemos planos... e ainda assim, mesmo se ela não quisesse planejar o futuro, já que quando nos conhecemos me afirmou que vivia o presente ao invés de planejar um futuro.

Quero ser o homem que a proporcionará esse momento, então como ela pode não ter resistido?

— Quem não resistiu? Não resistiu ao que?

Observei Tércio se aproximar rapidamente dele e então, repetiu as mesmas perguntas um par de vezes.

— Íris Sensit está morta. Ela não resistiu.... Tim a matou – disse antes de quebrar em soluços na minha frente.

O meu peito... ele está tão pesado, abafado e apertado. Parece que roubaram todo o meu oxigênio. Minha vista está um pouco turva e eu tomo alguns passos para trás quando as palavras de Luciano repetem novamente na minha cabeça.

— Você está mentindo – sussurrou Tércio se afastando dele. — Não conhece a minha irmã. Ela não morreria, porque ela não pode morrer. Um tiro? Eu tenho certeza que ela está viva.

Luciano sacudiu sua cabeça, olhando para Tércio com pesar. Estou esperando apenas o momento em que o rosto dele irá suavizar, então ele dirá que é tudo uma armação para nos enganar, para me assustar.

Contudo, a resposta não vem.

— Onde ela está?! Onde?

Tércio grita enquanto empurra Luciano, mas eu não me prendo nele por muito tempo, porque a dor que eu sinto está me sufocando.

Saio desse quarto, porque ele ficou fechado demais para que eu apenas pudesse suportar. Encosto-me na parede do quarto e escorrego até que estou me sentando no chão.

“Íris Sensit está morta.”

Como ela pode estar morta? Como? Ela ainda tem tanto para me contar... como, por exemplo, como viveu depois que fugiu com Tércio, qual o significado do seu nome, o motivo ao qual assumiu um nome falso para estar no hospital, o motivo de entrar ali.... Ou somente o que ela gosta de fazer quando está entediada, ou qual é a sua comida preferida e, talvez, se sobrar espaço na nossa imensa lista de tudo o que temos para fazer, eu a pergunte sobre a sua série preferida, ou o seu livro preferido. Certamente, ainda não compartilhamos nossos gostos musicais e, eu juro que não espero nada menos que saber sobre eles.

Meu peito está tão apertado que preciso levantar minha mão e esfregar ali

em movimentos circulares, porque o meu ar foi arrancado do meu peito na nossa segunda briga.

Ela mentiu sobre tudo... minha garganta está se fechando, porque se ela estivesse aqui nós poderíamos conversar e então, poderíamos nos acertar novamente.

Nós poderíamos fazer tantas coisas se ela estivesse aqui...

— Ela não morreu, Luciano! Ela não morreu!

Os gritos desesperados do irmão que está naquele quarto, se assemelham talvez ao grito surdo do meu coração ao ser destruído sem nem ter amado o suficiente, sem ter conquistado a dona o suficiente para fazê-la confiar em mim.

Tento respirar, quando meu peito comprime ainda mais.

Tento enxergar o rosto de quem se aproxima, quando meus olhos nublam com a quantidade exacerbada de lágrimas que aqui se acumulam.

— Adiel, eu sei que está difícil, mas... temos que nos despedir – disse alguém ao meu lado, mas eu não me importei em focar meu olhar para enxergar o seu rosto.

Levantei-me quando encontrei forças nas minhas pernas para tal. Andei quando encontrei coerência na minha cabeça para isso e, então, fui diretamente para o quarto designado para mim. Deitei-me sob a cama fria sem o seu corpo... sem o corpo que nunca se deitou sobre ela, o lugar onde nunca encontrarei minha paz, porque ela está com ela.

Zayxa.

Fecho os meus olhos e desejo que tudo seja mentira, que tudo é uma invenção dela para me enlouquecer.

Eu te amo tanto que não consigo acreditar que tudo o que tenho para me recordar de você é uma mísera foto do teu belo rosto. Desculpa-me por não te escutar no primeiro dia, desculpa por não ter corrido atrás de você quando nossos olhares se cruzaram e você fugiu. Por favor, espero que um dia você seja capaz de perdoar a minha covardia.

Você mentiu, enganou-me, mas eu juro do fundo desse meu coração partido que esqueceria tudo isso se a tivesse ao meu lado agora. Eu não te perguntaria por nada, não te julgaria e tudo o que te pediria era para não me deixar saber se.... se matasse alguém.

Por amor, fecharia meus olhos e cuidaria das tuas feridas.

Por amor, esperaria o tempo necessário para sermos felizes juntos.

Dedicaria de todos os anos da minha vida para te mostrar o lado iluminado,

faria de tudo para te ver brilhar.

Juro que faria tudo isso, porque o meu coração só bate compassadamente quando te tenho ao meu lado.

Por dois dias, você se transformou em uma estranha e eu juro que esses foram os piores da minha vida. Tratei de cada criança machucada e desejei enquanto limpava cada ferimento, cuidar um pouco que seja dos teus... talvez os analisar enquanto você dormia somente para me certificar de que não corre risco de infecção.

Zayxa, por você eu destruiria todos os meus preceitos.

E agora?

O que faço nessa escuridão que você me deixou? Como posso respirar depois que você retirou o meu ar, a minha capacidade de viver? Espera que eu continue? Como?

Você está com o meu coração, mulher.

Não posso ao menos dizer que te amo, porque você transformou-se em cinzas. Não posso te abraçar e te beijar, porque você já não irá residir no meu mundo.

De agora em diante, se eu quiser falar com você, terei de recorrer ao meu inconsciente enquanto observo uma fotografia sua. Como posso viver sem te tocar e sentir o único cheiro capaz de me fazer adormecer?

— Como eu posso viver sem você?

Epílogo

Vilk Jane

Suzy Palatino foi comprometida, infelizmente.

Os federais estavam batendo na porta da casa que eu mantinha assim que passei pela porta de entrada. Estou de luto, meu coração está completamente despedaçado. Uma pessoa que eu considerava um apoio forte morreu semana passada em busca de vingança e de proteger os seus, comigo incluída nessa bagagem. Sinto-me grata, em dívida, mas eu não poderia ficar ali o resto dos meus dias e logo sabendo que quem a matou estava vivo e correndo por aí. Eu faria essa vingança por ela, mas estou aqui sendo impedida por esses policiais que me arrastam para dentro da delegacia. Segundo eles, fui denunciada por traficar ilegalmente armas e, como encontraram as provas no sofá da minha sala, então eu estava sendo presa.

Uma lástima, eu sei, mas nada que eu não possa cuidar. Pensei que seria demais ficar presa em um lugar como esse, logo quando voltei a encontrar meu amor, o homem que povoa todos os meus pensamentos desde sempre. Meu primeiro e único amor. Logo quando minha amiga morreu para proteger a quem ela se importa.

Eu sorria limpando minha pistola, uma das que ele fabrica, que ele criou e que vende para todos os tipos de homens vestidos de terno preto que o procuram. Meu Lince é lindo e completamente apaixonante, todavia não é perfeito. Sua falha é exatamente o pessimismo, a teimosia e descrença nele mesmo, assim como no próximo. Claro que eu não deixaria que ele ficasse assim por tanto tempo, por isso mesmo que meio descuidadamente estou planejando matar os civis que me trouxeram para a delegacia, assim como todos os outros que estão respirando nas proximidades.

Estou nervosa, falta tão pouco para me reencontrar com ele e eu sei que não será fácil, porque é determinado, focado e tudo isso para a maldita teimosia pessimista. Vai ser difícil, mas não impossível. Tudo que me empenho em fazer, consigo, porque acredito que vai acontecer e que vai dar certo, então persigo o alvo até que o que planejei esteja concretamente finalizado.

Agora, só tenho que matar esses idiotas que me seguram, assim como excluir os arquivos de vídeo que me comprometem para que eu possa seguir firme e forte em direção ao homem que amo.

Não vai demorar muito e eu estou preparada para enfrentar qualquer coisa.

Suzy Palatino morrerá hoje e então, apenas Vilk Jane estará viva.

Foi para isso que ela nasceu, para não morrer assim nas mãos de qualquer civil.

Vilk Jane está chegando para tomar o homem que ama e está tão confiante que nada, nem ninguém será capaz de detê-la.

Estou perto, Lince... bem perto.

Eles me arrastam para dentro, mas antes de entrar na saleta, uma perna esticada no chão chama a atenção deles e então param, fazendo com que eu pare também. Arregalo os olhos quando um deles aperta a mão ao redor do meu braço e então, continuamos a andar. Assim que o civil que nos lidera está de frente para o corpo, então outro tiro preenche o local para que segundos depois, outro tiro venha na minha direção, mas o atingido é o homem que me segura.

Minha respiração está acelerada e o meu coração palpitante.

Será um dos meus inimigos?

Olho para o corpo do homem estático no chão e me abaixo para que assim eu possa tirar as chaves das algemas.

— Bem que eu sabia que aqueles homens estariam te traindo a qualquer instante, Suzy Palatino.

Arregalo os olhos ao reconhecer essa voz. Levanto minha cabeça dando de cara com ela. Meu coração se acelera e ela sorri, mas acabo notando os seus lábios carnudos pálidos, assim como o seu rosto, por isso corro em sua direção.

Não consigo acreditar, não...

— Íris? Como pode? Vo... Você? Eu estou vendo coisa?

Ela sorri se apoiando contra a parede da delegacia e antes que eu ao menos possa dizer mais uma palavra, ela está escorregando de pouquinho a pouquinho até que se senta no chão. Ela sorri e eu sinto vontade de gritar o mais alto que isso pode ser possível. Então, eu não consigo simplesmente me controlar.

Avanço até ela e me agacho, ficando do seu tamanho.

— Íris! Oh meu deus! O que está fazendo aqui? Por que?

Ela sorri novamente e tenho certeza que nunca a vi sorrir tanto antes.

— Estou aqui para cumprir minha promessa ou você acha que eu morreria antes disso? – Ela sorri e aperta a cintura mais uma vez. — Vá atrás do seu amor, vai – ela sussurra e eu a encaro com ainda mais atenção.

— Por que você está como morta para todo mundo? Pode me dizer o que aconteceu? – pergunto e ela acena, agarrando minha mão e a apertando.

— Ajude-me a levantar – pede e eu assim o faço, ficando em pé junto com ela.

Quando assim estamos, então ela me observa ainda exibindo um sorriso.

— Faz parte do meu plano de vingança – sussurra e começa a andar, arrastando-me junto com ela.

— Por que você está mantendo isso de Adiel e de Tércio? Sabe o quanto eles estão sofrendo? – rosno e vejo o instante em que seu sorriso se desfaz dando lugar a tristeza, a dor e ao sofrimento.

— Acho que vai ser melhor que eu esteja morta para os dois também – ela diz e quando me encara, percebo as lágrimas enchendo os seus olhos e a deixando ainda mais cheia de mágoa.

— Você é louca? Não sabe o quanto eles estão sofrendo? Adiel está em um estado de...

— É melhor que eu não saiba, ok? – sussurra e me puxa pelas escadas de serviço.

Nosso trajeto até a parte da entrada do local é silencioso e eu sou capaz de escutar com perfeição as fungadas que ela puxa, mesmo que tente disfarçar com tossidas.

— Por que veio até aqui? Eu iria me livrar deles sozinha – digo e ela sorri.

— Na verdade, você seria morta assim que entrasse na cela. Estavam esperando por você lá – ela diz e eu paro de andar para encará-la. — Posso estar longe, mas estou de olho em você, já que é a única que está fora do sistema de segurança do Luciano. Você precisa ir agora. Eu te dou cobertura.

Ao terminar de dizer, então me empurra e com a sua arma em punho, mira no interruptor de entrada, que está destinado a ligar as luzes do lugar.

— Coloquei uma bomba aqui, o que significa que quando eu apertar o gatilho tudo vai para os ares. Cuide em se afastar logo! – ela rosna e eu a obedeço.

Corro pela enorme calçada que parece nunca ter fim e assim que estou na esquina, vejo o barulho da explosão verberar por todo o local. Ela corre na direção oposta e eu continuo minha caminhada, mas não a deixarei sofrendo assim, porque simplesmente não está com coragem para enfrentar o amor que ambos sentem.

Eu sei que é por isso, sei que é porque ele descobriu que tudo era uma farsa, mas eu sei que o amor que ele demonstra sentir por ela é maior que tudo isso, ele deixou claro isso no dia do enterro improvisado.

Não a deixarei sofrendo e fraca, como está agora.

Por isso, saco o meu celular e disco o número da pessoa que merece saber da verdade.

— Sim? – pergunta ao atender.

Sua voz grossa e abafada é como uma confirmação de que sim, eu farei o certo.

— Adiel, você está sentado? – questiono vendo um táxi se aproximar.

— Sim, por quê?

Aceno para o táxi e antes que ele pare, minha resposta está saindo mais que satisfatória.

— Íris está viva.

“O meu coração sempre será seu e eu sei o quão injusto é o nosso destino, mas no silencioso grito agudo da minha dor, para o seu bem, a minha morte será o melhor para todos. E, principalmente para você, Adiel.”

— Íris Sensit

Próximo livro

Mais um Pretexto? – Livro III | Série Enfrentando o Amor

Lince Arias

Cigarro, eu sou viciado em cigarro. Acho que não poderia ser diferente por ser um costume já antigo do meu corpo. Convivi com muitas pessoas, aliás, convivo com vários tipos de pessoas, mas uma em especial, me rendeu esse vício. Eu era muito novo, quando ele surgiu na minha vida e até hoje não consegui deixá-lo, nem me afastar. Quando as coisas ficam mais pesadas para mim, a minha primeira atitude em meio ao nervosismo é pegar um cigarro, acendê-lo e tragar até que não reste nada. E é exatamente isso que eu faço agora, enquanto observo as gotas da chuva deslizarem pela janela da minha sala.

Meu escritório já não parecia o melhor lugar no mundo inteiro para que eu fique, então em posse dos meus melhores pensamentos, encaminhei-me até a minha sala e por aqui estou a cercando com o cheiro embriagante do meu cigarro.

No meu sistema de som, *Shawn James* está cantando *Son of the Wolf*, a melhor canção que me define. Posso ser um animal? Sim, definitivamente, eu sou.

Um animal que não está se importando com o que virá em diante dos demais.

Na verdade, só espero que venha muito chumbo para que eu possa descarregar tudo que se passa dentro da minha mente em seus corpos que só servem para distribuir mortes e mais mortes.

Sorrio, sentindo a amargura cercar todo o ambiente e o meu corpo.

Eu odeio, odeio e odeio matar pessoas inocentes, porque eu não sei, talvez eu veja que elas poderiam ter um futuro diferente, mas por causa dos malditos que me acompanham, por causa dos infames que compram as armas que fabrico, muito e muito mais delas estão morrendo e morrendo. E eu não posso fazer nada para mudar, a não ser esperar que algum deles venha me atacar, para que eu possa, assim, livrar-me das suas inúteis existências, assim como os inocentes que sem um motivo aparente continuam a morrer.

Eu sinto e sinto muito mesmo por cada morte deles. Talvez, eu fizesse diferente se tivesse escolha.... talvez, agora, eu tenha uma escolha.

Malaquias morreu... o que vai acontecer agora?

Malaquias... Sorrio, ao testar o seu nome mais uma vez sob os meus lábios.

A esse homem sou grato por ter me tirado da rua, onde eu estava à beira da morte, porém não desejo nada menos que a morte para ele, porque o que me exigiu em troca foi uma vida de martírio, em que eu teria de passar mais e mais anos servindo de portador da morte.

Crio suas armas, fabrico-as, vendo-as, repasso-as e distribuo.

Guns Lince.

O nome mais absurdo de todos os tempos para uma marca de armas, certo? Mas foi o que ele determinou. Ao seu ver, essa seria a maneira que eu seria lançado em todo o mercado dos horrores que significa a minha vida, mas o meu martírio não para aqui, porque preciso fazer coisas que não gosto, que não quero, que não desejo.

Mas essa é a única forma que posso continuar... eu não sei o que fazer.

Ele morreu.

Eu poderia, agora, ter paz? Poderia prosseguir sem fazer o que ele me ordena? Eu espero que sim... e eu espero que esse tal de Luciano consiga tirar Marinho do meu caminho, já que isso, não sou capaz de fazer.

Suspiro, ao sair das minhas divagações com o barulho da campainha tocando, enquanto meu cigarro ainda está na metade. Poderia ser algum inimigo? Talvez, afinal, quem viria até a casa de um proprietário de marca de armas? Esse que controla suas fabricações?

Ainda com meu cigarro em mãos, eu me aproximo da porta, mas parando bem na sua frente, trago um pouco do meu cigarro e libero toda a fumaça que veio para a minha boca pelo meu nariz, para que assim, eu possa abrir a porta.

— Lince Arias?

Travo minha mandíbula, ao ver a mulher que se coloca bem na minha frente. É impressionante como ela pode ser imprevisível. O que diabos no céu e no inferno, essa mulher faz aqui?

Ela não conhece o significado da palavra limite?

— O que deseja? – A minha voz sai grossa, dura e eu percebo o momento em que um leve sorriso se instala nos seus lábios... nos lábios que parecem deixar todo o controle do meu corpo paralisado, para que assim, ela consiga dominar tudo de coerente que existe aqui dentro do meu peito.

Morde seu lábio inferior e eu puxo uma longa respiração, soltando o cigarro que ainda restava entre os meus dedos e sem olhar para o pequeno e fino cilindro de papel, eu piso, o esmagando, ao mesmo tempo que o apago.

— Tenho notícias novas... coisas que vão te deixar feliz – diz ela escorando seu corpo na entrada da minha porta, para logo em seguida, descer o seu olhar pelo meu corpo —, se é que um dia nessa vida poderei ver um sorriso beirar nesses teus lindos lábios carnudos que – eu puxo outra respiração e ela sorri,

fazendo-me piscar, completamente aturdido —, por Deus, parece encantador demais sob essa camada de barba que o rodeia.

Arqueio minhas sobrancelhas, tamanha é a surpresa que me ataca, mas tento, pelo meu próprio bem, deixar que isso não faça com que eu me prenda pensando ou imaginando em coisas que nunca vão acontecer.

Felicidade? Isso não existe no meu vocabulário.

Qualquer semelhança com algo assim na minha frente é mera enganação de uma mente completamente ilusória, porque quem me conhece e me tem em suas vistas por tempo o suficiente, sabe bem que sorriso não é algo que ando distribuindo por aí.

— Qual a notícia?

Ela sorri e arqueia as sobrancelhas, dando um passo em frente, para que possa, assim, fechar a distância que nos separa, aproximando cada vez mais o seu corpo do meu, até que se coloca grudadinha ao meu corpo.

Eu sinto o seu cheiro... é um cheiro doce, porém forte, acho que já o senti antes, mas não me recordo no momento, onde ou quando, nem a sua marca, mas eu sei que esse cheiro muito me agrada... me agrada demais.

— Eu... hum... preciso de um lugar para ficar – diz com a sua voz em um sussurro, fazendo-me fechar os olhos para apreciar à medida que ela continua a encantar-me com sua voz que, como uma sereia em seu canto de hipnose, deixa o marinheiro, que no caso sou eu, a sua completa mercê.

E, infelizmente, eu amei cada momento em que ela fez esse favor para mim... em que ela me enfeitiçou, porque eu estava perdido demais em um poço de desgraças, que não me dei conta de como é bom viver, mesmo que dure por poucos segundos.

— E o que eu tenho com isso? – perguntei e ela sorriu com a sua boca contra a minha, o seu hálito de menta se embrenhando em meio ao meu que está exalando fumaça de cigarro.

Seus dedos descem pelo meu corpo e eu acompanho, de olhos vidrados, tendo a plena certeza de que essa mulher é a única coisa que pode me fazer respirar e me sentir alguém menos desumano.

— Estou ficando com você, fabricante de armas... caso uma denúncia caia sobre você... estará perdidinho.

Suspiro, tendo que lembrar que na vida inteira, não existe e nunca irá existir, alguém que possa me transmitir amor e confiança. E, ainda bem que nem ao menos me iludo pensando que pode sim existir.

Com a raiva subindo pelo meu corpo e a angustia beirando meu estômago, toco em seu braço para afastá-la de mim, ao mesmo tempo que dou um passo para trás.

— E quem te garantiu isso? – pergunto revirando os olhos.

— Eu estou te garantindo. Eu sei quem é Malaquias, lembra? Eu sei o que você faz... eu sei o que ele fez... eu sei que é ilegal... ou seja, você terá que me aguentar aqui com você. – Ela sorri, balançando seu quadril, fazendo-me piscar duramente. — E não me olhe assim. Você não me causa medo, Lince.

Ela bufa e sem um convite, invade a minha casa como se fosse completamente sua, enquanto permaneço parado na entrada da minha porta, vendo a avenida sendo preenchida de gotas de água, com a forte chuva lá fora que se aproxima, mas mesmo em meio a elas e a escuridão da noite, consigo visualizar muito bem um carro preto parado do outro lado da rua e posso apostar que aquilo ali é coisa do falecido Malaquias.

O maldito nem mesmo quando está morto é capaz de me deixar em paz, mas dessa vez, eu não vou suprir ao que ele quer, nem ao que deseja.

Dessa vez, se eles quiserem tirar algo de mim... a volta será bastante sangrenta.

Disso não tenho mais dúvidas.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, jamais serei capaz de não deixar de agradecer ao apoio que recebo diariamente da minha família. Meu pai, seu Zé e das minhas mães, dona Andrelina, Jesus e Maria do Rosário. Acho que sem o apoio constante, eu não estaria publicando mais esse livro. À vocês, eu dedico todo o meu amor.

À Thatyanne Tenório, minha designer maravilhosa, que preparou tanto essa, como as outras capas dos demais livros, além de ser a melhor amiga, conselheira e ouvinte do mundo. Obrigada, mana, você foi e continua sendo uma luz no meio do meu túnel confuso. À equipe editorial da Bella Donna, que foi de grande ajuda para a realização desse livro até que estivesse lindo e tão bem montado como aqui está agora. Aos meus betas João Victor, Nicole Pio e Cyntia Kuss, que leram e avaliaram esse livro no início, quando eu estava cheia de insegurança sobre o seu conteúdo.

À vocês, eu agradeço do fundo do meu coração.

Obrigada.

Table of Contents

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Epílogo](#)

[Próximo livro](#)

[Agradecimentos](#)